

Inp. C. 14/2/25
EXAME DE PORTUGUEZ

GRAMMATICA PORTUGUEZA

(3º ANNO)

POR

João Ribeiro

AUTOR DO «DICCIONARIO GRAMMATICAL»

TERCEIRA EDIÇÃO

J. H. HJORT

N.º 105
SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO
Livraria Classica de ALVES & C.
48 — Rua Gonçalves Dias — 48
1889

UNIDADE IEC
 N.º CHAMADA 469.5
R2842
 V _____ Ex 3. ed.
 TOMEQ/BC 315866
 TOMEQ TEL 43.421
 PROC. 286/94
 C ☐ D ☒
 PREÇO 4100
 DATA 16.02.94
 N.º CPD _____

CM-00065658-3

Anexo 2. advertidos ligados por duas
 palavras (mente) e os primeiros
 nomes)

ADVERTENCIA

Ainda não ha dous annos que appareceu á luz publica (em setembro de 1887) a *Grammatica Portugueza* e já imprimimos hoje a terceira edição.

Nesta, poucas alterações fizemos; supprimiu-se o appendice em cujo lugar se reeditou o prefacio da edição anterior.

Nos lugares em que este livro fôr menos abundante em informações, aconselhamos ao leitor a consulta do *Diccionario Grammatical* do mesmo autor.

Junho, 1889.

OS EDITORES.

OBRAS DO MESMO AUTOR



- ESTUDOS philologicos. — *Rio* — *typ. da Gazeta de Noticias* — 1884 in-8º (esgotado).
- MORPHOLOGIA e collocação dos pronomes. Dissertação — *Ibi.* — *typ. Hildebrandt* — 1885 (esgotado).
- GRAMMATICA portugueza elemental. Curso medio. (2º anno), 2\$000. — *Rio, Alves & Comp., editores*, 1888.
- GRAMMATICA portugueza da Infancia Curso primario. (1º anno) 1\$000. — *Rio, Alves & Comp., editores*, 1888.
- DICCIONARIO GRAMMATICAL, contendo em resumo as materias que se referem ao estudo historico-comparativo da lingua portugueza. — *Rio — Alves & Comp.*, 1889..... 4\$000



Em elaboração

- ESTUDOS e notas philologicas.
- CHESTOMATHIA HISTORICA da lingua portugueza.



LIÇÃO I

José M. Jorge

SUMMARIO.—1. Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva.—2. Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo.—3. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras. Vogaes; grupos vocalicos. Consoantes; grupos consonantaes. Syllabas; grupos syllabicos.—Vocabulo.—Notações lexicas.

1. Grammatica é a coordenação das fórmulas, leis ou regras, seguindo as quaes uma lingua é falada ou escripta.

Esta definição é deduzida da observação dos factos da linguagem. A analyse revela que toda a lingua tem grammatica, porque os vocabulos que servem para a expressão das idéas, affectam variações de fôrma, de collocação e de sentido susceptiveis de serem generalizadas, isto é, de serem construidas sob o typo de *leis* ou *regras*. O systema geral e abstracto destas leis constitue a *grammatica*.

A grammatica divide-se em *geral* e *particular*.

Grammatica geral é a que expõe os principios logicos communs a todas as linguas.

Grammatica particular é a que expõe os principios e as particularidades especiaes de um idioma.

Actualmente o progresso da philologia proscreeveu a sciencia da *grammatica geral*. Não ha *grammatica geral* senão para uma classe, familia ou grupo de linguas da mesma filiação.

Grammatica historica é a que estuda os factos de uma lingua, em seus diversos periodos, desde a origem e formação até a época presente.

Grammatica comparativa é a que estuda os factos communs ou differentes, em um grupo de linguas que têm a mesma origem.

Em geral, tanto o estudo *historico* como o *comparativo*, são inseparaveis e constituem o *methodo historico-comparativo*, essencial á sciencia das linguas. No caso da lingua portugueza, os elementos *historicos* são fornecidos pelo latim, pelo portuguez antigo e pelas influencias das linguas extranhas, em diversas épocas; os elementos *comparativos* acham-se na analyse das linguas romanas, o italiano, o francez e o hespanhol, que todas se originam do latim barbaro da idade-média.

Grammatica descriptiva ou expositiva, ou pratica, é a arte que ensina a falar e a escrever correctamente uma lingua.

A grammatica pratica, como arte que é, contém preceitos frequentemente anti-scientificos, por isso que as suas vantagens consistem em procurar meios mecanicos e mnemonicos que facilitem o estudo. Assim, a grammatica pratica denomina irregulares os verbos que, scientificamente, no sentido da filiação historica, conservam a regularidade primitiva.

2. A grammatica portugueza divide-se em quatro partes principaes: *Phonologia*, *Morphologia*, *Classificação* ou *Taxinomia* e *Syntaxe*. As tres primeiras referem-se ao estudo do *vocabulo*; a última ao da *phrase* ou *proposição*.

As partes que se referem ao estudo do vocabulo têm no conjunto a denominação de *Lexilogia*.

O estudo do sentido do vocabulo chama-se *Semantica*, e o de origem e formas primitivas, *etymologia*: comquanto muito dependentes da grammatica, della não fazem communmente parte a *Etymologia*, nem a *Semantica*, e antes representam divisões da philologia geral.

Phonologia é o estudo do vocabulo, considerado como um composto de sons.

O estudo dos sons acarreta o estudo das letras e symbolos que os representam. D'ahi, os dous complementos da phonologia: a *Orthographia*, que ensina a representar graphicamente o vocabulos; a *Orthoepia* ou *Prosodia*, que ensina a pronunciar-os segundo o bom uso.

Morphologia é o estudo do vocabulo considerado como um composto de elementos significantes ou orgãos.

A *morphologia* corresponde ao que nas sciencias biologicas tem sido varias vezes denominado *Organographia*. Os elementos morphicos não são simples lettras ou syllabas, são partes do vocabulo que representam uma idéa principal ou accessoria :

amar-ei
con-de-scend-ente
bon-d-oso
livro-s
pro-vid-enc-iar

Cada um destes elementos em separado tem um sentido e todos concorrem para determinar a significação pura do vocabulo, determinando-lhe ao mesmo tempo a historia.

Em algumas grammaticas o estudo das *flexões* ou desinencias apropriadas a certas funcções, como a expressão do genero, numero, etc., recebe a denominação de *kamphenomia*.

Taxinomia ou classificação é a distribuição dos vocabulos por familias e especies, segundo o sentido. (1)

A classificação toma por base a idéa, por ser esta o attributo mais notavel do vocabulo. Segundo este systema, as palavras são classificadas em familias, que têm as denominações de *substantivos*, *verbos*, etc.

A *taxinomia* tambem se refere á classificação das phrases e das proposições, segundo a funcção que representam no discurso.

Syntaxe é o estudo dos vocabulos em coordenação, isto é, considerados na phrase.

Os vocabulos considerados uns com os outros, na proposição, mantêm entre si tres especies de relações : a de *ordem* ou collocação ; a de *subordinação* ou dependencia e a de *concordancia*.

Fica incluido na syntaxe o estudo da classificação das phrases ou *analyse logica*.

(1) A forma *taxinomia* é preferivel a *taxonomia* ou *taxeonomia* ; e *lexilogia* a *lexeologia* e *lexeologia*.

Phonologia

3 Phonologia ou phonetica, é o estudo da palavra considerada como um composto de sons.

Os sons são representados por letras e symbolos, ex.: *a, i, ô, ó*. O conjuncto das letras tem o nome de *alphabeto*.

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *â, ê, ô*, que são suppridos por accentos; ao mesmo tempo, possui caracteres superabundantes como *ç, s, c, h, q*, etc.

As letras dividem-se em *vogaes* e *consoantes*.

Chamam-se *vogaes* os differentes timbres da voz (1). A vogal é um som laryngeo, puro e inarticulado: *a, ê, o*, etc.

Chamam-se *consoantes* os sons articulados que só se produzem com o concurso das vogaes: *b (b+ê) c, d...*

E' o que se conclue dos radicaes do vocabulo: *cum—sonare—* soar juntamente.

As consoantes produzem-se no *pharynge*, no *tubo vocal*, e em sua producção recebem a influencia e o concurso dos orgãos que constituem aquelle tubo: *os dentes, o véo do paladar, os labios*, etc.

Physiologicamente, as consoantes dividem-se em dous grandes grupos: *explosivas* e *continuas*.

As consoantes que se produzem apenas por uma contracção ou estreitamento do tubo vocal, chamam-se *continuas* e têm esta denominação porque se fazem ouvir sem a necessidade de uma vogal: taes são, *s, f, v, x*.

As *consoantes explosivas* ou *momentaneas*, não podem ser articuladas de nenhum modo, sem vogal. Produzem-se, não por estreitamento, mas por contacto de duas partes do tubo vocal: *t, d, b, m*. As consoantes *continuas* também são denominadas *fricativas*.

(1) Max Muller.

Classificam-se as consoantes em *labiaes*, *dentaes*, *linguaes*, *palataes*, *gutturaes*, conforme a influencia que os *labios*, os *dentes*, etc., exercem em sua producção.

~ São *labiaes* : *b*, *p*, *m*, *f*, *v*.

~ *Dentaes* : *t*, *d*, *s*, *n*.

~ *Palataes* : *j*, *g* (*gê*).

~ *Linguaes* : *l*, *r* (*brando*).

Gutturaes : *c* e *g* (*fortes*) *k*, *q*, *n*.

O som *nasal* póde ser *guttural* (*n*) ou *labial* (*m*).

Grupo vocalico é a reunião de duas ou tres vogaes : *au*, *ia*.

O grupo de duas vogaes chama-se *diphthongo*.

Quando em um grupo vocalico as vogaes que o compõem pronunciam-se separadamente, ha o que se chama *hiato*, Ex.: *planície*, *lua*, *tio*, etc.

Grupo consonantal é a reunião de duas ou tres consoantes: *bl*, *chr*, etc.

Syllaba é uma letra ou grupo de letras, que podem ser enunciadas por uma unica emissão de voz : *cra*, *ble*, *z*, *bran*.

Quando se articula uma syllaba, vindo o ar do pulmão, é inevitavel a producção de um som laryngeal ; por isso toda a syllaba tem uma vogal.

Grupo syllabico é a reunião de duas ou mais syllabas. Os vocabulos que só possuem uma syllaba chamam-se *monosyllabos*, os que possuem duas, *dissyllabos* e tres, *trissyllabos* ; em geral, os que possuem mais de duas syllabas, denominam-se *polysyllabos*.

Vocabulo ou palavra é a representação da idéa por meio de sons.

As idéas podem ser representadas por letras ou por symbolos: *Deus*, *casa*, 85. etc.

NOTAÇÕES LEXICAS são os signaes que indicam os diversos valores phoneticos de uma letra.

As mais importantes são ;

● **til** (~) que indica o som nasal : *irmã, coração* etc. O *til* póde ser substituido pelo *m* ou *n*, em alguns casos : *irman*. Em portuguez, o *til* só se emprega para indicar a nasalidade das letras *a, o* e nas abreviaturas.

● **accento agudo** (') serve para indicar os sons intensos : *rapé, mó*.

O *accento agudo* muitas vezes serve para distinguir categorias grammaticaes de vocabulos : *bota* (subst.) e *bóta* (verbo).

● **accento circumflexo** (^) serve para indicar os sons graves : *dôr, mercê*.

● **cedilha** (,) serve para indicar o som brando do *c*, antes de *a, o, u* : *caça, poço, agude*.

A cedilha (*zediglia*), como o nome indica, era um pequeno *z* que no italiano e francez antigo exercia função identica : *faczon, leczon*—*façon, leçon*.

PHONOLOGIA HISTORICA

(THEORIA GERAL)

Constitue a phonologia historica o estudo da evolução dos sons vocabulares desde a época latina até a da constituição do *romance* e da mesma lingua actual. Até a época do *romance* (lingua antiga) que se póde fixar entre os seculos XII e XIII para o portuguez, a evolução foi *organica*, isto é, operou-se sob o regimen das causas naturaes e inconscientes da degeneração das linguas. D'ahi em diante, porém, a cultura litteraria, a disciplina grammatical e o cuidado pelos estudos philologicos tornaram-se agentes artificiaes ora em reacção ora em concurrencia com o movimento organico primitivo, que foi e vae perdendo cada vez mais a intensidade propria, sem comtudo annullar-se totalmente.

As forças que lentamente minavam e produziam a dissolução dos phonemas latinos, affectavam modalidades especiaes que variavam segundo os lugares e os tempos. Todavia, as transformações, que o idioma soffria, deixavam claramente observaveis duas tendencias geraes, que caracterisaram o conjunto dos resultados: a *decomposição* e a *reconstrucção*.

Uma vez instituidas estas correntes contrarias, tornou-se possível o equilibrio. A' medida que, pela *decomposição*, se davam o enfraquecimento e a perda consecutiva dos valores phoneticos, novas forças surgiam que, alliadas ao trabalho mental e obvolviam umas sobre outras, se iam oppondo á devastação da lingua.

Assim pois, a *phonologia* comprehende o estudo das duas forças geraes permanentes, que mantêm a lingua em equilibrio embora instavel: a *decomposição* e a *reconstrucção*.

I—A DECOMPOSIÇÃO

Os phenomenos de *decomposição*, cujo maximo resultado foi differenciar e dar individualidade original ás linguas modernas, acham explicação em muitas e mui variadas causas.

Entre estes factores são de notar as *raças e linguas primitivas* ou posteriores, que pela invasão, se superpuzeram ao dominio latino na peninsula.

Taes foram o celtico, o gothico, e o arabe.

Bem se vê que semelhante factor offerece sérias difficuldades de analyse, mas alguns factos ha que resistem a qualquer contraversia.

E' sabido que alguns sons gutturaes e aspirados são devidos á influencia arabe. Outros phenomenos phoneticos derivam da

mesma origem, taes como as *protheses*, outr'ora innumeraveis, da letra *a* nos substantivos portuguezes: *alagoa*, *alicornio*, *alampada*, *aluguer*, *alanterna*.

Ainda mais. Ninguem contesta a procedencia gothica das transformações *gu*, *gh* dos sons *w*, *v*. Exemplos:

gastar	—	vastare
gomitar	—	vomitare
sargento	—	servientem
guai!	—	væ!

Desta classe participam os termos *Guadalquivir*, *Guadiana*, *Guimarães*, *guiza*, (ant.) etc., etc.

Além das *raças e linguas* convém não esquecer um factor de importancia limitada, designado sob o nome de *meio* ou *condições mesologicas*, entre as quaes a principal é, incontestavelmente, o *clima*.

A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos accidentes e contornos do sólo e das aguas, da alimentação, do *modus vivendi* material dos homens. Entre estas condições avulta o *clima*, por ser a causa mais geral e que pôde explicar a existencia das restantes. Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influencia *mesologica* ou *climaterica*, induzindo dos factos a verdade que *os sons tornam-se mais agudos á medida que cresce a latitude* ou baixa a temperatura. Assim os phonemas latinos, italianos e peninsulares em *A*, tornam-se mais agudos na zona média, na França, e attingem a maxima acuidade na zona septentrional e mais fria. A progressão pôde ser notada nos exemplos seguintes:

A (sul)		E (francez)		I (inglez)
Cabo	}	— Chef	—	Chief (<i>tʃi:f</i>)
Capo				
Caput				
Labio	}	— Lèvre	—	Lip
Labbro				
Labrum				
Aquila	}	— aigle	—	eagle (<i>igʌl</i>)
Aguia				

Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* ou *diminuição sonora* dos valores phoneticos, produzida pela acção do clima.

Os factos *mesologicos* são os que notificam a variedade physiognomica das linguas, e que a umas dão preferencia por certos sons que em outras escasseiam. O som chiante do *s* e os diphthongos em *ão* caracterisam o portuguez; os sons gutturaes do *ch* dão especial parecer ao allemão, como o sibilo-dental ao inglez, a nasalidade ao francez e o excessivo vocalismo ao italiano. Assim, cada lingua tem sua organização ou indole phonetica de tal arte ordenada, que se pôde, ao ouvir confusamente um trecho declamado, dizer em que lingua está composto, ainda quando se não percebe uma só palavra ou phrase.

A acção *mesologica* é, sobretudo, profunda no dominio biologico. Não se deve dar exaggerado peso á influencia do *clima* sobre o trabalho mental; mas é claro que a actividade cerebral e as funcções do apparelho vocal dependem immediatamente do estado physiologico dos órgãos que vivem sob a continuada acção do *meio*.

Todos os factores que contribuem para a differenciação da lingua em qualquer direcção, quer impulsores, quer obsidentes, refluem e vão ter ao principio geral de economia physiologica, conhecido pelo appellido de *lei do menor esforço*.

Esta lei de caracter generalissimo pôde em verdade conter os phenomenos não só de *decomposição*, mas os de *reconstrucção* phonica; é ella todavia applicada mais restrictamente á série de transformações que se distinguem por decrescentes reduções do valor phonetico.

De sorte que o principio pôde ser formulado, em phonologia, de seguinte modo:

Na decomposição da lingua, todo o som tende a diminuir de força ou a abrandar até o extremo limite: a desappareição ou queda.

D'ahi evidentemente se infere que os sons comportam duas especies determinadas de redução:

- 1.º O *abrandamento*.
- 2.º A *queda*.

Estas duas ordens de factos assignalam os dous modos essenciaes da decomposição. Sem que se exerçam discripcionariamente, é licito lembrar qua o *abrandamento* e a *perda* acontecem sob a occorrença de outras causas e circumstancias de que mais tarde faremos a analyse.

II.— RECONSTRUCCÃO

E' manifesto que chegaríamos á ruina do idioma, dado que fosse exclusiva a acção das leis degeneradoras. Sem sahir do mesmo dominio unico da phonetica, os estragos produzidos pela *decom-*

posição seriam excessivos; os sons fortes e intensos enfraqueceriam e os sons fracos e brandos ficariam de continuo sujeitos a perdas inevitaveis.

Mas, ainda ahi, verificou-se o principio que o transformismo biologico denominou: *a lucta pela existencia*. O conflicto produziu-se entre as forças que arrastavam a degeneração dos vocabulos e as forças que se oppunham a esta degeneração, provenientes as ultimas em parte dos elementos de resistencia propria dos sons e em parte da intervenção do espirito humano, que naturalmente procurava manter a integridade da lingua.

De feito, os vocabulos contém em si proprios bases estaveis de resistencia e de reacção: *a euphonia, o tamanho, as letras iniciaes e especialmente o accento tonico* foram elementos que os deixaram em perfeita seguridade contra a onda invasora da decomposição phonetica. Por outra parte, o espirito do homem interessado na manutenção indeclinavel da lingua, exercia a integração dos vocabulos pela *emphase*, reforçando-os e ampliando-os, conforme impunha a necessidade.

Vê-se do que fica acima declarado que a *reconstrucção* da lingua se effectuou por meio de processos bilateraes: de um lado, a reacção negativa expressa pela resistencia á decomposição, resistencia constituída pelo *accento*, pela *grandesa* (em geral pela pequenez do vocabulo), pelas letras iniciaes, pela *euphonia* e facilidade prosodica; de outro lado, nota-se a reacção positiva, caracterisada pela novidade dos expedientes, pelo reforçamento e pela creação consciente de sons novos, que ampliavam os vocabulos e facilitavam a pronuncia, tornando-os mais euphonicos.

Em summa, coexistiram no conflicto um momento *physiologico* e outro *psychologico*, ambos reactores e sufficientes para a elaboração do equilibrio e da restauração da lingua.

A mais superficial analyse põe a limpo immediatamente as direcções systematicas, que a reacção constructora affectava. Aos dous principios da decomposição, o *abrandamento* e a *queda*, oppunham-se respectivamente os principios antogonicos o *reforço* e o *neophonema* ou a introdução de novos elementos phoneticos (1), letras adventicias, interpolações suffixações e elementos addicionaes.

Como já fizemos sentir opportunamente, na propria acção dos elementos reconstructores, aqui e acolá, aparte algumas intermittencias, observa-se o principio do *menor esforço*, mas do *menor esforço espirital* ou *psychologico*.

A deformação, o destroço das fórmulas materiaes e dos symbolos de flexão augmentaria, de certo, as ellipses, os esforços da percepção, enfim a energia mental, cujo trabalho ficou dimi-

(1) E' conveniente a adopção do neologismo *neophonema*.

nuido pela reconstrucção, e pela consequente clareza e abundancia das fórmãs.

Ordenando summariamente os factos essenciaes da reconstrucção phonetica, temos :

- I. O accento tonico persiste ou escapa á decomposição.
- II. A letra inicial persiste.
- III. Os vocabulos de pequena grandeza persistem.

Além desses principios de resistencia negativa a que se podem aggregar o da *euphonia* e outros menos importantes, notam-se os dous modos culminantes da emphase :

- IV—1) O *reforçamento* de sons.
- V—2) Os *neophonemas* ou sons addicionaes.

Destes principios faremos mais tarde minuciosa analyse. Convém, entretanto, desde já esclarecer que os phenomenos de *perda* e *conservação* ora referem-se aos sons, e fazem parte do estudo que esboçamos, ora referem-se aos vocabulos *in totum* e constituem o estudo lexilógico dos *archaismos* e *neologismos*, objecto extranho á phonologia, embora com esta mantenha alguns pontos de contacto.

III — INTERFERENCIAS

Em profundo desacerto cairia aquelle que tentasse explicar todas as modalidades phoneticas. pelo simples recurso da decomposição e da reconstrucção. Os dois grandes factores são victimas de perturbações, de casos especiaes que interceptam, modificam e por vezes lhes annullam toda a actividade. Não raro se observa que á perda de um elemento succede o reforçamento compensativo de outro. No latim, para exemplo, a queda do *d* em *dis*, *dvellum*, foi compensada pelo reforçamento do *v*, em *bis*, *bellum*.

Assim, existem factores secundarios de grande e extensissima funcção, communs tanto á corrente degeneradora como á reconstructiva. São os *factores interferentes*, cuja acção embora limitada, nem por isso deixa de ser importante.

Em primeiro lugar deve-se nomear o *principio de Analogia*, que opera pouco a pouco a uniformidade e perfeição pratica das linguas. É intuitivo que sendo a *Analogia* a tendencia para uniformar e methodisar no dominio das fórmãs, da morphologia, é que se manifesta com a maior intensidade.

Outros principios ainda intercorrem e complicam a evolução phonetica: taes são os phenomenos de attracção ou *sympathia*,

conhecidos pelo termo de *assimilação* e os seus oppostos de *dis-similação* e *transposição* ou *metathese*.

1.) A *analogia* funciona como força de systematisação, e por isso reduz ao *minimum* possível a variabilidade de formas e de expoentes morphicos. Além da funcção negativa de redução, opera como força creadora inventando, sobre os moldes mais communs, os typos que a necessidade e o progresso das linguas reclamam.

No portuguez, a analogia dos infinitos em *ar* e em *ir*, tornou oxytonos todos os infinitivos em *er* (de *êre* e de *êre*); reduziu as flexões verbaes e substituiu-as por tempos compostos, no futuro, no condicional, e nas vozes passivas.

Desenvolvida a phrase analytica das linguas romanas, deu ás formas nominaes, um unico caso, cujo typo etymologico é o accusativo latino.

Na formação do *genero* fez preponderar como expoentes do masculino e do feminino, as letras *o* e *a*. D'ahi a derivação, apparentemente anormal, dos neutros latinos, cujo genero se perdera, do plural em *a*: *folia* de *folium*, etc.

A flexão em *o*, tornando-se o typo geral dos masculinos e correspondendo á segunda declinação latina, tornou masculinos analogicamente os femininos da segunda declinação: *louro* de *laurum*; *choupo* de *populum*, etc. Foi ainda a *analogia* que procurou determinar o genero sómente pela flexão, creando os femininos *freira*, *patroa*, apesar de só existirem os masculinos *frater*, *patronus*. A *analogia* creou flexões femininas para os nomes communs, dizendo: *princesa*, *parenta*, *infanta* de *princeps*, *parens*, *infans*, communs aos dous sexos. E o que é mais curioso, muitas vezes o masculino originou-se de um typo feminino, como *frango* de *franga*; *mono* de *mona* (ital.), *pombo* de *pomba*.

Note-se, que por natureza propria, a funcção da *analogia* não é começar, mas continuar e fazer progredir uma tendencia já existente. Sendo de gestação popular e inconsciente, a analogia é muitas vezes grosseira e falsa, submettendo á uniformidade alguns factos de origem e indole diversa; como por ex.: dando a *pedir* e *impedir* a mesma flexão *peço* e *impeço*; formando nomes como *Tiago* em vez de *Iago* (Sant'Iago), etc., etc.

2.) Outra força interferente existe que constantemente reflue contra as correntes normaes da evolução das linguas, e é a que denominamos *a influencia erudita*.

A influencia erudita procurou approximar a lingua da fonte latina e com este criterio destruiu muitas indecisões e schismas que necessitavam de fixação e de disciplina.

Se a *analogia* por uma parte a principio generalisou a regra dos femininos em *a*, tornando taes os nomes *cometa*, *planeta*, etc., a disciplina erudita do seculo XVI em diante restituiu o genero masculino áquelles vocabulos.

Perdida a forma dos superlativos proprios em *issimo*, a influencia erudita revocou-os do latim, desde o seculo XV. (1)

A's elaborações phoneticas puras foram contrapostos os neologismos litterarios, creando formas divergentes: *macula* e *magoa*; *primeiro* e *primario*. Muitas vezes succedeu que a forma erudita supplantou o typo popular, como se vê em *seculo* sobre *segre*; *plantar* sobre *prantar* e *chantar*, etc. Outras vezes, a forma popular só se denuncia em algum vestigio: assim o adjectivo *preço* divergente com *pleno*, ficou immobilizado na expressão: *preço-mar*. A palavra *mar* era feminina, outora, como ainda o é hoje no francez e na mencionada locução portugueza.

Foi ainda a influencia erudita que modificou a pronuncia do *x* de *ch* chiante para *hs*; identica transformação prosodica operou no grupo *qu* que nos primeiros tempos soava como *c* duro ou *k*, pelo que attestam as formas antiquadas: *casi* (quasi) *contia* (quantia) *córesma* (quaresma, *quadragesima*) *calidade* (qualidade) *car* (de *quare*).

A influencia erudita restabeleceu as suffixações em *ario* que por metathese se haviam quedado em *airo*: *rosario*, *primario*, de *rosairo* e *primairo*.

Mas, nem sempre, o factor da disciplina erudita, conseguia destruir as formas usuaes: se o antigo adjectivo *bão*, *bôa*, pôde ser latinisado na forma *bom*; todavia com a primeira pessoa do presente do verbo *ser*, de typos indecisos *som* e *sou* no seculo XV e XVI, apesar da autoridade de João de Barros, deu-se a victoria da ultima forma mais affastada do exemplar latino, *sum*.

3) Não nos devemos esquecer, afinal, das leis phoneticas, communs a toda a especie de idiomas, e conhecidas por leis de *assimilação* e *dissimilação*.

Antes da *assimilação* dos sons notada francamente desde o latim, como se vê em *attendere* (de *ad-tendere*) é pelo menos theoreticamente admissivel uma phase preliminar e de transição. De facto, o *accommodamento* é um esboço da *assimilação*, e que é muito commum na coalescencia das vogaes duplas antigas (*má*=*maa*, *ler*=*leer*), mais claramente se mostra entre as consoantes e grupos respectivos, que, sem se assimilar tomam formas mais euphonicas e adaptaveis ás letras precedentes: tal é a nasal de *exame*, *ensaio* (*examen*, *exagium*) e dos proprios elementos não latinos *enchorar* (do inglez *a-shore*). A forma *factum* produziu *fato* (pop.) e *feito* e só artificialmente o especimen erudito *facto*.

A *assimilação* perfeita, isto é, a que produziu a substituição da letra assimilada por outra igual á precessora e assimilante,

(1) Antes disso, são raros os superlativos em *issimo*. Cita-se por exemplo *Santissimo*.

exemplifica-se abundantemente nos vocabulos de prefixação de *ab, ad, in*, etc.: *attendere, assistir, applicar, illegioel*, etc.

Não se deve esquecer, porém, quanto ao elemento arabico, o facto curioso de que a assimilação só se produz na junção das letras chamadas lunares: *r, s, z, ç*.

Taes são as assimilações do artigo *al*.

As-sucar

Az-zeite

Ar-rabil

A -çude (as-sude)

E' claro que os phenomenos de *assimilação* ou *sympathia phonetica*, interferem frequentemente dentro da orbita das leis geraes da *phonologia*, creando excepções e casos especialissimos inexplicaveis muitas vezes pela simples filiação historica.

LIÇÃO II

Da accentuação e da quantidade

Na degeneração do latim foi-se pouco a pouco oblitando a noção de quantidade, em proveito do *accento*, que se tornou, como diz Frederico Diez, o centro de gravidade da palavra.

O som tem *duração* e tem *intensidade*.

Na *duração* baseia-se o conceito de quantidade; e neste caso, os sons podem ser *longos* ou *breves*, podem ser pronunciados em maior ou em menor espaço de tempo.

E' sobre a *intensidade* ou *acuidade* dos sons, que se baseia o conceito de *accento*. A vogal, e por extensão a syllaba mais intensa, diz-se *tonica*, *accentuada* ou *syllaba predominante*. As vogaes e syllabas menos intensas ou graves dizem-se *atonas*.

Usualmente a palavra *accento* designa o *accento* agudo, relativo á syllaba predominante.

Os vocabulos que têm o *accento* na ultima syllaba dizem-se *oxytonos*: *café*, *immortal*. Os que têm o *accento* na penultima são *paroxytonos* *casa*, *verdade*. Os que têm o *accento* na antepenultima são *proparoxytonos*: *celebre*, *philosopho*.

Os *paroxytonos* e *proparoxytonos* têm a denominação commum de *barytonos*.

Em relação ás expressões antigas, *proparoxytono* equivale ao *pedrazulo* ou *dactylo*; o *paroxytono* ao *grave*; e o *oxytono* ao *agudo*.

● **accento**.—O *accento* latino foi, em regra geral, conservado nas linguas romanas, consequentemente na

lingua portugueza. Esta lei é a mais importante e geral da phonologia novo-latina. Exemplos da lingua portugueza.

Cerebro	—	<i>cerebrum</i>
Praça	—	<i>plateam.</i>
Lebre	—	<i>lépore.</i>
Janeiro	—	<i>januarium.</i>
Piedade	—	<i>pietatem.</i>
Joelho	—	<i>genuculum, aut. geólho.</i>
Cabido	—	<i>capitulum.</i>

Convém observar que os vocabulos oxytonos, que não existiam na latim, também conservam a accentuação primitiva :

Amor	—	<i>amórem.</i>
Jazer	—	<i>jacére.</i>
Razão	—	<i>rationem.</i>
Oradôr	—	<i>oratozem.</i>
Fiel	—	<i>fidelem.</i>

Ainda os compostos conservam frequentemente o *accento* dos seus radicaes, resultando d'ahi muitas vezes a *accentuação dupla* : *recíproca + ménte*; *trópega + ménte*; *physico-chimica*, etc.

Existe também o *accento* proprio da phrase em prosa ou em verso, o *accento oracional*, muito sensível na conversação ou na declamação.

As excepções da *lei de persistencia do accentu tónico* são assáz numerosas, embora representem um pequeno *minimum* ao lado de todo o vocabulario da lingua. Aqui mostraremos os casos mais geraes da *deslocação do accentu* nas palavras portuguezas:

1.^a) A analogia deslocou o *accentu* em grande numero de *formas verbaes*.

Como das quatro conjugações latinas, tres possuíam os infinitivos paroxytonos, em *are, ěre, ire*, a ultima em *ěre breve* foi impellida para o caso mais geral. Assim, explicam-se as deslocações do accentto em :

caber — *cápere* (*capére*)
dizer — *dicere* (*dicére*)
fazer — *fácere*, (*facére*) etc.

Da persistencia do accentto, porém, restam vestígios nas fórmulas do futuro de alguns verbos: *far-ei* ; *dir-ei*, etc., em que os themas *far*, *dir*, apresentam a accentuação de *fácere*, *dicere*.

Por seu turno, os infinitivos uma vez degenerados constituiram-se themas fixos das conjugações, com prejuizo do accentto latino :

Considerar—(*considerare*)—*Considéro*—(*considero*)
 ant. *considro*.

Imaginar (*imaginare*)—*Imagino* (*Imágino*)
 Imagínas.

Este facto póde ser interpretado segundo o principio: *as fórmulas de flexões conservam a accentuação do thema respectivo*. Por exemplo, o accentto de *amáva* persiste nas variações *amávamos* (*amabámus*) *amáveis*, etc. †

2.^a) A tendencia para evitar o hiato e o exdruxulo, sempre de prosodia difficil, operou a deslocação do accentto. Exemplos:

Lençol — *lintéolum*
Feijão — *faséolum*
Humilde — *humílem*

3.^a) A tendencia para evitar o maior esforço de articulação é uma das causas mais notaveis da deslocação do accentto. Deste modo, nota-se a influencia regressiva dos

grupos *br*, *tr*, *cr*, *dr*, de pronuncia difficil e que frequentemente attrahem o accento :

alvedrio	—	<i>arbitrium</i>
penétro	—	<i>penetro</i>
inteiro	—	<i>integrum</i>
alegre	—	<i>álacrem</i>
trevas	—	<i>ténebras</i>

4.^a) Quando occurriam fórmas gregas e latinas, em geral, houve obediencia á accentuação latina. Em alguns casos, porém, a accentuação grega tornou-se predominante, como se vê dos seguintes exemplos :

<i>Acónito</i>	—	<i>aconitum</i>
<i>Idolo</i>	—	<i>idólum</i>
<i>Tisdna</i>	—	<i>ptisana</i>
<i>Elogio</i>	—	<i>elógium</i>

A obediencia ao accento grego foi sobretudo notavel nas fórmas eruditas, que contém o suffixo *ia* : *agrypnia*, *geometria*, *philosophia*, *geographia*, etc. (1)

5.^a) Do elemento germanico são pouco importantes os casos de deslocação do accento. Citam-se *arénque* de *hérinc*, e os dous nomes *Américo Copérnico* em contra-posição com *Alarico*, *Eurico*, *Rodrigo* (*Roderico*), etc.

6.^a) Do elemento arabe existem casos notificados pelas fórmas divergentes, como :

alcool e *alcofôr* (*kafûr*)

Taes são os factos de maior importancia relativamente ás leis do accento tonico.

(1) As palayras gregas são : acóniton ἀκόνιτον, eidolon, εἶδολον—*ptisanê*, πτισάνη, *elogion* ἐλογίον.

Por influencia da prosodia franceza tem sido adoptada a pronuncia erronea de alguns vocabulos : *resedá*, *Alegria*, *cosmético*, *genése*, *aerostáta*, etc.

Os indios no Brazil, em conformidade com a lingua tupi, tornavam oxytonos os vocabulos portuguezes: *cabará* (cabra) *cabará* (cavallo) *curusú* (cruz) etc.

A prosodia dos nomes proprios de origem grega e hebraica, etc., nunca foi definida. Dahi a variedade de accentuações: *Dário* (Camões III, 41; X, 21) *Cleopátra* (III, 141) *Heliogabálo* (III, 92) *Anibál* (X, 153), etc. (1)

Ha casos de deslocação de accentto difficilmente explicaveis : dádiva de *dáliva*; bahú de *bájulus*; figado de *ficátum*.

Quantidade.—Como dissemos em principio, a noção de quantidade tão clara e innegavel entre os romanos, ficou obliterada pela predominancia quasi exclusiva do accentto.

Nas linguas romanas, em rigôr não ha distincção absoluta entre as syllabas longas e as breves; mas na prosodia portugueza europêa, notam-se claramente os valores breves: *querer* (*c'rer*), *pelotão* (*p'lutão*), etc. Do mesmo modo, entre os brasileiros, notam-se com maior nitidez os valores longos: *pélôtão*, *querêr*, *espêrança*.

Em rigôr, é nas palavras de relação, nas enclises e proclises que a quantidade mais se revêla amplamente:

para	—	p'ra
de dia	—	d'dia
me diz	—	m'diz

A quantidade latina foi sempre desrespeitada, por isso que nas linguas romanas a vogal atona é sempre breve:

infinito	—	<i>infinitus</i>
hómens	—	<i>hominés</i>
maravilha	—	<i>mirábilis</i>

(1) Reinhardtstœttner — *Gramm.*

606 H. 3127

Foi de tal ordem a supremacia do *accento*, que, em regra, a quantidade só não foi violada quando coincidiu com a *accentuação* em uma mesma *syllaba*. (1)

(1) Um facto que bem poderia representar a noção de *quantidade* na lingua é o *rythmo* prosodico das *syllabas*, resultante e dependente do *accento*, em qualquer vocabulo.

Na pronuncia de uma palavra notam-se alternadamente uma *syllaba* forte e logo outra fraca em toda a extensão do vocabulo :

Ci ví li sa ção
Re gu la ri da de, etc.

A observação mostra que estes vocabulos são pronunciados como o seriam as phrases imaginaveis seguintes : *Cive lisa são* ; *régo lare dade*. Isto prova que existe um *rythmo* que não póde ser destruido nem tão pouco ser transformado em outro v. g. : *civí lisá ção* ; *regú lari dáde*, etc.

E' clara a existencia do *rythmo*, e as cesuras ou *accentos* secundarios são dispostos alternadamente, conforme o *accento* principal. Se este cahe sobre a *syllaba* impar, as cesuras tambem recahem sobre *syllabas* impares :

1 2 3 4 5 6

Ca-pil la-ri da-de
(Cápe, lare, dade)

Quando o *accento* principal cae sobre *syllaba* par, as cesuras são tambem pares :

1 2 3 4 5

Ca val ga du ra

A excepções notam-se, apenas nas palavras compostas cujos elementos já tem os seus *accentos* determinados. Por isso não se dirá *contradizer*, e sim, *contradizer*.

LIÇÃO III

SUMMARY.—Origem das letras portuguezas.—Leis que presidem á permuta das letras portuguezas.—Importancia destas transformações phonicas no processo de derivação das palavras.

Origem das letras.—O alphabeto da lingua portugueza é o mesmo do latim. A orthographia dos sons gregos foi-nos legada pelos escriptores romanos.

Taes são os caracteres compostos : *ch*, *ph* equivalentes a *c* e *p*, aspirados, como se vê nos vocabulos : *monarcha*, *Phebo*, etc.

Os caracteres *j* e *v* foram creados nos tempos modernos para designarem os sons consonantæes do *i* e do *u*.

O *w* de origem gothica só apparece em vocabulos estranhos á lingua. Nos vocabulos allemães tem o som de *v* : *wagon*, *walsa* ; nos vocabulos inglezes tem o valor de *u* : *tram-way*, *water-closet*, *whist*.

O *h* serviu desde o latim para exprimir o espirito rude (notação prosodica) dos termos gregos : *rhetorica*, *rheumatismo*.

No portuguez antigo e no mesmo periodo classico, o *h* é um symbolo de aspiração de vogal ou hiato : *távoa*, *meheu*, *taboa*, *meu*.

Os valores *c* e *g* do latim antigo abrandaram antes de *e* e *i* no latim barbaro e em todas as linguas romanas. Dest'arte, antes de *e* e *i* o *c*=*s*, e o *g*=*j*.

Os sons gutturaes dos arabes perduram na lingua castelhana, mas desapareceram no portuguez.

Os sons molhados *lh* e *nh* formaram-se no dominio das linguas romanas e não ha certeza de que fossem desconhecidos no latim.

Permutas e transformações.—A transformação phonetica que soffreram as fórmulas latinas para chegarem ao estado actual, realisou-se, em geral, entre as letras *homorganicas*, isto é, entre aquellas que são produzidas por um mesmo orgão. Assim, é frequente a permuta entre as *dentaes*: *t, d*; entre as *gutturaes*: *c* e *g*, etc.

As leis mais notaveis das transformações são as seguintes:

1. **● abrandamento.**—As consoantes fortes ou surdas abrandaram-se em outras homorganicas sonoras. Exemplos:

dentaes	<i>t</i> = <i>d</i>	<i>vitam</i>	— vida
		<i>latus</i>	— lado
gutturaes	<i>c</i> = <i>g</i>	<i>lacunam</i>	— lagoa
		<i>periculum</i>	— perigo
labiaes	<i>p</i> = <i>b</i>	<i>operam.</i>	— obra
		<i>capere</i>	— caber
dent. sibil.	<i>s</i> = <i>z</i>	<i>mensam</i>	— meza
		<i>pensum</i>	— pezo

2. **● reforço.**—E' o phenomeno contrario ao abrandamento; é raro na evolução de qualquer lingua e deve ser considerado como uma anomalia:

leixar, deixar	— <i>laxare</i>
nembrar, lembrar	— <i>memorari</i>

Nesta classe entram certos vicios prosodicos e provincialismos, como a confusão tumultuaria do *b* e *v* em: *boda, voda, bespa, vespa, cobarde, covarde, taberna, taverne*, etc.

Os casos mais notaveis do reforço são :

a) A substituição do *l* por *r* nos grupos consonantais:

Cravo	— <i>clavum</i>
Empregar	— <i>implicare</i>
Prazer	— <i>placere</i>
fróco	— <i>floccum</i>
grude	— <i>gluten</i> .

Era mais commum na lingua antiga, *fror* (flor) *grória* (gloria), etc.

b) O reforço das continuas, *x*—*ss*:

Paixão	— <i>Passionem</i>
Bexiga	— <i>Vesicam</i>

cf. *Ximenes* e *Simões*.

3.ª Assimilação.—Consiste na attração que um som exerce sobre outro, dando-lhe o proprio valor phonetico.

A *assimilação* na maioria dos casos veio do latim, onde é frequentissima.

Exemplos de *assimilação* encontram-se quando occorrem os prefixos *ob*, *ad*, *in*, *per*, *sub*, *cum* :

<i>ob</i>	— <i>ommittir</i> por <i>ob-mittir</i> .
	— <i>ocasião</i>
<i>ad</i>	— <i>attender</i>
	— <i>acceitar</i>
<i>in</i>	— <i>illegal</i>
	— <i>immortal</i>
	— <i>irradiar</i>
<i>sub</i>	— <i>sopapo</i> (<i>sob</i> + <i>papo</i>)
<i>cum</i>	— <i>commissão</i>
	— <i>collateral</i>

Muitas vezes, a *assimilação* é incompleta quando não se produz a *attracção* de sons identicos, mas de outros differentes. Exemplo: almoço (*ad+morsum*), caixa, *capsam*, baptisar, de *baptisare*, etc.

A *assimilação* é *progressiva* ou *regressiva*.

E' *progressiva*, quando a *attracção*, entre duas letras, se exerce da precedente para a que se lhe segue. Ex. : *dozentos* (dois-centos) *trezentos* (tres-centos.)

E' *regressiva* no caso contrario, isto é, quando a letra que se transforma vem em primeiro lugar. Ex.: em *ommittir*, foi a *attracção* do *m* da segunda *syllaba* que transformou o prefixo *ob* em *om*.

Salsicha, transforma-se em *salchicha*.

A influencia *regressiva* nota-se ainda nas derivações *chuchar* (* suchar, de *suctiare*), *chôcho* (sôcho de *suctus*), *isso* (de *ipsum*), *gesso* (de *gypsum*.)

O artigo arabe *al* tem varios exemplos de *assimilação*:

as-sucar

ar-roba

az-zeite (azeite)

E' um phenomeno geral para todas as linguas.

4. Perdas.—A *quéda* dos sons é um phenomeno frequente e manifesta-se segundo as duas leis principaes que vamos enunciar :

a) *Quéda da vogal breve*. Notem-se os seguintes exemplos :

Del-i-catum — delgado.

Ver-i-tatem — verdade.

Dec-i-mum — dismo.

Op-e-rare — obrar.

Ap-e-rire — abrir.

b) *Quêda da consoante média entre vogaes :*

ler (leer)	— le-g-ere
ver (veer)	— vi-d-ere
máo (maao)	— ma-l-um
eréo	— hære-d-em.
amais (amades)	— ama-t-is

Quasi sempre existem as fórmas do portuguez antigo *leer*, *veer*, que attestam a evolução da lei. (1)

5. Conservação.—Ha sons que persistem e resistem ás transformações phoneticas : são as consoantes iniciaes.

a) *A consoante inicial persiste quasi sempre, raras vezes transforma-se e quasi nunca desaparece : fresta, fenestram, quente, calentem, etc.*

As vezes notam-se transformações homorganicas v. g. entre as gutturaes: gato, *cattum*. A quêda da consoante inicial é tão rara, que só se effectua em casos determinados que examinaremos quando se tratar da *apherese* (metaplasmas).

Do que fica exposto, é facil concluir a importancia que decorre das leis phoneticas.

Sem estas leis, induzidas da analyse dos factos, seria impossivel constituir a sciencia da *etymologia*, outr'ora tão entregue á arbitrariedade dos doutos e dos ignorantes.

Quanto ao processo de derivação, notemos que estas leis sómente se exerceram na evolução propria da lingua

(1) As *metaplasmas* constituem um capitulo especial.

popular. Os neologismos e as fórmas de derivação erudita não se submeteram á acção das leis e, antes, apresentam intacto o character das fórmas originarias latinas. Assim, na derivação popular o suffixo *aticus* apresenta as fórmas *agem* e *age*: *selvagem*, *viagem* (de *silvaticus*, *viaticus*) ; mas, o mesmo suffixo não soffre alteração nos vocabulos de origem erudita ou litteraria; taes são os exemplos : *viatico*, *silvatico*, etc.

4

LIÇÃO III

(APPENDICE)

Quadro abreviado das principaes transformações das letras primitivas latinas, realisadas na constituição do portuguez.

CONSOANTES

B origina-se de B	— boi, <i>bovem</i> .
	F — abrego, <i>africanum</i> .
	P — cabido, <i>capitulum</i> .
	V — sebo, <i>sebum</i> .
C origina-se de C	— céo, <i>cælum</i> .
	Qu — nunca, <i>nunquam</i> .
D origina-se de D	— Deus, <i>Deus</i> .
	T — orador, <i>oratórem</i> .
	L — deixar, <i>laxare</i> . (1)
F origina-se de F	— fazer, <i>facere</i> .
	Ph — faisão, <i>phasianum</i> .
G origina-se de G	— gosto, <i>gustum</i> .
	Tc — selvagem, <i>silval'cum</i> .
	Cc — baga, <i>baccam</i> .
	C — gato, <i>catum</i> .
	V — gastar, <i>vastare</i> . (2)
H origina-se de H	— haver, <i>habere</i> .
	F — hediondo, <i>fælibundum</i> (3)

(1) Esta permuta é rarissima; é um reforço.

(2) Esta permuta representa a prosodia gothica do *g* aspero.

(3) Esta permuta é da prosodia castelhana; é o exemplo talvez unico em nossa lingua.

J origina-se de	J	— jazer, <i>jacere</i> .
	S	— cereja, <i>cerasum</i> .
	Hi	— Jeronymo, <i>Hieronymus</i> .
K origina-se de	K	— <i>Kaleidoscopo</i> (grego).
	Ch	— kilometro. (1)
L origina-se de	L	— logo, <i>loco</i> .
	N	— alma, <i>animam</i> .
	M	— lembrar, <i>memorari</i> . (2)
	D	— julgar, <i>judicare</i> .
M origina-se de	M	— mal, <i>malum</i> .
	D	— palafrem, <i>paraveredum</i> . (3)
N origina-se de	N	— noite, <i>noctem</i> .
	L	— nivel, <i>libellam</i> .
	M	— nespera, <i>mespillum</i> .
P origina-se de	P	— pouco, <i>paucum</i> .
R origina-se de	R	— rei, <i>regem</i> .
	N	— timbre, <i>tympanum</i> . (4)
		— sarar, <i>sanare</i> .
	L	— rouxinol, <i>lusciniolam</i> .
	D	— cigarra, <i>cicad'lam</i> .
S origina-se de	S	— seis, <i>sex</i> .
	Ti	— razão, <i>rationem</i> .
	X	— ensaio, <i>exagium</i> .
T origina-se de	T	— todo, <i>totum</i> .
V origina-se de	V	— vomitar, <i>vomitare</i> .
	F	— ourives, <i>aurificem</i> .
	B	— arvore, <i>arborem</i> .
	P	— povo, <i>populum</i> .
Z origina-se de	Z	— zytho, <i>zythum</i> .
	C	— dez, <i>decem</i> .
	X	— pez, <i>pix</i> .

(1) E' a unica transcripção errada do *ch* grego em nossa lingua. Veio do francez.

(2) Rarissimo.

(3) Influencia franceza.

(4) Palavra franceza, *timbre*. Ajuntamos o exemplo vernaculo—*sarar*—derivado de *sanare*.

X origina-se de S — enxofre, *sulphur*.
Ss — paixão, *passionem*.

VOCALISMO

A origina-se de A — arvore, *arbores*.
E — lagarta, *lacertam*.
Y — calandra, *cylindrum*. (1)
(atono) I — covado, *cubitum*.
O — lagosta, *locustam*.
E origina-se de E — rei, *regem*.
A — alegria, *alacritiam*.
I — trevo, *trifolium*.
I origina-se de I — riso, *risum*.
E — comigo, *cum-mecum*.
O origina-se de O — povo, *populum*.
U — noz, *nucem*.
E — por, *per* infl. *pro*,
A — fome, *fames*.
U origina-se de U — um, *unum*.
O — custar, *constare*.

GRUPOS MAIS NOTAVEIS

PL — Transformou-se em *ch*: *planum*, chão. *Plorare*, chorar. Na lingua antiga era assaz commum a transformação em *pr*: empírir de *implere*, encher. Cumprir de *cumplere*.
Ct, pt — Transformaram-se ordinariamente em *it* ou *ut*: *actum*, auto; *lectum*, leito; *directum*, direito. Algumas vezes houve assimilação; *septem*, sette ou sete.
Ct, e tl — Transformaram-se em *lh*. Exemplos: artelho de *artic'lum*: (*articulum*); velho, de *vet'lum*; olho de *oc'lum*.

(1) Exemplo unico. As fórmas intermediarias nunca foram encontradas, o que, no caso, difficulta a affirmação.

- Tc — Transformou-se em *j*. Exemplos : viagem de *viat'*-
cum ; selvagem de *silvat'**cum*.
Gn — Transformou-se em *nh* : lenho de *lignum*.

Os outros não offerecem por agora particularidades de analyse.

Este schema representa resumidamente as origens das letras portuguezas, com relação ao elemento latino. Não julgamos essencial o estudo das transformações de outros elementos, como o arabe e o gothico, por apresentarem complicações, que ainda hoje não estão devidamente esclarecidas. (1)

(1) R. V. L. e J. R. — *Noções de Orthographia* (inédito).

ANALYSE PHONETICA

A

O *a* tónico ou accentuado, seja breve ou longo, conserva-se no portuguez :

facil — *fācilis*
fama — *fāma*

O *a* breve, embora tónico, algumas vezes apparece com a fórma *o* ou *e* :

Tejo — *Tāgus*
Fome — *fūmes*

Frequentes vezes o *A* apparece com a fórma diphthongada *ei* :

dinheiro — *denarius*
primeiro — *primarius*
beijo — *basium*

Estes casos explicam-se pelas metatheses intermediarias *primairo*, *vigairo*, etc., abundantes na lingua antiga.

Outro exemplo da diphthongação opera-se no abrandamento da dupla *x*, como se vê em :

seixo — *saxum*
feixe — *fascis*
eixo — *axis*

Das fórmas de metathese pelo diphtongo *ai* ha muitos vestígios em vigôr, taes são raiva (*rabies*) aplinar (de *planus*) esfaimado (de *fames*).

O *A* atónico experimenta varias transformações em *e* e *o*.

Esmeralda — *smaragdus*
Bogalho — * *bacalium*.

E

O *e* accentuado e longo, de ordinario, persiste :

remo — *rēmus*
dever — *debēre*
mez — *mēnsis*

Ainda persiste, diphtongando-se com *i*, quando se opera a queda da consoante *n* :

alheio	—	<i>alienus</i>
freio	—	<i>frenum</i>
cheio	—	<i>plenus</i>

O *e* accentuado apparece com a fórma do *i* nos casos pronominaes comigo (*mēcum*) contigo (*tēcum*) consigo (*sēcum*). Na antiga lingua conhecem-se fórmas puras, taes como *comego*. O *e* tónico ainda se transforma em *i* e *o* nos dous casos :

siso	—	<i>sensus</i> , hesp. <i>seso</i>
soro	—	<i>serum</i>

O *e* tónico, quando breve, conserva-se :

bem	—	<i>bēne</i>
pe	—	<i>pēdem</i>
tem	—	<i>tēnet</i>
meu	—	<i>mēus</i>
egoa	—	<i>ēqua</i>

A diphtongação *ei* nota-se em : queimar (*crēmare*) ideia (*idēa*). A permuta em *i* observa-se em : dizima (*dēcima*).

Nos casos de posição, persiste : cem (*cēntum*) cervo (*cērus*). Exceptua-se, em isca (*ēsca*) e nas terminações sonoras :

lição	—	<i>lectionem</i>
confissão	—	<i>procissão</i> , <i>descripção</i> , etc.

Ha casos de interferencia produzidos por *sympathia* ou *alliteração* vocal : escrever, receber (*scribere*, *recipere*) por *escriver*, etc.

O *E* atónico tambem persiste : dezembro, melhor, senhor (*dē-cember*, *mēliorem*, *sēniorem*). Transforma-se em *a* nas palavras :

ebano	—	<i>ēbēnum</i>
sargento	—	<i>servientem</i>
marchante	—	<i>mercantem</i>

As duas ultimas fórmas são evidentemente francezas; e referem-se a *sergent* e *marchand*.

I

O *i* tónico e longo conserva-se na maioria dos casos :

lirio	—	<i>līlium</i>
libra	—	<i>lībra</i>
digo	—	<i>dīco</i>

Os verbos que trazem o *e* da fôrma infinitiva absoluta, conservam-o: escrevo, recebo: *scribo*, *recipio*. A permuta em *e*, tem, aliás, alguns exemplos :

crena	—	<i>carīna</i>
quelha	—	<i>canīcula</i>
pega	—	<i>pīca</i>

O *i* tónico, quando breve, sendo precedido de consoante isolada transforma-se em *e* :

neve	—	<i>nīvem</i>
vez	—	<i>vīcem</i>
pez	—	<i>pīcem</i>
dedo	—	<i>dīgītus</i>
cedo	—	<i>cīto</i>
menos	—	<i>mīnus</i>

Esta permuta é frequente ainda nos casos de posição do *i* :

crespo	—	<i>crīspus</i>
secco	—	<i>siccus</i>
letra	—	<i>littera</i>
selva	—	<i>silva</i>
verga	—	<i>virga</i>

O *i* atónico, antes da syllaba tónica muda-se em *a*, não poucas vezes:

maravilha	—	<i>mirabilia</i>
balança	—	<i>bilanx</i>

A estas corruptelas deve-se ajuntar os plebeismos: *salvagem*, *calandra*, etc.

●

O *o* tonico ou accentuado, em regra geral, persiste.
Quer seja longo :

coroa	—	<i>corōna</i>
pessoa	—	<i>persōna</i>
esposo	—	<i>spōnsus</i>
como	—	<i>quōmodo</i>
voz	—	<i>vōcem</i>

Quer seja breve :

bom (bôo)	—	<i>bōnus</i>
sogro	—	<i>sōcerum</i>
escola	—	<i>schōla</i>
solo	—	<i>sōlum</i>
pode	—	<i>pōtest</i>

O *o* longo, algumas vezes transforma-se em *u* : outubro (*octōber*) almunha, ant. *almoyinha*, (*alimōnia*), testemunho, ant. *testimonio*. A permuta em *e* é rara, e cita-se : reborar de *reborare*. Por allitteração dá-se a permuta em *a* na palavra *estômago* (*stomachus*) empregada por Camões. Note-se : lagosta de *locusta*.

Por effeito provavel da flexão interna dos verbos e dos neutros, ha os especimens: tudo (*totum*), cumpro (*compleo*), durmo (*dormio*).

A permuta em *e* de *frente* por *fronte* póde ser attribuida á influencia do vocabulo castelhano *fruenta*, ou a algum desvio dialectal.

O *o* atonico apparece transformado em *a* :

manilha	—	<i>monilia</i>
---------	---	----------------

Outras vezes, raras, em *i* :

atimo	—	<i>atomus</i>
-------	---	---------------

U

O *u* tonico latino persiste :

lua, lũa	—	<i>lūna</i>
puro	—	<i>pūrus</i>

Transforma-se em *o* :

copa	—	<i>cupa</i>
odre	—	<i>üter (ulerus)</i>

Sendo breve, persiste igualmente :

cruz	—	<i>crücem</i>
chuva	—	<i>plüvia</i>
gula	—	<i>güla</i>

Permuta-se em *o*, nomeadamente quando ha quéda de vogal u grupo :

hombrô	—	<i>hümerus</i>
cobre	—	<i>cüprum</i>
lobo	—	<i>lütus</i>
noz	—	<i>nücem</i>
cogombro	—	<i>cücümis</i>
poço	—	<i>püteus</i>

Em casos de posição, ora persiste, o que é mais geral,

rustico	—	<i>rusticus</i>
fructo	—	<i>fructus</i>
chumbo	—	<i>plumbum</i>

Ora, transforma-se em *o* :

vergonha	—	<i>verecundia</i>
lombo	—	<i>lumbus</i>
gota	—	<i>gulla</i>
agosto	—	<i>augustus</i>
onda	—	<i>unda</i>
doce	—	<i>dulcis</i>
tronco	—	<i>truncus</i>
torpe	—	<i>turpis</i>

O *u* atónico, antes da syllaba tónica, torna-se em *e* e *o* :

embigo	—	<i>umbelicus</i>
genebra	—	<i>juniperus</i>

tambem

ortiga	—	<i>urtica</i>
governar	—	<i>gubernare</i>

As fórmãs *sucella* e *ficellas* do lat. *fibula* acham um termo comparativo no especimen catalão *sivella*.

Y

O *y* é apenas uma variante orthographica do *i*, conservada pela etymologia e pela tradição historica. Na antiga orthographia sempre occorre nas terminações diphthongadas *ei* :

rey, ley etc.

Hoje o *y* representa o *υ* grego. O progresso da orthographia phonetica tem-no excluido de muitos vocabulos :

abismo	—	<i>abyssmo</i>
lagrima	—	<i>lagryma</i>
inverno	—	<i>hynoverno</i>
giro	—	<i>gyro</i>
Jacinto	—	<i>Jacyntho</i>

O *y* originario transformou-se em *a* nas palavras:

sanfona	—	<i>symphonia</i>
taleiga	—	<i>ταλακος</i>

Transformou-se em *e* nos seguintes casos.

Besante	—	<i>Byzantium</i>
ginete ou <i>genete</i>	—	<i>γυμνήτης</i>
gesso	—	<i>γύψος</i>
trepano	—	<i>τρυπανον</i>
mecha	—	<i>μύξα</i>

Transformou-se em *o* nos vocabulos:

bolsa	—	<i>βύρσα</i>
cotonia	—	<i>κυσώνιον</i>
codeço	—	<i>κώτισος</i>
serpöl	—	<i>serpyllum</i>

A transformação de *y* em *u*, aliaz a mais normal, tem exemplos em :

gruta	—	<i>κρύπτη</i>
murta	—	<i>μύρτος</i>
tufão	—	<i>τυφών</i>

DIPHTHONGOS

Propriamente, os *diphthongos* em portuguez, são os sons vocaes produzidos simultaneamente por uma unica emissão de voz inarticulada. Por isso deveriam ser denominados, *monophthongos*.

Æ OE

Estes diphthongos latinos são sempre representados pelo simples no portuguez :

femea	—	<i>femina</i>
cego	—	<i>cæcus</i>
céo	—	<i>cælus</i>
edificar	—	<i>ædificare</i>
ledo	—	<i>lætus</i>
era	—	<i>era</i>

A fórma grega *ai* de ordinario representa-se por *e* :

dieta	—	<i>diæta</i>
demo	—	<i>δαίμων</i>

O especimen *pagem* (παῖδov) é de proveniencia italiana ou quicá, franceza.

AU

A fórma *au* permaneceu em muitos vocabulos vernaculos, sobretudo nos que soffreram a influencia ou correcção erudita :

applauso	—	<i>applausus</i>
claustro	—	<i>clausitrum</i>
cauda	—	<i>cauda</i>

Parece, porém, que o processo popular era a degeneração em *ou*, se não foi este o som genuino do diphthongo latino. Esta transformação creou fórmas duplas, das quaes a mais proxima do latim é incontestavelmente a mais recente :

Pausar	—	pousar	—	<i>pausare</i>
Causa	—	cousa	—	<i>causa</i>
Tauro	—	touro	—	<i>taurus</i>
Lauro	—	louro	—	<i>laurus</i>
Mauro	—	mouro	—	<i>maurus</i>

A forma *ou* muitas vezes se torna fluctuante, apparecendo com a diphthongação *oi* quer derivado de *au* quer de *oc* :

ouro e oiro — *aurum*
tesouro e tesoiro — *thesaurus*
oitubro e outubro — *october*

Comquanto indeciso em varios casos o uso fixou algumas fórmas, taes como: *oito*, *pouco*, etc., que jámais se empregam com as variantes *outo* ou *poico*. Muitas palavras, no emtanto, conservam as variabilidades de diphthongação. Ex :

Outubro — oitubro
Ouro — oiro
biscouto — biscoito
noute — noite etc.

O diphthongo latino *au* ainda apparece transformado em *o* em alguns termos de grande antiguidade na lingua :

gozo — *gaudium*
pobre — *pauper*
foz — *faucem*
orela — *aureola*

A fórma *a*, em que se opera a perda do diphthongo ou a quêda da vogal connexa, é mais rara :

Agosto — *Augustus*
agouro — *augurium*
Atuno (ant.) — *autumnus*

O segundo exemplo é um caso de metathese, e o terceiro é já archaico.

EU, UI

Os diphthongos *eu* e *ui* persistem :

Heu ! — *heu* !
Europa — *Europa*
Fui — *fui*

As transformações para *o* são accidentaes, como se vê da variante flexional *foi* (fuit) e do plebeismo *Oropa*, por allitteração, de *Europa*.

HIATO DE VOGAES

O HIATO ou a successão de vogaes de vocalisação não simultanea constitue uma das maiores difficuldades prosodicas e por isso nas linguas derivadas é susceptivel de diversas degenerações.

Ha casos em que o hiato persiste : *dia* de *dies*.

Ha casos em que o hiato é resolvido pela elisão de uma letra: *lançol* de *linteolus*.

Ha casos ainda em que o hiato se resolve por intercalação de um som novo, de grupos como *lh*, *nh* : *filho* de *filius*.

Ha casos, finalmente, em que a difficuldade prosodica do hiato se acha resolvida pela *metathese* ou transposição de letras : *primeiro* de *primarius*.

São, portanto, quatro as soluções que a phonologia historica registra na passagem do latim para as linguas romanas, e de cada uma dessas soluções faremos uma analyse á parte.

PERSISTENCIA

A *persistencia* do hiato representa a solução erudita e litteraria, cuja tendencia disciplinadora é approximar a lingua vulgar do factor latino primitivo.

Assim aos especimens antigos *vigairo*, *familha*, *ajudoiro*, substituiu as fórmãs puras e classicas : *vigario*, *familia*, *ajutorio*.

Fóra destas circumstancias, o hiato persistiu nos monosyllabos e em alguns dissyllabos, por effeito da accentuação :

grua ou grou	—	<i>gruem</i>
día	—	<i>dies</i>
meu	—	<i>meus</i>
Deus	—	<i>Deus</i>
réo	—	<i>reus</i>
seu	—	<i>suus</i> (1)

Exceptuados os dous primeiros exemplos, póde-se dizer que a persistencia se resolveu por um *monophtongo*.

ELISÃO

A resolução do *hiato* pela perda de uma das vogaes que o constituem, quasi sempre succede no meio do vocabulo, o que approxima o phenomeno da metaplasma denominada *syncope*.

(1) As fórmãs *seu*, *teu*, são um resultado analogico de *meu*. Em todo o caso permaneceu o hiato.

Exemplos :

abeto — *abietem*
parede — *parietem*

Em regra pouco exceptuada opera-se a elisão nos suffixos *itia*, *entia*, *itionem* :

<i>itia</i>	—	<i>mollitia</i>	—	molleza
	—	<i>duritia</i>	—	dureza
<i>entia</i>	—	<i>praesentia</i>	—	presença
	—	<i>differentia</i>	—	diferença
<i>tionem</i>	—	<i>rationem</i>	—	razão
	—	<i>titionem</i>	—	tição

No caso destes suffixos, só ha excepções, para o segundo em *entia* : ausencia de *absentia*.

Ha differentes casos do hiato resolvido pela *elisão*. Dispensam commentarios os exemplos seguintes :

vindima	—	<i>vindemia</i>
artemija	—	<i>artemisia</i>
cerveja	—	<i>cervisia</i>
igreja	—	<i>ecclesia</i>

Nestes exemplos, vê-se que a resolução do *hiato* se formou pela transposição (vigairo—vigario), que neste caso se obliterou por ser a letra transportada *i* analogá a *j*. Os especimens intermediarios deveriam ser : *cerveja*, *igreja*, *videima*, *artemeija*.

O abrandamento do *t* nos hiatos de suffixo, deu lugar á *elisão* :

avestruz	—	<i>avis struthio</i>
março	—	<i>martius</i>
praça	—	<i>platea</i>
poço	—	<i>puteus</i>
paço, <i>paaço</i>	—	<i>palatium</i>
preço	—	<i>pretium</i>

No suffixo analogo *cius* :

juizo	—	<i>judicium</i>
feitoço	—	<i>facticius</i>
mestiço	—	<i>mixticius</i>
vindiço	—	<i>venticius</i>

No systema verbal, em cujas flexões mais do que em qualquer

categoria grammatical, se nota a influencia da analogia, a *elisão* da vogal do hiato é communissima :

faço	— <i>facio</i>
cozo	— <i>consuo</i>
bato	— <i>batuo</i>
cuspo	— <i>conspuo</i>
morro, mouro	— <i>morior</i>

Nos verbos compostos por prefixação, o hiato permanece nas creações ou fórmulas eruditas : *reorganisar*, *co-operar*, *co-evo*, *co-etaneo*. Mas, o processo popular é o da *elisão* do hiato :

redrar (ant.)	— <i>re-iterare</i>
costrar	— <i>co-operare</i>
costrir	— <i>co-aperire</i>
dourar	— <i>de-aurare</i>

Todos estes vocabulos datam dos primeiros tempos da lingua.

INTERCALAÇÃO

A segunda solução do hiato produz-se pela intercalação de uma letra, que destrua o esforço de duas emissões inarticuladas (vocaes) successivas.

Os caracteres deste processo têm duas direcções analogas, pois substitue o hiato por dous grupos *ake* e *lh*.

Estes dous grupos são modernos e não se sabe ao certo se existiam no latim puro. Apparecem no castelhano sob as fórmulas *a* e *ll*; e no francez sob as fórmulas *gn* e *ll* em alguns casos, quando precedido este ultimo (*ll*) dos diphthongos *ai* e *ei*.

Grupo *lh*. É esta a resolução commum dos hiatos que occorrem precedidos de *l* no latim:

alho	— <i>allium</i>
conselho	— <i>consilium</i>
filho	— <i>filius</i>
folha	— <i>folia</i>
mulher	— <i>mulierem</i>
palha	— <i>palea</i>
melhor	— <i>meliozem</i>
evangelho	— <i>evangelium</i>
alheio	— <i>alienus</i>
milha	— <i>millia</i>

O mesmo succede nas flexões verbaes : valho, valha, de *valeo*, *valeat*.

Ha algumas palavras que escaparam á intercalação e conservam o hiato primitivo : solio (*solium*) familia (*familia*) oleo (*oleum*) espolio (*spolium*).

—O grupo *nh* fr. *gn*, cast *ñ*. E' a solução commum dos hiatos precedidos de *n* :

cegonha	— <i>ciconia</i> .
sonho	— <i>somnium</i> .
banho	— <i>balneum</i> .
campanha	— <i>campania</i> .
engenho	— <i>ingenium</i> .
extranho	— <i>extraneus</i> .
linha	— <i>linea</i> .
Hespanha	— <i>Hispania</i> .
vinha	— <i>vinea</i> .
aranha	— <i>aranea</i> .
vergonha	— <i>verecunia</i> (verecundia)
cominhos	— <i>cumineus</i> .

Nota-se ainda no systema verbal, nas flexões : venho, tenho de *venio*, *teneo*. As fórmas eruditas evitaram a solução geral : taes são *eneco* de *œneus*; *calumnia*, no ant. portuguez *calonha*, de *calumnia*; *venia*; *craneo*; *insania* (ant. *sanha*); *Eugenio*; *genio* (*engenho*); *insomnia*; etc.

Em o vocabulo *peçonha* houve intercalação, mas a forma primitiva é do suffixo *tionem*—*potionem*. (1)

O processo de intercalação do *h* era usado largamente na antiga orthographia, ainda mesmo quando não correspondia a nenhum som.

Como simples symbolo graphico, notamos o *h* na graphia dos hiatos :

<i>mehor</i>	— melhor.
<i>mahom</i>	— mão.
<i>vehuva</i>	— viuva
<i>meheu</i>	— meu
<i>taroha</i>	— taboa
<i>sehu</i>	— seu
<i>vehia</i>	— via
<i>pessoa</i>	— pessoa

Estas palavras se encontram no *Elucidario* de Viterbo.

(1) Segundo a etymologia de C. Michaëlis.

— Cumpre-me notar, em conclusão, que muitas vezes a letra de intercalação só se encontra no thema ou radical do vocabulo. Assim em *chover* e no ant. *trage* (*traz*) o *v* não poderia provir das etymologias *pluere*, *trahit*, nas dos themas *chuv*, *pluv*, *trag* já existentes no lexico : *trager*, *chuva*.

TRANSPOSIÇÃO

A *transposição* de letras ou *metathese* foi uma das soluções mais frequentes e mais naturaes. Deu-se nomeadamente nos suffixos *ario*, *erio*, *orio*, *urio*. Fica claramente excluido o suffixo *irio*, visto que a transposição impossibilitada ficou por causa da concorrência inevitavel de dous *ii*. Sempre que tal phenomeno foi possível, o hiato resolveu-se por outro modo, como já vimos no exemplo *artemija* de *artemisia*.

Na antiga lingua as fórmãs de transposição são frequentissimas : *vigaíro*, *contraíro*, *trintaíro*, *notaíro*, *adversaíro*, *vestiaíro*, *breviaíro*, *igrejaíro* e vejam-se as fórmãs infinitivas *casadoíro*, *conseguidoíro*, *aduboíro*, *estabelecidoíro*, *pousadoíro*, *dormidoíro*, que todas constam do Viterbo.

Actualmente, porém, a influencia erudita tem preponderado conservando o hiato : *contrário*, *vigário*, *vestuário*, *adversário*, *breviário*, etc.

Não obstante, existem hoje varios especimens de resolução completa:

dinheiro	—	<i>denarius</i>
cavalheiro	—	<i>caballarius</i>
primeiro	—	<i>primarius</i>
janeiro	—	<i>januarius</i>
morteiro	—	<i>mortarium</i>
feira	—	<i>feria</i>
madeira	—	<i>materia</i> (materies)
cativeiro	—	<i>captivarium</i>
viveiro	—	<i>vivarium</i>
ligeiro	—	<i>leviarius</i>

Da terminação *orio* :

coiro	—	<i>corium</i>
Douro	—	<i>Durius</i>
agouro	—	<i>augurium</i> .

Do suffixo *air* nenhum especimen escapou ao archaismo, a não ser a palavra *donaire* (*donarium*) provavelmente conservada por influencia barbara.

Um facto que não está perfeitamente averiguado é o do hiato precedido de *v*, resolvido pelo *j* ou *g*, brando. Esta letra provirá da vogal *i* do hiato que se consonantisou, ou antes mostrará que o *v* primitivo se vocalisou em *u* e desapareceu diante das duas vogaes seguintes ? Os exemplos não são raros : fojo (*fovea*) sargento (*servientem*) ligeiro (*leviarius*), já citados.

Opino pela consonantisação da vogal, em vista de outros especimens irrecusaveis, como :

hoje-oie, oy — ho (d) ie
Orge (ant) — hor (d) eum

Parece, pois, que pela quêda do *v* tivemos os especimens *li-iei-ro*, *foi-o*, eliminados, como é regra, na escala da evolução phonetica.

HIATOS MODERNOS

(*formados na lingua*)

Quando pela quêda da consoante média formou-se na lingua antiga o hiato em que a letra *u* foi o primeiro elemento, deu-se frequentemente a resolução mais notavel dos hiatos : a vogal *u* consonantisa-se em *v* e fôrma nova syllaba :

<i>cau-l-is</i>	—	cô-e (coue)	—	couve
co-ardus	—	cô-ardo	—	covarde
clau-d-ere	—	chô-ir	—	chouvir
au-d-ire	—	ô-ir (ouir)	—	ouvir
lan-d-are	—	lô-ar	—	louvar

Representamos pelo accentu *ô* o som *ou*, em que o *u* é evidente. O mesmo facto dá a explicação dos preteritos ; *tanui-teue-teve*, etc.

CONSOANTES

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
B	b —	<i>bull</i> a—bolha.
—	v —	<i>herba</i> , herva. <i>Debere</i> , dever. 1. A permuta do <i>b</i> em <i>v</i> faz-se regularmente nas terminações <i>avel</i> , <i>ivel</i> , <i>uvel</i> : amavel de <i>amabilis</i> ; horrivel de <i>horribilis</i> , voluvel de <i>volubilis</i> ; ha, porém, algumas excepções em que se notam sempre formas eruditas: <i>ignobil</i> , <i>febil</i> , <i>debil</i> , <i>habil</i> , <i>terribil</i> ; ainda nestes suffixos não se deu permuta quando o <i>l</i> reforçou-se em <i>r</i> : nobre de <i>nobilis</i> . 2. A permuta foi regular nas flexões verbaes: amava, <i>amabat</i> .
—	m —	<i>Cannabis</i> , canhamo. Esta lei é um resultado da allitteração euphonica produzida progressiva ou regressivamente pela presença da nasal: trementina de <i>therebentina</i> ; vagamundo de <i>vagabundo</i> . Tanto o <i>b</i> como o <i>m</i> por serem labiaes são homorganicas. Jácome de <i>Jacobus</i> .
C	c —	<i>Cujus</i> , cujo. Valor forte=k.
—	g —	<i>caveola</i> , gaiola; <i>camella</i> , gamella. Esta permuta, frequente nas palavras antigas, não se observa nos neologismos eruditos: foco e fogo de <i>focus</i> ; canonico e conego de <i>canonicus</i> ; oraculo e orago de <i>oraculum</i> ; lacuna e lagoa de <i>lacuna</i> .
—	ch —	<i>murcidus</i> , murcho. Piche de <i>pice</i> , pês. Esta permuta assignala um abrandamento muito commum nas palavras de origem franceza que desde o primeiro periodo entraram na lingua: chantre de <i>cantor</i> ; chapéo de <i>capellum</i> ; chefe de <i>caput</i> ; chambre de <i>camara</i> ; prancha de <i>planca</i> ; charrua de <i>carruca</i> ; marchante de <i>mercantem</i> .

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
—	c (s)	<i>cedere</i> —ceder. Valor brando = <i>s</i> ou <i>ss</i> .
—	z	<i>iacere</i> , jazer. O som brando do <i>c</i> , já notado no latim da decadencia, affecta a fórma <i>s</i> ou <i>z</i> , especialmente nas terminações e suffixos: cruz de <i>crucem</i> , dez de <i>decem</i> , feliz de <i>felicem</i> , voraz de <i>voracem</i> . As fórmas eruditas <i>atroce</i> , <i>fugace</i> , <i>perlinace</i> foram largamente usadas no seculo XVI; della existe o vestigio <i>precoce</i> em vez de <i>precoz</i> , <i>præcocem</i> .
—	Vocal.	O vocalismo da consoante <i>c</i> observa-se nos grupos <i>ct</i> , <i>cc</i> : eis de <i>ecce</i> ; eleito de <i>electus</i> ; feito de <i>factus</i> ; oito de <i>octo</i> . Com a fórma <i>u</i> : auto de <i>actus</i> ; douto de <i>doctus</i> ; doutor de <i>doctorem</i> .
—	Nasal.	A nasalidade é um facto nos monosyllabos <i>sim</i> (sic) <i>nem</i> (nec) e em outros vocabulos <i>penle</i> (pecten) <i>lontra</i> (luctra).
D	d	<i>Prædium</i> —predio; <i>dolentem</i> , doente.
—	l	Esta permuta é rara. Gil de <i>Ægidius</i> ; madril e madrilense (de <i>Madrid</i>) adejar (derivado de <i>ala</i>) e nos grupos, malga, nalga (nadeга de <i>natica</i>), julgar de <i>judicare</i> . E' commum, quanto ás origens gregas, já assim transformadas no latim: <i>lagrima</i> de <i>δακρυον</i> Ulysses de <i>Οδυσσεύς</i> .
—	r	Permuta unica: cigarra de <i>cicadla</i> , explicavel pela fórma intermedia <i>cicala</i> .
F	f	<i>Focus</i> , fogo. <i>Finis</i> , fim.
—	v	<i>Trifolium</i> , trevo (cf. gallego <i>trébol</i>). Christovão de <i>Christophorus</i> ; ourives de <i>aurificem</i> .
—	h	Esta permuta representa a aspiração castelhana de alguns vocabulos introduzidos na lingua. Taes

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		são: hediondo de <i>fatibundus</i> e os archaismos <i>Edipucha!</i> (<i>filius...</i>) frequente em Gil Vicente e <i>ahinco</i> por <i>afinco</i> , notado no <i>Elucidario</i> de Viterbo. A aspiração pôde ser notada nas interjectivas: <i>hi!</i> <i>hiu!</i> no fr. <i>fi!</i>
—	b —	Permuta rara e antiga. Acebo de <i>aquifolium</i> ; abantesma de <i>phantasma</i> : abrego de <i>africanus</i> . A permuta realisou-se entre letras homorganicas admittindo nm estado intermedio, em que appareça a dental <i>v</i> . De sorte que o <i>f</i> permutou-se em <i>v</i> e depois o <i>v</i> em <i>b</i> .
G	g —	<i>Vigorem</i> , vigôr. <i>Legalem</i> , legal.
—	j —	Nas palavras antigas, nomeadamente onde se notou a influencia franceza: jalde de <i>galbinus</i> : jouver de <i>gaudere</i> ; joya de <i>gaudium</i> . cf. <i>joie</i> , <i>jouir</i> , <i>jaune</i> .
—	z —	Vicio ccmum entre os plebeismos, <i>marze</i> por <i>margem</i> . Ha um exemplo litterario em: esparzir de <i>spargere</i> .
—	c —	Reforço pouco commum e só existente em renovações eruditas: <i>Cadix</i> por <i>Gades</i> ; tecla de <i>tegula</i> .
—	Voc.	O vocalismo da guttural observa-se com a vogal tambem guttural e aguda <i>i</i> : cheirar de <i>flagrare</i> ; inteiro de <i>integrum</i> .
H	h	<i>Hora</i> , hora. E' quasi sempre um symbolo graphico conservado pela tradição historica, tendo raras vezes valor phonetico.
J —	j —	<i>Julius</i> , julho.
	i —	Que tinha identico valor, casualmente, no latim

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		Meirinho de <i>majorinus</i> . Yago, T-iago, de <i>Jacobus</i> . Maio de <i>majus</i> .
	ç —	Tem o mesmo valor de <i>j</i> , antes de <i>e</i> , <i>i</i> , e apresenta apenas uma variante orthographica. Magestade <i>majestatem</i> ; geito de <i>jactus</i> ; Genebra de <i>iuniperus</i> .
	z —	Corruptela já assignalada á proposito do <i>g</i> . Ha um exemplo admittido litteralmente: <i>zimbrow</i> fórma divergente de genebra, <i>juniperus</i> . Em <i>genebra</i> houve evidentemente influencia franceza.
K	k —	Vide C
L	l —	<i>Luna</i> , lũa, lua. <i>Locò</i> , logo.
—	r —	<i>Lilium</i> , lirio; alimaria de <i>animalia</i> ; pucaro de <i>po-culum</i> ; marmelo de <i>melimelum</i> ; cumprir de <i>cum-plere</i> ; prêa (mar) de <i>plena</i> ; pardo de <i>pallidus</i> . A mesma transformação nota-se no contingente de termos francezes: <i>colonel</i> .
—	d —	Reforço notavel e raro. Escada de <i>scala</i> ; deixar de leixar, <i>laxare</i> . E', todavia, frequente na formação de grupos consonantae: rebelde, de <i>rebellis</i> ; humilde de <i>humilis</i> . Cf. o archaico <i>egualdar</i> de <i>egualar</i> ; medrar de <i>meliorare</i> (?)
	Nas.	A nasalidade realisou-se em alguns casos como nível de <i>libella</i> , no fr. <i>niveau</i> . Em mortandade de <i>mortalitatem</i> não é improvavel a influencia de prolação da vogal inicial.
—	Voc.	O vocalismo do <i>l</i> realisou-se no diphthongo surdo ou: doce de <i>dulcis</i> ; feijão de <i>feijou</i> = <i>feiol</i> = <i>faseolus</i> ; ensosso de <i>insulsus</i> ; toupeira de <i>talpa-ria</i> ; couce de <i>calcem</i> , bôbo de <i>balbus</i> ; fouce de <i>falcem</i> . A vogal <i>i</i> notada em <i>piano</i> = <i>planus</i> ; pro-

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		vém de uma lei phonica exclusiva do italiano, <i>pl</i> = <i>pi</i> .
M	m —	<i>Mare</i> — mar ; <i>millia</i> , milha.
—	n —	Confusão de nasaes, rara. <i>Mespilum</i> , nespera ; e o archaismo nembrar de <i>memorari</i> .
—	l —	Permuta unica provavelmente, lembrar de <i>memorari</i> atravez da fôrma intermediaria archaica <i>nembrar</i> .
—	p —	Esta permuta só se observa nos archaismos quando occorre o grupo <i>mn</i> . <i>Calupnia</i> por <i>calumnia</i> ; <i>condapnamento</i> por <i>condemnamento</i> . (Viterbo.)
N	n —	<i>Nata</i> (res), nada ; <i>noctem</i> , noite.
	m	Confusão de nasaes. Vide M. Mastruço de <i>nasturtium</i> . Propriamente, por causa da orthographia, occorre no fim de varios vocabulos: florim, fim de <i>finis</i> , imagem de <i>imaginem</i> , etc.
	l —	<i>anima</i> , alma ; alimaria de <i>animalia</i> .
	r —	<i>coffinus</i> , cofre. <i>Sanare</i> , sarar.
P	p —	<i>Pedem</i> , pé ; <i>paucum</i> , pouco.
—	b —	Permuta de labiaes. Bostella de <i>pustula</i> ; cabido de <i>capitulum</i> ; cebola de <i>cepula</i> ; belliscar por <i>pelliscar</i> . Botica de <i>apotheca</i> .
—	f —	Permuta usual dos vocabulos francezes : chefe, <i>chef</i> , de <i>caput</i> . Nota-se tambem em alguns vocabulos gregos se lhes não foi estranha a influencia franceza : golfo de <i>κολπος</i> —troféo de <i>τρόπαιον</i> .
—	Voc.	A vocalisação do <i>p</i> , em regra, effectuou-se da labial

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		para a consoante labial; baptisar de <i>baptisare</i> ; rauso de <i>raptus</i> . Houve posteriormente confusão com o <i>i</i> .
Q	q	<i>Quasi</i> , quasi. Vide C.
—	c	Variante graphica. Car (ant.) de <i>quare</i> ; como de <i>quomodo</i> ; cinco de <i>quinque</i> ; torcer de <i>torquere</i> .
—	g	Conseguir de <i>consequi</i> (consequere). Agoa de <i>aqua</i> . (Cf. legua de <i>leuca</i>). Aguiã de <i>aquila</i> ; egoa de <i>equa</i> ; algo de <i>aliquis</i> . Entre gutturaes, =c=k =g.
R	r	<i>Regulare</i> , reglar
	l	Permuta de homorganicas linguaes. Vergel de <i>viridarium</i> ; papel de <i>papyrus</i> ; ralo em vez de raro. A mesma permuta nota-se no elemento grego: bolsa de βύρρα.
[S	s	<i>Solus</i> , só; <i>causa</i> , cousa.
	x	paixão de <i>passionem</i> ; baixo de <i>bassus</i> ; graxo de <i>grassus</i> . As transformações desse character são, quasi todas, fórmas portuguezas septentrionaes, achegadas ao gallego. No port. meridional a transcripção é pura: posso de <i>possum</i> , grosso de <i>grossus</i> : Esta nota não tem applicação quando se trata do <i>s</i> simples: bexiga (<i>vesica</i>), e nos grupos de syllaba inicial <i>ex</i> : enxugar <i>ex-sucare</i>).
T	t	<i>totus</i> , todo; <i>pectus</i> , peito.
—	d	Permuta de homorganicas dentaes: dedo de <i>digitus</i> lado de <i>latus</i> ; idade de <i>etatem</i> ; ladainha de <i>litanía</i> ; seda de <i>seta</i> ; madeira de <i>materia</i> .

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
—	s, c —	Abrandamento já existente no latim, nos grupos finaes, <i>tia</i> , <i>tium</i> , <i>ties</i> etc, ausencia de <i>absentia</i> ; graça de <i>gratia</i> ; differença de <i>differentia</i> ; oração de <i>orationem</i> . O grupo <i>tia</i> tomou tambem a fôrma <i>eza</i> : avareza de <i>avaritia</i> ou persistiu quando precedido de <i>s</i> : <i>molestia</i> , <i>modestia</i> .
	z —	Abrandamento analogo ao precedente : madureza, <i>maturitia</i> (<i>maturitatem</i>), dureza, <i>duritia</i> , firmeza <i>firmitia</i> por <i>firmitatem</i> .
V	v —	<i>Vita</i> , vida ; <i>pluvia</i> , chuva.
—	b —	Permuta vulgar. Abutre de <i>vultur</i> ; boda de <i>vota</i> ; bainha de <i>vagina</i> . E' um provincialismo commum entre os portuguezes, dando origem a confusões prosodicas já mencionadas: <i>covarde</i> e <i>cobarde</i> ; <i>vascolear</i> e <i>bascolear</i> ; <i>avestruz</i> e <i>abestrutz</i> , etc.
	f —	Permuta homorganica entre dentaes. Palafrem de <i>paraveredus</i> ; trefego ; <i>transvegar</i> , <i>transvicar</i> , <i>trasfegar</i> (Diez)
	g —	Influencia germanica, notada em alguns vocabulos latinos : gomitár por vomitar, <i>vomitare</i> ; gastar de <i>vastare</i> . Guerra (<i>verra</i> , germ.) treguas, (<i>trenna</i> germ.)
Z	z —	Character mais commum ao portuguez que ao latim. Representa ordinariamente um vocabulo grego, quando vem directamente do latim : zelo
	g —	Por attracção: gengibre de <i>zingiber</i> .

LIÇÃO IV

Das metaplasmas

Chamam-se *metaplasmas* as diferentes alterações que soffrem os vocabulos por addição, subtracção ou transposição de seus elementos phonicos.

As *metaplasmas* têm o nome de *figuras*.

ADDIÇÃO

As figuras de addição são as seguintes :

†1. **Prothese**.—E' a addição de elementos phonicos no principio do vocabulo. Ex.: *alevantar*, *alagôa*, por *levantar*, *lagôa*.

Muitos vocabulos latinos receberam a *prothese* no portuguez:

<i>speciem</i>	— especie
<i>spasmus</i>	— espasmo
<i>scribere</i>	— escrever.

Analysando os casos em que se effectuou a *prothese*, vê-se que constituem duas classes numerosas:

1.^a Os nomes que começam por *l* e que receberam o augmento de um *a*. E' muito provavel que a analogia e a reminiscencia das palavras arabes, prefixadas de *al*, contribuissem para as formações como *alanterna*, *alagoa*, etc. de origem latina.

2.^a Recebem vogal os nomes que começam por *s* impuro, isto é, seguido de consoante. Este facto explica-se pela natural difficuldade que ha na pronuncia daquelle *s*: *espasmo*, *especie*. De sorte que ou o *s* augmenta-se de uma vogal *espasmo* ou perde a consoante *pasmo*, *sciencia* (que se lê *siência*). Por isso é que houve prothese de *e*, vogal surda, em *esphera* (*spheram*) *esperança* (*sperantiam*) *espada* (*spatha*), *estar* (*stare*) etc.

2. **Epenthese**.—E' a addição de sons no meio do vocabulo. Ex. : *Mavorte* de *Marte* ; *caravelha* em vez de *cravelha*.

Nota-se a *epenthese* na etymologia de varias palavras:

<i>n</i>	<i>laternam</i>	—	lanterna
	<i>maculam</i>	—	mancha
	<i>meam</i>	—	minha

Pretendem muitos explicar a presença *epenthetica* do *n*, como sendo a transposição da flexão *m*, nasal, do accusativo :

maculam — *mancula* — *mancha*.

Em taes casos, parece mais razoavel admittir a prolongação de nazalidade do *m* inicial : *ma*=*mã*. Cf. *muíto*.

3. **Epithese** ou *paragoge*.—E' a addição de sons no fim do vocabulo. E' rara na lingua escripta ; porém, frequentemente observada nos provincialismos e entre os vícios prosodicos : *fazêre*, por *fazer* ; *martyre* por *martyr*.

A *epithese*, mais largamente interpretada, tem exemplos nas derivações modernas por intermedio de suffixos:

<i>cajueiro</i>	de	<i>cajú</i>
<i>laranjeira</i>	»	<i>laranja</i>
<i>cajuada</i>	»	<i>cajú</i>
<i>bonitinho</i>	»	<i>bonito</i>
<i>homenzarrão</i>	»	<i>homem</i> , etc.

Entre as figuras de *adição* devem ser incluídos os dous casos especiaes, conhecidos sob os nomes de *tmese* e *dierese*.

A *tmese* em portuguez, consiste na intercalação dos pronomes encliticos nas fórmulas do futuro e do condicional: *far-te-ia* ; *amar-te-ei*.

A *dierese*, não consiste em addição de elementos phonicos, mas na aspiração da vogal, para evitar um diphthongo. Ex. :

caia	ou	cahia
saíram	»	sahiram

— Ha um processo popular, denominado pelos antigos grammaticos *parectase*, que consiste na adjuncção de elementos phonicos intermedios, por necessidade de euphonia. Já notada no latim :

drachme — gr. *drachmê*,

esta tendencia ampliou-se na decadencia da lingua e nos romances que deram origem ás linguas novo-latinas. Foi pela *parectase* que se dissolveram muitos grupos consonntaes:

Caravana — *karwan* (arabe.)

A acção erudita tem concertado os destroços desta tendencia, mas arbitrariamente o povo diz: *kelemente*, *kilaro*, *baravo* e *bravo*, *periquito* e *pregueto*, *tatara-avô* e *letra-avô*, *caravelha* e *cravelha*, *brôa* e *borôa*, *crôa* e *corôa*, *taramela* e *tramela*, *glotão* e *golotão*.

SUBTRACÇÃO

As figuras de subtracção são as seguintes :

1. **A apherese.**—A apherese consiste na subtracção de sons iniciaes do vocabulo. Ex. : *postema* por *aposthema* ; *letria* por *aletria*.

Nota-se a apherese na degeneração de varios vocabulos latinos:

Pasmo	de	<i>spasmmum</i> .
Tisana	»	<i>ptisanam</i> .
Botica	»	<i>apothecam</i> .
Gume	»	<i>acumem</i> .

Um facto digno de nota é a apherese dos elementos *o*, *a* e *l*. Estas letras, como se sabe, representam o artigo vernaculo: *o*, *a* e a fórma archaica *lo*. D'ahi, os resultados *bodega* por *abodega*, *bispo* por *obispo* (como no castelhano), *onça* por *lonça* (no lat. *lynxem*) *azul* por *lazar* (pers. *lazuerd*), etc.

Esta conjectura não é destituida de fundamento, pois deve-se ter em conta que o *l* é a unica consoante que soffre apherese e porque é a unica? As outras só experimentam apherese nos raros casos em que não se ligam á vogal e constituem um grupo barbaro, quasi impronunciavel, v. gr.: *pl*, em *plisana*. (1)

2. Syncope. — E' a subtracção de sons no meio do vocabulo. Ex.: *mor* em vez de *maior*.

A *syncope* é um dos phenomenos mais communs da phonologia historica. Exemplos:

vêr	—	<i>videre</i>
leal	—	<i>legalem</i>
real	—	<i>regalem</i>
mealha	—	<i>metalliam</i>
véo	—	<i>velum</i>

Sempre existem na lingua antiga os exemplos que attestam a transição dessa lei: *veer*, depois *vêr*; *mado*, depois *mão*, etc.

3. Apocope. — Consiste na subtracção de sons no fim do vocabulo. Ex.: *cárcer*, *marmor* em vez de *carcere*, *marmore*.

A *apocope* ou quêda de sons finaes é um dos phenomenos característicos da formação de todas as linguas romanas:

ama	—	<i>amat</i>
amam	—	<i>amant</i>
nunca	—	<i>nunquam</i>
cousa	—	<i>causam</i> .

(1) O *l*, dissemos, é a unica consoante que soffre a apherese. Em *germanus* (irmão) não houve apherese de *g*; a palavra *irmão* ou *ermão* é provavelmente a fórma castelhana *hermano*.

Entre os casos de subtracção devemos considerar as seguintes figuras :

Synalepha.—E' um caso especial da apocope, e consiste na subtracção da vogal final de um vocabulo quando se lhe segue outra palavra que começa por vogal. Exemplos :

minh'alma — minha alma
d'Almeida — de Almeida.

O habito da *synalepha* na pronuncia fazia com que os classicos escrevessem : *d'almeida*, *d'alvarez*, etc. Ainda hoje se escrevem *Dantas* (d'Antas), *Dornellas* (d'Ornellas) e o cognome Italiano *Doria* (d'Oria).

Ecthlipse.—E' a propria *synalepha*, e dá-se quando a vogal que termina o vocabulo é nasal :

co'as mãos — com as mãos.

TRANSPOSIÇÃO

Os phenomenos de transposição foram muito frequentes nos antigos tempos da lingua, e são conhecidos sob o nome de

Metathese.— Consiste na transposição dos sons de um vocabulo. Exemplos : *rosairo* em vez de *rosario* ; *esteiro* em vez de *estuario*.

Eis alguns exemplos historicos :

primeiro — *primarium*
choupo — *pop'lum* (*pl=ch*)
trevas — *tenebras*
copo — *poculum*

LIÇÃO V

Dos systemas de orthographia e causas de sua irregularidade

Orthographia é a parte da grammatica expositiva que ensina a escrever as palavras e as phrases correctamente.

A escriptura compõe-se de letras e symbolos. Os elementos orthographicos das palavras são as *letras* e os *accentos*.

Os elementos orthographicos da phrase constam dos signaes da *pontuação*, taes como a *virgula*, os *dous pontos*, etc. (1)

Na lingua escripta usa-se habitualmente de *symbolos* e *abbreviaturas*, dos quaes não nos occuparemos agora. Em geral, os *symbolos* são usados para exprimirem relações numericas, ou abbreviaturas scientificas. Taes são os symbolos ; 1, 2, 0, 4. VI, X, M, D +, × = etc. Os *symbolos* podem ser letras, mas representam palavras.

Os *signaes e accentos agudo, circumflexo*, servem para supprir a deficiencia dos caracteres alphabeticos. (2)

A *arte de escrever* ou representar as palavras por meio de caracteres litteraes não tem preceitos totalmente fixos e invariaveis. Esta mesma variabilidade tem dado origem a diversos systemas de orthographia, sem que o triumpho de qualquer delles esteja completamente, no todo, consagrado.

(1) Da pontuação (*notações syntacticas*) trataremos no lugar competente.

(2) Vide *notações lexicas*. Lição I.

Os tres principaes systemas orthographicos são : o *phonetico*, o *etymologico* e o *mixinho*.

A orthographia phonetica consiste na representação dos vocabulos, conforme a pronuncia.

— O *systema phonetico* exclue a tradição historica e etymologica, e só attende exclusivamente á prosodia. Segundo este systema, a cada som corresponde um unico symbolo litteral.

Baseia-se na refôrma dos valores alphabeticos. Cada symbolo tem um valor invariavel. D'esta arte, na orthographia phonetica, as letras

c	—	equivale a	k, c fôrte, ch
f	—	»	a f, ph
s	—	»	a c brando, s, ss, x
g	—	»	a g fôrte
j	—	»	a j, g brando
x	—	»	a x, ch

A orthographia phonetica não é aceitavel porque não tem bases solidas. Tem sido proposta para evitar as inconveniencias da variabilidade dos systemas orthographicos e para facilitar aos ignorantes a correcção de seus manuscriptos.

Que ella não consegue a *unidade*, é claro de vêr-se, porque os proprios *phonetistas* não estão de acôrdo quanto á extensão da refôrma e não ha dous systemas de orthographia phonetica que estabeleçam as mesmas regras. Em segundo lugar, a unidade orthographica, neste caso, só seria alcançada se existisse uma *prosodia fixa*, o que é uma utopia. Sendo a pronuncia extremamente variavel, o *systema phonetico* tornar-se-ia anarchico em todos os dominios geographicos de uma lingua.

Não é muito pouco aceitavel a razão de que o systema phonetico seja aproveitavel aos ignorantes. Jamais a orthographia etymologica foi um obice para a leitura e para a aquisição de conhecimentos.

Em nenhuma das linguas cultas foi admittida a orthographia phonetica, bem que não tenham faltado neographos e reformadores. Em algumas, porém, e com certos limites muito restrictos como se observa no castelhano e no italiano, o systema phonetico tem conseguido alguns resultados especialmente no que respeita á transcripção das palavras gregas, dos neologismos scientificos.

A orthographia etymologica ou *historica* consiste em representar os vocabulos na maior pureza possível de suas origens.

Este systema é o unico capaz de, na maior approximação imaginavel, offerecer a unidade graphica aos documentos escriptos de uma lingua. E' esta a sua vantagem capital.

A esta vantagem contrapõem-se algumas difficuldades e lacunas inevitaveis do systema. Nem todas as etymologias são conhecidas, e muitas, em grande numero, são duvidosas ou contestaveis. Além disto, a evolução phonetica destruiu ou estragou os vocabulos, de tal sorte que não podem razoavelmente ser orthographados pela fórma originaria. E' o que succede a um numero crescido de termos arabes, germanicos e até latinos. Foi a tendencia para conservar a filiação historica que fez adoptar os grupos litteraes *ch*, *ph*, *rh* com que os romanos transcreverão diversos caracteres e accentos gregos. O exaggero do systema etymologico tem produzido transcripções pouco aceitaveis como: *pinctar*, *charidade*, *charia*, etc. Em alguns vocabulos, sem razão palpavel, conservam o *ch* ainda quando não existe o som

forte que aquelle grupo representa ; ex.: *schisma*, *catechismo*—*scisma*, *calecismo*. (1)

Assim, as causas da irregularidade da orthographia subsistem na difficuldade de determinar as verdadeiras origens e na impossibilidade de representar os sons actuaes pelos sons antigos, sem attender á evolução a que estes ultimos obedeceram no curso do tempo.

Estas difficuldades de ambos os systemas originaram um processo mixto, participando da etymologia e da prosodia, destinado a corrigir os defeitos de um pelas vantagens de outro.

A orthographia usual ou *systema mixto* consiste em representar os vocabulos pela etymologia e pela prosodia conjunctamente.

A base deste systema que é o seguido geralmente é a etymologia. Nota-se, porém, que quando existe inteira discordancia entre a etymologia e a prosodia, é esta a que predomina.

Nos ultimos tempos, o *phanatismo*, na orthographia tem grangeado fervorosos e extremos adeptos, na Allemanha, na Inglaterra e na França. A refôrma seria incomparavelmente mais facil onde aliaz é menos necessaria no italiano, no castelhano e no portuguez.

Do que vae mencionado anteriormente, vê-se com a maior evidencia que nenhum dos systemas orthographicos pôde obter a *unidade* graphica da escripta. As incertezas da prosodia e as differenças que apresentam as fórmas etymologicas puras oppõem-se áquelle resultado.

O *systema mixto* não possui bases determinadas e exactas ; e pôde ser exaggerado, ora pela parte da etymologia, ora pela parte da prosodia.

(1) E' o que aliaz se observa em *arcebispo*, *cirurgião*, pois ninguém escreve *archebispo*, *chirurgião*.

Nos monumentos e textos escriptos da lingua portugueza nota se que a evolução historica se operou do *phonetismo* para o *etymologismo*. A orthographia do portuguez antigo é puramente *phonetica*; do seculo XV em diante começa a orthographia etymologica por influencia da disciplina litteraria e classica. No seculo actual XIX, a tendencia para a transcripção etymologica é de tão grande intensidade que até os neologismos de linguas extranhas conservam a pureza orthographica originaria: *bouquet*, *wagon*, *cavaignac*, etc.

Observações relativas à orthographia e à prosodia

I

Signaes variaveis

Algumas letras apresentam, conforme o emprego ou uso, certa variabilidade de sons, que convém registrar.

O C tem tres valores principaes : o de *k*, de *s* e de *x* quando composto no grupo *ch*. — O valor de *k* nota-se sempre que o *c* precede *a*, *o* ou *u*. Ex.: *cara*, *covado*, *curiosidade*.

O valor de *s* existe sempre que precede as vogaes *e*, *i* ou *y*. Ex.: *cera*, *principio*, *Muricy*. Quando ha necessidade de exprimir o valor *s* por *c*, antes das vogaes, *a*, *o*, *u*, põe-se abaixo do *c* uma pequena virgula que tem por funcção abrandar o valor litteral e chama-se cedilha: *caça*, *poço*, *reçumar*.

O valor de *x*, como dissemos, só se observa no grupo *ch*: *chão*, *mecha*, etc. Nas palavras de origem grega, porém, o *ch* tem o valor exacto de *k*. Ex.: *monarchia* *archanjo*, etc.

O abrandamento de *c* é um facto moderno, pois no latim classico sempre representava o valor de *k*: *cæna*, *Cicero* liam-se *kæna*, *kikero*. O som forte, modernamente foi conservado quando a letra precede *a*, *o*, *u*; nestes casos, o som brando notifica-se pela cedilha. Nos documentos antigos anteriores ao uso do *c cedilhado* apparecem as fórmas *cocobrar*, *currador*, *sossobrar*, *surrador*, como attesta Viterbo.

O *z*, no meio das palavras, substituiu frequentemente no latim barbaro o som de *c* brando: *jazentia*, *inzendium*, etc.

O X tem os valores seguintes :

— Valor de *ks*. Nota-se este valor nos vocabulos de formação litteraria ou scientifica, quando o *x* occupa uma posição média na palavra: *fixo*, *nexo*, *influxo*.

— O valor chiante *x*, *ch*, observa-se nos vocabulos populares: *xarque*, *roxo*, etc.

O valor *s* ou *z* nota-se nos vocabulos que principiam por *ex*. Ex.: *exilio*, *exemplo*, *exacto*, *extraordinario*, *exterior*, etc.

O *x* é letra dupla e neste sentido o seu valor normal deve ser *ks*; mas na evolução phonetica perdeu a duplicidade de valor, adquirindo o som chiante de *ch*. Assim, veremos que quanto mais se vulgarizam as palavras eruditas que contém o *x* duplo-*ks*, maior tendencia nellas se nota para a prosodia do *x* simples. E' o que vae succedendo aos vocabulos *defluxo*, *luxuria*, *fluxo*, *luxuoso*, e aos vocabulos prefixados accidentalmente de *ex* latino: *ex-presidente*, *ex-secretario*, *ex-chefe*.

O S tem o valor de z quando situado entre vogaes, v. g. : *casa*, *mesa*. Quando esta situação é um accidente resultante da junção de um prefixo, o s conserva o valor normal do ç: *presentir*, *resentir*, *proseguir*.

Quando entre vogaes ha necessidade da prosodia s, a letra vai dobrada, ss: *nosso*, *passo*, *gesso*.

Sobre a prosodia do s ha uma anomalia curiosa, na palavra *obsequio*, onde excepcionalmente tem o valor de z. Talvez seja explicavel tão extranho uso, pela existencia do vocabulo *exequias*, que tem a mesma etymologia (*obsequium*, *obsequia*). Outra razão que não deixa de ter fundamento é que a articulação difficillima *bs* transformou o vocabulo alludido em *obsequio*, produzindo aquelle resultado, cf. *ausente* de *absentem*.

O grupo Qu, ora tem o valor de simples letra e igual a k; ora faz soar o u seguinte. O primeiro caso observa-se nas palavras mais populares e antigas da lingua: *querer*, *que*, *maquina*, *bem-quisto*, e ainda nas derivadas de palavras que se escrevem com c: *seguioso* de *secco*; *pequei* de *peccar*.

As palavras do grupo *ch* de linguas estranhas, quando graphadas com o qu, conservam a prosodia primitiva: *Melquisedec* = *Melchisedec*; *Joaquim* = *Joachim*; *maquina* = *machina* etc.

O segundo caso, isto é, aquelle em que se verifica a prosodia do u, succede geralmente nas palavras litterarias e eruditas e em poucas outras: *consequencia*, *quantia*, *questionar*, *quanto*, *quasi*, *qual*, (ant. *case*, *contia*, etc.)

O abrandamento do *ch* grego especialmente se encontra nos velhos vocabulos: *arcipreste*, *arcediogo*, *arcebispo*, *cirurgia*, *cirurgião*, etc. que existem ao lado de *archetypo*, *archileto*, *chiro-mancia*, *chiropteros* etc.

Quanto ao grupo qu, note-se que a tendencia popular e antiga é dar-lhe o valor simples de k: o que se vê em *calidade*, *cumanko*, *car*, archaicos.

O G tem o valor forte, igual a gh, antes das vogaes a, o, u: *gato*, *gozo*, *gula*.

Quando precede e, i, ou y, tem o valor de j e diz-se brando: *geração*, *gínete*, *gymnastica*.

O grupo gu tem o valor forte de g nas palavras mais antigas e populares, maxime, quando precede i: *guiar*, *enguia*, *guerra*, *seguir* e nas que derivam de g forte: *pequei* de *pegar* etc.

Nota-se a prosodia do u especialmente nas syllabas *gua*, *gue*: *guela*, *guapo*.

O R entre vogaes tem o valor brando e trillado: *cara*, *veridico* etc. Nessa emergencia, a graphia do r forte faz-se por duplicação: *carro*, *serra*, *murro*.

O valor forte nota-se nos demais casos e ainda quando entre vogaes, uma destas pertencendo a prefixo: *proromper*, *prorogar*, *prerogativa*.

As demais consoantes têm valores pouco variáveis.

Por ultimo, convém notar que existem sons que se não representam nos vocabulos, e são prolações resultantes ora da *progressão*, ora da *regressão* de um elemento nasal. Nas palavras *plano*, *threno* sentimos que as primeiras syllabas são *plā*, *trē*, ao menos, prosodicamente.

E' pois, um exemplo da *regressão* do som nasal.

O exemplo caracteristico do phenomeno da *progressão* nota-se em: *muito*, tantas vezes citado.

II

Abbreviaturas

As abbreviaturas do portuguez antigo, consignadas nos diplomas, chartas e msscriptos, são numerosissimas e illogicas pela feição extravagante que apresentam. A maneira de escreverem os tabelliães por *siglas* e *notas* (de onde o termo *notario*) engendrou certos usos que, muitas vezes, em vez de abbreviarem tornavam mais proflua a escriptura. Representavam os escriptas as vogaes A, E, I, O, U, por equivalentes numericos 10, 20, 30, 40, 50, em algarismos romanos, do modo que exemplificamos:

R X M X X R X L — Ramiro
P R X X S B X X X T X X R — presbiter etc.

Nos documentos forenses ainda existem algumas siglas como — N. L. — *non liquet*. C — *con*; ☉ — *contra*. Para indicar o digesto escreve-se a sigla FF difficil de interpretação á primeira vista. A mencionada collecção de leis era denominada *Pandectas* pelos gregos e a sigla respectiva eram dois *pis* ππ, que mais tarde se deformaram em FF.

Nas linguas romanas ainda se usa a sigla N. para indicar um *fulano* ou *pessoa desconhecida*. A sua origem é attribuida com razão á occurencia do nome ficticio, (usado com equal fim) *Nestigancius*, que nos depara a *Lei Salica*, tit. 53—(Viterbo).

— Algumas abbreviaturas por letras gregas persistiram na lingua, taes como I H S — *jes.* — *Jesus.* — X P T O — *chrto.* — *Christo.* O uso desta ultima foi extensissimo e vêem-se nos documentos antigos as graphias: *Xptovam*, *Xptina* — *Christovam*, *Christina*.

—Entre nós, a duplicação de iniciaes, ora representa a pluralidade : AA — auctores ; ora representa o grão summo : S. S. *santissimo*. Entre os romanos a triplicação indicava o numero tres : Cæsss. Aaa — *Cæsari augusti tres*

Uma observação de pequena monta, mas que não deixaremos de adduzir, é que os systemas de abbreviação variam nas diversas linguas. Os inglezes conservam quasi sempre as letras iniciaes, ao contrario dos românicos, que tornam clara as letras terminativas. Exemplifiquemos com a abbreviatura ingleza *Co.—company*, e comparemol-a com o systema romanico *C^a* ou *C^{ia}* ou *C^{ie}*.

A analyse destas fórmãs é sem duvida uma bagatella. Apesar disto notemos que a abbreviatura 8^{vo} para indicar o formato *in 8º*, é um *gallicismo orthographico*. No francez ha necessidade de indicar a syllaba final de *octavo*, pois que existe á fórma *huitième* para os outros casos :

8ieme, e 8^{vo}

Em portuguez a consignaço da syllaba final é totalmente excusada e resulta provavelmente do conhecimento da formula franceza.

III

Vogaes e consoantes



O accentto *circumflexo* não é applicavel ás letras i e u.

A vogal *i* e tambem a vogal *u* não possuem os tons graves, ordinariamente indicados pelo accentto *circumflexo*. A producção physiologica destes sons dá-lhes pouca variabilidade ; e as mesmas distincções do som *agudo* e *breve* são ahi pouco apreciaveis e, em parte, devidas á duração, á quantidade.

O som *nasal*, que physiologicamente é devido a um desvio de parte do ar expirado, convém a todos os timbres e em algumas linguas a presença d'elle nota-se até nas consoantes, precedendo-as, nas syllabas iniciaes : *mbaé, ngatú*. etc.

Os neo-grammaticos, nomeadamente Osthoff, aceitam a formula de *contracção proethnica*, segundo a denominação que deram, a + o = â.

Este som originario, quasi proximo ao do *u* inglez de *but*, assemelha-se ao do *a* grave do portuguez.

O *til* é antes um signal de abbreviatura do que accentto. Nos antigos documentos o *til* substitua letras e syllabas inteiras : *mũ=misericordia*. Ainda hoje na escriptura conservam-se as

abbreviaturas : *Sn̄r*, *Mq̄r* = *senhor*, *Monsenhor*. Nos nomes proprios vemos conservada a orthographia. *Fr̄z*, *Roīz* — *Fernandes*, *Rodrigues*, etc. O officio principal do *tīl* era a substituição do *m* ou *n*, especialmente da primeira letra : *hīla*, *līla*.

Note-se quanto ás nasaes que o caracter de *nasalidade* decorre da vogal. O *nasal* representa-se por um *tīl* ou por um *n*. Se só existisse o recurso do *tīl*, é provavel que tivessemos mais os diphthongs :

ēe — empenhe, prenhe.
īe — defínhe, alinhe.
ūe — extremunhe, etc.

Este modo orthographico não deixa de ter exemplos nos documentos antigos.

A emoção, o estado d'alma modifica muitas vezes os valores prosodicos das vogaes.

Escapa a qualquer classificação positiva o factor psychico da emoção. O estado emocional denuncia-se pelo timbre musical que existe na linguagem viva e falada e este timbre é tanto mais claro e rythmico quando mais intensa fôr a emoção. A articulação, como ruido, explica-se pela irregularidade de vibrações geradoras ; mas o proprio ruido, é sabido, compõe-se de uma reunião de elementos symmetricos e musicaes, descompasados.

Do *k* e *ch*, de origem grega, conviria dar uma transcripção uniforme, pois a actual confunde frequentemente os dous valores phoneticos. Em geral o *ch* tem no portuguez a forma identica *ch*, mas viciosamente se acha transcripta por *k* em : *kilometro*, *kilogramma*. Inversamente, o valor *k* se acha transcripto por *c* e *h* com louvavel exactidão, se apenas exceptuarmos um vocabulo, em que apparece o *ch* : *chicorea* (*kichorion*), que de certo não veio directamente do grego.

Em alguns vocabulos o uso do *th* é descabido e erroneo, tal é a graphia *systhema*, que não é composto de *thema* (*tithêmi*) mas de *istêmi* e *sun*. E tambem *cathegoria* em vez de *categoria*.

O *rh* grego ás vezes toma a forma de *r* sem aspiração como se vê em : *rachitismo*, que seria melhor graphar *rhachitismo*.

Em relação ao *ph*, seria conveniente usar este symbolo no termo *phrenoma* e ainda em *fanal* que possui o mesmo radical de

diaphano, *phenomeno*, etc., se bem que pareça pertencer ao contingente italiano, cuja orthographia é mais phonetica do que etymologica.

A transcripção do *y* varia para *u* sob a influencia latina: *porphiro* e *purpura*; *crypta* e *gruta*. Note-se o neologismo *udometro* ao lado de *hydrometro*.

O *h* como symbolo sensível de aspiração apenas apparece nas interjeições: *ah!* *oh!* Nos grupos *th*, *ch*, *rh* de proveniencia grega, não produz aspiração e resta como um simples signal etymologico.

O *h* tambem permanece nos vocabulos hebraicos que foram hellenisados pela traducção grega da biblia: *Ezechias*, *Melchisedech*, *Sarah*.

O abuso do *h* deu origem a certos erros, que ficaram perpetuados, v. g. *Theresa*, em vez *Teresa*, fórma correcta, *theor* em vez de *teor*.

IV

Letras dobradas

E' provavel que fossem bastante perceptíveis em suas origens os valores das letras em geminação.

O uso das letras dobradas dá-se frequentemente fóra do dominio da alitteração; sómente a orthographia phonetica poderia proscrevel-o. No seculo XVI os cultores do castelhano aconselhavam a remissão das letras dobradas, contra a qual se insurgia Duarte N. de Lião, dizendo que embora a letra reduplicada não sôe na pronuncia, «ha todavia uma musica delicada que se não deixa sentir de todos.» Com effeito, a reforma proposta naquelle tempo era de difficil exequibilidade, visto o uso geral de substituir as vogaes longas por contracção com as vogaes duplicadas, como em *máa*, *paadar*, *fee*, *geeral*, *vedes*, *soo avoo*, *cruu* por *má*, *paladar*, *fé*, *geral*, *vedes*, *só*, *avó*, *crú*. Além deste phenomeno devido á syncope, havia os plaraes do *i* nasal, por duplicação: *beleguiis*, *marfiis*, etc. Era portanto uma reforma ainda precóce para os primeiros tempos da disciplina grammatical.

Note-se que antes do periodo classico o *ll* dobrado era o grupo consonantal adoptado assiduamente em equivalencia do *lh*, que fóra construido por imitação do grupo *nh* existente desde os primeiros periodos da lingua.

Duarte Nunes de Lião na sua *Orthographia* insiste sobre o uso dos diminutivos de influencia italiana com o *t* da terminação

duplicado : *verdette*, *camarotte*, *piparotte*, etc. E os quinhentistas que mais cooperaram para a cultura litteraria, seguiram identica orthographia.

Antes da disciplina orthographica da lingua, os documentos abundam na duplicação do *rr*, e *ss* inicial, sempre forte: *rrazon*, *rrua*, *rroupa*, *sseu*.

Em portuguez o *rhotacismo* é tendencia mais sympathica que o *lambdacismo*.

Assim as fórmas *scraro*, *groria*, *simpresa*, deram lugar a *claro*, *gloria*, etc., por serem estas etymologicas. Fora disto, a articulação *r* é sempre preferida: *pranto*, *brando* *rrazer*, no castelhano *blando*, *placido*, *razar* (de *luzo*). Os dous *u* equivaliam ao *lh* do periodo cunha-seu castelhano. E talvez, nessa razão, em que se funda a anomalia das duas fórmas: *cavalleiro*, e *cavalheiro*, da mesma etymologia. Só a influencia phonica do antigo grupo *ll=lh*, póde sufficientemente explanar a difficuldade.

O *z* da mesma especie que o *x*, como letras duplices não podem soffrer duplicação. Como observa Lião, no latim o som de *z* era proximo ao de *st* ou *sd*. Só deste modo comprehendem-se as duas graphias: *Ezras* e *Esdras*, de um nome biblico.

O *z* foi sobretudo usado na terminação dos patronymicos. *Alvarez*, *Tellez*, *Lopez*, *Yanez* (de Joane) etc., que se escrevem hoje com o *s* final.

O *z* caracteristico permaneceu apenas nas abbreviaturas *Roiz*, *Frz*, e em raros appellidos que ficaram oxytonos: *Garcez* de *Garcia* : *Vaz*.

VI

Morphologia: estrutura da palavra:— Raiz; thema; terminação; affixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem: desenvolvimento de sentidos novos.

Morphologia é a parte da grammatica em que se estuda o vocabulo considerado como um composto de órgãos.

Órgão de um vocabulo é qualquer parte delle que exerce uma funcção ou tem um sentido. Assim na palavra *semi-deuses*, a analyse descobre três órgãos:

semi-deus-es

O primeiro, *semi*, indica a metade ou meio.

O segundo *Deus*, exprime a pessoa suprema; é a idéa principal (raiz).

O terceiro, *es*, exprime a pluralidade do ser.

A reunião destas partes constitue o que se chama *estructura* do vocabulo. Os *elementos morphologicos* ou *órgãos* são, pois, muito differentes dos *elementos phoneticos*, sons, letras ou syllabas.

Thema e terminação.

Chama-se *thema* o todo de um vocabulo, excepto a *terminação* ou *desinencia*:

<i>cant</i>	—	ar
<i>cant</i>	—	avam
<i>Deus</i>	—	es
<i>prev</i>	—	er
<i>contradiz</i>	—	er
<i>prop</i>	—	or

As partes *cant—prev—prop—contradiz* são themas ou formas que, em geral, não soffrem a flexão.

‡ **Desinencia**, é a parte variavel do vocabulo e por conseguinte aquella que exprime os accidentes da flexão.

Cant	—	<i>ar</i>
Cant	—	<i>avam</i>
Deus	—	<i>es</i>
Prev	—	<i>er</i>
Contradiz	—	<i>iam</i>
Prop	—	<i>or</i>

As partes *ar, avam, es, er, or*, são as desinencias ou terminações dos vocabulos e exprimem ora a flexão de tempo, ora de numero, de genero, etc.

Synonymia. Terminação é qualquer porção final do vocabulo, é um termo geral. *Suffixo* é especialmente a terminação dos derivados: *pedr-eira, form-oso*, etc. *Desinencia* ou *flexão* é o suffixo variavel nos nomes e verbos: *pomb-o, pomb-a; am-ei, am-avam*.

Raiz e affixos.

Affixos são elementos morphologicos ou *orgãos* que se appoem a um vocabulo modificando-lhe a significação.

Os *affixos* dividem-se em *prefixos* e *suffixos*.

São *prefixos* os elementos que antecedem á palavra principal. Taes são: *anti, per, ob, pre, sub*, etc., na composição dos vocabulos. Ex.

<i>per</i>	—	<i>furar</i>
<i>anti</i>	—	<i>Christo</i>
<i>ob</i>	—	<i>turação</i>
<i>pre</i>	—	<i>juizo.</i>
<i>sub</i>	—	<i>metter, etc.</i>

Suffixos são os elementos que prolongam e completam a palavra principal. Taes são, entre outros : *eiro*, *oso*, *ade*, *ino*, *ico*, etc. Exemplos:

pinh—*eiro*..
form—*oso*
felic—*idade*
analyt—*ico*, etc.

Convém observar que o *prefixo* tem uma noção definida, e mais positiva do que o *suffixo*. Assim os *prefixos* *pre*, *sub* denotam sempre a antecipação, o lugar inferior, etc. Os *suffixos*, porém, têm uma função menos definida e affectam varias accepções, conforme o uso tem estabelecido. O *suffixo-eiro* tem diversos significados, como se vê dos exemplos seguintes :

Exprimindo o *continente*:

tinteiro — tinta

Exprimindo o *factor* :

sapateiro — sapato
caldeireiro — caldeira

Exprimindo o *agente* da acção:

caminheiro — caminho
cavalleiro — cavallo

Exprimindo a *arvore* em relação ao fructo :

pinheiro —
tomateiro —
mamoeiro —
etc., etc.

As tres ultimas accepções indicam sempre a actividade ou os agentes da produção.

Note-se, além disto, que em alguns brazileirismos o suffixo *eira* ou *era* representa o vocabulo tupi-guarani *cuér*, *cuéra*, *gué*, e denota o tempo passado. Taes são os dous exemplos :

Tap-*éra* — (aldeia, *taba*, que existiu).

Capo-*eira* — (matto, *cad*, que existiu).

Entre os *affixos* podem-se considerar as letras e fórmulas *infixas*, embora esporadicadas, como as que se notam nos futuros :

far-*vos-ei*

dir-*te-ei*

Nestes especimens, os pronomes *vos*, *te*, são verdadeiros *infixos*. (1)

Convém observar que o termo *prefixo* está especialmente consagrado aos elementos prepositivos, com exclusão dos demais elementos compositivos do vocabulo. Assim em *beija-flôr*, *bem-te-vi*, os termos *beija* e *bem* não são considerados prefixos e sim simples palavras elementares. O *prefixo* póde ser qualquer vocabulo, comtanto que seja frequentemente utilizado como elemento de composição e não possua isoladamente, senão raras vezes, o valor de palavra.

Raiz.—Raiz é o nucleo da palavra, despojada de seus *affixos*.

Em lingua portugueza, são raizes as seguintes fórmulas:

diz — em *contra-DIZ-er*.

pre-DIZ-er.

sta — *circum-STA-ncia*.

pre-STA-nte.

etc.

(1) Trataremos com mais desenvolvimento dos *prefixos* e *suffixos* no lugar competente.

† Desta arte, a *raiz* representa o vocabulo puro, sem as modificações accidentaes que lhe dão os *prefixos*, *suffixos* ou *flexões*.

Dentro do dominio de uma lingua é este o unico criterio que pôde servir de base ao conceito de *raiz*. E' claro, porém, que em um sentido mais lato e com referencia, não a uma lingua, mas á totalidade das linguas que constituem uma familia, a palavra *raiz* indica a forma hypothetica de onde decorreu uma série de vocabulos que têm entre si affinidade material e de sentido, mais ou menos definida e explicita. As *raizes*, neste caso, representam o resultado de inducções theoricas, apoiado na analyse comparativa dos idiomas. A' *raiz* *as*, que significava primitivamente *respirar*, *viver*, explica e justifica as modalidades do verbo *ser* nas diversas linguas aryanas ou indo-européas.

No sentido restricto, em que a palavra *raiz* deve ser comprehendida, é sempre possivel substituil-a, e com vantagem, pela palavra *radical*.

O sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos nem sempre é susceptivel de uma determinação fixa e invariavel.

Nos compostos, cujos elementos foram deformados pela evolução phonetica, nenhuma noção existe dos significados e dos termos parciaes que formam o todo. Exemplos. Em *marmota* (*murem-montis*, rato dos montes) *devota* (*deo-vata*—dedicada a Deus) *menino* (*mi+nino*—meu menino) já não existe a consciencia dos elementos parciaes que formam o todo.

Não succede, porém, a mesma cousa em relação aos compostos de juxta-posição separada. Ha perfeita consciencia dos elementos componentes em :

beija-flor
quebra-nozes
vai-e-vem
vira-volta
pega-pega

Existem, todavia, alguns exemplos em que um elemento é barbaro ou desconhecido e archaico e outro completamente vivo e usual na lingua. Exemplo :

<i>Porta</i>	—	relogio
<i>Porta</i>	—	pennas
<i>Guarda</i>	—	<i>nappo</i>
<i>Malas</i>	—	artes

Nestes compostos, o povo apenas tem a consciencia do valor isolado de um termo e ignora o que seja *portar*, *nappo*, ou *malas*.

Quando porém, todos os elementos do composto são de origem estrangeira, nenhuma consciencia existe dos sentidos elementares do vocabulo. E' o que succede com os termos :

Redingote	—	Do inglez : <i>riding coat</i> ; vestido para montaria.
Charcuteria	—	Do francez : <i>chaircuite</i> . Carne cozida.
Biscoito	—	Do latim : <i>bis-coctus</i> . Duas vezes cozido.
Panacéa	—	Do grego : <i>pan. (pantos)</i> e <i>akos</i> : todo remedio. Remedio para tudo.
Kermesse	—	Do hollandez : <i>kerk e misse</i> . Egreja-festa.
Narval	—	Do allemão : <i>nar (nase)</i> e <i>Wall</i> . Nariz-baleia. Especie de cetaceo conhecido.

- Calamina — Do italiano : *gialla e mina*..
Mina amarella. Oxydo de zinco.
- Algebra — Do arabe: *al-djaber* ; a restauração (1). A sciencia das restaurações.
- Janisaro — Do turco: *ieni-tcheri*: nova soldadesca. Milicia creada no seculo XIV.
- Paraizo — Do zend : *pairi-daeza*, ao redor baluarte. Introduzido no grego por Xenophonte e aproveitado pelos antigos traductores da biblia.
- Chocolate — Do mexicano : *Choco luttl* : cacão agua.
- Xará — Do tupi-guarani : *xe hera* (absol, *terá*) meu nome. E' um brazileirismo.

E' claro que nas formações desta especie, os elementos morphicos só têm funcção de sentido para os eruditos.

Não obstante, no caso geral dos compostos podem-se estatuir as regras seguintes :

1.^a *O sentido do vocabulo é determinado pela palavra principal ou raiz.*

2.^a *O sentido do vocabulo é modificado pelas circumstancias expressas pelos prefixos e suffixos.*

(1) Entre os arabes, algebra era a sciencia das restaurações. Ainda hoje o cirurgião tem o nome de *algebrista*, termo que se vai tornando obsoleto.

Exemplificando, analysemos o vocabulo *perseguir* que contém tres elementos morphicos, o prefixo *per*, o radical *segu*, e o suffixo *ir*. O sentido, pois, deste vocabulo será determinado pela raiz *segu* que significa: andar, ir na mesma direcção. O suffixo *ir* denota a acção. O prefixo *per* designa que a acção é continua, longa, perpetua, perfeita. De sorte que *perseguir* designa a acção de andar na mesma direcção, no encalço de outra cousa, continuamente, sem repouso.

Fazendo a applicação pratica desses principios, é preciso não esquecer que nos vocabulos juxtapostos e agglutinados, a palavra principal é, na quasi totalidade dos casos, representada pelo segundo elemento, como se póde verificar nos exemplos apontados.

Frequentemente o sentido novo de um vocabulo é produzido pelo que Darmstetter appellida a *lei de contagio*: um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. E' o que succede com os adjectivos substantivados:

O rico	— (o homem—)	
O justo	— (o homem—)	
O sereno	— (o tempo—)	(1)
A meia	— (a calça—)	
O jornal	— (<i>diurnalis</i> .)	(2)

— A flexão é um dos factores de sentidos novos ou de translação dos vocabulos.

O *numero*, v. gr. em:

a honra	— as honras
o viver	— os viveres
a parte	— as partes

O *genero* tambem modifica o sentido:

(1) *Seranus*. Outra fôrma: *serão*.

(2) Veio directamente do francez.

fôlho	—	fôlha
modo	—	moda
jarro	—	jarra
madeiro	—	madeira
cesto	—	cesta.

Os outros casos de translação que não dependem da constituição morphica do vocabulo não devem ser contemplados neste ponto.

LIÇÃO VII

1. Classificação das palavras.—2. Substantivos e suas espécies. (1)

I

Taxinomia é a parte da grammatica que nos ensina a classificar as palavras.

Classificar as palavras consiste em distribuir por classes ou grupos os vocabulos que têm entre si certos caracteres communs.

Na boa classificação a logica determina que se observe a subordinação dos caracteres: isto é, os caracteres mais importantes são os que devem servir de base á classificação. Por isso é que quasi todas as classificações em grammatica respeitam o mais importante dos caracteres ou attributos dos vocabulos: a idéa.

1. O processo de classificação pôde ser feito tomando por base qualquer attributo dos vocabulos.

Tomando por base a *fôrma* historica dos vocabulos, estes se dividem em *primitivos* e *derivados*.

Primitivos são aquelles que se não originam de outros da mesma lingua: *trovão*, *livro*.

Derivados são os que se formaram dos primitivos: *trovoada*, de *trovão*; *livraria*, de *livro*.

Na pratica não convém levar ao exagero o rigor deste processo. Alguns nomes são ditos derivados, embora tenham vindo do latim directamente, como *annual*, *pedreira* que derivam de *annualis*, *petraria* e não de *anno* e *pedra*.

(1) Antes de tratar do substantivo convém dar algum desenvolvimento á parte preliminar da taxinomia.

2. Tomando por base de classificação a quantidade extensiva, os vocabulos são :

Monosyllabos ; quando têm uma syllaba: *dôr, mar.*

Dissyllabos ; quando têm duas syllabas: *pedra, casa.*

Polysyllabos ; quando têm muitas syllabas: *soccorro, extraordinario.*

Tambem existe a denominação de *trisyllabos* para os que têm tres syllabas.

Este processo de classificação é puramente material e tem poucas applicações, fóra da orthographia e prosodia.

3. Tomando por base as variações que se observam em muitos vocabulos, póde-se classificar-os em dous grandes grupos :

Palavras variaveis ; são aquellas que soffrem diversas variações na terminação, para exprimir o genero, o numero, o tempo, etc. Taes são os substantivos, artigos, adjectivos, pronomes e verbos.

Palavras invariaveis ; são aquellas cuja estrutura jámais apparece modificada. Taes são os adverbios, as preposições, as interjeições e conjuncções.

O caracter de *variabilidade* não é muito fixo. Sabe-se que primitivamente os adverbios e preposições tinham variações de gráo, frequentissimas. Ainda temos varias palavras que representam vestigios curiosos, doados pelo latim. A preposição *pro* tem o comparativo *prior* e o superlativo *primus*. A preposição *in* tem o comparativo *inter*, e o superlativo *imus* ou *intimus*. Assim as expressões vernaculas *em, entre, imo, intimo, primo*, etc., são verdadeiros vestigios de gráo que sobreviveram no latim e nas linguas modernas.

Os proprios adverbios em *mente* podem receber a flexão do adjectivo componente, quando este se torna superlativo: *certamente, cert-issima-menté*, etc.

4. Tomando por base a comparação de vocabulos entre si, podemos classificar-os nos seguintes grupos :

Synonymos : são os que têm mais ou menos a mesma significação: *casa, mansão, lar, domicilio.*

Antonyms; são os que têm significados oppostos: *luz*, *trevas*; *riso*, *lagrimas*.

Homonyms; são os vocabulos semelhantes entre si: *bota*, *calçado*; *bota*, do verbo botar.

Os *homonyms* são chamados *homographs* quando se escrevem com as mesmas letras, como no exemplo acima. São chamados *homophones* quando apenas têm a mesma prosodia ou pronuncia: *cesta* e *sesta*.

Paronyms são palavras pouco differentes entre si: *relevar* e *revelar*; *differir* e *deferir*.

Os *paronyms* são mais frequentes no francez e constituem verdadeira difficuldade para os estrangeiros.

5. Todas as classificações mencionadas são utilizadas frequentemente pelos grammaticos. Mas são imperfeitas por isso que se baseam em caracteres secundarios.

O character ou attributo essencial de qualquer vocabulo é a idéa ou significação. Analysando o lexicon de qualquer lingua, acharemos palavras que indicam seres (*substantivos*) palavras que indicam os factos, as acções (*verbos*), etc.

E' este o processo mais geralmente adoptado na *taxinomia grammatical*.

II

Substantivo é a palavra que indica um ser; ou seja cousa, pessoa ou animal. Ex.: *preguiça*, *Julio*, *avestruz* (1).

Tudo o que existe na natureza ou no entendimento é um substantivo: *flôr*, *glória*.

A noção do *ser* ou *substancia* só pode resultar do conspecto das qualidades, que são representadas pelos *adjectivos*. Assim todo o substantivo representa uma synthese de attributos (*flôr*) ou um mesmo attributo (*brancura*).

(1) A expressão *substantivo* foi tomada dos grammaticos latinos que usavam a denominação *nomen substantivum*.

1. Os substantivos dividem-se em *abstractos* e *concretos*.

Abstractos são os seres que só existem na imaginação, no pensamento do homem : *virtude, sciencia, medo*.

Concretos são os seres que têm existencia supposta fóra do entendimento ; *casa, rua, pedra, céu*.

Seria talvez mais accetivel a classificação, um pouco differente, de *subjectivo* e *objectivo*. Mas estes termos já estão consagrados, com outro sentido, pelos grammaticos.

2. Attendendo á extensão da idéa, veremos que ha substantivos que só se applicam a um individuo, e outros que se applicam a uma classe inteira de individuos.

Nas linguas aryanas só ha o *substantivo proprio*. Em outras linguas ha adjectivos e verbos *próprios*, isto é, que só podem exprimir um acto individual ou uma qualidade de um só individuo. E' o que se dá nas linguas primitivas, no guarany, por exemplo, em que existem designativos que só podem ser usados pelas mulheres ou pelos homens exclusivamente. Este facto comprova a indicação de que o *particular* foi o ponto de partida na evolução e constituição dos grupos taxinomicos ou categorias grammaticaes.

O substantivo proprio é aquelle que designa individualmente uma cousa ou pessoa (ou animal), distinguindo-a de todas as outras da mesma especie : *Antonio, Rossinante, Pariz, Bahia*.

Quanto aos nomes de pessoas, convém distinguir o *prenome* e o *cognome*. O *prenome* é o primeiro nome ou nome da pia: João, Pedro. O *cognome* é o nome de familia : *Souza Azevedo*. Na idade média, era costume juntar ao prenome do individuo o prenome paternal, o que deu origem aos nomes patronymicos: *Rodrigues, dos Rodrigues ; Fernandes, dos Fernandes*. Os patronymicos tornaram-se, pois, verdadeiros cognomes.

No Brazil, no tempo da independencia, muitos patriotas adoptaram cognomes derivados de palavras indigenas : *Utinguassú*,

etc. Mas, na maioria dos casos, permaneceram os cognomes portuguezes. (1)

Os *proprios* escrevem-se com a inicial maiuscula.

O substantivo commun é o que designa qualquer ser de uma especie ou de um genero. E' o substantivo que convém a muitas cousas, pessoas ao animaes : *rio, homem, pastor, cão*.

Tambem se chama APPELLATIVO.

Todos os nomes abstractos são *appellativos* ou *communis*. A razão é que o abstracto nunca representa um individuo determinado, e por isso não pôde ser um nome proprio,

-Collectivos são os substantivos communis que indicam uma collecção ou aggregado de seres ; *laranjal, tropa, assembléa, familia, clero*.

Os collectivos são *determinados* quando exprimem um numero positivo: *milhão, duzia, gloza*. Indeterminados, dizem-se, quando não designam o numero exacto da collecção: *confraria, clero*. Muitas vezes, a *indeterminação* só existe na intenção da phrase. Ex.: *mil vezes*, em vez de *muitas vezes*.

Inversamente, a determinação do numero ás vezes desaparece, como succedeu ao termo *corja* que designava vinte ; *ponche* que designava cinco (ingredientes).

Na classificação de substantivos, alguns fazem distincção entre os que têm existencia real, como *flôr, rosa*; e os *ficícios*, que têm existencia objectiva imaginaria : *mãe-d'agua, lobishomem*, etc.

3. Os substantivos, segundo o grão ou intensidade de significação, dividem-se em :

Augmentativos — são os que exprimem o augmento material ou moral dos seres : *homemzarrão, mulherça*.

(1) Muitas vezes o cognome de um homem celebre torna-se *prenome* para os seus posterios e foi o que succedeu a *Virgilio* (Publio); *Cícero* (Marco Tullio); *Cesar* (Julio); *Pompeu* (Cneo); *Mario* (Caio), cujos cognomes são hoje verdadeiros *prenomes*.

Diminutivos— são os que exprimem a diminuição material ou moral dos seres : *homemzinho*, *bulletim* (bulla) *folhinha*.

Os *augmentativos* exprimem, por ironia, a pequenez moral e a negação da idéa : *valentão*, etc. Esta translação para o opposto sentido chama-se *tendencia pejorativa*.

Para conhecer a influencia das linguas romanicas na formação dos diminutivos, notemos que o suffixo castelhano mais commum é *ito* :

bonito	—	bom
mosquito	—	mosca
periquito	—	peruca

Os suffixos italianos são numerosissimos, e alguns têm influxo no portuguez.

etto	—	<i>libreto</i>	—	livro
		<i>quarteto</i>	—	quarto
		<i>soneto</i>	—	som
etta	—	<i>gazeta</i>	—	gaza (moéda)
		<i>careta</i>	—	cara

O diminutivo francez entre outros tem o suffixo *on*, que se assemelha ao nosso augmentativo :

mignon —

O termo *mignon* corresponde etymologicamente ao vernaculo *meiminho* ou *mindinho*.

—

O uso de formar diminutivos analyticos com o adjectivo *pequeno* (pequena casa=casinha) era mais *extensivo* no antigo portuguez, onde se encontram exemplos como *pequena ora*, (menos de uma hora) analogos aos do francez. (1)

(1) « Em pequena ora venceria os christãos »— Coll. dos Nobres, (Port. Mont. Hist.) apud. Vieira — *Dicc.*

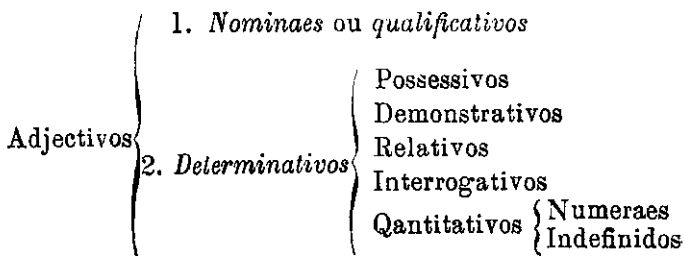
LIÇÃO VIII

Adjectivos e suas especies

Adjectivo é a palavra que serve para qualificar ou determinar os objectos. (1)

Qualificar um objecto é mostrar uma qualidade do objecto ou descrevel-o: homem BELLO. Determinar um objecto é distinguil-o de outro: TEU chapéu; ESTE livro.

Os adjectivos dividem-se, pois, em duas grandes classes: nominaes ou qualificativos e pronominaes ou determinativos.



† Por esse schema se vê que os *indefinidos*, embora não possam ser *determinativos*, exprimem uma determinação negativa: *nenhum, cada, todos*. Os *interrogativos* são determinados mais pela intenção de quem fala e pela inflexão da voz, do que pela natureza do vocabulo.

(1) A denominação latina era *nomen adjectivum*, traducção do grego ἐπιθετον epitheto.

O adjectivo qualificativo (nominal) é o que exprime a qualidade do objecto: *casa assoalhada*.

A função do qualificativo é mostrar *como* são os objectos : *grande, vermelho, prudente, luminoso*. Succede no emtanto que o qualificativo muitas vezes exerce a função determinativa do objecto, distinguindo-o de outros: são Pedro ; a BELLA Helena.
Nestes casos, vem ordinariamente anteposto.

Locuções adjectivas são qualificativos expressos analyticamente por duas ou tres palavras :

Quarto DE DORMIR
Mesa DE MARMORE
Vela DE CÊRA
Navio DE VÉLA
Navio DE VAPOR (1)
Animal DE DOUS PÉS

Estas *locuções* se chamam adjectivas, porque são susceptíveis de serem substituidas por um qualificativo : *mesa marmorea ; animal bipede*. (2)

Determinativos são os que marcam a referencia dos nomes, sem indicar nenhuma qualidade.

Tambem se chamam PRONOMINAES.

Em verdade, os adjectivos determinativos são simultaneamente adjectivos e pronomes. A descriminação de funções é apenas apreciavel no texto da phrase. A distincção consiste em que o *adjectivo* vem junto ao substantivo e o *pronome* vem isoladamente. Assim, nas phrases : « *Que* coisa ? *meu* tio. » ; as partes *que* e *meu* são adjectivos. Na phrase : « o chapéu *que* achastes é *meu* », os termos *que* e *meu* são verdadeiros *pronomes*.

(1) Não vejo a necessidade de naturalizar os gallicismos: navio *à* vela, navio *à* vapor.

(2) Sobre os *graus* dos qualificativos dir-se-á o necessario no lugar competente.

Pelas mesmas razões na phrase : « os soldados são *sete* » a palavra *sete* deveria ser ahí considerada um pronome.

Para evitar semelhantes confusões, é que muitos grammaticos judiciosamente só consideram pronomes, os *pessoaes*.

Possessivos são os que determinam a pessoa grammatical a que pertencem os objectos : *meu, teu, seu, nosso, vosso, seu, delles*.

O pronome *seu* é tanto do singular, como do plural ; os francezes têm *son* e *leur* ; os italianos, *suo* e *loro*, cada um para cada numero. E' provavel que o portuguez archaico possuísse a fórma *lures* que existiu no castelhano antigo.

No portuguez antigo os possessivos não pronominaes tinham as fórmas contrahidas quando antepostas. Ex.: *ma senhor, senhor minha*.

(A palavra *senhor* era commum de dous generos.)

Os adjectivos GENTILICOS são uma especie de *possessivos* e exprimem a nacionalidade das pessoas e cousas : *brazileiro*, do Brazil ; *francez*, de França.

Os nomes *gentilicos* offerecem algumas particularidades dignas de nota. Alguns têm fórmas duplas para pessoas e cousas : *gôdo* (pessoa) *gothico* (cousa) *scilha*, *scithico* ; *inglez* e *anglo* ; *ibero* e *iberico* ou *hespanhol* etc. Os nomes de linguas ora tomam uma ou outra fórma : o *inglez*, o *allemao*, o *arabe* (e não o *arabico*) o *latim* (e não o *latino*) o *romance* (e não o *romano*) o *persa* (e não o *persico*). No emtanto diz-se : o *hebraico*, o *germanico*, o *syriaco*, o *celtico* etc.

No Brazil tambem se notam semelhantes distincções : *Bahiano* (pessoa) *bahiense* (cousa); *Sergipano* (pessoa) *sergipense* (cousa) *Alagoano* (pessoa) *alagoense* (cousa).

Demonstrativos são os que dos objectos determinam o lugar no espaço, no tempo e no discurso ; ESTE, AQUELLE.

E' de notar que o genero neutro foi determinado por uma flexão interna, isto é, por uma mudança de letra na raiz do vocabulo : *isto, aquillo*. O mesmo aconteceu com o indefinido *tudo*, de *todo*.

Relativos são os que se referem a um nome ou prome, que é determinado ou qualificado por uma prepo-

sição : Eu que sou criança ; o homem o qual homem já conheces, etc.

Vê-se, pois, que o *relativo* substitue o nome e ao mesmo tempo faz as vezes de conjuncção, ligando o nome determinado com a proposição determinantê que se segue. Por isso, pôde também ser denominado *adjectivo conjunctivo*.

A palavra ou phrase a que se refere o relativo chama-se *antecedente*.

Nos exemplos citados são antecedentes: *eu* e *o homem*.

Interrogativos são os que exprimem indefinidamente os objectos, como indagando a sua individualidade ou natureza : *quanto ? que ? que homem ?*

Os quantitativos são INDEFINIDOS OU POSITIVOS (numeraes.)

Indefinidos são os que dão aos nomes uma determinação vaga, sem indicar o numero ou a qualidade : *muitos, poucos, diversos, diferentes, varios, alguns, algo, tantos, quantos, quaes, todos, cada, nenhum, uns, outros.*

Qual só é indefinido quando significa algum : « *qual* levantou-se, *qual* ficou deitado. » *Algun* e *nenhum* quando affectam as variações *alguem, ninguém* só se referem a pessoas. *Cada* pôde determinar unidade ou collecção indeterminada.

Os indefinidos *cada, qualquer, algum, pouco, muito* têm sido chamados *partitivos* ou *distributivos*. *Todo* e *nenhum* têm sido denominados *absolutos* ou *universaes*.

Existiu o partitivo *delles*, na antiga lingua, como se vê de um documento do seculo XIV :

« Saem todos juntamente *deles* em mogotes e *deles* em aazes longas e *deles* em aazes de coinha... »

L. de link. do Coll. dos Nobres
(Port. Mon. Hist. I)

O partitivo *delles* ainda apparece no seculo XVI e é usado por Barros :

« Acompanhado de 200 homens de pé, *delles* para levarem o fato dos nossos, e *delles* que serviam de espada. »

Barros—I, IV, 8.

Numeraes são os que indicam o numero, determinando a quantidade exacta : *um, tres, millesimo*.

Dividem-se em *ordinaes* e *cardeaes*.

Cardenes, (1) são os que indicam o numero de uni-dades : 1 *um* ; 2 *dois* ; 25 *vinte e cinco* ; 3412, *tres mil quatrocentos e doze*.

Os numeros na escripta podem ser representados por palavras ou por symbolos, algarismos ou letras ro-manas : cinco ; 5 ; e V.

Pela etymologia dos vocabulos verifica-se que os numeros fundamentaes são os dez primeiros, os restantes são formados por composição destes.

E' o que se vê claramente em *dezoito* (*dez+oito*) e é o que a etymologia descobre em *doze* (*duodecim* de *duo* e *decem*) *quatorze* (*quatuor decim*) *vinte* de (*Vi-ginti*, *vi=bis*), etc.

Ordinaes, são os que exprimem o numero conforme a ordem das cousas ; *primeiro, vigesimo*, etc.

Os ordinaes tambem exprimem a fracção : *centesima, decima oitava parte*.

Em sciencias mathematicas adoptou-se o suffixo *avo* do termo *oitavo*, para designar o divisor de 11 para cima : *quinz'avos*. Conservaram-se dos numeros digitos as denominações usuaes : *meio, terço, quarto, quinto*, etc.

Convém notar que os *cardeaes* algumas vezes, sobretudo nos numeros altos, substituem com bom uso os ordinaes : Luiz *dez-oito*, seculo *dezenove*, pagina *vinte e cinco*, capitulo *vinte e um*.

Entre os ordinaes existem series diversas de derivação :

(1) A palavra *cardeal* de *cardinalis* formada de *cardo*, eixo.

A.—Com o suffixo *eiro* (*arius*) :

Primeiro *Milheiro* (subst.)
Terceiro

B.—Com a fôrma latina pura :

Segundo *Terço* (subs.)
Quarto *Primo* (subs.)
Quinto
Sexto
Setimo etc.

Note-se que o vocabulo *terço* é adjectivo sómente na fôrma feminina ; diz-se a *terça parte*, mas não o *terço lugar* e sim o *terceiro lugar*.

C.—Com o suffixo *esimo* (correspondente ao francez *ième*, do latim *esimus*.)

Vigesimo
Trigesimo
Centesimo

Todas estas fôrmas foram creadas sob o modelo de *decimo* (*decimus*).

D.—Com o suffixo *ão* ou *ã*, do latim *anus*. Os exemplos são raros na lingua actual e persistem em algumas expressões : febre *terça*, febre *quartã*, febres *sesões*, *sesã* (de 3 em 3, de 4 em 4, de 6 em 6 dias).

Não obstante, existem varias fôrmas com a terminação *ena* : *novena*, *trezena*, *vintena*, *centena*, *dezena*, *quarentena*, etc. que são verdadeiros substantivos.

Entre os numeræes convém notar os MULTIPLICATIVOS ; são substantivos que representam o numero de vezes da unidade :

+ simples — 1 vez.
 + duplo — 2 vezes.
 + triplo — 3 vezes.
 + multiplo — muitas vezes. (1)

(1) *Simplex*=*sine plice*, sem dobra ; *duplex*, dobrado em dous, etc.

Algumas vezes os numeraes são substituidos por substantivos collectivos : *par*=2; *duzia*=12; *groza*=12×12.

Os numeraes têm servido de thema a um grupo consideravel de derivados. *Dizmo* deriva de *decimus*, 10, etc.

Em composição, notam-se no portuguez frequentemente nos vocabulos eruditos os numeros gregos : *pente*, *deca*, *myria*, *hecto*, (hecaton) correspondentes a 5, 10, 10.000, 100 e varios outros. Exemplos : *pentagono* (cinco angulos), *hectometro* (cem metros).

Os numeraes italianos subsistem nos termos *duetto*, *duo*, *tercetto*, *quartetto*, *trio*, etc.

O numeral arabe *ar-rub* (a 4ª parte) subsiste na palavra *arroba*. A arroba é a 4ª parte do quintal.

Convém notar, entre os adjectivos : os derivados de verbos (*amante*, *ardente*, *lisongeador*) ; os derivados de substantivos (*braçal*, *trabalhoso*) ; e os derivados de proprios adjectivos (*romanico*, *hellenico*, *eternal*), etc.

LIÇÃO IX

Pronomes e suas especies

Pronome é a palavra que lembra o nome, em relação á sua pessoa grammatical. (1)

A pessoa grammatical consiste na posição que representa uma pessoa ou cousa no dialogo ou no discurso.

Ha tres pessoas grammaticaes :

· A *primeira*, que é a pessoa que fala : *eu, nós*.

· A *segunda*, que é a pessoa a quem se fala : *tu, vós*.

· A *terceira*, que é a pessoa ou cousa de que se fala : *elle, ellas, etc.*

O pronome é um simples determinativo. Quando digo : *livro*, este ser apparece á mente com todos os seus attributos.

O pronome *elle*, porém, póde designar qualquer individuo, independentemente dos attributos.

Os pronomes pessoases conservam os vestigios da declinação que tinham no latim ; d'ahi, as *variações* que têm em todas as pessoas.

Primeira pessoa

S.	Nominativo	— <i>Eu</i>	— no latim	<i>Ego</i>
	Dativo	— <i>Mim, mi</i>	—	<i>mihi</i>
	Accusativo	— <i>me</i>	—	<i>me</i>
	Ablativo	— <i>Com-migo</i>	—	<i>mecum</i>
P.	Nominativo	— <i>Nós</i>	—	<i>nos</i>
	Accusativo	— <i>Nos</i>	—	<i>nos</i>
	Ablativo	— <i>Com-nosco</i>	—	<i>noscum</i>

(1) *Pronome*, vocabulo formado de *pro* e *nomen*, em lugar de nome.

São indispensaveis algumas observações. As *variações* da primeira pessoa só se entendem em relação aos radicaes *me* e *nos*; o radical *eu* não tem accidentes.

A forma antiga do dativo era *mi* e do ablativo *comego*.

Nos ablativos da 1.^a e 2.^a pessoas notaremos a anteposição pleonastica da preposição *com*, nas formas: *comigo*, *comtigo* derivadas de *cum-mecum*, *cum-tecum*.

Segunda pessoa

S.	Nominativo	— <i>Tu</i>	— no latim	<i>tu</i>
	Dativo	— <i>Ti</i>	—	<i>tibi</i>
	Accusativo	— <i>Te</i>	—	<i>te</i>
	Ablativo	— <i>Com-tigo</i>	—	<i>tecum</i>
P.	Nominativo	— <i>Vós</i>	—	<i>vos</i>
	Accusativo	— <i>Vos</i>	—	<i>vos</i>
	Ablativo	— <i>Com-vosco</i>	—	<i>voscum</i>

Nota.—As formas *noscum*, *voscum* são contrahidas de *nobiscum* *vobiscum*. Esta 2.^a pessoa tem dous radicaes *tu* e *vos*, dos quaes se originam as variações, ou vestígios de casos.

Terceira pessoa

S.	Nominativo	— <i>El, elle, ella</i>	—	<i>ille, illa</i>
	Dativo	— <i>Lhe</i>	—	<i>illi</i>
	Accusativo	— <i>Lo, la, o, a,</i>	—	<i>illum, am</i>
P.	Nominativo	— <i>Elles</i>	—	<i>illi</i>
	Dativo	— <i>Lhes (lhe)</i>	—	<i>illis</i>
	Accusativo	— <i>Los, las, os, as</i>	—	<i>illos, as</i>

Nota.—Este pronome só tem um radical no latim, mas produziu tres classes de palavras no portuguez:

1.^a O pronome *elle*, com suas variantss.

2.^a O artigo *o, a*, vestigio do accusativo. Cujas formas antigas foram *lo, la*, que ainda são conservadas por euphonia em alguns casos: *amal-o, fil-o, vol-o, alamar*, etc.

3.^a O artigo *el* que existiu communmente no castelhano e no portuguez antigo é só usado na expressão: *El-Rei* e no vocabulo hespanhol: *el-dorado*.

Notemos ainda que o accusativo (*me, te, vos*) no portuguez exerce a funcção de dativo (deu-me *dedit mihi*, deu a mim) na primeira e na segunda pessoa. Por isso o vulgo estende a mesma analogia á terceira pessoa, dizendo: *vi-lhe* por *vi-o*; este uso é aliaz antigo, já se encontra no seculo XV; mas não deve ser imitado, pois não tem a autorisação dos melhores classicos.

Ha ainda uma fórma da terceira pessoa pronominal denominada *pessoa reflexiva*.

Pessoa reflexiva é a que ocorre no discurso indicando uma relação de identidade com o sujeito.

Esta pessoa é determinada pelos accusativos das duas primeiras, *me, te* e por uma fórma *se*.

As fórmas *me* e *te* já são conhecidas; aqui daremos o paradigma da fórma *se*:

Dativo	—	<i>Si</i>	—	<i>sibi</i>
Accusativo	—	<i>Se</i>	—	<i>se</i>
Ablativo	—	<i>Com-sigo</i>	—	<i>cum-secum</i>

A fórma *se* não tem nominativo e tem sido denominada *particula média*, por isso que exerce a funcção de apassivar os verbos, do que trataremos no lugar opportuno.

Já vimos que muitas palavras, como os determinativos (V. a *Lição precedente*) *indefinitos, possessivos*, podem exercer a funcção de pronomes.

Muitas locuções podem substituir os pronomes:

Quem aqui escreve affirma
= *Eu affirmo*, etc.

Todas as locuções desta especie são denominadas *equivalentes semanticos do pronome*.

Formas antigas.—1.^a O pronome *Eu* teve varias fórmas *ieu, ei, geu*. A fórma *geu* é importante porque explica o composto po-

pular *nangeu* (não eu). *Geu* encontra-se no *Canc.* da Vaticana, n. 224.

Estrayña vida vivo *geu* senhor.

Variações—comego, migo, nosco.

2.^a A variação *te* apparece algumas vezes no portuguez antigo com a fôrma *che, we*; *bem che quero. Mais vale um aveche que dous te darei.* A fôrma *vosque, vosco* precedem *comvosco*.

3.^a As fôrmas *le, li, lhe*, como *se*, uniam-se a outras palavras, como *enlhe, nelhe, selo*. O *se* tem exemplos da fôrma *ge* (*Viterbo*, II, 19).

No dialecto indo-portuguez os pronomes ficam agglutinados á palavra *outro* no plural: *ellesoutro, nosoutro vossoutro* (*Ellesoutro tinha nó—elles estavam nós—Biblia* de Ceyl. *Gen.* II.)

Entre os pronomes archaicos do portuguez convém notar 1. *Ende* (no francez *en*) e *Canc.* da Vat. 1195.

E poys *end'* as novas saber
Tambem poss'eu.

(E tambem posso saber as noticias d'elle).

2. O pronome *Y* (no francez *y*) existiu durante muito seculos, notavelmente com a fôrma *hi*. Confunde-se com o adverbio.

... veño a vos señor
Que me digades que farei eu y

Trovas e Cant. 259.

LIÇÃO X

Verbo e suas especies

Verbo é uma palavra pela qual póde uma acção, um estado ou uma qualidade ser attribuida a um ser. (1)

Este ser é o *sujeito* do verbo. As relações de estado ou acção são naturalmente numerosas e o seu conjuncto constitue a *conjugação*. (2)

Conjugação é o systema de todas as variações do verbo.

As variações dos verbos são mais ou menos uniformes e obedecem a quatro modelos ou *paradigmas*, que terminam em *ar*, *er*, *ir*, *or*, no infinito ; taes são : *amar*, *receber*, *punir*, *pôr*.

A quarta conjugação em *or* é composta do verbo *pôr* e seus derivados : é uma conjugação contracta, da segunda em *er*.

A antiga fórma de *pôr* era *poer*.

Verbos irregulares são os que se affastam dos respectivos modelos de conjugação.

Historicamente, os irregulares são os que conservam a maior regularidade, isto é, conservam pela filiação historica as fórmas latinas de onde se originaram. Assim, o presente *venho* do verbo *vir* é regularissimo se attendermos á origem latina : *venio*.

(1) A expressão do verbo foi tomada do latim, *verbum*.

(2) Convém lembrar, como já foi dito, que o verbo se divide em duas partes: o *radical* que representa a idéa principal e a *destinencia* que é sempre variavel e exprime a idéa accessoria. Em *am-ar*, *receb-er*, as partes *am*, *receb*, são os radicaes ou themas.

Tambem se definem os VERBOS IRREGULARES, verbos em que o radical ou thema varia : *dorm*-ir, *dur*m-o.

Esta definição é pouco aceitavel ; no verbo *vir* o radical é a letra *v*, que existe em todos os tempos, embora o verbo *vir* seja irregular. A irregularidade do verbo de nenhum modo existe nos *radicaes* ou *themas*.

Na conjugação de um verbo notam-se as seguintes circumstancias :

1. O modo.—A acção ou estado podem ser indicados como certos, incertos, suppostos, ou obrigatorios. D'ahi, a idéa de modo e suas divisões. O *modo* é, pois, a qualidade, o *como* da affirmação: *anda! se eu quizesse; querias; quero*.

Os modos são das seguintes especies :

Indicativo : é o que indica a *realidade* da acção ou estado : *amo, não vieste*.

Imperativo : é o que indica uma acção ou estado ordenado ou pedido : *vae, perdoae*.

Subjunctivo : é o que indica incerteza, duvida ou supposição : *Se trabalhasses...*

Condicional : é o modo de indicar a affirmação, dependente de uma condição não realisada : *eu faria, amaria*.

Nas linguas primitivas os *tempos* são mais importantes que os *modos*. Nas linguas modernas os limites dos modos não são bastante definidos, e o *condicional* é uma maneira média e commum ao indicativo e ao subjunctivo.

2. Os tempos.—A acção ou estado realisam-se em diversas épocas. O *tempo* é a variação que indica época da acção ou do estado.

Os tempos são, em rigor, tres :

0 Preterito : indica o momento passado : *amava amou, viesse.*

0 Presente : indica o momento supposto actual ou verdadeiramente actual : *amo.*

0 Futuro : indica o tempo por vir: *cantarei*, quando eu vier.

Todos os *tempos* são *simples* quando constam de um vocabulo: *leio, li*; são porém, *compostos* quando são representados por mais de um vocabulo: *estou lendo, tenho lido, tivesse lido.*

3 Pessoa—é a variação que indica a pessoa grammatical do sujeito : *am-as* (tu) *am-ai* (vós).

4 Numero—é a variação que indica ao mesmo tempo a pessoa, a unidade desta ou a sua pluralidade. *Amá, amaste* (singular) : *amaram, amastes* (plural).

Existe um verbo unico que não tem idéa attributiva, isto é, o attributo vem d'elle sempre separado e este verbo apenas exprime a *copula* ou a *existencia* em absoluto. E' o verbo *substantivo* : *ser.* (1)

Todos os outros verbos são *attributivos*, isto é, incerram uma idéa predicativa do sujeito.

1 Transitivos são aquelles que têm um complemento no qual se emprega *directamente* a acção predi-
cativa ; *amo a virtude.*

(1) Tambem chamado *verbo abstracto*

Intransitivos — são os que exprimem uma predicação por si só completa ou com um complemento indirecto : *durmo* ; *vou a Roma*.

Todos os *transitivos* como os *intransitivos* podem entre si mudar de categoria. Por esta virtualidade immanente a toda a acção, é possível dizer-se : *chorei lagrimas*, ou de um modo absoluto : *escrevo*, isto é, *sei escrever* ; *leio*, *sei ler*.

2. As diversas maneiras de ser do sujeito indicam as vozes do verbo.

- **Voz passiva** — é aquella em que o sujeito soffre a acção : *sou amado*

Voz activa — é aquella em que o sujeito é o agente da acção : *eu amo*.

Voz reflexa — é aquella em que o sujeito exerce a acção, ao mesmo tempo que esta se applica ao sujeito : *eu me enganei*, *tu te voltaste*.

Os verbos que vem, não casualmente, mas sempre, com os dous pronomes, são ditos *pronominaes* : *eu me arrependo* ; *arrepender-se*.

3 Defectivos ou impessoaes — são verbos a que faltam alguns tempos ou pessoas da conjugação : *chove*, *troveja*.

A ommissão de flexões dos defectivos explica-se geralmente pela impossibilidade que tem a 1ª e 2ª pessoas, de receberem certas attribuições. Não se póde dizer : *eu trovejo*, *tu nevas*, a não ser em sentido figurado. Succede tambem que a euphonia rejeita certas fórmas, como : *eu abolo* ou *abulo* do verbo *abolir*.

4. Verbos inchoativos — (frequentativos e reiterativos) exprimem a acção prolongada ou repetida : *florescer esmorescer*, (morrer) *branquejar*, *passoar*, (passar) *agitar* (agir) *saltitar* (saltar) etc.

5. Derivados verbaes. São tres :

O infinito—é um derivado verbal equivalente do substantivo : *amar, viver, rir-se*, etc. Termina em *r*.

O participio — é um derivado verbal equivalente do adjectivo : *amado, lido, amante*, etc. Termina em *do* ou *te*. (1)

O gerundio — é um derivado verbal equivalente ao adverbio : *amando, vivendo*, etc. Termina sempre em *ando, endo, indo* ou *ondo*.

Locução verbal—é o verbo composto de dous elementos : *ter andado, ir andando*, etc. A conjugação respectiva denomina-se CONJUGAÇÃO PERIPHRASTICA.

A impossibilidade de dar-se uma definição sufficiente do *verbo* resulta de que toda a definição é uma locução substantiva, e nenhum substantivo pôde manter a equipolencia com o verbo. De sorte que a definição mais clara seria : Verbo é a palavra que significa *ser, estar, ou fazer* qualquer cousa. (Cf. Flores, *Gram.*)

(1) O *participio* pôde ser do passado *amado* ; do presente *amante*. E alguns ha do futuro, em *ouro* ou *eiro* ; *vindouro, mandadeira*.

LIÇÃO XI

Palavras invariáveis (1)

As palavras invariáveis communmente chamadas *particulas* constituem quatro classes : os adverbios, as preposições, as conjunções e as interjeições.

I

Adverbio é a palavra que exprime uma circumstancia : *hoje* escreverei ; *grandemente* sabio ; *muito* ligeiramente.

† O adverbio modifica o sentido do verbo, do adjectivo e de outro adverbio.

‡ Quando a circumstancia é expressa por um grupo de palavras, este grupo tem o nome de *locução adverbial* :

Amo com ardor.

Existe em algum lugar.

Virá depois de amanhã.

Ha varios generos de adverbios.

De lugar. *Aqui, lá, acolá, emcima, além, onde, etc.*

De tempo. *Hoje, agora, immediatamente, recentemente, antes, tarde, etc.*

(1) O *Ponto* não pôde ter desenvolvimento senão nos limites da *taxinomia*. Por isso, suppõe-se o alumno já preparado nas diversas minucias relativas ás *particulas*.

De modo. Assim, como, bem, mal, e a maioria dos adverbios em *mente*.

De quantidade. Tão, tanto, muito, nada, tudo, completamente, etc.

De modalidade ou de afirmar. São os que exprimem duvida, affirmação ou negação.

De *duvida* : talvez, provavelmente.

De *negação* : não.

De *affirmação* : decididamente, effectivamente, sim.

Os adverbios em *mente* representam sempre vestígios do ablativo latino :

boamente — *bonâ mente*.

Este processo era pouco commum no latim ; tornou-se mais vulgar no latim barbaro e superabundante no francez. No portuguez antigo, os adverbios em *mente* são raros.

II

Preposição é a parte que posta entre dous vocabulos determina a natureza da relação que existe entre elles.

A relação póde ser de :

Posse—Casa de João.

União—Seguiu com o cavalleiro.

Separação—Seguiu sem o cavalleiro.

Tempo—Viveu durante 10 annos.

Causa—Desmoronou com a chuva ; ferido por um raio.

Conveniencia—Estudou conforme a regra ; escreveu segundo a logica.

Opposição—Falou *contra* todos.

Fim—Orae *por* elle.

Lugar—Esteve *no* campo.

• **Locução prepositiva** é o grupo de palavras que exerce a função de proposição : *conforme a, máo grado,* etc. (1)

No latim e em outras linguas existem vestígios de gráo das preposições. São comparativos : *inter* de *in* ; *extra* de *ex* ; *contra* de *cum* ; *præter* de *præ*, etc. São superlativos ; *extremus* (*exterimus*) de *ex* ; *intimus* de *in* ; *primus* de *præ* ; *supremus* (*superimus*) de *super*. Da mesma fórma, em inglez, o positivo *for*, tem o comparativo *fore* e os superlativos *first* e *foremost*. Dos gráos latinos é facil concluir a existencia de alguns vestígios no portuguez.

As preposições *por, de, em, a*, juntas ao artigo affectam as fórmas, *pelo, do, no, ao*, etc. A preposição *a* com o artigo feminino *a*, orthographa-se com o accentto : *á*.

III

+ **Conjunção** é a palavra que serve para indicar as relações entre duas proposições : Vive *mas* sê sabio. Elle é justo e sabio.

+ Muitas vezes uma proposição é elliptica como no ultimo exemplo. Mas a analyse ahi descobre duas proposições : *elle é justo, elle é sabio*.

• Segundo o sentido, dividem-se estas particulas em conjuncções de *subordinação* e conjuncções de *coordenação*.

I. **De coordenação** são as conjuncções que indicam relações entre proposições que têm a mesma função na phrase : Vae *ou* volta ; *nem* sahe, *nem* entra ; quero *porque* tenho direito ; soffre, *logo* está doente.

(1) Das *preposições componentes, pre, ob, ab, per*, etc., trataremos quando nos occuparmos com os elementos de derivação e composição.

As conjunções de coordenação mais notaveis são :

As *copulativas* : e, também.

Disjunctivas : nem, ora... ora, quer.

Adversativas : porém, mas, todavia.

Conclusivas : ora, logo.

2. De subordinação são as conjunções que unem proposições das quaes uma tem função differente, isto é, serve de complemento ou sujeito á outra.

As principaes são : *logo que, pois que, quando, depois, que, antes que, comtanto que, de sorte que, afim de.*

Quasi todas as conjunções de subordinação são verdadeiras *locuções* e contém o elemento *que*.

A conjunção exerce ás vezes a função de preposição. A expressão *sete e oito* equivale a *sete com oito*.

Comquanto a conjunção ligue sempre proposições, estas nem sempre são susceptíveis de resolução por meio da analyse logica. Assim a proposição contracta : *Pariz está entre Bruxellas e Marselha*, não soffre a divisão analytica em duas orações : *Pariz está entre Bruxellas e Pariz está entre Marselha*. Estas locuções só têm valor como phrase composta, são abbreviaturas irresolúveis.

IV

A interjeição é mais uma phrase do que simples vocabulo. É a expressão rapida de uma emoção, de um sentimento : *oh ! old ! psit !*

As interjeições simples e primitivas são verdadeiras exclamações : *ah ! oh ! ui !*

As interjeições compostas ou derivadas de outras palavras são improprias, ou *locuções interjectivas*, apenas utilizadas como meio de exprimir accentuadamente um sentimento exaggerado, uma emoção : *muito bem ! bravo ! caluda ! fóra ! etc.*

A classificação das interjeições é a mesma dos sentimentos que ellas representam : de *dôr*, de *alegria*, de *aversão*, de *approvação*, *surpreza*, etc.

A interjeição não entra na construcção do discurso. E' uma proposição de character elliptico, frequentissima nas linguas primitivas, nas quaes era mais extensa e intensa a expressão sentimental.

Ha certas interjeições que apenas se applicam quando o homem trata com animaes: *bii! sape! skä!* e outras cujos ruidos são irrepresentaveis pela escripta.

NOTA

A preposição é uma palavra relativa que com o seu complemento necessario fórma um advervio ou *locução adverbial*: *com ardor*=ardentemente, etc.

O adverbio é uma fórma synthetica, contendo logicamente a preposição com o complemento: *ardentemente*=com ardor.

LIÇÃO XII

Agrupamentos de palavras por famílias e por associação de idéas.
Synonymos, homonymos e paronymos.

I

Na parte preliminar da *taximonia* (Lição VII), vimos que as palavras se distribuem em classes ou grupos, conforme a idéa que representam.

Os vocabulos também são susceptíveis de serem agrupados em classes ou *famílias*, conforme os seus caracteres de afinidade etymologica.

Família de linguas é o conjuncto de todas as linguas que se originaram de um tronco commum.

As tres mais conhecidas familias de linguas são : a *aryana*, que abrange o sanskritto, o grego, o persa, o latim, o allemão, etc., e a familia *semitica*, na qual se incluem o *hebraico*, o *arabe*, o *chaldaico*, etc.; a *polysynthetica* que abrange provavelmente todas as linguas americanas ou quasi todas.

Família de palavras é o conjuncto de termos que têm uma raiz ou um radical commum.

Ha portanto dous modos de comprehender uma familia de vocabulos. Se se toma por base a *raiz*, cada familia contém um grande numero de palavras : se, porém, se toma por base o *radical* ou *thema*, as familias abrangem um numero de termos relativamente pequeno. (1)

Agrupamento de familias de termos que têm uma *raiz* commum, é além de algumas vezes impossivel, quasi sempre dif-

(1) Vide, Lição VI, a differença entre *raiz*, *radical* e *thema*.

ficil de determinar para os que não conhecem duas ou tres das linguas aryanas. Assim, a exemplo do que fizeram Bailly e M. Bréal para o latim e Stappers para o francez, nos seus dictionarios, basta considerar as palavras que têm apenas o *radical* ou *thema* commum.

Não obstante damos neste lugar dous exemplos, em que se toma por base de agrupamento, a raiz. São as raizes :

✓ <u>PL</u> = correr	✓ <u>MAN</u> = pensar
Fluxo	—mente
Fluir	—lembrar
Affluente	memorar
Chuva	imagem
Fluvial	imaginar
Affluir	mentir
Pluvioso	lembrança
(<i>Pluvia</i> e <i>fluere</i>)	Minerva.

Cada uma destas raizes tem um numero consideravel de derivados no allemão, no grego, no latim, etc., e todos os derivados constituem uma familia.

A analyse revela que, em nossa propria lingua ha muitos vocabulos que constituem familia, i. e., possuem um *thema* commum.

1.º Do thema **Am**, temos os vocabulos :

Am-or
Am-ante
Am-ador
En-Am-orado
Am-avel
Am-isade
Am-igo
Des-Am-ôr
Am-ar
Des-Am-ar
N-Amorar
In-Imigo

2. Do thema **musa**, contam-se entre outros:

Musa
Musaceas
Musica
Musical
Museu

3. Do thema **ver** e **vid**, notam-se:

— ver
— evidente
— previdencia
— providencia
— provido
— visão
— vista.

4. Do thema **vice**, notam-se :

Vice
Vez
Vice-rei
Viso-rei
Visconde
Vigario (*vicarius*)

5. Do thema **anno** e **ennio**, que significam a mesma cousa, temos :

Biennio
Quatriennio
Centennario
Octogenario
Solemne
Perenne
Annual.

Na composição dos termos latinos, a *a* quasi sempre permutava-se em *e*, assim de *arma*, *inermis* = sem armas ; de *barba*, *imberbe* = sem barba, etc.

Por isso a fôrma *anno* transformou-se em *ennio*.

Solemne composto de *solus* e *annus*, significava aquillo que só se devia fazer uma vez no anno ; *perenne*, de *per* e *annus*, significava : o que dura um anno.

A fórma *octogenario* é abbreviada de *octogintenario*.

6. Do thema **cap** ou **cab**, ha uma numerosa familia:

Capitão
Cabeça
Cabeçada
Capitel
Capitulo
Cabido (capitulum)
Capello
Cabo
Cabello
Acabrunhar
Acabar
Chapeu.

Destas palavras algumas offerecem difficuldades de analyse. *Acabar* é um verbo derivado de *cabo*, isto é, o fim, a ponta. *Acabar* quer dizer : fazer o fim, o termo, terminar. *Acabrunhar* é um composto: *caput*+*pronare*, dobrar a cabeça. A palavra *chapeu* veio do francez (*chapeau*) como todas em que o *c* forte tornou-se em *ch* brando, como por exemplo *chaminé* de *cheminée* (*camminata*), *chefe* (de *chef*.)

7. Do thema grego **anthropos** que significa homem, temos a familia:

(sciencia	do homem)	Anthropologia
(inimigo	do — }	Misanthropo +
(amigo	do — }	Philanthropo +
(semelhante ao	— }	Anthropoide +

8. Do thema germanico **ban** que significa divulgar, mostrar, annunciar, temos os vocabulos :

Bando
Bandeira
Banhos
Banal

A palavra *banhos* no sentido de *banhos matrimoniaes* é germanica. *Banho* (lavagem) vem do latim *balneum*. A palavra *banal* é um gallicismo, constantemente usado pelos escriptores contemporaneos.

Os exemplos de familias dos vocabulos citados são sufficientes para dar uma noção perfeita do assumpto.

II

Tomando por base de classificação as idéas associadas, veremos que existem as seguintes classes :

Proprias são as palavras que têm o sentido exacto e são usadas como taes : *boi*, *cão* (animal.)

Translatas—*metonymicas* ou *figuradas*, são aquellas que se empregam em sentido differente do primitivo ou normal : *cão* (de espingarda); *argento* em vez de *mar* ; *Diana* em vez de *lua*.

Synonymos—são os vocabulos que têm mais ou menos o mesmo significado : *adversario*, *inimigo*, *des-affecto*.

Antonymos—são os que têm dous a dous, significados oppostos : *amor* e *odio* ; *força* e *fraqueza*.

Paronymos—são os que têm quasi identica pro-sodia : *prato*, *prata* ; *solho* e *solio* ; *matilha* e *mantilha*.

Homonymos—são os que têm entre si inteira semelhança : *casa* (domicilio) e *casa* do verbo *casar* ; *cesta*, *sexta* e *sêsta*.

Os homonymos dividem-se em *homophonos* e *homographos*. *Homophonos* são os que têm a mesma pronuncia, tendo orthographia qualquer : *cesta* e *sexta*. Inversamente, *Homographos* são os que têm identica orthographia : como *peso* (verbo) e *peso* (gravidade.)

Os synonymos são uma poderosa causa de archaismos. E' natural que havendo muitas palavras para a expressão unica de uma idéa, algumas se tornem inuteis e desusadas com o tempo. Assim, muitas vezes a palavra mais euphonica sobrevive a outras que o são menos. Em alguns casos, como é facil notar, as palavras de pequena extensão desapparecem diante de outras ; como *os* que se archaisou, ao passo que permaneceu *bucca* (bocca) ; *res* desappareceu ao lado de *causa* (cousa), etc.

Quando se formaram na lingua nos seculos XV e XVI os neologismos alatinados *seculo*, *ocasião*, *rosario*, desappareceram por inuteis as velhas fórmulas vernaculas *segre*, *cajon*, *rosairo*, etc. As fórmulas que persistiram, tambem conservaram uma differença de sentido : *rezar* e *recitar*, de *recitare*.

Os homonymos podem em certos casos ser factores de archaismos ; mas esta asserção está longe de ser provada. Parece, muito ao contrario, que entre os termos *sella* e *cella* só existe porventura confusão para o ouvido dos grammaticos. Os dous vocabulos têm vida independente e jámais na linguagem vulgar occorrem simultaneos com frequencia tal que autorise a pretensa confusão. Assim, a semelhança ou identidade phonetica só em rarissimos casos poderia ser uma causa de archaismo ou de esquecimento de vocabulos.

LIÇÃO XIII

Flexão dos nomes : genero, numero e caso.—Noções de declinação latina.—Do apparecimento do neutro latino no portuguez.—Vestigios do neutro em portuguez.—Vestigios da declinação em portuguez.—Origem do *s* do plural.

I

Flexão, é a propriedade que têm os vocabulos de exprimir variações de sentido, por uma modificação da terminação : *Deus, deus-es ; louc-o, louc-a*.

Nestes exemplos os vocabulos *Deus* e *louco* variaram de sentido, variando a *desinencia*. Todas as palavras variaveis são, pois, palavras de *flexão*. (1)

No latim, as palavras exprimiam as relações de posse (*genitivo*), de attribuição (*dativo*), de origem (*ablativo*), etc., por meio de casos, cujo conjuncto ou systema se chama *declinação*. As cinco declinações existentes no latim são reductiveis a uma unica que foi a primitiva.

Este facto comprova-se pelos accusativos em *m* communs a todas : *horam, servum, arborem, currum, rem*. E pelo ablativo em *ibus* da 3^a, 4^a e 5^a, que não differe do ablativo em *is* das duas primeiras ; *is* (de *horis, servis*) é uma fórma contracta de *ibus*, o que ainda se nota em alguns vestigios de nomes da 1^a e 2^a declinação, como *Equa* e *Di* que fazem no ablativo plural *equabus, divibus*, etc. (2)

(1) Sobre a significação de *desinencia*, terminação, vide a Lição VI.

(2) O alumno não póde fazer exame de portuguez sem ter noções elementares do latim ; especialmente das flexões nominaes e verbaes.

Além das *flexões* de casos, possuía o latim, como o portuguez, *flexões* que indicavam o genero e o numero.

A noção de *generos* derivou-se naturalmente da noção dos sexos. Mas, com o tempo, esta distincção se obliterou, de sorte que os *generos* nos seres inanimados nada mais indicam e apenas dão, como diz Egger, elegancia ao estylo. No grego, por exemplo, ha nomes de mulheres que são do genero neutro. Em portuguez, como depois veremos, os *generos* variam com os tempos, e com a evolução da lingua. A lingua ingleza é a unica que faz uma distribuição *systematica* dos generos : todos inanimados são neutros, os mais seres têm o genero correspondente ao sexo.

A flexão de genero, indica o sexo dos animaes, dos entes suppostos animados e por extensão, figuradamente dá um sexo a cousas e seres inanimados : o *cavallo*, o *Pegaso*, o *vicio*.

A flexão de numero, indica a pluralidade ou unidade (*singularidade*) dos seres : a *casa*, as *casas*.

Em portuguez existem dous generos, o *masculino* e o *feminino*; e existem dous numeros, o *singular* e o *plural*.

1. Numeros

Os *numeros* do latim, singular e plural, foram conservados no portuguez em todas as categorias que os tinham no latim, isto é, nos substantivos, adjectivos, pronomes e verbos.

O signal distinctivo do plural portuguez é o *s*. Por isso a palavra *ourives* (de *aurificem*) rejeita por euphonia a flexão do plural.

Ha, não obstante, o exemplo do plural *ouriveses*, e *simplices* por *simples*. Os termos *alferes*, *cães* tambem por euphonia rejeitam o plural e aliaz não são de origem latina.

A lingua grega tinha, além dos dous numeros, um terceiro, o *dual*. O latim possui os vestigios *ambo* e *duo* que passaram ao portuguez na forma *ambos*, *dous* e ás formas *nós*, *vós* que etymologicamente representam o dual.

2. Genero

Os generos, em latim, eram tres : o masculino, o neutro, o feminino.

Os generos masculino e feminino foram conservados na lingua vernacula ; o genero neutro desapareceu.

O desaparecimento do genero neutro nas linguas modernas explica-se pela decadencia do latim barbarisado pelos godos e pelo character negativo e distribuição irracional desse genero.

Ha todavia alguns casos em que o portuguez conservou a *flexão* neutra do latim.

As palavras *fas* e *nefas* são neutras, indeclinaveis e pertencem á lingua.

A palavra *al*, usada em expressão como « não digas *al* », é um vestigio do neutro latino *aliud*, adjectivo *alius*.

A palavra *ello*, é um archaismo, e é um vestigio do neutro *illud*.

Incidentemente, o neutro se manifesta no portuguez, já não pela flexão da desinencia, mas pela flexão interna do radical, como nas linguas semiticas : isso, esso (do neutro *ipsum*) ; isto, esto (do neutro *istud*) ; aquillo (do neutro *hoc+illud*) e tudo (do neutro *totum*).

Além destes factos, ha neologismos litterarios tirados directamente do neutro latino. Taes são *memorandum*, *ultimatum*, *Corpus-Christi*, *mare-magnum*, etc.

Ha outra classe de neutros que entraram na lingua portugueza depois de passarem á 1ª declinação latina, com a flexão em *a* do plural neutro. Taes são :

<i>Folium</i>	—	plural	<i>folia</i>	—	folha
<i>Erratum</i>	—	»	<i>errata</i>	—	errata
<i>Armum</i>	—	»	<i>arma</i>	—	arma
<i>Velum</i>	—	»	<i>vela</i>	—	vela

3. Declinação

A declinação latina desapareceu nas linguas romanas, por effeito da tendencia analytica, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições.

As palavras, em geral, corrompem-se mais profundamente pela terminação. Por isso é que se perderam os casos em linguas tão corrompida como devia ser o latim falado pelos estrangeiros barbaros. Nos documentos medievos encontram-se exemplos: *venit per illo rivo...* veio por aquelle rio; *vadit ad illo rivo ou ad illum rivo*, vae para aquelle rio.

Na degeneração do latim, a 4ª declinação em *us* confundiu-se com a segunda, *fructus, us* ou *cli*. A 5ª confundiu-se com a 1ª *materies, luxuries* e *materia luxuria*.

Não são raros, porém, os vestigios que ficaram dos casos latinos; citamos os exemplos mais característicos:

Nominativo. O *nominativo* latino deixou vestigios incontestaveis, especialmente nos nomes proprios: *Dido, Apollo, Juno, Cicero, Cupido, Carthago, Deus, Venus, Nero, Jupiter...*

No francez, frequentemente a origem attesta o accusativo *Appollon, Didon, Ciceron, Junon*, etc. As formas obliquas tam-bem incidentemente apparecem em nossos classicos: *Cicerô* por *Cicero*.

Muitos nomes proprios vieram do accusativo, como *Mars* (*Mars, tis*) *Scipião* (*Scipio, onis*.)

Ha alguns nomes que se sabe vieram do nominativo pela accentuação que conservam:

<i>Sór</i>	—	de <i>sóror</i> , <i>oris</i>
<i>Sastre</i>	—	de <i>sástor</i> , <i>oris</i>
<i>Tredice</i>	—	de <i>traditio</i> , <i>onis</i>
<i>Serpe</i>	—	de <i>sérpens</i> , <i>entis</i>

Genitivo. O genitivo deixou alguns artigos e composição, em termos de formação latina, quasi todos formados naquella lingua:

jus — *jurisconsulto* — *juris-consultus*
jurisprudencia — *juris-prudentia*
navis — *naufragio* — *naufragium*

Naufragium, *navis-fragium*, quebramento da nau. *Xofrango* deriva de *ossifraga*—que quebra osso. *Auspicio* deriva de *auspicium*=*avis-spectio*, a observação, o agouro da ave, etc.

Accusativo. Foi o caso de onde communmente se originaram os nomes. Leão (*leonem*) leões (*leones*); arvore (*arborem*); peito (*pectus*) lado (*latus*).

O imparisyllabismo da 3ª declinação dos nomes neutros como *corpus*, *pectus*, prova que foi o accusativo e não o ablativo que nos deu a etymologia dos nomes vernaculos: *corpo* e não *corpre*.

Dous a dous, é util comparar os derivados simultaneos do nominativo e do accusativo, como *serpe* e *serpente*; *honra* e *honor*; *saibo* (sapor) e *sabôr* (sapórem).

Estes nomes constituem fórmulas divergentes de que nos occuparemos opportunamente.

Ablativo. O ablativo deixou frequentes e numerosos vestigios, sobretudo em fórmulas adverbias:

agora — *hâc horâ*
logo — *loco* (in loco)
como — *quomodo*
car — *quare* (quâ-re) (1)

E em todos os adverbios em *mente*: *Boamente* (*bonâ+mente*—com boa intenção) *certamente* (*certâ+mente*) etc.

Ha a opinião de que os nomes portuguezes vêm do ablativo latino. Esta opinião é insustentavel, porque não é admissivel que os pluraes portuguezes venham do ablativo em *is* ou *ibus*. Em

(1) A expressão *car*=porque, é um archaismo.

segundo lugar, o ablativo não explica a derivação dos imparissyllabos neutros da terceira: *peilo, lado*, que de certo não podem vir de *pectore* e *latere* e sim dos accusativos *pectus* e *latus*, etc.; se viessem do ablativo teriam necessariamente de conter vestígios do incremento (*corpore, latere, peitire*), e é o que succede aos que não são neutros: lebre de *leporem*.

Dativo. O dativo só deixou vestígios em alguns casos muito raros. Os pronomes *mim, ti, si, lhe*, derivam dos dativos *mihi, tibi, sibi, illi*.

Em alguns compostos, nota-se a presença do dativo.

devoto — *deo-votus* — dado a Deus.

4. O *s* do plural

Como no francez e no hespanhol, o *s* final tornou-se o expoente do plural do portuguez :

Casa — *casa-s* ; *homein* — *homen-s*

Este facto explica-se pela theoria que faz derivar os nomes portuguezes do accusativo na sua maioria. Dada a tendencia do maior numero, a analogia generalizou a regra, fazendo pospor o *s* aos nomes que devem exprimir o plural.

Vindo os nomes do accusativo latino, o mais ligeiro exame revela que este caso no plural sempre contém o *s* em todas as declinações :

- 1ª *Horas* — horas
 - 2ª *Servos* — servos
 - 3ª *Arbores* — arvores
 - 4ª *Tribus* — tribus
 - 5ª *Species* — especies
-

FLEXÕES

I. — Genero

Em geral, os generos latinos foram conservados nos vocabulos portuguezes, quer os masculinos, quer os femininos. Os neutros tornaram-se *masculinos* (tempo de *tempus*; mar de *mare*) ou passaram muito poucos pela fórma do plural em *a* a ser femininos como *alimaria* (animalia), etc.

No emtanto, convém notar as seguintes divergencias :

1. Os femininos latinos em *e* tirados do grego, tornaram-se em grande parte masculinos : *aloes*, *epítome*. *Catastrophe*, é masculino em Vieira.

2. Os nomes em *or* masculinos em latim, tornaram-se, muitos, femininos em portuguez : *côr* (color), *dôr*, etc.

Arvore, no antigo portuguez, era masculino : *o arvore* (hesp. *arbol*, masc.)

3. Muitos dos nomes gregos em *os* que eram femininos no latim, tornaram-se masculinos : antidoto (*antidotus*), atomo (*atomus*), dialecto (*dialectos*, *i*), diametro (*diametros*, *i*), diphthongo (*diphthongus*), ermo (*eremus*, *i*), papel (*papyrus*), topazio (*topazius*) e todos os nomes gregos do suffixo *odos* : *periodo*, *synodo*, etc.

4. Os masculinos *erisypelas*, *paries*, *flos*, *lepus*, *fons*, *ordo*, tornaram-se no portuguez femininos : *erisypela*, *flôr*, *lebre*, *fonte*, *parede*, *ordem*.

5. Os femininos *dos*, *palus*, tornaram-se masculinos : *dote*, *paul*.

6. Os neutros que se tornaram femininos na fórma do plural foram da segunda declinação : lenha (*ligna*), folha (*folia*), vela (*vela*), arma (*arma*), fila (*fila*), joia (*gaudia*), testemunha (*testimonia*) ; ou da terceira declinação, temporas (*tempora*), penhora (*pignora*), obra (*opera*). Alguns femininos derivam de fórmas neutras dos adjectivos : novas (*nova*), maravilha (*marabiblia*), batalha (*batualia*, latim barbaro).

II. — Flexões de genero

Ha algumas terminações que são caracteristicas do *feminino* :

— *filha*, *casa*, etc. Esta terminação é a da 1ª declinação latina, propria dos femininos.

ISSA — A fôrma *issa* do grego passou ao latim, e na lingua portugueza affecta as fôrmas : *iza* (sacerdotiza), *essa* (condessa), *eza* (baroneza, princeza), etc.

ORA e IZ : — A fôrma *triz* (imperatriz, cantatriz), etc., é erudita. A popular é a formação analogica segundo a regra, em *a* : *cantora*, *oradora*, etc.

São dignos de nota, os vocabulos que soffrem encurtamento ou distensão de fôrma nas duas flexões

Ladrão — ladra.
Rapaz — rapariga.
Mu — mula.
Cabrão — cabra.
Cão — cadella.

Estes nomes têm differenças explicaveis. Assim as fôrmas, *cabro*, *ladro*, que correspondem aos femininos *cabra*, *ladra*, são archaicos : a fôrma *raparigo* existiu provavelmente, e ainda hoje existe no gallego. *Mu* ou *muu* é a contracção de *mulo*. *Cadella* (*catella*), é etymologicamente o diminutivo de *gato* (*catus*).

A formação do feminino é muitas vezes moldada sobre um diminutivo : *gallo* e *gallinha*; *rei* e *rainha*; *czar* e *czarina*. Assim em regra ha a tendencia de uniformar os masculinos com os augmentativos (*cabro*, *cabrão*), e a tendencia de uniformar os femininos com os diminutivos (*catella* de *catus*).

Dentro dos periodos historicos da lingua notam-se variações de genero, em grande numero de exemplos. A analogia tornou femininos no periodo antigo e ainda no classico : *a planeta*, *apressada* (Camões), *a clíma* humida (Barros), *a fim* (ainda existe na expressão *alafim*) *a paradoxo*, *a cometa*, etc.

Encontram-se exemplos de *o linhagem* (masc.) e ainda hoje se diz arbitrariamente : *o* ou *a personagem*. A palavra *arvore* teve o genero masculino, e entre outros exemplos citamos o de Fernam Lopes :

Como a raposa ao pé *do* arvore.
Chr. 74.

O adjectivo *commum* era dos dous generos no singular, como hoje : voz *commum*, lingua *commum*.

No emtanto tinha os dous generos no plural : cousas *commuas* aos homens (Barros, II, III, 3 e ainda em II, V, 9), etc.

Os adjectivos em *ez* eram dos dous generos no singular : uma mulher *portuguez*, gente *francez*, etc. O mesmo ainda hoje se nota nos adjectivos *cortez* e *montez* que são dos dous generos. O

facto de invariabilidade generica fica ainda demonstrado pela formação dos adverbios em *mente*, construidos com o feminino: *portuguezmente* e não *portuguezamente*.

Tambem na lingua antiga careciam de fórma feminina grande numero de nomes em or: *a auctor*, *nossa defensor*, *minha senhor*, etc.

III.—Numero

O facto mais importante relativo ao numero é o plural logico expresso pela flexão *a*. Os pluraes logicos notam-se nos collectivos, que sob a fórma de singular, encerram a idéa de pluralidade: *exercito* em relação a soldado; *povo* em relação a *indivíduo*. Ha alguns collectivos que se formam do feminino dos nomes: *modo*, collect. *moda*: *lenho*, collect. *lenha*, etc. Evidentemente o significado de collectividade ou a pluralidade logica derivou do plural morphico dos neutros latinos em *a*;

modum — o modo

moda — a moda (isto é, os modos)

Dahi, a analogia uniformou os outros nomes como *fructus*, que não são neutros.

Ha muitos nomes que só se usam no plural: *confins*, *algemas*, *arredores*, *annaes*, *arras*, *calendas*, *nonas*, *idos*, *temporas*, *ephemerides*, *anaguas*, *expensas*, *exequias*, *hemorrhoidas*, *matinas*, *manes*, *nupcias*, *pandectas*, *pareas*, *trevas*, *penates*, *veras*, *viveres*, *alviçaras*, etc.

Ha alguns destes que sendo do plural têm algumas vezes sido usados no singular: *preces*, *trevas*, *aborigenes*, *calças*, *ceroulas*, *zelos*, etc.

Ha outros que variam de sentido com o numero: *lar* e *lares*, *honra* e *honras*, *côrte* e *côrtes*, *letra* e *letras*, *bem* e *bens*, *parte* e *partes*, etc.

IV.—Flexões de numero

As excepções que se notam na formação do plural dos nomes são, no sentido historico, apenas apparentes como se póde verificar pela analyse dos factos.

1. Os nomes que acabam por *m* mudam o *m* em *n* antes de receber a flexão: *homem, homens*. Este *m* é um puro signal orthographico analogo ao *n* quando ocorre no fim das syllabas. O *m* que se nota no accusativo singular *hominem*, desaparece no plural *homines*.

2. Os nomes acabados em *r* e *z* formam o plural em *es*: *mar, mares*; *feliz, felizes*. A intercalação do *e*, é euphonica e as vezes etymologica (*felices*); a lingua, por indole, rejeita ás terminações *rs, zs*; *mars, felizs*. A presença do *z* e ainda do *x* não tolera o accrescimento de mais uma sibilante *s*. Os pluraes *mezs, calixs*, por *mezes, calices*, seriam antieuphonicos. Além disto os pluraes latinos contém os *es*: *menses, calices*.

3. Os nomes em *al, ol, ul*, mudam as terminações em *aes, oes, ues*: *sal, saes, anzol, anzoas, paul, paues*. Estes pluraes resultam da syncope do *l*, da consoante média entre vogaes, como se nota em *paço* (*pa-l-atium*). Os pluraes de *moral, sol, paul* seriam *morales, soles, pauls* e pela syncope do *l*, *moraes, sóes, paues*. Da primeira fôrma ainda existem os exemplos: *males* de mal; *consules* de consul.

Com os nomes em *el* ha a particularidade da intercalação de um *i*: *papel, papeis*. Seria antieuphonica a concorrência de dous *ee*: *papees*.

Com os nomes em *il* convém notar os casos de oxytonos e barytonos. Os oxytonos perdem o *l*: *arrabil, arrabis*; *funil, funis*. E' o caso já apontado da syncope: *funiles, funies, funis*.

Os barytonos mudam o *il* em *eis*: *docil, doceis*. (dociles).

4. Os nomes em *ão* têm tres pluraes diferentes; conforme as classes: *ãos, irmão, irmãos*; *ões, acção, acções*; e *ães, escrivão, escrivões*.

Actualmente por motivo de confusões e falsas analogias, é difficil determinar as classes que correspondem a cada flexão.

Notemos, porém, o seguinte:

a) Os nomes que derivam da terceira declinação latina têm o plural em *ões*: *acção, acções*, (*actiones*), etc.

b) Os nomes que derivam da segunda declinação podem ter o plural em *ãos* ou em *ães*: *irmão, irmãos* (germanos); *escrivão, escrivões* (scribanos).

Podendo-se conferir com as fôrmas castelhanas notaremos, que os castelhanos terminados em *anes* (*capitânes*) têm no portuguez o plural *ães*: *capitães*.

Têm sempre o plural em *ãos* os barytonos ou graves: *accórdão, accordãos, órgão, orgãos*.

LIÇÃO XIV

Flexão dos nomes : grãos do substantivo e do adjectivo : comparativos e superlativos *syntheticos*.—Comparativos e superlativos *analyticos*.

Os substantivos *communis* ou *appellativos* e os adjectivos *qualificativos* são susceptíveis de grão.

Grão é a maior ou menor intensidade que se póde dar á significação de uma palavra.

De um modo geral, todas as palavras são susceptíveis de grão, desde que não exprimem uma terminação como os nomes proprios, os pronomes, etc. Os verbos *inchoativos* são phenomenos de grão ; basta analysar a formação de *florescer*, de *florir* ; *esmorecer* de *morrer*, etc. O *grão* póde ser expresso com as variações de tons da voz ou com o auxilio da gesticulação.

Os substantivos têm dous grãos : o *augmentativo* e o *diminutivo*.

O estado normal do vocabulo chama-se *grão positivo* : *casa, sala, homem*.

O *grão augmentativo* fórma-se com a junção de varios suffixos: *ão, anha, az, azio*, etc.

portão	—	de porta	
montanha	—	» monte	
campanha	—	» campo	(1)
mulheraça	—	» mulher	
copazio	—	» copo etc.	

(1) O suffixo *anha* (*agne*) é mais proprio do francez, mas existe tambem no latim barbaro.

Ha alguns *augmentativos* que se formam irregularmente, como *homen-zarrão*, *casa-rão*, etc.

Alguns autores incluem entre os *augmentativos*, vocabulos, que, sem ter intensidade, têm maior extensão de idéa. Taes são *pedraria* de *pedra* etc.

O gráo diminutivo exprime a diminuição da idéa, na qualidade e na quantidade: *chuvassinha*, *homenzinho*.

Fórma-se ordinariamente com os suffixos *inho*, *eto*, *ote*, *ulo*, *ino*, *éo*, *ilo*.

Bichinho	—	bicho
Livreto	—	livro (<i>ital</i>)
Camarote	—	camara
Animalculo	—	animal
Pequenino	—	pequeno
Ilhéu	—	ilha
Mosquito	—	mosca

Quer os *augmentativos* quer os *diminutivos*, são *syntheticos* quando expressos por um só vocabulo: *homenzinho*.

São *analyticos* quando expressos por mais de um vocabulo: *homem pequeno*.

Succede frequentemente que os *augmentativos* e *diminutivos* são, por ironia, tomados em máo sentido; neste caso chamam-se *pejorativos*. Exemplo: *sabichão*, *homunculo*, *valentão*.

— Ha muitos nomes, em portuguez, que representam vestígios de *diminutivos* latinos, sem comtudo despertarem actualmente a idéa de diminuição:

ovelha	—	<i>ovicula</i>	—	<i>ovis</i>
abelha	—	<i>apicula</i>	—	<i>apex</i>
gaiola	—	<i>caveola</i>	—	<i>cavea</i>
rolha	—	<i>rotula</i>	—	<i>rota</i>
donzella	—	<i>dominicela</i>	—	<i>domina</i>
janella	—	<i>januella</i>	—	<i>janua</i>

Sobre os *grãos* dos nomes convém fazer as seguintes reflexões:

I. Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz* o feminino é o diminutivo *rapariga* (1); o positivo *gallo* tem para feminino um diminutivo *gallinha*, etc.

II. O genero do augmentativo dos femininos póde ser masculino: um *mulherão*, um *carão*; o mesmo póde succeder aos diminutivos: um *espadim*, um *flautim*, de *espada* e *flauta*.

III. Os diminutivos de nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias phases da vida animal: *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vacca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *sendeiro*, *cavallo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *cachorro* diminutivo de animaes quadrupedes, etc.

IV. Os diminutivos de nomes proprios ou *hypocoristicos* constituem uma classe arbitraria de analyse difficil: *zezé*, *juca*, *zé* (de José), *helé* (Clemente), *Marocas* (Maria), *Chico* (Francisco), etc.

Os adjectivos, além do caso normal ou positivo, têm dous grãos; o comparativo e o superlativo.

Os comparativos e superlativos marcados por uma flexão ou em uma palavra, chamam-se *syntheticos* e representam o typo latino. Os que são formados, por uma locução, são *analyticos*.

Os comparativos e superlativos *syntheticos* irregulares são os seguintes:

Bom (<i>bonus</i>)	— Melhor (<i>melior</i>)	— Optimo (<i>optimus</i>)
Mão (<i>malus</i>)	— Peior (<i>peior</i>)	— Pessimo (<i>pessimus</i>)
Grande (<i>grandis</i>)	— Maior (<i>major</i>)	— Maximo (<i>maximus</i>)
Pequeno (2)	— Menor (<i>minor</i>)	— Minimo (<i>minimus</i>)

Estes comparativos e superlativos são irregulares, apresentam raras flexões e têm radicaes differentes, como succede aos tres grãos do primeiro: *bom*, *melhor*, *optimo*.

E' preciso notar que o uso classico proscreeve certas resoluções desses comparativos *syntheticos*. As resoluções *analyticas*: *mais grande*, *mais bom*, que não são de uso. Póde-se, comtudo, dizer: *mai pequeno*, *mais mau*.

(1) O masculino *raparigo* existe no gallego, segundo notou o Sr. A. Pimentel.

(2) *Pequeno* é um diminutivo de *pêco*, do latim *paucus*.

Os comparativos latinos formam-se com a flexão *or*; de *justus, justior*. Em portuguez existem alguns vestígios de taes comparativos, e são :

Maior	}	— de <i>major</i>
Major		
Prior	—	» <i>prior</i>
Senhor	—	» <i>senior (senis)</i> etc.

Outro processo aryano de comparativo existia no latim archaico com a terminação *ter*, como se observa nas particulas *extra, inter* de *ex, in*.

Os substantivos, desde o latim, podiam ter o superlativo em *issimo*: *oculissimus* de *oculus*; *dominissimus* de *dominus*. D'ahi a fórma *abismo* (*abissimus* de *abyssus*) e o pronome: mesmo *melipsimus*.

Os hebreus davam aos nomes superlativos analyticos por duplicação como se nota no estylo biblico: *rei dos reis, crime dos crimes, cantico dos canticos*, etc.

O *superlativo*, que exprime o gráo *summo*, apparece como no latim com as flexões: *issimo, limo, emo*:

Justissimo	— de justo
Facilimo	— » facil
Supremo	— » superior.

Entre os superlativos, dos terminados em *il* no positivo alguns têm o superlativo em *illimo*. O caso mais geral é seguido: *utilissimo, humildissimo, fragilissimo*.

O superlativo *summo* é uma fórma contracta de *supremo* e já existia no latim.

Os *superlativos irregulares* são os que se filiam ao typo latino:

- Frigidissimo — de frio, *frigidus*.
- Ultimo — do comp. — ulterior.
- Christianissimo — de christão, *christianus*.

Em alguns irregulares apenas ha differença de orthographia. *Riquissimo* de *rico*. Neste caso a irregularidade origina-se da necessidade de representar por *qu* o som de *c* forte.

Os superlativos *syntheticos* em *issimo* não existiam no antigo portuguez, a não ser em um ou outro termo consagrado v. gr.: *Santissimo*. A sua apparição completa data da renascença litteraria portugueza, do século XV em diante, quando floresceram os quinhentistas e os grandes escriptores.

Os *comparativos* e *superlativos* são *analyticos* quando são representados por mais de um vocabulo.

O *comparativo analytico* fórma-se com a anteposição das palavras *mais*, *menos* e *tão*.

<i>Mais</i>	bello
<i>Menos</i>	bello
<i>Tão</i>	bello

O comparativo formado com o adverbio *mais* diz-se de *superioridade*; diz-se de *inferioridade*, quando formado pelo adverbio *menos*; e finalmente é chamado de *egualdade*, quando é formado com o adverbio *tão*.

O *superlativo analytico* é formado geralmente pela anteposição ao vocabulo dos adverbios *muito*, *nada*, *de todo*, *grandemente*, etc.

<i>muito</i>	sabio
<i>nada</i>	sabio
<i>grandemente</i>	sabio

Os *superlativos* deste genero são chamados *absolutos*. Quando são formados do comparativo precedido do artigo definito, chamam-se *relativos*:

<i>O mais</i>	bello
<i>O menos</i>	bello

Os escriptores classicos e entra todos Camões, contribuíram exageradamente para generalisar os superlativos em *issimo*, ainda quando a fôrma regular fosse em *errimo*, etc.

«Rochedo *asperissimo*» disse Camões; e Ferreira frequentemente emprega a fôrma *bonissimo* por *optimo*.

Diversas causas oppõem-se á formação de superlativos. A *euphonia* que rejeita os superlativos em *issimo* dos exdruxulos *temerario*, *momentaneo*, *aligero*, e modifica o radical de alguns, de *benevolo*, *benevolentissimo* (benevolente), etc. A euphonia ainda rejeita a desinencia *issimo* nos nomes em *io*: *tardio*, *sombrio*, etc. Entretanto ha os exemplos: *piissimo*, *friissimo*.

A significação de certos vocabulos tambem se oppõe ao augmento expresso pelo superlativos: *primeiro*, *terceiro*, *immortal*, *infernal*, *marilimo*, *terrestre*, *burlesco*, *logico*, *repentino*, etc.

Os superlativos, ainda os que vieram do latim já formados, não admittem o reforço do gráo analytico. E' erro dizer-se: *muito bellissimo*, *mais superior*, *mais extremo*, etc. No emtanto diz-se: *mais* ou *muito intimo*, *muito proximo*; notando-se ainda que as fôrmas alludidas são susceptiveis de gráo emphatico em *issimo* em alguns casos: *superiorissimo*, *extremissimo*, *mesmissimo* (mesmo=*mel-ipsissimus*), etc.

LIÇÃO XV

Flexão dos nomes.— Flexão dos pronomes.— Declinação dos pronomes pessoaes

Os pronomes têm tres especies de flexão: o genero, o numero e o caso ou declinação. (1)

1. O Genero

Os *pronomes* e *determinativos* têm a flexão generica dos nomes. A característica do feminino é a letra *a*, que representa a desinencia dos substantivos da primeira declinação latina :

todo	—	toda	(<i>totus</i>)
algum	—	alguma	(<i>aliq'unus</i>)
este	—	esta	(<i>iste</i>)

Alguns são invariaveis como : *que* e *qual* que não têm genero etc. Alguns formam irregularmente o feminino como *meu* que tem a fôrma feminina *minha* (antigamente *mia*) por influencia da nasal inicial *m*.

Nesta classe, existem vestigios do neutro, a que já alludimos :

<i>isto</i>	—	<i>istud</i>
<i>isso</i>	—	<i>ipsum</i>
<i>tudo</i>	—	<i>totum</i>

(1) Pessoalmente opino que os *determinativos* não devem ser considerados *pronomes*. Mas occupo-me delles neste lugar por não ser bastante explicito o programma.

Os nomes de numero não têm género ; excepto *um* e *dois* que têm os femininos : *uma*, *duas* ; e também os compostos de *cento* : *tresentas*, *quinhentas* etc.

2. Numero

Os *pronomes determinativos* têm o mesmo expoente s dos nomes para indicar o plural :

uns — *qualquer* — *quaes* — *quer*
 nenhuns — *alguns* — *meus* — *todos*.

São invariaveis : *que*, *quem*, *alguem*, *ninguem*, *tudo*, *isto*, e os numeraes que representam, por si sós, a pluralidade : *dous*, *vinte* etc.

Quando os numeraes são substantivos, representam uma unidade composta ou collecção, e são susceptíveis de plural : *cento* e *centos* ; *duzia* e *duzias*, etc.

O plural sempre se fórma com a *flexão* ; ás vezes, é um plural apenas na idéa (plural *semantico*) : *vós* plural de *tu*, e *nós*, plural de *eu*.

3. Casos. Declinação

Entre os *pronomes determinativos*, têm casos e declinam-se como no latim, os *pronomes pessoaes* : é o que se vê da tabella seguinte :

NUMERO SINGULAR

Nominativo	Eu (<i>ego</i>)	Tu (<i>tu</i>)	Elle (<i>ille</i>)
Genitivo	—	—	—
Dativo	Mim (<i>mihi</i>)	Ti (<i>tibi</i>)	Lhe (<i>illi</i>)
Accusativo	Me (<i>me</i>)	Te (<i>te</i>)	O (<i>illum</i>)
Ablativo	Com-migo (<i>mecum</i>)	Com-tigo (<i>tecum</i>)	— —

NUMERO PLURAL

Nominativo	Nos (<i>nos</i>)	Vos (<i>vos</i>)	Elles (<i>illi</i>)
Genitivo	—	—	—
Dativo	Nos (<i>nobis</i>)	Vos (<i>vobis</i>)	Lhes (<i>illis</i>)
Accusativo	Nós (<i>nos</i>)	Vós (<i>vos</i>)	Os (<i>illos</i>)
Ablativo	Nosco (<i>noscum</i>)	Vosco (<i>voscum</i>)	— —

REFLEXIVO

(para ambos os numeros)

Genitivo	—	—
Dativo	— si	(<i>sibi</i>)
Acc.	— se	(<i>se</i>)
Abl.	— sigo—	(<i>secum</i>)

OBSERVAÇÕES

1. O genitivo desapareceu com o latim e não figura na declinação dos pronomes. Nota-se um vestigio do genitivo *sui*, no termo *suicidio* (destruição de si mesmo).

2. O dativo *mim* teve a antiga fôrma *mi*; a prolação do *m* inicial nasalizou a syllaba inteira.

Foi o que succedeu ao termo « *muito* » que se pronuncia *muinto*.

3. O accusativo *o* da terceira pessoa (*illum*) é o que chamamos artigo definido e tinha outr'ora a fôrma *lo* (*illum*) de que ainda se encontram vestigios conservados pela euphonia: *vol-o* deu=*vos o* deu; *dil-o*=diz-o; *amal-o*=amar-o. (1)

4. O ablativo derivou do latim com a repetição pleonastica da preposição *com*: *com-migo*=*cum mecum*. As fôrmas *noscum*, *voscum* do latim barbaro são contracções das fôrmas completas *nobiscum*, *vobiscum*.

(1) Os que dizem que o *l* é simplesmente euphónico, explicam a permuta *r=l*, em *amar-o*=*amal-o*. Mas como admitir permutas como *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as regras da phonetica? Houve, pois, queda da letra precedente *r*, *s*, etc. e conservação do artigo *lo*.

Não concluo sem fazer notar que alguns determinativos portuguezes adquiriram no seio da lingua uma *flexão* singularissima, que denominarei *flexão hominal*. Essa flexão caracteriza-se pela suffixação: *em*.

algu-*em*.

qu-*em*.

ningu-*em*.

Taes determinativos só se applicam a pessoas e por isso a flexão é puramente *hominal*. O suffixo *em* podia ter provindo de *omem* (*que omem*=que homem) ou mais provavelmente de *um*, que na lingua portugueza antiga é equivalente do *on* francez.

Não póde *um* ter que não falle.

A propria palavra *um* neste sentido, é como o *on* francez, derivada de *homem*(*hominem*) e *unum*, conjunctamente.

LIÇÃO XVI

Flexão : conjugação : formas de conjugação

Os verbos exprimem diversas condições de tempo, numero e pessoa, por meio de variações da terminação.

A conjugação do verbo é o conjuncto methodico de suas variações.

Methodico, isto é, distribuido por classes de tempos, de numeros e pessoas. As formas verbaes que constituem o systema da conjugação explicam-se pela filiação latina, como veremos na lição XXVII.

As formas da conjugação apparecem habitualmente, salvo o caso de irregularidade, segundo as regras que vamos expôr.

1. Os *verbos regulares* sempre conservam o radical. *Am-ar*, v. gr. em todas as suas formas conserva o thema *am* : *amo, amarei, amasse, amando*.

2. Os *verbos regulares* são divididos em tres classes : a 1ª em *ar*, cujo modelo é *amar* ; a 2ª em *er*, cujo modelo ou paradigma é *receber* ; a 3ª em *ir*, cujo modelo é *punir*.

Os verbos que não se conjugam conforme os modelos, embora conservem intacto o radical, são irregulares : Ex.: *v-ir*, que conserva o radical *v* em todas as formas.

3. Em grande numero, as formas verbaes são *compostas*, isto é, constituidas por mais de um verbo: *tenho amado*. Os verbos que fazem constantemente parte de tempos compostos são *auxiliares*, v. gr. os verbos *ser, haver, ter* : *sou amado, hei amado, tenho amado*.

1.—Os tempos

1. Os tempos da conjugação portugueza são : (1)

O presente — que exprime a affirmação no momento actual ou supposto actual : *canto, rio-me*.

O presente denota o habito ou a faculdade do sujeito. *Eu canto*, pôde significar *eu sei cantar, eu tenho o habito de cantar*.

Pôde o *presente* indicar o acto futuro : *eu tou amanhã=eu irei amanhã*.

O preterito imperfeito — indica a acção simultanea em relação a um momento passado : *Ria-me quando chegaste*.

O preterito definito — denota a acção completamente passada e realisada : *vim, vi e venci*.

O preterito indefinido ou aoristo — representa a acção passada e que ainda continúa : *tenho visto, tenho lido*.

Não se pôde usar promiscuamente os dous preteritos, o definito e indefinido, sem commetter um gallicismo grosseiro. Quem viu uma só vez a cidade de Pariz, deve dizer : *vi Pariz* e nunca *tenho visto Pariz*.

Preterito mais que perfeito — representa a acção, como anterior a um momento passado : *Eu cantára*.

O *mais que perfeito* possui a fôrma composta : *eu tivera amado*.

O futuro — exprime a acção que vae ser realisada : *eu amarei*.

Ha do futuro duas fôrmas compostas, principaes : *eu hei de amar, eu tenho de amar*. Uma, é formada pelo verbo *haver* ; outra pelo verbo *ter*.

(1) A comparação das fôrmas verbaes com as suas origens, será desenvolvida na Lição XXVII.

Condicional — exprime a acção de realisação dependente de condições : *amariamos*.

Ha do *condicional*, como do *futuro*, duas *fórm*as *compostas* constituidas pelos verbos *haver* e *ter* : haveria de amar, teria de amar.

Imperativo — indica a acção que se deseja ou se ordena que se realise no futuro : é um modo que ha de ser egualado a um tempo futura : *Vae ! perdôa !*

Por um hebraismo, introduzido pelo estylo biblico, substituímos o imperativo pelo futuro : *amarás* a Deus ; não *matarás* etc.

2. Os tempos do *subjunctivo* têm o mesmo character dos tempos do indicativo, exprimindo todavia a dependencia e a subordinação.

Presente : *ame*.

Preterito. *Fórma* simples : *amasse*. *Fórma* complexa : *tivesse amado*.

Futuro : *amares*, *amardes*. *Vier*, *vierdes*. As *fórm*as compostas de *ter* e *haver* são ; *tiver de vir* e *houver de vir*.

4. Os tempos do infinito são :

• **O presente**, que no portuguez, por excepção, é dotado de flexão pessoal : *vir eu*, *vires tu*, etc., do verbo *vir*.

O infinito pessoal é um facto anómalo, explicavel pela falsa analogia que o fez confundir com o futuro do subjunctivo.

! **O passado** — que representa uma *fórma* composta do presente : *ter amado*.

2.— Pessoas

As *fórm*as verbaes representam, cada uma, uma *pessoa grammatical*.

A 1^a—representa a pessoa principal, a que fala.

A 2.—representa a pessoa secundaria, aquella a quem se fala.

A 3ª—representa a pessoa ou cousa relativa, aquella de quem se fala.

Para cada pessoa existe uma flexão, que nem sempre é distincta.

I—**A segunda pessoa** de ambos os numeros tem a flexão característica do *s*: *amas, amais, amasses, amavas*, etc.

Exceptuam-se dous casos, o do imperativo: *ama-tu, amai-vos*; e o caso da 2ª pessoa do singular do preterito definido ou perfeito: *amaste, recebeste*.

II—**A terceira pessoa** do plural tem como característica a flexão *m*: *amavam, amam, amariam*, etc

Esta regra não tem excepção. Note-se no emtanto que por necessidade de orthographia nasal *m* é substituida por um *til* nos futuros simples: *amarão, receberão, punirão*.

III—**A primeira e terceira pessoas** do singular têm para flexão uma vogal: *ama, recebeu, puna, amard*.

Ha duas excepções, em que a flexão é constituida pela letra *r* no subjunctivo futuro e no infinite presente: *amar eu*.

IV—**A primeira pessoa** do plural tem para flexão característica um *s* final: *amemos, amassemos*.

3. —Numeros

As fórmas da conjugação têm dous numeros determinados pelo sujeito: o *singular* e o *plural*.

As flexões de numero são indicadas simultaneamente pelas proprias flexões de pessoas, das quaes são inseparaveis.

NOTA

A primeira conjugação no portugeuz representa a primeira *conjugação* franceza e como esta, deve ter a denominação de *conjugação dos verbos novos*.

Com effeito, na sua quasi totalidade os verbos novos ou formados no seio da lingua pertencem á primeira conjugação : *dignificar, clarificar, cantarolar*, etc.

É a conjugação dos *neologismos*.

Alguns *neologismos* ha, todavia que foram moldados sobre typos latinos, mais ou menos puros e que pertencem a conjugações diversas; como v. gr. *evoluir, envolver, flectir*, ao lado de *flexionar, evolucionar*, etc.

Na voz *passiva* os tempos compostos são ainda formados com os verbos *ter* e *haver* que se ajuntam ás fórmulas do verbo *ser* auxiliar da conjugação passiva : *eu tenho do amado ; eu hei de ser amado*.

LIÇÃO XVII

Formação das palavras em geral: Composição por prefixos e por juxta-posição.—Estudos dos prefixos.

Palavras derivadas, em geral, são aquellas que se formam de outras por meio de *suffixos* ou terminações: *amoroso* (de *amor* + o *suffixo oso*). (1)

Palavras compostas, em geral, são aquellas que se formam de outras precedidas de um **PREFIXO** ou são as que se compõem de dous ou mais termos juxta-postos. No primeiro caso, o composto, diz-se, por *prefixação*, v. gr.: *prever* (do prefixo *pre* e do verbo *ver*) *contradizer* (do prefixo *contra* e o verbo *dizer*) etc. No segundo caso, o vocabulo, diz-se, *composto por juxta-posição*: *saca-rolhas*, *pedra-pomes*.

Aqui apenas estudaremos os compostos, isto é, as palavras formadas por *prefixo* ou *juxta-posição*.

1.—Juxta-posição

Na *juxta-posição* é muito de notar a ordem dos elementos componentes do vocabulo. Em regra, o primeiro elemento é geral e o segundo é particular e determinante. Assim em *couve-flor*, o elemento *couve* exprime o genero e *flor* a especie determinada.

Esta regra é essencial á ordem *analytica* da lingua. Mas, no latim a inversão é regular e o primeiro elemento

(1) Vide a Lição VI onde se definem *prefixos*, *themas*, etc.

exprime a idéa específica. Dahi, as excepções que se encontram nos compostos eruditos, tirados do latim ou formados de acôrdo com os typos latinos de composição : *silvicultura*, *agricultura*, etc., em que os elementos *silvi* (selva) e *agri* (campo) representam o sentido particular, e *cultura*, o geral.

Os typos mais frequentes de juxta-posição de diversos elementos, são os seguintes :

1. **Substantivo** mais outro substantivo. *Pedra-pomes*, *redactor-chefe*, *carta-bilhete*, *banho-Maria*. A flexão do plural desses nomes é feita pelos dous elementos : *redactores-chefes*, *cartas-bilhetes*.

Entre os compostos alguns ha cujos elementos estão de tal fórma agglutinados que a separação delles é de todo impossivel. Taes são : *manobra* (*man*+*obra*), de (*manus*+*opera*), etc. Esses compostos dizem-se *agglutinados*, por apresentarem perfeita e completa aggregação de seus elementos. Exemplos:

<i>Marmota</i>	—	do lat. <i>Murem montis</i> (rato montez)
<i>Avestruz</i>	—	<i>avis struthio</i>
<i>Condestavel</i>	—	<i>comes-stabuli</i> (intendente de estribaria)
<i>Salitre</i>	—	<i>sal petræ</i> (sal de pedra)
<i>Pedraálume</i>	—	<i>petra-alumen</i> (pedra alumina)

Ha outros casos destes compostos em que os elementos já vieram agglutinados do latim; é o que se observa em :

<i>Ourives</i>	—	no lat. <i>aurifex</i> , que é um composto de <i>aurum</i> (ouro) e do verbo <i>facere</i> (fazer.)
<i>Equinowio</i>	—	do lat. <i>æquinocinium</i> , que é um composto de <i>nox</i> (noite) e do adjectivo <i>æquus</i> (igual). Noites iguaes.
<i>Privilegio</i>	—	do lat. <i>privilegium</i> , que se compõe de <i>privus</i> , particular, e <i>lex</i> , lei.
<i>Registo</i>	—	do lat. <i>registum</i> , composto de <i>res</i> + <i>gestæ</i> , cousas feitas, obras.
<i>Trévo</i>	—	do lat. <i>trifolium</i> , composto de <i>tria</i> (tres) e <i>folium</i> (folha.)

Estes nomes e outros em que a agglutinação dos elementos é completa, só recebem a flexão, como se fossem vocabulos simples, pela modificação da desinencia: *registo*, *registos*, etc.

2. Substantivo+adjectivo ou adjectivo mais substantivo. *Pernilongo, meio-dia, gran-mestre, capitão-mór, passeio publico, gentil-homem, balança-romana, etc.*

Os dous elementos, deste caso, tomam a flexão do plural : *gentis-homens, capitães-mores*. Salvo, quando uma das fórmas por natureza ou contracção, conserva-se invariavel : *PERNI-longos, GRAN-mestres, etc.*

3. Substantivo mais verbo ou verbo mais substantivo. *Saca-rolhas, fura-paredes, cata-vento* (v. *catar*=*vêr*) *porta-relogio, porta-pennas, guarda-roupa, etc.*

¶ Nesta classe ficam incluídos os adjectivos em *fero* (levar) em *gero* (trazer) em *tomo* (vomitar). Exemplos: *aligero, pestifero, flammicomo, etc.*

Os agglutinados mais notaveis são: *mamietar*, (*mãos atar*), *acabrunhar* (*caput+pronare*), dobrar a cabeça, *averiguar* (*ad+verum+collare, avericollare*, segundo outros, *verificare*) etc.

A flexão do plural, quando existe, só é determinada no substantivo : *porta-relogios*.

4. Adjectivo+adjectivo. *Agridoce, doce-amargo, verde-gaio* (verde-alegre, no fr. *gai*) *lusco-fusco*.

Exemplo de um agglutinado: *sestercio* do latim *sestercium* composto de *semis-tertius*, isto é, dous e meio.

5. Particula com um nome adjectivo ou substantivo : *Entre-acto, entre-mez, sobre-meza, contra-maré, ant-olhos, mascavado, (mal-acabado) sem-saboria, bem-dizer, mal-dizer, adeus, recém-nascido, ante-traço, sub-delegado.*

Entre alguns agglutinados notam-se : *benzer* de *benedicere* ; *benção* de *benedictionem* ; *biscoito* de *bis-coctus*, duas vezes cozido ; e os propriamente latinos *Benedicto* (*bene dictus*) *peninsula* (*pene*=quasi ; *insula*=ilha), etc. São da mesma cathegoria *maleficio, beneficio, malevolencia, benevolencia, intervallo, proconsul*.

6. Compostos introduzidos no idioma por influencia de linguas estrangeiras. Estes *compostos* são do grego,

das linguas germanicas e das americanas e semiticas, na maior parte.

a) De linguas germanicas: *high-life*, *tram-way*, *roast-beef* (*rosbife*), *polka-mazurka*.

b) Do grego: *philosophia*, *chiromante*, etc.

c) De linguas semiticas: *xeque-mate*, *Benjoim*, *masmorra*, etc.

d) De linguas americanas: *capoeira* (matto), *Catumby* etc. (1)

Aqui em nota explicativa, daremos os elementos de composição de alguns vocabulos extranhos, taes são:

High-life	—	Alta vida. Do inglez.
Roast-beef	—	Tostada carne. Idem.
Philosophia	—	Amor da sabedoria. Grego.
Geologia	—	Terra-ciencia. Idem.
Orthographia	—	Correcta-escriptura. Idem.
Benjoim	—	<i>Luban-Jauin</i> incenso de Java. Arabe.
Masmorra	—	<i>Mat-mora</i> cova subterranea. Idem.
Capoeira	—	<i>Caa-paun-éra</i> matto redondo que existiu. Tupi.
Catumby	—	<i>Caa-humby</i> matto negro. Tupi.
Lansquenet	—	<i>Land-knecht</i> terra-servidor. Germanico.
Bolina	—	<i>Bow-line</i> prôa-corda.
Caparosa	—	<i>Kupfer-asche</i> , cobre-cinzas. Germanico.
Huguenotes	—	<i>Eid-genoss</i> , juramento ligado por... Germanico.
Marechal	—	<i>Mara-scalc</i> , cavallo servo. Germanico.
Kermesse	—	<i>Ker-misse</i> , egreja missa. (Hollandez.)
Caróba	—	<i>Caa</i> , matto. <i>Roba</i> , amargo. Lingua Tupi.

Os compostos de formação contemporanea muitas vezes dispensam por abbreviatura a preposição, que serve de connectivo:

Collegio Pedro II	—	Collegio de Pedro II
Ministerio Saraiva	—	Ministerio do sñr. Saraiva.
Rapé Meuron	—	Rapé de Meuron.
Canhão Krupp	—	Canhão de Krupp.

Este genero de abbreviaturas é notavelmente usado quando um dos elementos é nome proprio.

(1) Seria impossivel exigir a analyse dos elementos de taes palavras, oriundas de linguas pouco ou nada familiares aos alumnos de portuguez.

II.—Prefixos

Chamam-se **prefixos** as particulas que entram na composição dos vocabulos : *sub*-entender, *pre*-videncia, *archi*-duque.

Os prefixos são *gregos* ou *latinos*, conforme a origem.

Os **prefixos latinos** mais usados são:

Ab—marca separação. *Ab-jurar*, separar-se do juramento. *Ausente* (ab-sente) o que está longe.

Ad—exprime direcção. Toma por assimilação as formas *ac*, *ag*, *af*, *al*, *ap*, *ar*, *as*, *at* ; *acclamar*, *aggravar*, *affirmar*, *alugar*, *apparecer*, *arreceiar-se*, *assentar*, *attendere*.

Ante—antes : *antediluviano*, *antepor*.

Bis e bi—duas vezes : *biscoito* (duas vezes cozido). *Bipede* (de 2 pés).

Circum—ao redor : *circum-navegar* ; *circum-polar* (ao redor do pólo).

Cum—compauhia. Toma as formas *col*, *cor* : *collaborar*, (trabalhar com outro) ; *corresponder* (responder com outro).

Contra—contradizer, contra-tempo. Na forma *contro* : *controverter*.

De—direcção de cima para baixo : *demittir* (Aur. Pimentel).

Di e dis—direcção para diferentes partes : *disseminar*.

Des—« longe de, sem, privação » — *Deshonra*, *descobrir*, *desagradavel*. Toma ás vezes a forma *dis* : *diffamar*.

Fôrma de : declinar, decahir.

E, ex—extracção, origem: excentrico (fóra do centro)
As vezes têm as fôrmas *ef, e*: efficiente, eleito, enorme (fóra do normal).

Extra—além, fóra de : extraordinario.

In—Exprime negação : inactivo, injustiça. Affecta as fôrmas *il, im, in, ir* ; illegal, immaterial, innocente, irresoluto.

In—exprime inclusão : irradiar, interrarr. Affecta as assimilações notadas acima e apparece às vezes com a fôrma *em* : illuminar, embarcar.

N. B. Só se prefixa a verbos.

Inter ou Entre—posição entre dous objectos : entremetter-se, intervir.

Intro, dentro de . intrometter.

Juxta, ao pé de : juxtapôr.

Male ou *mal* : maldizer, malevolente (que deseja o mal). Tambem se usa o opposto *bene* : bemdizer, benevolente.

Ob—por causa de, defronte, contra : Assimilla-se em *oc, of, ol, op*, etc., occasião, offender, opposição.

Pene—significa quasi. Peninsula, quasi ilha. Penumbra, quasi sombra.

Per — atravez, por meio de. Perdurar, perverter. Assimila-se unicamente em *pel* : pellucido=per-lucido.

Post—depois. Pos-pôr.

Pre—anteposição. Prevêr. Pre-existencia. Pre-historico.

Preter - de origem latina, significa: além. Preterir (ir além, antecipar).

Pro—em favor de, adiante: Proseguir, Proclamar.

Re—repetição: Re-edificar, Re-eleger, Re-considerar.

Retro—para traz: Retroceder, Retrospecto (vista para traz).

Semi—meio, metade. Semicirculo, semitom.

Sine—exclusão. Sinecura (sem trabalho). A fôrma vernacula *sem* observa-se em: sem-saboria, sem-razão,

Sub—debaixo. Sub-metter, Sub-jugar. Assimila-se em: *suc, suf, sus*: succeder, sufficiente, susceptivel etc. A fôrma italiana é *sotto*; soto-vento, (debaixo do soprar do vento) soto-pôr (pôr em baixo).

Super—em cima. Super-estar. Exprime tambem excesso e affecta as fôrmas *sor*, e a vernacula *sobre*: Sobrecarga, Sorprehender.

Susum—acima. Suspende. Sustar.

Supra—em cima, acima, além. Supra-numerario. Supra-mencionado.

Trans—com as fôrmas *tran, tres, tra*, exprime: excesso, transferencia: Transportar, Transatlantico, Tramontana (além dos montes, estrella), tresvariar, tres-suar, tresler (ler além dos limites).

Tri, tres—tres vezes ou tres: triangulo, tricolôr, trezentos (tres centos).

Ultra—além de. Ultra-mar; ultra-liberal (liberal com excesso.)

Un, Uni=uma vez. Unanime (de uma unica vontade) unicornio.

Vice—em lugar de:—Vice-rei, Vice-consul. Affecta a fórma *vis* em : visconde (vice-conde) e a fórma *viso* em *viso-rei*.

Na exemplificação de prefixos dei os vocabulos mais ou menos explicaveis no seio da propria lingua; mas é innegavelmente extraordinario o numero de compostos por prefixos, que, na fórma actual, são pouco reconheciveis. Taes são os seguintes:

Ab — *Ausente* (ab-sente), *vantagem*—*ab-ante*, com o suffixo *agem*.
Escuso—de *absconsus*.

Bis — *Bigorna*—de *biscornu*.
Balança—de *bilanx*.

A palavra *viez* que se nota melhor nos derivados: *enviesar*, etc., deriva de *bifacem*; no francez, *biais*.

Cum — *Acompanhar*, antigo *compengar*, deriva de *cumpaniare*—ter ou comer o mesmo pão.
Contar—de *com-putare*; *comprar* de *com-parare*.
Custar—de *con-stare*, estar com, valer por.
Conhecer vem de *cognoscere*, isto é, de *cum*, e *g-noscere*. (1)

De — *Defuncto*—de *fungor*, gozar, o que acabou de gozar.

Ex — Frequentemente tem no portuguez a fórma *en*, como se vê em: ensaio, enxame (*exagium*, *examen*.)

Pro — *Prompto*—de *promptus* deriva de *prómere* (A. Pimentel).

Sed — Este prefixo de separação só existiu no latim, mas dahi nos chegaram muitos ves-

(1) Ainda se originam de *com* : *comer* (*com-edere*): *costume* (*consuetudinem*).

tigios: *selecção* (legere), *segredo* (cernere), *seduzir* (ducere), etc.

Sub — Suspirar (*sub-spirare*) sorrir — (*sub-ridere*) — sopapo por sob-papo.

Sine — Simples de *simplex*, sem dobra. Cf. singelo.

Os *prefixos* originados de linguas extranhas são raros e representam apenas vestígios conservados em alguns vocabulos esparços.

O artigo *al* do arabe, com as assimillações em *ar*, *as*, é o prefixo mais abundante: alviçaras, alcova, assude, arrabil, etc.

Da lingua ingleza o prefixo *a* (*aback*, *aside*) permaneceu no verbo *enchorar* derivado de *a+shore* (pron. *échôer*) com a forma *ch*.

III. Prefixos gregos

Os **prefixos** gregos mais communs são os seguintes:

A, an—exprime negação: *Atheu*, sem Deus. *Anonymo*, sem nome. A forma *an* usa-se antes de vogal.

Amphi (de ambos os lados) — *Amphibio*, o que vive de dous modos. (1)

Ana (de novo, para traz)—*Anarchronico*, de tempo atrazado. *Anabaptista*, que se baptisa de novo.

Anti (contra)—*Antipapa*.

Apo (longe) *Apogêo*, longe da terra. *Apo* corresponde no latim *ab*. *Ap-helio*, longe do sol.

Arch (superioridade)—*Archanjo*, o anjo superior.

Auto (o proprio)—*Autographo*, escriptura do proprio. *Autonomo*, o que se governa a si proprio.

(1) O correlativo de *amphi* no latim é *amb*: *ambiente* (amb-ire) *amputar* (cortar de um e outro lado).

Cata (contra, em baixo) — *Catarrho*, que corre para baixo.

Di (duas vezes) — *Diphthongo*, dous tons.

Dia (atravéz) — *Diametro*, medida pelo meio. *Diaphano*, que deixa vêr atravéz. (1)

Dys (mal) — *Dyspepsia*, má digestão.

Epi (sobre) — *Epidemia*, sobre o povo, *ephemero*, sobre um dia, que dura um dia.

Eu ou ev (bem) — *Euphonia*, bom som. *Evangelho*, boa nova.

Meta (mudança) — *Metamorphose*, mudança de forma. *Metaphysica*, além da physica.

Hemi (metade) — *Hemispherio*, metade da esphera.

Hyper (em cima, no lat. *super*.) — *Hyperboreal*, acima do boreal ou muito boreal, muito ao norte.

Hypo (debaixo, no lat. *sub*.) — *Hypothese*, debaixo da affirmação, sup-posição.

Micro (pequeno) — *Microcosmo*, mundo pequeno, rápido.

Mono (um só) — *Monomania*, loucura ou mania única. *Monarchia*, governo de um só.

Pan, panto (tudo, todo) — *Panorama*, vista de tudo. *Pantomima*, tudo gesto.

Neo (novo) — *Neo-catholico*, novo catholico. *Neologismo*, palavra nova.

(1) Corresponde pelo sentido ao *per* latino. *Diabo*, ao grego *diabolos*, no inglez *deofol*.

Para (ao lado) — *Paragrapho*, escripto ao lado. *Parodia*, ao lado ou semelhante a um canto (ode).

Peri (ao redor) — *Periphrase*, locução ao redor, circumlocução. *Pericarpo*, ao redor do fructo (casca).

Philo (amigo) — *Philanthrôpo*, amigo dos homens. O opposto é expresso por *mis*: *misanthrôpo*, inimigo do homem.

Poly (muitos) — *Polyedro*, muitas faces.

Pro (anteposição) — *Prologo*, locução prévia, *proloquium*. *Programma*, descripção prévia.

Pseudo (falso) — *Pseudonymo*, nome falso.

Syn (com, lat. *cum*) — Assimila-se em *syl*, *sym*, *sy*: *syntaxe*, ordem com, co-ordenação. *Synopse*, vista simultanea, conspecto. *Syllogismo*, *sympathia*, *systema*, etc.

Telé (ao longe) — *Telegraphar*, escrever de longe, *Telescopio*, vêr de longe. *Telephône*, voz ao longe.

Convém notar que alguns prefixos gregos soffreram alterações phoneticas na evolução da lingua, a ponto de já não serem apreciaveis. *Diamante* derivou de *adamante* latino, que por sua vez veio do grego; a letra *a* de *adamante*; é o prefixo *a* ou *an* negativo: *adamante*, isto é, o que não se quebra, não se doma, indomavel. O nome *diamante* pelo nominativo *adamas*, parece que produziu a forma *imam*.

O prefixo *arch* tem a forma *arce* em *arce-diago* (*archidiaconos*) e *arcebispo*, etc., e tinha a mesma forma nos escriptos de Barros na palavra *Arcepelago* (Dec. III, I, 3).

Um caso interessante do methodo de prefixação dá-se quando se usa o prefixo com o suffixo, simultaneamente. Certos derivados originam-se de tal processo.

Embarcar formou-se de *barca* com a junção simultanea do prefixo *em* e do suffixo *ar*; a junção é provavelmente simultanea, pois nunca existiram os primitivos verbo *barcar* ou nome *embarca*. De identica natureza são: *alinhar*, *enfleirar*, *desasnar*, *ennobrecer*, *empobrecer*, *enriquecer*, *depauperar*, etc,

LIÇÃO XVIII

Formação das palavras: derivação própria (por suffixos): derivação imprópria (sem suffixos). Estudo dos suffixos.

As palavras derivadas são as que se fórma de outras, existentes na lingua: de *pedra* fórma-se as derivadas *pedraria, pedreira, pedregulho* etc.

A derivação denomina-se *própria* quando as palavras se fórma com a junção de suffixos:

— aça	—	populaça.
		mulheraça.
— vel	—	agradavel.
		— applicavel.
— oso	—	bondoso.
		caridoso, etc.

A derivação *imprópria* é a que se faz sem suffixos, sem addição de terminações.

Ha dous casos principaes de derivação *imprópria*:

1. A derivação formada pelos participios que se tornam substantivos, sem mudança de suffixos:

O Entre	—	part. de ser.
O Amante	—	» amar.
O Comediante	—	tenente; de ter; doente, de doer

E tambem os participios passados:

O feito	—	part. de fazer.
A descoberta	—	etc.
O achado	—	etc.

Estas palavras são derivadas dos adjectivos *feito*, *amante*, etc.

2. O segundo caso de *derivação propria* é constituido pelas palavras que derivam de tempos verbaes :

Provarás	— do futuro—
Blasphemia	— do v. <i>blasphemar</i> .
Appello	— do v. <i>appellar</i> .
Recibo	— do v. <i>receber</i> .
Combate	— do v. <i>combater</i> .
Duvida	— do v. <i>duvidar</i> .
Sustento	— do v. <i>sustentar</i> .
Equivoco	— do v. <i>equivocar</i> .
Rogo	— do v. <i>rogar</i> .
Commando	— do v. <i>commandar</i> .
Mando	— do v. <i>mandar</i> .
Liga	— do v. <i>ligar</i> .
Despacho	— do v. <i>despachar</i> .
Castigo	— do v. <i>castigar</i> .
Adorno	— do v. <i>adornar</i> .
Choro	— do v. <i>chorar</i> .
Passes	— do v. <i>passar</i> .

Todos estes nomes não existiam no latim e foram derivados da maneira *impropria*, sem accrescimento de suffixo. Convém notar que na quasi totalidade foram derivados do presente do indicativo. Em ultima analyse, o *derivado improprio* é toda a palavra que mudou de categoria grammatical passando de verbo, adverbio, etc. para substantivo etc. : os *porquês*, os *dizeres*, o *como*, o *responso* (partic. archaico de *responder*) etc.

Os derivados *impropri*os, em resumo, são constituidos pelas seguintes classes :

Substantivo.—São derivados de qualquer categoria grammatical, de adjectivos : o *bello*, o *pobre*, a *metralhadora* ; de verbos : a *compra*, a *venda*, o *saber*, a *corrigenda* etc ; de particulas : o *como*, os *ais*, o *pró*, o *contra* etc.

2. Adjectivos. São derivados de substantivos: chapéu *monstro* ; actriz *cantora* ; vestido *carmesim*, etc.; de verbos : *laxante*, *purgante*.

3. Palavras invariaveis. São derivadas de adjectivos : caro, pouco, etc.; de verbos : *durante*, *não obstante* ; de substantivos : *silencio* ! etc.

SUFFIXOS

Os suffixos constituem uma riqueza de fórmulas consideravel. Não está nos limites deste trabalho fazer a analyse minuciosa de todos os suffixos da lingua portugueza.

Daremos aqui dos suffixos as suas applicações methodicas e os que se distinguirem por alguma circumstancia notavel.

Os *suffixos* não têm, como succede aos prefixos, a significação exácta e positiva: apresentam, apenas, uma idéa vaga e pouco definida. (1)

1.—SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Os substantivos derivam-se de outros substantivos, por meio de suffixos.

Suffixos latinos :

Ada — De limão, *limonada* ; balaustre, *balaustrada*.

Agem — (lat. *aticus*) homem, *homenagem* ; vassalo, *vassalagem*. A fórmula pura é *atico*: *viatico* (transformado em *viagem*).

Ado (*atus*, jurisdição) consul, *consulado*, protector, *protectorado*. A fórmula pura é *ato*: *celibato*, *pariato*, *triumvirato*.

(1) Vide na Lição VI as observações feitas sobre a extensão da idéa nos *suffixos*

Cida — (o que mata). Compostos latinos : de mãe, *matricida*, de rei, *regicida*.

Aria — (lat. *aria*) *cavallaria*, de cavallo, *carpintaria*, de carpenta.

Astro — (lat. *astrus*) *Poeastro* de poeta ; *madrasta* mãe (madre) ; *padastro* de pae ; *pilastra* de pilar. Como se vê pelos exemplos, ha casos de metathese : *madrasta* E' um suffixo pejorativo.

Ulo — (diminutivo, latim *ulus*) de parte, *particula* ; de animal, *animalculo* ; de globo, *globulo*.

Ello — (diminutivo, lat. *ellus*) de livro (*liber*) *libello*, *capello*, chapéu dos lat. *capellus* (caput.)

Ela — significa acção ou effeito : *corruptela*, *loquela*. Collectividade : *parentela*. O suffixo *ella* é diminutivo : *janella*, *fvella*, *sovella*. (1)

Ades, adas — (patronymicos) de Luso, *lusiadas* ; de Ilio, *Iliada*.

Ario, eiro — (*arius*) de louro *loureiro* ; de engenho, *engenheiro* ; de vocabulo, *vocabulario*.

Ense, ez — (lat. *ensis*) de Milão, *milanez* ; de França, *francez* ; de Brazil, *brasiliense*.

Os SUFFIXOS GREGOS mais notaveis são :

Kratia (governo) — *Democracia*, governo pelo povo. *Bureaucracia*, governo pelos *bureaus* (2), pelo functionalismo.

(1) Nota do Sr. A. Pimentel.

(2) Este vocabulo é um hybridismo. Vi affirmado por um escriptor (o Dr. C. de Laet) que, com identico sentido, existe no grego moderno a fórma *grapheiokratia*.

Iskos (diminutivo) *Asterisco, obelisco.*

Ites—*cosmopolita, israelita, jesuita.*

Ismo (dos verbos gregos em *izo*). De despota, *despotismo*. *Materialismo, espiritalismo, jornalismo, absentismo.*

2.—SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE ADJECTIVOS

Iça, Icia—(lat. *itia*) *justiça* de justo ; de malo, *malicia*. Na fôrma *eza* : de rico, *riqueza* ; pobre *pobreza*.

Encia—(do lat. *entia*). De corpulento, *corpulencia* ; de virulento, *virulencia*.

Aô e ude—(*tudinem*, lat.) de muito (*multi*) *multi-dão* ; de apto, *aptidão*. A fôrma pura é *ude* : de apto, *attitude* (italiano) ; de quieto, *quietude*.

SUFFIXOS GREGOS :

Kratia—*oligocracia*, governo de poucos.

Arch—*monarchia*, governo de um.

3.—SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE VERBOS

Os principaes suffixos são :

Or—(or lat.). *Orador*, de orar ; *fulador*, de falar. *Doutôr* (*docère*), *credôr* (*credere*) etc.

Ma, ism—(do grego e latim) *spasmo* de pasmar. *Baptismo, prisma* etc., que se derivam de verbos.

Mento—*addiamento* de addiar ; *argumento*, de arguir.

Aô—(lat. *onem*). São os mais numerosos : *comparação* de comparar ; *traição* de trahir. *Fusão, cessão, redempção*.

3.—ADJECTIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Os suffixos mais usuaes são:

Al—(*alis*, lat.). De *materia*, *material*; de *fórma*, *formal*.

Forme—(lat. *formis*) de *fuso*, *fusiforme*. *Filiforme*.

Aneo—(lat. *aneus*) de *terra*, *terraneo*, *subterraneo*; de *tempo* *temporaneo*, *contemporaneo*, *temporão*.

Oso—(lat. *osus*) de *inveja*, *invejoso*; de *odio*, *odioso*.

Imo—(lat. *imus*) de *lei* (leg-it-) *legitimo*; de *mar* (mar-it-) *marítimo*.

4.—ADJECTIVOS FORMADOS DE ADJECTIVOS

Al—É muito commum aggregar-se este suffixo ao adjectivo em algumas linguas, como no inglez : *canonical*, *historical*. Em portuguez, os exemplos são raros, *angelical* de *angelico*. É mais commum nos adjectivos terminados em *erno*, *urno* : *eternal*, *nocturnal*.

El—(*elis* lat.) De *fido*, *fiel*, (*fideles*); de *cru*, *cruel*, (*crudelis*).

Engo—É o suffixo germanico *ing* ou *ling* indicando posse ou semelhança, egualdade : *verdoengo*, *realengo* etc.

5.—ADJECTIVOS DERIVADOS DE VERBOS

Ado, **ido**—Representam os participios latinos : de *amar*, *amado*; de *punir*, *punido*. Antigamente a fórma *udo* da segunda conjugação : *conteudo*, *contido* de *conter*.

Ante, ente, inte—representam os participios do presente do latim; de amar, *amante*; de defender, *defendente*; de ouvir, *ouvinte*.

Vel—(*bilis*, lat.) de amar, *amavel*, de agradar, *agradavel*. Aparece com a fôrma *bre* em *nobre* (*nobilis*, do thema *nov*, conhecido, illustre.)

Undo—Fôrma gerundiva com sentido participial. Do latim: *moribundo* (*mori*, morrer) segundo (de *sequi*, seguir). *Rubicundo*, *jocundo*, *vagabundo*.

Ivo—(*ivus*, lat.) executivo de executar; pensativo de pensar. *Captivo* (de *capere*, tomar, prender), etc.

6.—VERBOS DERIVADOS

Os verbos são derivados, segundo alguns suffixos:

Isar — *Civilisar*, *humanisar*, *cathequisar*, *realisar*. Este suffixo é de origem grega.

Teve a fôrma *izare* no latim.

Ficar—(*ficare*, de *fácere*, lat.) *Clarificar*, *fortificar*, *purificar*. Fazer claro, forte, puro.

Escêr—Fôrma inchoativa, representa a progressão do acto. *Florir*, *florescer*; *dormir*, *adormecer*; *ferver*, *effervescer*. *Cahir*, *esquecer* (*escaescer*, *excadescere*). *Morrer*, *esmorecer*.

Itar—*Saltitar* de saltar; *agitar* de agir. *Palpitar* de palpar. *Pipitar* de piar. O modo de exprimir a reiteração e frequencia do acto póde ser expresso de duas fôrmas: duplicando o suffixo: *saltitar* de *saltar* e tambem duplicando o prefixo ou inicio do thema: *tutucar* de *tocar*. (1)

(1) Segundo algumas opiniões *tutucar* é corruptela de *cutucar* (côto).

7.—PARTICULAS

As particulas possuem varios elementos de composição. Dous delles podem ser tidos como suffixos, pela frequencia com que occorrem:

Mente—(lat. *mens, tis*). Esta palavra representa o ablativo latino e serve para a formação dos adverbios em *mente*: *boamente, grandemente, longamente*.

S—Esta letra característica do plural aggregou-se a um numero consideravel de particulas como suffixo. O facto parece inexplicavel; Littré considera-o um plural facticio: *antes, alhures, entonces*, e entre o povo *aindas*, etc.

Recapitulando, vê-se que no proprio dominio dos suffixos encontram-se especimens hellenicos *ismo, izo, issa*, etc., alguns especimens germanicos, *wald* no lat. *valdus* e *ard*, gothico *hardus*. Convém indicar que o suffixo grego *issa*: *prophetiza, affecta* fórmās diferentes no vernaculo, e é o quese nota nos vocabulos: *condessa, duqueza, baroneza*.

O suffixo gothico *hardus*, all. *art*. tem no portuguez transcripções muito variadas: *baluarte, bastardo, covarde, bombardā, espingarda, estandarte*.

LIÇÃO XIX

Palavras variaveis formadas no seio da lingua

Sendo a nossa lingua dotada de todos os processos de derivação, abundantemente rica de suffixos, era natural que, em seu proprio seio, se formasse um numero incalculavel de vocabulos de todas as categorias grammaticaes.

De facto, mais de um terço do lexico de qualquer lingua romana consta de formações originaes de cada lingua, embora estas fórmãs se baseiem em elementos já existentes no latim ou no grego.

1.— Substantivos e qualificativos

Grande numero de substantivos *communis* foram derivados do verbo. Taes foram: *chôro* de chorar; *chama* de chamar; *tempera* de temperar; *esmo* de *esmar* (archaismo, derivado de *æstimare*), etc.

Os nomes em *ença*, *ancia* em grande numero formaram-se na lingua. Já no latim existiam *temperantia*, *prudentia*, etc., e no portuguez formaram-se *bonança*, *bemquerença*, *nascença*, *cuidança*, etc.

Os nomes em *ade* do latim, vontade (*voluntatem*) liberdade (*libertatem*), etc., serviram de typo a outras fórmãs originaes e proprias: *leviandade*, *mortandade*, *ruindade*, *irmandade*, etc.

Os nomes em *mento* do latim, fragmento (*fragmento*), etc., serviram de norma aos neologismos: *pensamento*, *andamento*, *conhecimento*, *sentimento*, etc.

Os nomes em *agem* do latim, viagem (*viaticus*), selvagem (*sitvaticus*), etc., serviram de modelo a creações novas: *linguagem*, *coragem*, *hospedagem*, *vantagem*, *paizagem*, *linhagem*, *ultrage*, etc.

Os nomes em *ão* do typo latino mansidão (*mansuetudinem*) deram origem a formações numerosissimas e proprias do idioma: *escravidão*, *negridão*, *escuridão*.

Não é cousa resolvida que os nomes em *ão* decorram directamente do suffixo *udinem*: aptidão, *aptitudinem*. Ha exemplos archaicos que parecem antes indicar a preexistencia do suffixo *atem*. Exemplos: firmidoê (*firmitatem*), limpidoê (*limpiditatem*), livridoê (*libertatem*). Todos estes archaismos estão documentados em Viterbo—*Blucidario*.

Houve pois confusão na etymologia de tres suffixos: firmeza (*firmitiam*) firmitude (*firmitatem*) firmidõe (*firmitudinem*).

Accrescentemos ainda que os diminutivos em *inho*, so augmentativos em *ão* (homenzinho, homenzarrão) são vocabulos que começaram a existir depois das origens da lingua.

Os *qualificativos* em *oso* de typo latino, laborioso (*laboriosus*) glorioso (*gloriosus*) inauguraram na lingua a aptidão para a formação dos vocabulos novos: *cavalheiroso*, *amargoso*, *teimoso*, *esperançoso*, *piedoso*, etc.

Os nomes do typo grego em *ismós*, como *baptismos*, *solecismos* serviram de modelo ás creações modernas: *jornalismo*, *gongorismo*, *abolicionismo*, *germanismo*, *franzismo*, etc.

2.— Pronomes e determinativos

Os *numeraes* tambem possuem exemplos de formação moderna; de *mil* formaram-se *milhão*, *bilião*, *trilião*, etc.; de *oitavo* originaram-se os dizeres *dozeavos*, *trintavos*, etc.

Entre os *demonstrativos*: *aquelle* foi formado de *ecc'*+*ille*. O archaico *aquesto* de *ecce'*+*iste*. Outros opinam que a derivação é *hic-ille* ; *hic-iste*.

Entre os indefinitos ha varias creações modernas ; *algo aliquis*) algum : *aliqu'unus*. Nenhum : *nequ'unus*.

Os quantitativos *tam-manho* (*tam-magnus*) e *quam-manho*, arch. (*quam-magnus*) não occorrem senão nos ultimos tempos dos doc. barbaros.

3.—Verbos

Os verbos do typo latino *icare*, como julgar (*judicare*) vingar (*vindicare*) deram os exemplos dos neologismos: *madrugar*, *cavalgar*, *manejar*, *dardejar*, *gracejar*, *branquejar*, etc.

Os verbos do typo latino inchoativo *ascere*, *escere*, *iscere* forneceram á lingua a tendencia para creações analogicas : *offerecer*, (*offerre*) *favorecer*, *envelhecer*, *acontecer*, *permanecer*, etc.

As fórmas do participio presente produziram derivados verbaes : *adormentar*, *alevantar*, *apouquentar*, *apparentar*, etc de *dormente*. *levante* etc.

Os verbos do typo grego *philippitzô*, como *moralisar*, etc. deram a tendencia das formações : *terrorisar*, *suatarisar*, *autorisar*, *aromatisar*, *ecangelisar*, *vulgarisar*, etc.

Aos verbos, já mencionados, devem-se ajuntar todos os que se originam de palavras modernas : *afrancezar*, *italianisar*, etc.

Ha um grupo restricto de verbos derivados de *locuções* que são interessantissimos Ex. : *apear* de *a pé* ; *acabar* de *a cabo* ; *emcimar* de *em cima*.

Devem-se enumerar as fórmas de participios regulares, que são modernos : *absolvido* por *absolto* ; *comprimido* por *compresso* ; *escondido* por *escuso* ; *tingido* por *tincto*.

LIÇÃO XX

Palavras invariáveis formadas no seio da lingua

As palavras *invariáveis* formadas no dominio historico da nossa lingua, representam a juxta-posição corrompida dos varios elementos que as compozeram.

O portuguez formou *adverbios* numerosos com a junção de *mente* a adjectivos femininos : *clara+mente*, *docil+mente*, *boa+mente*.

Esta faculdade já existia com pequena extensão no latim puro. O composto *bona mente* com valor adverbial encontra-se em Quintiliano. Mas no portuguez e nas linguas romanas o facto tornou-se em habitualismo.

2. Os adverbios latinos em *o* do ablativo como *modo*, deram o typo de formações originaes : vendeu *caro*; falou *baixo*; fala *continuo*, *rijo*. Custou *barato*; anda *apressado*, etc.

Tendo adquirido o adjectivo a aptidão adverbial, tornou-se inutil a derivação mais alta de *fortiter*, *breviter*, etc. que foram substituidos por *breve*, *forte*. Apesar disto permaneceu *agiliter*, na expressão : *azinha* (de pressa).

Alguns adverbios, na forma adjectiva, como *caro*, forma creados pelos classicos, conforme diz Felinto Elysio, para evitar o uso repetido dos adverbios em *mente*. O facto, porém, é que taes adverbios foram creados segundo modelos já existentes como *cedo* (cito *logo* (loco)).

3. Os adverbios em *e* originaram-se de typos latinos em *e*: longe (*longe*) tarde (*tarde*) maxime, etc. Seguindo esta tendencia, em nosso idioma, apparecem outros adverbios : a *a miude*, *acinte*, (*a sciente*), etc.

Este typo de adverbios corresponde aos adjectivos latinos de uma e duas formas, como *gravis* e *constans*. Ex.: *bastante*.

Para *ascinte* não é admissivel a etymologia *scienter*. *Scinte*, synonymo do já archaico *ds sabendas* representa o participio puro de *scire*, saber. *Ascinte*=elle o sabendo, affrontando-o.

Tambem ficaram moldados sobre o typo *e* os adverbios de origem arabe: em balde, de balde.

São do uso de Barros, seculo XVI, os adverbios: *ds cegas*, *ds escuras*, *ds rebatinhas*, *ds vessas*. (1)

4. São, na maioria, adverbios novos as locuções e equivalentes adverbias: *ds caladas*, *ds apalpadellas*, *ds sabendas*, etc.

Este typo adverbial offerece um repositorio de exemplos da flexão *s* do plural, occorrente nas particulas: *ante-s*, *sammi-ca-s*, etc.

5. São adverbios formados na lingua os que derivam do latim de locuções analyticas: agora (*hac+horâ*) hontem (*hanc+noctem*) no hesp. *anoche*, embora (em bô hora, — *in-bona-horâ*) assaz (*ad+satis*) talvez (talv-ez, *tali vice*) jámais (já-mais, *jam-magis*), etc.

Estes adverbios não existiam no latim, mas eram mais ou menos communs aos romances medievaes: assim, muitos delles existem simultaneamente no francez, no italiano e no hespanhol.

A lingua antiga era mais rica e tinha um numero consideravel destes adverbios: *acajuso*, *asuso*, *julavento*, *aramá* (*hora má*) *hogano* (*hoc anno*) *cadanho* (*cada anno*; *cala anno*) etc. Muitos desses ainda existem na lingua gallega.

A forma *quicá* é provavelmente a italiana *chi sá?* quem sabe. O adverbio *como* (*quomodô*) influenciado por *quum*, tinha a forma *cume*.

6. Muitas das *preposições* representam o typo anteriormente citado: são palavras novas compostas desde o periodo antigo da lingua, sobre elementos latinos; dentro (*de+intro*) após (*ad+post*) depois (*de+post*) desde

(1) *Mem. da litt. port.* III, 113.

(*de+ex+de*) *avante* (*ab+ante*) *dian*te (*de+ab+ante*) *adiante* (*a+de+ab+ante*), etc.

Estas agglutinações de elementos foram naturalmente morosas e em parte deviam ser precedidas pelo latim barbaro, desde que se manifestou a tendencia *analytica*, creada pelo desaparecimento dos casos e de outras flexões que se perderam.

Taes phenomenos, de época tão remota, observam-se em todas as linguas romanas.

7. As *conjunções* formadas por locuções são todas novas : *porque*, *supposto que*, *com tanto que*, *por consequencia*, *tolavia* (*tota vice*) *por isso*, *senão* (*si non—nisi*) *outro sim*, etc.

Nota-se a influencia da idéa na creação destes vocabulos. O latino *vel*, de *celle*, querer, transformou-se no equivalente de outra origem : *quer*.

Si non substituiu *nisi*, de radicaes invertidos (*ni-nec+si*).

A forma *porém*, antigo *porende* (*por+ende*) origina-se de *pro+inde*.

8. As *interjeições* formadas de outras palavras, verbos, adjectivos, etc. representam creações novas da lingua : *caluda ! safu ! bravo ! áque d'el Rei !* etc.

A forma *caluda* é provavelmente um participio analogo aos antigos *conhecudo*, *sabudo*, por : conhecido, sabido. Este facto faz conjecturar a existencia de um verbo *calèr*.

A interjectiva *ah d'el-rei !* parece conter o elemento imprecativo *ah !* que se encontra no celtico (*Zeuss*).

Recapitulando o que dissemos, ver-se-ha que existem duas sôrtes de particulas, de creação moderna :

I. As particulas formadas na idade média (no periodo de origem) pela tendencia *analytica* e são commus ás linguas romanas : *assaz*, *a vante*, etc.

II. As particulas e locuções creadas no periodo de desenvolvimento da lingua : *supposto que*, *as apalpellas*, *por ventura*, etc.

LIÇÃO XXI

Etymologia portugueza: principios em que se basêa a etymologia.—Leis que presidiram á formação do lexico portuguez.

Etymologia é o estudo que consiste em determinar a significação e a fôrma primitiva de um vocabulo.

Pela *etymologia*, sabemos que a palavra *ignobil* veio da fôrma primitiva *ignobilis* do latim. Sabemos ainda que o sentido primitivo de *ignobilis* foi « obscuro, desconhecido » por isso que se compõe de *in* prefixo negativo, e do termo *nobilis* (de *gnoscere*, conhecer).

A palavra *etymologia* vem de *étymos* (verdadeiro) e *lógos* (discurso). Cicero traduzio-a litteralmente com a palavra latina *veriloquium*.

A etymologia foi até o seculo passado uma sciencia impossivel; um mixto de discordancias e de inverosimeis hypotheses. Em geral, pouco se attendia á historia da lingua, e dava-se excessiva importancia ás *onomatopéas* ou palavras de formação imitativa como *ulular*, *trovejar*, etc.

Uma das antigas theorias mais extravagantes, era a que dava valor *onomatopaico* a cada letra e estabelecia que o *l* exprime fluidez, o *r* aspereza, etc. Eram estes os principios sobre os quaes se baseava a etymologia.

Outros etymologistas davam exaggerada importancia ao sentido, de modo que derivavam v. gr. *ter* do verbo *habere*, e explicavam arbitrariamente as transformações que *habere* deveria soffrer, para apresentar a fôrma *ter*.

Sem principios scientificos e fixos, etymologia nunca póde constituir-se como sciencia positiva; por isso, foi sempre tida á conta de divagações eruditas e inuteis.

A etymologia de um vocabulo determina-se pela observancia de dous principios geraes: a filiação, e a comparação.

A *filiação* quer dizer a historia do vocabulo, a referencia e ligação da fôrma actual para com a fôrma primitiva, através das fôrmas médias que expliquem a differença entre os dous termos extremos. O methodo historico-comparativo, como se vê da denominação, consiste nesta investigação através do tempo (historia) e através do espaço e dos lugares (comparação). Dentro de uma lingua ou de um grupo de linguas, um vocabulo primitivo vai se alterando com as épocas e com os lugares para onde emigra. Determinada a *filiação* de um vocabulo, procura-se o termo comparado ou de lingua congenera que o comprova: se este termo existe, pôde por sua fôrma corrigir uma *filiação* erronea que acaso se imaginára.

Mas como a *filiação* abrange a historia do vocabulo e os principios que regulam a sua evolução material (phonetica), os principios da etymologia são precisamente tres: a *historia*, a *phonetica* e a *comparação*.

1.— **A historia** dos vocabulos consiste na averiguação das fôrmas de transição que ligam o vocabulo primitivo ao vocabulo actual. (1)

As phases mais notaveis na historia do vocabulo portuguez são representadas pelo latim barbaro e pelo portuguez antigo, que precederam a lingua vigente.

Desta arte, os nomes *fortaleza*, *arribar* explicam-se pelas fôrmas do latim barbaro *fortalitia*, *adripare*, etc.

O adjectivo *coitado* explica-se pelo portuguez antigo que o possuia, como participio de *coytar* (magoar).

O latim *laxare* deu no portuguez antigo *leixar* e no moderno *deixar*.

Como se vê, todas essas fôrmas *intermediarias* do latim barbaro e do portuguez antigo esclarecem a etymologia dos vocabulos.

(1) A historia da lingua é representada por quatro phases: 1ª, a do latim; 2ª, a do latim barbaro; 3ª, a dos *romances* ou linguas que succederam ao latim barbaro, como o portuguez antigo, o francez antigo, etc.; 4ª, a da lingua moderna.

Esta evolução é commum ás linguas novo-latinas; o francez, o portuguez, o hespanhol, o italiano, o provençal, o valachio, etc.

Como a palavra é dotada não só de *fôrma*, mas de *sentido*, é preciso não esquecer que a *idéa* ou *sentido* também tem sua historia e suas phases intermedias. A palavra rosto (*rostrum*) tinha o significado de *bico*. O numero de translações de sentido é infinito: *presbytero* (velho), *conde* (*comes*, companheiro, ajudante), *marechal* (do gothico, intendente da cavalharia), etc.

O estudo do *sentido* é o que se chama *Semantica*.

2. A phonetica é o conjuncto das leis que regulam as transformações dos sons, no vocabulo.

As letras, os sons, não se transformam arbitrariamente, obedecem a principios certos e determinados.

O grupo latino *pl*, por exemplo, transforma-se regularmente em *ch*: *pluvia*, chuva; *planus*, chão: *plorare*, chorar: *plicare*, chegar. (1).

A phonetica determina que a *accentuação* latina persiste nos vocabulos (*cabido*—*capitulum*); as permutas são feitas entre letras *homorganicas*, isto é, entre uma guttural e outra guttural, entre uma labial e outra labial, etc., e finalmente a phonetica determina que as permutas se fazem no sentido do *menor esforço*, isto é, do som forte para o som brando, da guttural forte para a guttural branda (*catus*, gato) da dental forte para a dental branda (*cito*, cedo), da labial forte para a labial branda (*ripa*, riba), etc.

A *phonetica* seria um manancial de erros e disparates, se sobre o elemento material dos sons não reconhecesse a preminencia do espirito.

Assim, contra a força material da degeneração e alteração physiologica do vocabulo, oppoem-se a força psychologica reconstructora e a analogia. A analogia contraria as tendencias de alteração. Assim, o diphtongo *eu* que occorre nos vocabulos *teu*, *seu* (*tuus*, *suus*) é devido á analogia que o creou, sobre o typo de *meu* (*meus*).

A cultura litteraria é tambem uma força opposta á degeneração phonetica: as fôrmas *segre*, *fremoso*, da lingua antiga, foram reconstruidas nos typos *seculo*, *formoso*, mais proximos do latim.

(1) Vide as *leis phoneticas* mais notaveis na Lição III, onde foram expostas.

Ha outras interferencias que se oppõem á phonetica, tal é o facto da influencia de uma lingua estrangeira. O *c* forte (=k) sempre se conservou no portuguez: cantar, *cantare*: cousa *causam*; no emtanto, por influencia franceza, adoptamos termos, em que o *c* forte abrandou em *ch*: chapéo (*chapeau*, *capellus*), chaminé (*cheminée*, *camminata*), *bacharel* de *baccalarius*; *chambre* de *camara*; *broche* de *brocca*, etc.

Todas estas tendencias que se oppõem á transformação regular dos vocabulos, chamam-se *interferencias*.

A comparação é um methodo que consiste em notar a uniformidade ou dissemelhança de processos e de factos em um grupo de linguas.

Para o portuguez os elementos naturaes de comparação são as linguas romanas: italiana, hespanhola, franceza, etc. Como estas linguas têm origem commum, tambem têm processos communs. Por exemplo, todas conservem o *accento latino*: *pállidus* produziu no francez *pâle*, no italiano *pallido*, no portuguez *pardo*. *Anima*, produziu no francez *âme*, no portuguez *alma*, no italiano *anima*. Sendo, porém, todas estas linguas diferentes, tambem têm processos diferentes. O grupo *ct* latino é representado em portuguez por *it*: *noite* (*noctem*), *oito* (*octo*); o mesmo grupo é representado por *ch* no hespanhol: *noche*, *leche*, *ocho*; o mesmo grupo é representado por *ti* no italiano: *notte*, *otto*; o mesmo grupo é representado por *ui* no francez *nuit*, *huit*.

A *comparação* esclarece em muito a etymologia que poderá ser tida por obscura.

A palavra *viagem* deriva do latim *viaticus*, que pela quêda da vogal breve transformou se em *viat'cus*, *viaticus*. (1)

Se houvesse duvida do resultado *viagem*, por não conter o *t* da palavra primitiva, o esclarecimento poderia ser ministrado pela comparação de outras linguas. O

(1) O grupo *tc* transformou-se regularmente em *dg*: pois *t* dental forte transformou-se na branda *d*; e *c* guttural forte mudou em a guttural branda *g*, de sorte que o grupo *tc* tornou-se no grupo *dg*; ora *dg* ou *dj* é a antiga prosodia de *gé* ou *j*. (*Selvadgem* ou *selvagem*.)

provençal possui este vocabulo com a fôrma *viatge*, onde o *t* foi conservado.

A *comparação* não se entende exclusivamente com a *fôrma*, mas tambem com a idéa ou sentido dos vocabulo. A *semantica* comparativa é difficilima, mas existem factos carecteristicos que affirmam a possibilidade desse estudo. Sabemos que os godos na idade média usavam fôrmas latinas, mas conservando no vocabulo a idéa germanica. Isto deu origem a sentidos novos, só explicaveis pela comparação. A ave que em portuguez se chama *carriça* ou *reisinha* (rei) em francez é *roitelet* diminutivo de *roi*, em latim *regulus*, diminutivo de *rex* em grego *Basiliskos* diminutivo de *Basileus* (rei).

Os romanos que tinham a cultura hellenica, traduziam a idéa grega com as fôrmas latinas: *circumloquium* (periphrase); *coor-denatio* (syntaxe) *translatio* (metaphora)

Em portuguez, os factos não são raros. A nossa educação scientifica e litteraria é puramente bebida na litteratura franceza. Dahi se têm originado as variações de sentido de certos vocabulos. *Brusco* em portuguez significa *escuro*, *sombrio*; por gallicismo, damos a *brusco* o sentido de *violento*, *rapido*.

Por gallicismo damos a *comprehender* o sentido de *abranger*, *a contestar*, a accepção de *impugnar*, etc.

Como observa Brachet, a comparação de sentidos muitas vezes elucida uma etymologia. A palavra *contrée* (região) deriva de *contra*, (*contrata*; o que está em frente). Os godos formaram este vocabulo seguindo a idéa germanica *gegend* (região) de *gegen* (contra). O fundo é germanico, mas a fôrma é latina.

O lexico portuguez cunstituiu-se, em geral, de vocabulos que obedecem aos principios da phonetica.

Outras forças concorreram para a formação do lexico : a introducção de elementos estrangeiros, a formação erudita de muitos vocabulos e a derivação realisada no proprio seio da lingua.

a) A *derivação*, como já vimos nas lições XIX e XX, realisa-se dentro do dominio da lingua por meio de *sufixações*.

b) AS FORMAÇÕES ERUDITAS tambem se realisaram no seio da lingua, tendo por agentes os seus escriptores e

sabios. As *formações eruditas* foram, em geral, tiradas do latim (*ignobil*, *contumacia*, etc.) ou do grego (*anthropologia*, *psychographia*, *telegrapho*) etc.

c) Os ELEMENTOS ESTRANGEIROS representam os vocabulos introduzidos de diversas linguas, como o arabe, o germanico, o francez, etc.

Da derivação, já tratamos nas lições XIX e XX ; das *formações cultas* e dos *elementos extranhos* trataremos desenvolvidamente no lugar opportuno.

LIÇÃO XXII

Da constituição do lexico portuguez. Linguas que maior contingente forneceram ao vocabulo

Lexico é o conjuncto de todos os vocabulos que se usam em uma lingua.

O portuguez originou-se do latim e são latinos, em grande maioria, os vocabulos que constituem o lexico ou *vocabulario* portuguez.

Um numero consideravel de termos de linguas differentes entraram no vocabulario da lingua vernacula, antes e depois de sua constituição.

Antes de sua constituição, isto é, antes do seculo XIII (que é o periodo do portuguez antigo) Portugal soffreu a dominação dos germanos e dos arabes, e a lingua enriqueceu-se de vocabulos arabicos e germanicos. (1)

Depois de constituida a lingua, por influencias litterarias ou de outra especie, foram adoptados muitos vocabulos francezes, italianos, allemães, inglezes, gregos e latinos.

O elemento germanico, que directamente se intruduziu na lingua pela invasão e conquista, tornou a ser utilizado por meio das linguas ingleza, allemã, hollandeza. O latim foi modernamente e de novo utilizado pelos classicos para a criação de palavras, como veremos depois.

Por meio das colonias portuguezas na Asia e na America, a lexilogia patria recebeu apreciavel numero de vocabulos indicos e americanos.

(1) Já nesse tempo, se nota a influencia do grego, hebraico, especialmente por causa da religião.

As linguns que prestaram maior contingente ao vocabulario portuguez, fazendo excepção do latim, foram :

O germanico.— Os vocabulos germanicos foram introduzidos pelas tribus gothicas que dominaram a península iberica, durante seculos. São dicções de diferentes especies, predominando os termos militares, nobiliarchicos, maritimos, etc. Exemplos: *elmo, arauto, guerra, baluarte, bordo, norte, sul, leste, oeste, brandir, droga, albergue, rossim, rato, tregua, trapa, tocar, marchar, brida, abandonar, bandeira, braga, banhos, (matrimoniaes) brasa, tira, roubar, franco, feudo, feudal, orgulho, quilha, escuma, etc.*

Os termos germanicos nos documentos coevos da dominação goda apparecem latinisados: *mariscalcus, marechal, quilha, robare, abandonare, bandaria, arautus, etc.*

O arabe.— Depois dos godos vieram os arabes, que dominaram tambem durante seculos, desde o seculo VII. Muitos vocabulos dessa origem foram implantados no portuguez. Muitas palavras conforme a indole da lingua vieram prefixadas com o art. *al*: *alviçaras, alfandega, algebra, alfelôa, algalia, almoereve, alfinin; foveiro, zero, zenith, nadir, xarope, laranja, assucar, ruga, cifra, enxaqueca, xadrez, xeque, açougue, etc.*

Muitas dicções que vieram na fôrma arabica têm origens diferentes, como *xadrez, julepo, azul*, termos persas; *alchimia* é termo grego (*chêmeia*) adoptado pelos arabes.

Sem contar os archaismos, ha perto de 600 vocabulos arabes no portuguez, na maior parte substantivos. São arabes a interjeição *owalá!* (*insh—Allah!* queira Deus) e o adverbio *debalde*.

Sobre o elemento arabe convém fazer algumas considerações. Alguns termos de tal origem foram tomados do grego *abenur* de ébenos (*ἄβυρος*) *adarme* e *adareme* de drachmê (*δραχμή*); *alcaparra* de *kápparis* (*κάνναρις*), quilate de *keration* (*κεράτιον*); *alambigue* de *ámbikos* (*ἄμβικος*), e muitos outros termos da cultura grega conhecida dos arabes. Notem-se as fôrmas divergentes *alarve, alarabe, arabe, alcouce e alcoceifa; alcool, alcofôr; arraes e rez; zenith e azimuth; almoravidas e maravedis*. Notem-se as mudanças de sentido: *ceifa* (de *aç-çayfa*), o estio ou verão;

alcool, que significava pó subtil e fino ; *cafre* (de câfiz) o infiel ; *temin* (de *thomn*) a oitava parte. Arroba (de *ar-bur*) a quarta parte (Conf. *Dozy, Engelmann e Devic*).

O arabe e o germanico com o latim são, por assim dizer, os elementos fundamentaes e que presidiram á gestação da lingua.

Do seculo XIII por diante, depois de constituida a lingua portugueza, em diversos periodos do seu desenvolvimento a influencia de linguas extranhas fez-se sentir em todo o vocabulario.

Francez.—Desde os primeiros tempos tem o francez fornecido uma cópia extraordinaria de vocabulos : *chapeu*, *chaminé*, *chefe*, *petipé*, (*petit-pied*), *honôr*, *oboé*, (*haut-bois*) *vasculho* (*bas-cul*), *tiragem*, *brochura*, *golpe de estado*, *espirito*, (no sentido de *chiste*), *obra-chefe*, (*chef-d'œuvre*), *etiqueta*, *sangue-frio*, (*sang-froid*), *blusa*, *boné*, *paletó*, etc.

Muitos dos vocabulos, principalmente os recentes, conservam a fôrma, a orthographia pura : *crayon*, *bouquet*, *mise-en-scène*, *blasé*, *boudoir*, *élite*, *soirée*, *fichu*, *vis-à-vis*, *tête-à-tête*, etc.

O elemento francez é, sem contestação, nos ultimos tempos o maior factor barbaro da grammatica e do vocabulario. Por influencia do francez, o portuguez é hoje mais analytico do que no tempos classicos ; a phrase vernacula vai perdendo o habito das inversões ; os vocabulos têm soffrido continuamente modificações de sentido. (Vide a lição XXI.)

Já desde os tempos do portuguez antigo se nota a influencia do francez em vocabulos hoje archaicos ou pouco usados : *mesnada*, *mesnée* ; *meison*, *maison* ; *oéta*, *guéta*, *ouate* ; *loba*, *l'aube* ; *bucrer*, *cabellos*, *boucle* ; *bojar*, *bouger* ; *marchante*, *marchand*.

E', em geral, por intermedio do francez que importamos os neologismos inglezes, gregos, allemães e até italianos.

Italiano.—Os classicos do seculo XVI, os *quinhentistas*, tinham grande cultura do italiano e introduziram varios termos dessa lingua. Mas onde a influencia do italiano é principal é no vocabulario das bellas-artes.

São de origem italiana: *pagem*, *pasquim*, *concerto*, *allegro*, *soneto*, *duetto*, *tercetto*, *saltimbanco*, *tramontana*, *casamata*, *soprano*, *contralto*, *tenor*, *caricatura*, *aquarella*, *burlesco*, *arlequim*, *bravo*, *adagio*, *piano*, *banquete*, *aller-ta*, *allarma*, *carnaval*, *charlatão*, *grotesco*, *regatta*, *terra-cotta*, *madrigal*, *dilettante*, *gondola*, *gazetta*, *paladino*, *fanfreluche*, etc.

Muitos desses termos datam do século XVI, como *soneto*, *madrigal*, *tercelto*, etc. Alguns ainda são anteriores, taes como os termos de marinha: *tramontana* (estrella) *caravella*, *solavento*, *iulavento*, *all'erta*, *all'arme*, etc.

Note-se o diminutivo *casino* de *casa*, habitação de recreio, de campo. F. Diez approva a etymologia *marsapão* de *Marzopane*, do nome do inventor *Marzo*, fórma que se confundiu com a de *massa*.

Ha italianismos de orthographia portugueza e prosodia etymologica: *polichinello* (puleinella). Ha casos de prosodia portugueza com orthographia italiana: *imbroglio*, que ninguem pronuncia *imbrólhio*.

Inglez.—As dicções inglezas, em geral, são termos de industrias, de jogos, etc.

Na maior parte, foram adoptadas com a orthographia propria: *tunnel*, *tramway*, *sport. club*, *meeting*, *lord*, *roast-beef*, *fashionable*, *water-proof*, *water-closet*, *high-life*, *great attraction*, *rail*, *tender*, *gentleman*, *jury*, etc.

Alguns termos, principalmente os antigos, foram adoptados com a fórma vernacula, como: doudo (*dold*) confortavel (*comfortable*, de origem lat.) enchorar (de *a-shore*) redingote (*reding-coat*) moção (*motion*, de origem lat.), boiar, de *buoy*.

Com a fórma vernacula notam-se os anglicismos, termos de marinha: *gurupés*, *bowsprit* (*bug.*); *bolina*, *bowline*; *hiate*, *yacht*.

Muitos vocabulos inglezes representam estados alterados do elemento francez como *fashion* de *façon*; *commodore* de *commandeur*; *jockey* diminutivo de *Jacquet* de *Jacques*. Segundo Pegges, *pamphlet* é uma corruptela anomala de *palme-feuillet*.

Allemao.—O elemento allemão moderno é pouco intenso; alguns vocabulos foram introduzidos através do francez.

Exemplos mais notaveis: *cobalto*, *bismuto*, *gaz*, *nickel*, *quartz*, *escravo*, (*slavo*), *talco*, *zinco*, *walsa*, *wagon*, *talweg*, etc.

Tanto o inglez, como o allemão, podem figurar como partes do elemento germanico da 2ª época, isto é, do que influíu depois de constituida a lingua.

A palavra *esthetica* é grega, porém foi formada por um philosopho allemão, Baumgarten. O termo *gaz* foi inventado por Van Helmont.

O allemão *thaler* é etymologicamente egual ao inglez *dollar*.

Hespanhol.—Os elementos hespanhóes, que penetraram na lingua fundiram-se com os elementos vernaculos pela extrema semelhança que conservavam entre si, de sorte que só relativamente em poucos casos se pôde affirmar a origem hespanhola de um vocabulo.

São vocabulos castelhanos: *palomita*, *hediondo*, *trecho*, *seguidilha*, *cachucha*, *castanhola*, *bolero*, *habanera*, *savanna*, *el-dorado*, etc.

Algumas vezes pôde-se determinar a origem hespanhola do vocabulo pela analyse phonologica. O *f* latino é transcripto pelo *h* hespanhol: *filius*, *hijo*; *facere*, *hacer*. Por essa razão *hediondo* é termo hespanhol derivado de *fetibundus*, a fôrma portugueza seria *fetibundo*.

Semelhantemente, o grupo *ct* latino é representado por *ch*: *lacte*, *leche*; *octavo*, *ochavo*; por conseguinte *tractus* só no hespanhol produziria *trecho*.

Ainda a phonetica revela que o *pl* latino no hespanhol é *ll*: *plorare*: *llorar*, *plicare*, *llegar*. Dest'arte o termo portuguez *lhano* *planus* de (*ll*=*lh*) é de origem hespanhola; a fôrma portugueza seria, como é, *chão*, analogo a *chorar*, *chegar*.

São esses os elementos que maior contingente offereceram á constituição do lexico portuguez.

Nota.—Tratámos dos elementos que mais abundantemente penetraram na lingua: mas seja-nos licito recordar alguns casos secundarios de outros elementos, aliáz importantes.

O celtico foi a lingua primitiva da península. Os vestigios do celtico não são abundantes, mas são característicos: *abra* (no francez *havre*); *penha*, que tambem apparece com a fôrma *pena*, *Pen'alva*, *Penafiel*; a palavra *dur* (rio) nota-se em Douro. *Dun*

(montanha) em *duna*. A palavra *bala*, lago ou remanso fluvial, nota-se em *Setubal*. A palavra *branco* provavelmente origina-se do radical celtico *ban*, branco, adoptado pelos godos.

O **hebraico** influíu principalmente por intermedio da biblia. São termos hebraicos : *abbade*, *amem*, *gehena*, *alleluia*, *hosanah*, *cherubim* plural de *cherub*, *seraphim* plural de *seraph*, *Jeovah* *iubileu*, *leviathan*, *samão* (sino samão=signo Salomão) *manná*, *sabbado*, e *sabbath*, *saphira*, *gado*, etc.

A palavra *alleluia* consta de dous elementos *allelu* (louvae com alegria) *Iah* (O que será : Deus).

Russo.—*Calecho*, *steppe*, *versta* (medida linear).

Hungaro.—*Coche*, *cocheiro* (de *Kotczy*, all. *kustsche*), *sutache* (fr. *soutache* de *szuszak*) e o termo *hussard* de *huszar* que significa *vigesimo*, derivado do arrolamento militar de camponezes fundado por Mathias da Hungria em 1458 (V. Stappers).

Turco.—São vocabulos turcos : *janizaro*, *odalisca*, *hhan*, *divan*, *horda*, *castan*, *bey*, *pachá*, *padichá*, etc.

Do turco notem-se o composto *bergamota* (de *bey*, rei ou rainha e *armud*, pêra) e *odalisca* derivado de *Oda*, camara.

Persa.—Grande parte dos vocabulos persicos vieram por intermedio do arabe. Exemplos de termos persicos : *azul*, *julepo*, *ponche*, *bazar*, *caravana*, *balcão*, *esmeralda*, *jasmin*, *laca*, *musgo*, *sarabanda*, *satrapa*, *turbante*, *tulipa*, *tafetá*, etc.

O termo *paraizo* (*pairidaeza*) é persico e foi introduzido no grego por Xenophonte e depois aproveitado pelos traductores da biblia hebraica.

Asiaticismos.—Notam-se numerosos da India : *columin*, *saraça*, *pagode*, *fakir*, *rajah*, *coolie* (atravéz do inglez), *junco*, *lascarin*, *nababo*, *palanque*, *cachemira*, *corja*, *madrasto*, *madapolão*, *musselina*, *pariah*, etc.

Da lingua chinesa : *nankin*, *chá* (tsé), *hyson*, *setim*.

Americanismos.—Das republicas hespanholas : *pampas*, *cochilas*, *jalapa* e *chocolate* (ambos do mexicano), *alpaca*, *condor*, *caimão*.

Do tupi-guarani : *jaguar*, *taba*, *tapéra*, *pipóca*, *coivára*, *capoeira*, *jaracussú*, *ipueras*, *mandioca*, *mingau*, etc.

LIÇÃO XXIII

Caracter differencial entre os vocabulos de origem popular e os de formação erudita.—Duplas ou fórmulas divergentes.

Fórmulas divergentes são as palavras que, com fórmulas diferentes, derivam de um mesmo vocabulo primitivo. Por exemplo : *magoar* e *macular* derivam de um mesmo termo latino *maculare*.

Entre esses vocabulos, ha um formado espontaneamente na lingua pelo povo e é o mais alterado: *magoar*; e ha outro formado pelos eruditos e conserva com maior exactidão a fórmula primitiva: *macular*.

O *caracter differencial* entre as fórmulas eruditas e as populares consiste, pois, em que estes apresentam maior alteração e desvio do typo primitivo, do que aquellas.

Assim, comparando as fórmulas divergentes : decimo e dismo, de *decimus* ; primario e primeiro, de *primarius* ; recitar e rezar, de *recitare* ; legal e leal, de *legalis* ; é facil concluir que as formações eruditas são as mais etymologicas, *decimo*, *primario*, *legal*, *recitar* ; e, ao contrario, as fórmulas populares são as mais corrompidas : *dismo*, *primeiro*, *rezar*, *leal*.

As fórmulas divergentes receberam o nome de *duplas* (*doublets*) porque em geral apresentam-se duas, uma popular, outra erudita : *operar* e *obrar* (de *opreare*).

Ha, porém, exemplos de tres ou mais fórmulas divergentes : *magoa*, *mancha*, *macula* (de *macula*) ; as duas primeiras são populares, a ultima, erudita.

FORMAS DIVERGENTES

Populares	Eruditas	Origens latinas
Sarar	sanar	<i>sanare.</i>
Sêllo	sigillo	<i>sigillum.</i>
Greta	crypta	<i>crypta.</i>
Coalhar	coagular	<i>coagulare.</i>
Feito	facto	<i>factum.</i>
Rezar	recitar	<i>recitare.</i>
Areia	arena	<i>arenam.</i>
Conceição	concepção	<i>conceptionem.</i>
Ralhar	rabular	<i>rabulare.</i>
Bexiga	vesicula	<i>vesiculam.</i>
Pardo	pallido	<i>pallidus.</i>
Deão	decáno	<i>decanus.</i>
Cabido	capitulo	<i>capitulum.</i>
Chão	plano	<i>planus.</i>
Quaresma	quadragesima	<i>quadragesima.</i>
Auto	acto	<i>actum.</i>
Atrever	attribuir	<i>attribuere.</i>
Gozo	gaudio	<i>gaudium.</i>
Desenhar	designar	<i>designare.</i>

Estes exemplos são suficientes para mostrar com toda a clareza o phenomeno das divergencias.

As divergencias lexicas offerecem casos especiaes dignos de analyse.

1. Muitas vezes, as fórmãs divergentes são constituidas por uma palavra archaica e por outra vigente : *segre* e *seculo* de *seculum* ; *segre* é hoje archaico. *Geolho* e *joelho* de *genuculum* ; a fórmula *geolho*, desappareceu.

2. As fórmãs divergentes, em certos casos, são produzidas pela deslocação do accentto: *pôlpa* e *polypo* de *polypus*. *Isidro* de *Isidoro* de *Isidorus* ; *guitarra* e *cythara* (antigo *cedra* e *citola*) de *cythara*. *Tiãgo* e *Jacób* de *Iacobus*.

Estas apparentes anomalias explicam-se pelas variações do accento no grego e no latim.

Em *Tiágo* houve obediencia ao accento grego: *Iákôbos*; em Jacob houve obediencia ao accento latino *Jacóbus*. Em *guitárra* seguiu-se a accentuação grega.

3. As fórmãs divergentes, algumas vezes, resultam de derivações simultaneas do nominativo e accusativo dos imparissyllabos: serpe de *serpens* e serpente de *serpentem*; sabio de *sapiens* e sapiente de *sapientem*.

Este facto importante é largamente exemplificado em muitos vocabulos. Podemos observal-o de varios modos. Além dos exemplos citados, convém notar os seguintes mais ou menos contestaveis. *Honra* e *honôr*; *sabio* e *sabente* (*sapiens*); *saibo* e *sabôr* (sapor); *Pavo* e *pavão*; *sengo* e *senhor* (Conselhos *sengos*—*senior*); *erro* e *error* (error); *Felix* e *feliz* (*felix*); *tredo* e *traidor* (tradi; tor); *trato* e *travor*; *chantre* (do francez) e *cantor* (cantor); *fêssô* (pop.) e *fedor* (**fætor*); *ração*, *razão* e *raso* (Vit. *Eluc.* ratio). *Ladro* e *ladrão* (latro); *cabro* e o talvez augmentativo *cabrão* (*El. de Vit.*) *doma* e *damoça* (*Eluc. Vit.*) Estes exemplos devem ser ainda convenientemente estudados. Um que parece pertencer a essa classe de phenomenos é a prosodia incerta de *bênção* e *benção*; a forma grave *bença* talvez seja a contracção do nominativo *benedictio*, o que não ousamos affirmar com certeza. Exemplos innegaveis são *imando* nominativo *adamas*, e *diamante*, *ezypa* (pop.) e *erysipêla* e alguns nomes do zodiaco *Léo* e *leão*; *virgo* e *virgem*; *scorpio* e *escorpião*. A forma *léo* é popular: Ter *léu* (tempo) para trabalhar; andar ao *léo*, etc. Note-se ainda que pôde um termo germanico latinizado dar fórmãs duplas. *palc*, *palco* e *balcão*, talvez augmentativo.

4. As fórmãs divergentes são produzidas, embora em raros casos, pela introdução de uma forma estrangeira de origem identica á de forma vernacula. A forma hespanhola *lhano*, a italiana *piano* e a portugueza *chão* derivam da mesma origem latina *planus*. A forma italiana *soprano* e a portugueza *soberano* derivam de identica fonte, *superaneus* (lat. barbaro). A forma franceza *chefe* e a portugueza *cabo* derivam de *caput*.

Convém notar, por fim, que as fórmãs divergentes não se referem sómente ao elemento latino; embora as fórmãs latinas sejam mais numerosas e tenham servido de modelos aos classicos.

Tambem se observam formas divergentes no elemento arabe: *rez* e *arraiz*, de *ar-raz* ; *zero* e *cifra*, de *zifr* ; *auge* e *apsides*, de *audj* ; *azimuth* e *zenith* de *as-semt*.

Como se vê a divergencia resulta ás vezes da presença ou omissão do artigo *al*: *raz* e *ar-raz* ; *sem* e *as-sem*.

A forma *zifr* foi alatinada na forma *zephyrus* que produziu *zero*.

Observam-se igualmente algumas divergencias entre vocabulos de origem germanica ; *leste* e *este* ; *espuma* e *escuma* ; *baluarte* e *boulevard*.

A forma *leste* (*l'est*) formou-se pela anteposição do antigo artigo *lo*. A forma *boulevard* é franceza.

LIÇÃO XXIV

Da criação de palavras novas. Hybridismos

Na lingua registram-se *palavrs novas* creadas por dous modos differentes.

Creação popular.—Ha palavras que são creadas no proprio seio da lingua, pelo povo : *chôro* de *chorar* ; *casarão* de *casa*. (1)

Creação litteraria. — Ha palavras creadas pelos eruditos que as formaram servindo-se de elementos das linguas classicas, o latim e o grego : *incredulo* (em vez do antigo *encreó*, do lat, *incredulus*) *photographia* (do grego). (2)

As palavras novas tiveram duas épocas principaes de criação.

A *primeira época* foi dos fins do seculo XV ao seculo XVI, isto é, na idade da renascença litteraria quando floresceram os nossos maiores classicos, chamados *quinhentistas* por pertencerem ao seculo de quinhentos : *Camões, Barros, Sá de Miranda, Ferreira*, etc.

Estes escriptores approximaram a lingua ao latim, creando vocabulos, corrigindo os defeitos da linguagem, organisando a grammatica.

(1) Já tratámos dessa especie de formação nas Lições XIX e XX.

(2) Sobre as palavras eruditas do latim, convém recordar a Lição XXIII.

Os *quinhentistas* reformaram o vocabulário, adoptando fórmulas alatinadas: *livramento*, ou *liberdade* pelo antigo *livridoẽ*; *irado* por *sanhudo*; *companheiro* por *compañhom*; *legítimo* pelo ant. *lidimo*; *imaginar* pelo ant. *maginar*, etc.

Crearam os superlativos em *issimo*, como no latim: *rigorosissimo*, *extranhissimo*, etc.

Esses superlativos até o século XV não existiam como faculdade da língua.

Occorriam apenas as fórmulas: *santissimo*, *cristianissimo*, *grandissimo* e sómente applicaveis aos reis ou a autoridades supremas.

—Proscreveram quasi totalmente as abundantes *negativas* emphaticas, characteristics do periodo anterior: *nenhum nom* morreu. (F. Lopes.)

—Approximaram a syntaxe portugueza da latina, por meio de inversões.

Não só isto. Proscreveram os classicos o uso de qualquer syntaxe contraria a do latim. Assim condemnaram o uso de participio presente pelo passado que se encontra em Azurara e Lopes. Havia rosto formoso e *parecente* corpo.

Damos aqui uma lista de palavras reformadas ou creadas pelos quinhentistas. (1)

PALAVRAS QUE NÃO EXISTIAM ANTES DO REINADO

DE D. MANOEL

Substantivos :

Afflicção	Crueldade	Obstaculo.
Allivio	Desculpa	Official.
Angustia	Desordem	Ponderação
Architecto	Escriptor	Sagacidade.
Audacia	Ignominia	Transacção.

(1) *Mem. litt. port. (Acad.)* t. IV—36—62.

Aurora	Investigação	Necessitado.
Auxilio	Maledicencia	Resplandecente.
Ciume	Milhão	Esplendido.
Conjectura	Motivo	Ultrapado.

Adjectivos :

Affavel	Nescio	Continuo.
Colerico	Magnanimo	Desejoso.
Difficil	Posthumo	Alienado.
Imaginario	Superno	Negligente.
Incredulo	Valoroso	Obstinado.
Doloroso	Vulgar	Penoso.
Iracundo	Proprio	Rebelde.

Verbos :

Arguir	Criticar	Fulminar.
Castigar	Discorrer	Restituir.

Esta lista é pouco abundante, mas serve para dar uma idéa da pobreza da lingua, antes de florescerem os classicos *quinhentistas*.

As fórmãs antigas *incréo*, *doroso*, foram substituidas pelas novas alatinadas: *incredulo*, *doloroso*, etc.

O trabalho dos *classicos* foi continuado peios *Arcades*, poetas do seculo passado, que crearam varios termos compostos : *aurilavrado*, *levipede*, *capribarbicornipe*, *ignivomo*, *flammifero*, etc.

Os escriptores brasileiros tambem têm contribuido para a riqueza da lingua. Odorico Mendes aportuguezou varias fórmãs como *olhicerulea* Deusa (de olhos azues) etc.

José de Alencar formou varios vocabulos ; *garrular* ; *inhale* (adjectivo) *afflar* o leque ; *elançar* (do francez) etc.

A segunda época da criação de palavras novas é caracterisada, nos tempos modernos, pela organização das sciencias.

A tecnologia scientifica foi toda formada do grego : *photographia, telephone, chiropteros*, etc.

Estes *neologismos* não foram directamente formados por escriptores da lingua vernacula. Foram introduzidos por meio do francez, do inglez ou do allemão.

Geodesia	—	Gê. terra + <i>daiô</i> , ou divido. Sciencia de medir a superficie.
Physiognomia	—	<i>Phusis</i> , natureza + <i>gnômon</i> , indicador.
Heterodoxo	—	<i>Heteros</i> , differente + <i>doxa</i> , opinião.
Pantographo	—	<i>Pas</i> (pantos), todo + <i>graphô</i> , eu escrevo.
Pathologia	—	<i>Pathos</i> , molestia + <i>logos</i> , sciencia.
Thermometro	—	<i>Thermos</i> , calor + <i>metron</i> , medida.
Telegramma	—	<i>Têle</i> , longe + <i>gramma</i> , escriptura caracteres.
Chrestomathia	—	<i>Chrêstos</i> , bom + <i>mathein</i> , instruir-se, aprender.

Dos termos gregos convém notar que muitos não são de formação moderna, e existiam já no grego classico, taes são: *pedagogo* (*paidagôgos*) *automato* (*automatos*) *apocalypse* (*apokalupsis*) *mathematica* (*matêmatikos*) etc.

Por isso não deixam de ser *neologismos*; mas não são creações modernas.

2.— *Hybridismos*

Chama-se **hybridismo** o vocabulo composto de elementos tirados de linguas differentes.

Quando o hybridismo é popular e de uso vulgar, é admissivel. Osteruditos, porém, devem formar as palavras de elementos homogeneos, tirados de um mesmo idioma. Por isso os *hybridismos* scientificos são condemnados pelos puristas e grammaticos.

- Heliogravura.* — Formado do grego *hélíos*, sol e do latino *gravura*. A fôrma mais correcta seria *heliographia*. Do mesmo modo *photogravura* é hybridismo por conter um elemento grego e outro latino.
- Bureaucracia* — Formado do francez *bureau* (l. *bure-lum*) e do grego *kratos*, poder. A fôrma correcta seria *synedriocracia*.
- Sociologia* — Hybridismo creado por Augusto Comte. O primeiro elemento é latino, o segundo é grego.
- Zincographia* — O primeiro elemento zinco é allemão, o segundo é grego.
- Monoculo* — de *monos* (isolado; grego) e *oculos* (olho; latim). Desse typo são *deci-metro*; *milli-metro*, etc.
-

LIÇÃO XXV

Etymologia dos substantivos — Influencia dos casos na etymologia dos nomes.

Os substantivos constituem a maior riqueza dos lexicos.

As difficuldade de determinar préviamente a etymologia do substantivo depende de que as outras categorias grammaticaes raras exemplos possuem de palavras extranhas, primitivas. Entre os substantivos, porém, existem quasi todos os termos germanicos, arabes e estrangeiros que penetraram no idioma.

Todos os pronomes determinativos e preposições são latinas. Todos os adverbios, excepto *debalde*, são latinos. Quasi todos os verbos primitivos são latinos; exceptuam-se alguns germanicos: *tirar*, *britar*, *brandir*, *chocar*, *singrar*, *ganhar*, *guardar*, *locar* e pouco mais e alguns arabes: *matar*, etc.

A quasi totalidade dos vocabulos estrangeiros existe entre os substantivos.

Substantivos proprios.—Os nomes de pessoas têm etymologias muito diversas. Em regra geral, porém, os christãos adoptaram os nomes tirados do hebraico, da biblia e dos nomes de martyres latinos e gregos dos primeiros tempos da religião.

Nomes proprios *hebraicos* ou *biblicos*: *Manuel*, *José*, *João*, *Sara*, *Esther*, *Jeremias*, *David*, *Moysés*, *Anna*, *Maria*, *Judas*, *Pedro*, etc.

Nomes gregos: *Eugenio*, *Enphrosyna*, *Theodoro*, *Philippe*, etc.

Latinos: *Deodato*, *Deusdedit*, *Antonio*, *Mario*, etc.

Com a invasão dos barbaros wisigodos, foram adoptados nomes de origem gothica: *Luiz, Carlos, Eduardo, Duarte, Affonso, Clotilde, Elvira, Rodolpho, Adolpho, etc.*

Em todas as linguas os nomes proprios foram significativos e representavam anteriormente qualquer qualificação.

E' o que se vê do grego *Theodoro* dadiva de Deus, e o latino, *Aeodato*; *Eutichio*, feliz, é o latino *Felix*.

Em portuguez: *Boaventura, Felisbello, Clara*, são qualificativos evidentes.

Os nomes proprios tambem têm fórmulas divergentes: *Duarte e Eduardo; Luiz e Ludovico; Adolpho e Alaulpho; Raul e Rodolpho.*

As terminações *olpho, ulpho (wolf)* significam *Lobo*.

Alguns cognomes, hoje portuguezes, originaram-se de familias estrangeiras que emigraram para o reino; taes são os *Accioli* que vieram de Florença e se estabeleceram na ilha da Madeira; os *Brandões* que são de origem germanica e que os nobiliarios dão como vindos de Inglaterra; os *Cavalcanti* familia italiana; os *Espinola*, familia genovesa, emigradas as duas ultimas no seculo XVI, como se vê dos nobiliarios portuguezes.

Patronymicos.—*os que indicam a descendência.* Derivam de origens diversas, porém immediatamente da fórmula plural do ablativo latino: Paes (de *Pelagus*).

Exemplos de patronymicos:

Paio	(Pelagio)	<i>Paes</i>
Antão	(Antonio)	<i>Antunes</i>
Fernando	(Ferdinando)	<i>Fernandes</i>
Martinho	—	<i>Martins</i>
Brigida	(Beatriz ?)	<i>Brittes</i>

Os semitas formam os *patronymicos* analyticamente pela anteposição de *ben* (filho):

Benj-amin.
Ben-alcanfôr.
Beni-Egas = Viegas.

Appellativos.—Os nomes abstractos em geral derivam do latim: *virtude, vicio, avareza, etc.*

Os nomes technicos de sciencias, mathematicas, physicas e biologicas, são formados do grego : *polygono*, *geologia*, *thermometro*, *epiderme*, etc.

Os nomes de artes e bellas artes, em grande parte, vieram das linguas modernas ; notando-se que os termos de musica são na quasi totalidade italianos : *guache*, *pastel*, *allegro*, *adagio*, etc.

Os augmentativos e diminutivos trazem o cunho de derivação vernacula, ainda que alguns representem a fórma latina em *ulus*: *animalculo*, *monticulo*, *receptaculo*, e outros a fórma *olus* : *lençol* (*linteolus*) *rouxinol* (*lusciniola*).

Não é pequena a influencia dos casos na formação dos nomes. A etymologia deve, pois, determinar, quando fôr necessario, o caso de que um nome deriva.

A este respeito, ha duas opiniões que têm sido varias vezes sustentadas no intuito de determinar o caso *etymologico*.

1. Pensavam os antigos grammaticos da litteratura portugueza que o caso etymologico das vozes vernaculas fosse o ablativo : *hora* viria de *hora*, *arvore* de *arbore*.

Esta opinião ainda hoje é sustentada por alguns philologos, apoiados no facto da maior similitude que têm as vozes portuguezas com o ablativo latino : *arvore*, *arbore* ; *servo*, *servo*, etc.

2. A segunda opinião actualmente mais acatada é a que sustenta ser o accusativo latino o caso etymologico : *servo* de *servum* ; razão de *rationem* e não de *servo* ou *ratione*.

Esta opinião é mais acceitavel e basêa-se nos seguintes argumentos :

a) A opinião que sustenta ser o ablativo o caso etymologico é inadmissivel nas fórmas do plural : *horas* de-

riva de *horas* e não de *horis* ; arvores deriva de *arbores* e não de *arboribus*.

b) Ha casos que a intercalação de uma nasal representa a característica do accusativo : *lontra* de *lutram*.

Esta razão, apesar de importante, não é todavia decisoria. A nasalidade pôde resultar de uma prolação de letra inicial : *mim* de *mihī* ; *mancha* de *macula*.

c) O accusativo sem contestação, é o caso etymologico das linguas romanas em que existiu declinação, no periodo medieval ; isto é, no francez e no provençal.

d) A ultima razão, e decisiva, encontra-se na etymologia dos imparisyllabos neutros, onde o accusativo differe consideravelmente (por uma syllaba) do ablativo : *peito* vem do accusativo *pectus* e não de *pectore* ; *lado* vem do accusativo *latus* e não de *latere* ; *corpo* do accusativo *corpus* e não de *corpore* ; *tempo* deriva do accusativo *tempus* e não do ablativo *tempore*.

Se *tempo*, *corpo*, etc. viessem do ablativo, teriam as fórmas *tempre*, *corpre* analogas ás dos masculinos e femininos latinos *arvore*, *lebre*, (de *arborem* ou *arbore*, *leporem* ou *lepore*, nomes em que o accusativo differe do ablativo apenas por uma letra, e onde as duas opiniões poderiam ser sustentadas com igual vantagem).

A etymologia deve pois ter em ponderação o caso *etymologico*. O accusativo é o typo demonstrado da derivação ; mas existem vestígios, na lingua, de todos os outros casos, como já mostrámos na lição que trata dos *vestígios da declinação latina*.

LIÇÃO XXVI

Etymologia do artigo e do pronome

As etymologias do artigo, dos determinativos, dos indefinitos e pronomes encontram-se no elemento latino.

1.—ARTIGOS

Os artigos dividem-se em *definito* e *indefinito*.

O **artigo indefinito** é o que junto ao nome não lhe determina a existencia ou posição : *um homem*.

O **artigo definito** é o que determina a especie ou o individuo. Exemplos :

Determinando a especie : *o homem* é animal.

Determinando o individuo : *o homem* que vimos.

Quanto á flexão notemos que o artigo se agglutina com a preposição : *ao, do, pelo, do, no*.

A contracção *a+a*, dá o producto *a*, com um accento agudo. A contracção *a+o* produziu até o seculo XVII a fórma *ô* hoje desusada na escripta, mas perceptivel no fallar do povo : *ô depois*=*ao depois*.

O *atigo definito* *o, a* deriva do accusativo latino *illum, illam*.

dedit illum— deu-*a*.

Convém notar que já no latim não existia a accentuação da primeira syllaba de *ille*.

As fórmas antigas foram *lo, la* que na lingua, por causa de dialectos, perduraram conjunctamentê com *o, a*.

As fórmãs *lo*, *la* ainda se conservam nos dizeres: *alamar*, *alafem*, *vol-o digo*, *amal-o*, *dízel-o*, *punil-o*.

A etymologia do artigo de *illum* tem sido combatida por alguns que sustentam que o artigo portuguez se originou do artigo *ho* grego, e por outros que derivam *o*, *a* de *hoc*, *hac*, etc.

Não é admissível a origem grega. O grego pouco influe na lingua popular e a pouca influencia que d'elle provém nos veio por intermedio do latim. Ora, o latim nunca adoptou o artigo grego.

A etymologia *hoc*, *hac* é inadmissível, tambem, por isso que não explica a quêda da terminação forte *c*, tão conservada em agora (*hac*+*hora*) etc. O *c* final, quando desaparece, é compensado pela nasalisação ou accentto: nem (*nec*) sim (*sic*) lá (*illac*).

A etymologia de *hoc* é além disto contraria ás origens dos artigos das linguas romanas, italiano *lo*, francez *le*, hespanhol *el*, *lo*, etc.

A etymologia de *hoc*, finalmente, deriva o artigo no singular o ablativo (*hoc*, *hac*) e no plural, do accusativo (*hos*, *has*).

O portuguez possui o artigo *el*, existente na antiga lingua: *el gado*. Hoje a fórmula *el* só é usada na expressão: *El-Rei*.

El origina-se do nominativo *ille*.

Tambem possui o portuguez o artigo arabe *al* que veio prefixado nos vocabulos dessa lingua: *al-mocreve*, *al-copa*.

No portuguez, o *al* arabe não tem função de artigo, é apenas elemento compositivo do vocabulo.

● artigo indefinito, *um*, *uma*, *uns*, *unas*, deriva do latim:

Um	—	<i>Unum</i> .
Uma	—	<i>Unam</i> .
Uns	—	<i>Unos</i> .
Umas	—	<i>Unas</i> .

A troca de *n* em *m* (*una-uma*) justificavel pelo exemplo *mas-trução* (*nasturtium*) nasce do erro graphico *uma* por *ũa*.

Já no latim, *unus* tinha plural e só exercia a função de determinativo.

No portuguez antigo e ainda nos alvôres dos tempos classicos, *um* tinha a função de indefinito e correspondia ao francez *on* (de *homo*).

Não pôde *um* viver que não morra.
Não pôde *homem* viver...

Parece, como havemos de vêr na syntaxe, que este *um* representa, senão o originario *homo*, ao menos a influencia deste vocabulo.

2.— DETERMINATIVOS E INDEFINITOS

Possessivos—Os possessivos vieram do latim:

Meu — *meum*.
Teu — *tuum*.
Seu — *suum*.

Por analogia da fôrma *meu*, o mesmo diphthongo predominou nas outras pessoas *teu*, *seu*; mas os femininos conservaram a fôrma latina *tua*, *sua*.

O feminino da primeira pessoa *minha* (antigo *mia* de *meam*) tomou a nasal da segunda syllaba por influencia do *m* inicial.

O mesmo succedeu aos vocabulos: *mancha* (*mac'lam*) muito (*multum*) hontem (*ad-noctem*).

As fôrmas do plural são:

Nossa — *nostrum*.
Vosso — *vostrum* (*vestrum*).
Seu — *suum*.

No antigo portuguez existiam fôrmas contractas *ma*, *sa*, *ta* que precediam os nomes:

— *Sa* vida.
Vida *sua*.
— *Ma* ventura.
Ventura *mia*, etc.

Demonstrativos— Os demonstrativos têm as suas teymologias no latim:

Este	—	<i>iste.</i>
Esse	—	<i>ipse.</i>
Aquelle	—	<i>ecce-illum.</i> (1)
		<i>ecc'illum.</i>

O portuguez tambem conserva as fórmãs neutras *isto* (antigo *esto* de *istud*) *isso* (antigo *esso* de *ipsum*) *aquillo* (antigo *aquello* de *ecc'illud*).

A lingua antiga possuia outras fórmãs que desapareceram. Taes foram : *aquesto* (*ecc'istum*) *aquesta* (*ecc'istam*) com a fórma neutra *aquisto*. Ainda se lê em Bernardim Ribeiro:

E n'*aquisto* triste, chorando...

Relativos.—São todos derivados do latim. Exemplos :

Que	—	<i>qui.</i>
Qual	—	<i>qualis.</i>
Cujo	—	<i>cujos.</i>

Convém notar o composto vernaculo *qual+quer*. O demonstrativo *quem* é composto, segundo penso, de *que+um* (um=homo) e segundo outros é o accusativo *quem* de *qui*.

Os interrogativos *que?* *qual?* têm as mesmas etymologia dos relativos.

Indefinidos.—Os indefinidos têm as suas origens no latim, no grego e no arabe.

Latinos:	<i>Algun</i>	—	<i>aliqu'-unum.</i>
	<i>Nenhum</i>	—	<i>nec-unum.</i> (nem-um)
	<i>Outro</i>	—	<i>alterum.</i>
	<i>Certo</i>	—	<i>certum.</i>
	<i>Algo</i>	—	<i>aliquis.</i>
	<i>Al</i>	—	<i>aliud.</i>

(1) Diez e Reinardstœttner.

Variações	{	me	—	<i>me.</i>
		mim	—	<i>mihi.</i>
		te	—	<i>te.</i>
		ti	—	<i>tibi.</i>
		se	—	<i>se.</i>
		si	—	<i>sibi.</i>
		migo	—	<i>mecum.</i>
		tigo	—	<i>tecum.</i>
		sigo	—	<i>secum.</i>

As fórmulas do plural são:

Nos — *nos.*

Vos — *vos.*

Elles — *illi.*

Variações	{	Nosco	—	<i>noscum</i> (lat. b.)
		Vosco	—	<i>voscum</i> (lat. b.)
		Os	—	<i>illos.</i>
		As	—	<i>illas.</i>

As observações sobre as variantes pronominaes já foram exaradas sufficientemente na lição respectiva.

LIÇÃO XXVII

Etymologia das fórmas verbaes. Comparação da conjugação latina com a portugueza

A etymologia das *fórmas verbaes* portuguezas encontra-se no latim, excepto em alguns casos em que houve formação original no seio da propria lingua.

Consideraremos as conjugações regulares em *are*, *ere* e *ire*. A conjugação em *ar* provém dos verbos latinos em *are* : amar (*amare*) estar (*stare*). A conjugação em *re* provém de duas fontes : da conjugação latina em *ere* longo : jazer (*jacere*) e em maior numero de verbos em *ere* breve : fazer (*facere*) dizer (*dicere*). A conjugação em *ir* provém de verbos em *ire* : vir (*venire*) e tambem de alguns verbos em *ere* breve : conduzir (*conducere*) cair (*cadere*).

Cumpre notar que estas divergencias de origens só se fazem sentir comparando o portuguez actual com o latim classico. No latim barbaro, porém, já apparecem confusamente as fórmas *immérgere* e *immergire*, *condúcere* e *conducire*. Por outra parte *fazer*, *dizer* derivam não de *facere*, *dicere*, mas de *facere*, *dicere*; ao mesmo tempo note-se que os vestigios *far*, *dir*, derivam do infinitivo breve *facere*, *dicere*.

1.—TEMPOS E MODOS

O presente representa os typos com sensivel fidelidade. Eis as fórmas comparadas do latim e portuguez:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO (1ª latina)		SEGUNDA CONJUGAÇÃO (2ª e 3ª latinas)		TERCEIRA CONJUGAÇÃO (4ª latina)	
Am-o	<i>Am-o</i>	Dev-o	<i>Deb-eo</i>	Sint-o	<i>Sent-io</i>
Am-as	<i>Am-as</i>	Dev-es	<i>Deb-es</i>	Sent-es	<i>Sent-is</i>
Am-a	<i>Am-at</i>	Dev-e	<i>Deb-et</i>	Sent-e	<i>Sent-it</i>
Am-amos	<i>Am-amus</i>	Dev-emos	<i>Deb-émus</i>	Sent-imos	<i>Sentimus</i>
Am-ais	<i>Am-atis</i>	Dev-eis	<i>Deb-étis</i>	Sent-is	<i>Sent-itis</i>
Am-am	<i>Am-ant</i>	Dev-em	<i>Deb-ent</i>	Sent-em	<i>Sent-iunt</i>

Na terceira pessoa de ambos os numeros cae o *t* final : *ama* (amat) *amam* (amant). Esta apocope explica-se por isso que a lingua, por indole propria, repelle as terminações em consoantes que não sejam *l*, *s*, *r*, ou nasal.

Na segunda pessoa do plural houve syncope do *t* ; *amais* (ama-t-is). Esta quédá foi precedida por simples abrandamento em *d* no portuguez antigo : *amades*, *devedes*, *sentides*. A transição do latim para o portuguez foi gradual : *amatis* (latim) ; *amades* (portuguez antigo) ; *amaes* (lingua actual).

D'este *d* existem vestigios nos verbos de pequena extensão : *vindes*, *ledes*, *tendes*, etc.

Do presente são dignos de nota as fórmas antigas *soio* (soleo) ; *senço* (de sentio), *dormio* (dormio). (1)

O imperfeito tambem se origina do latim : *amava* de *amabam* ; *devia* de *debebam* ; *sentia* de *sentiebam*. A quédá do *b* (*sentia* de *sentie-b-am*) é uma syncope vulgar,

(1) Reinhardstoettner—*Gr. d. port. Spr.*

como se vê em *cubitus*, côto ; não se realisoou em *amava* (de *amabam*) porque o resultado seria um hiato: *ama-a*.

Convém notar que no imperfecto houve deslocação do *accento* nas pessoas do plural: *amávamos* (de *amabamus*), *sentíamos* (de *sentiebamus*).

No hespanhol não houve deslocação do *accento*: *amabámos*. O italiano conserva mais fielmente as fórmas do imperfecto: *temeva* (temia).

● **perfeito** origina-se das fórmas latinas: *amei* de *amavi*; *devi* de *debevi* (por *debui*); e *senti* de *sentivi* (por *sensi*). As fórmas foram-se modificando gradualmente:

<i>Amavi</i>	<i>amaui</i>	<i>amei.</i>
<i>Debevi</i>	<i>debeui</i>	<i>devi.</i>
<i>Sentivi</i>	<i>sentiuui</i>	<i>senti.</i>

Estas fórmas são as regulares. Em certos casos, em a formação do perfeito succedeu a metathese: houve, de *habui*, depois *haubi*; joveu de *jacui*, depois *jauvi*; teve de *tenui*, depois *teue*.

No plural, a desinencia representada por *am* (*pediram*) teve diversos valores phoneticos e orthographicos: *foro*, *forom*, *foram* *chamaro*, *chamaram*, *chamaram*.

● **mais-que-perfeito** origina-se igualmente de fórmas latinas: *amára* de *amaveram*; *devêra* de *debeveram* (*debueram*); *sentira* de *sentiveram* (*sensiveram*).

Houve deslocação do *accento* do plural: *amáramos* de *amaverdmus*.

● **futuro** tem etymologia puramente romanica. O futuro é um composto do verbo *haver* e do verbo principal:

<i>Amar-ei</i>	<i>amar+hei</i>	<i>amare habeo.</i>
<i>Amar-ás</i>	<i>amar+has</i>	<i>amare habes.</i>
<i>Amar-á</i>	<i>amar+ha</i>	<i>amare habet, etc.</i>

O futuro simples latino perdeu-se e deu origem ás ditas fórmās em todas as linguas romanas : *ameró* (italiano) *aimerai* (francez), etc

O subjunctivo do presente seguiu o typo latino nas fórmās e na accentuação : ame, amemos (*amem, amémus*) ; deva, devamos (*debeam, debedmus*) ; sinta, sintamos (*sentiam, sentiámus*),

O subjunctivo do imperfeito não deriva do mesmo tempo latino, (*amarem, deberem*) nem ainda do perfeito (*amaverim, debuerim*) mas origina-se do *mais que perfeito* : amasse de *amavissem* ; devesse de *debevissem* (*debuisssem*) ; sentisse de *sentivissem* (*sensissem*).

Houve deslocação do accento no plural : amássemos, de *amavissemus*.

O subjunctivo do futuro confundiu-se com o infinitivo portuguez : amar, dever, sentir. Em alguns casos nota-se differença evidente :

Futuro —	<i>Vier</i>	Infinito —	<i>Vir</i>
	<i>Trouxer</i>		<i>Trazer</i>
	<i>Der</i>		<i>Dar</i>
	<i>Vir</i>		<i>Ver</i>

Essas divergencias resultam da derivação do perfeito *vim, trouxe, dei* : de sorte que o futuro, no subjunctivo, deve ser explicado pelo futuro anterior indicativo do latim : *dér (dedero) amar (amavero)*.

As duas pessoas do imperativo portuguez derivam do latim : ama, amai, (*ama, amate*) ; deve, devei (*debe, debéte*) ; sente, senti (*sentí, sentite*).

Recapitulando veremos que se perderam o futuro simples (*amabo*) do indicativo ; o imperfeito (*amarem*) e o perfeito (*amaverim*) do subjunctivo, e as terceiras pes-

soas do imperativo (*amato, amanto.*) Em compensação, a lingua adquiriu grande numero de fórmās analyticas ou compostas (*tenho, tinha, tivera, tivesse amado, etc.*) e creou duas flexões originaes: o futuro (*amarei de amar-hei*) e o condicional (*amaria de amar-hia ou havia.*)

II.—FÓRMAS NOMINAES

❶ **infinitivo** portuguez deriva do infinitivo latino. O infinitivo em *ar* deriva do latim em *are* : amar, *amare* ; quebrar, *crepare*.

O infinito em *er* deriva não só dos verbos em *ére* longo, mas tambem dos verbos em *ere* breve: jazer de *jacere* ; dever de *debere* ; fazer de *fácere* ; dizer de *dicere*. O infinito em *ir* deriva de verbos em *ere* e *ire* latinos : arguir de *arguere* ; attribuir de *attribuere* ; cahir de *cadere* ; parir de *parere* ; vir de *venire* ; vestir de *vestire*.

❷ **gerundio** representa o typo do gerundio latino em ablativo : amando de *amando* ; devendo de *debendo*, etc.

❸ **participio** latino do presente foi conservado como simples adjectivo : *amante*. O participio do futuro desapareceu, deixando alguns vestigios : morredouro (*moriturus*) vinlouro, casadeira (casadoura), mandadeira (mandadoura).

❹ **supino** desapareceu.

Os participios preteritos da 2ª conjugação em *er* tinham antigamente a desinencia *udo*: *estabelecudo, scondudo, estendudo, metudo, perdudo, vendudo, devudo, desfalecudo, erendo, conozudo, cognoçudo*. Entre essas formas, convém notar as que hoje pertencem á 3ª conjugação ou á 1ª : *entendudo, espantudo, aduzudo, addudo* (additus) *onjudo* (ungido) etc. Todas essas fórmās se acham no *El* de Viterbo. Os vestigios actuaes são *leudo, conteído, manteído*.

III.— VOZ PASSIVA

A voz passiva portugueza formou-se analyticamente da conjugação composta do verbo *ser* e do participio preterito do verbo principal: *ser amado*, *serds amado*, etc

As fórmãs passivas simples do latim perderam-se no portuguez, excepto duas: o *participio perfeito*, amado (*amatus*), devido (*debitus*), etc., que é um verdadeiro adjectivo, e o participio do futuro que foi adoptado na lingua litteraria, como substantivo: *examinando* (o que ha de ser examinado) *doutorando* (o que ha de ser doutorado.)

Esta funcção de participio passivo do futuro ainda se nota em palavras de terminação *enda*: fazenda, agenda, addenda, corrigenda, etc.

VERBOS IRREGULARES

Os verbos que de ordinario se chamam *irregulares* são os que obedeceram ao principio etymologico da filiação historica ou soffreram as transformações phoneticas de que eram susceptíveis como quaesquer vocabulos.

Ha diversas classes de irregularidades verbaes que analysaremos individualmente.

1.ª CLASSE.—VERBOS DE FLEXÃO FORTE

Alguns verbos portuguezes conservaram a *flexão forte* do latim e por isso tornaram-se irregulares em relação aos paradigmas.

As **Flexões fortes** latinas principalmente conservadas, foram :

a) **O infinito.** As fórmãs da terceira conjugação em *ĕre* conservaram em alguns casos, como já foi dito, a accentuação primitiva: *far* (facĕre) *dir* (dicĕre) *trar* (trahĕre) *quer* (querĕre) *pôr* (ponĕre); estas fórmãs observam-se nos futuros [simples e condicional:

far-ei,	far-ia
dir-ei,	dir-ia
trar-ei,	trar-ia
por-ei.	por-ia
arch. querr-ei,	querr-ia (1)

b) **O preterito perfeito.**—O preterito perfeito latino deu formações irregulares do portuguez.

disse, dixi	— <i>dixi</i> .
fiz (ant. <i>figi</i>)	— <i>feci</i> .
trouxe, troussse	— <i>traxi</i> .
Vi	— <i>vidi</i> .
Vim	— <i>veni</i> (<i>venivi</i>).

(1) As fórmãs *querrei*, *querria* occorrem frequentemente no *Canc. da Vat.*

Ou, por metathese :

Houve, (haube)	— <i>habui.</i>
Poude, <i>pude</i>	— <i>potui.</i>
Soube, (sube) soube	— <i>sapui.</i>
Pur, (ant-puge)	— <i>posui.</i>

Existem outras fórmas que já estão archaicas como *jouve* (de *jazer*) *resposse* (de *responder*) *addusse* (de *adduzir*).

c) **Presente.** Os tempos do presente deixaram vestígios dos numeros de suas flexões :

digo	— <i>dico.</i>
diga	— <i>dicam.</i>
Faço	— <i>facio.</i>
Jazo	— <i>jaceo.</i>
trago (asp. <i>trajo</i>)	— <i>traho.</i>
vejo (vêo)	— <i>video.</i>
venho	— <i>venio.</i>
ponho	— <i>pono</i> (poneo)
Valho	— <i>valeo.</i>

Note-se a presença do som *ç* nas transformações analogicas derivadas de *tio*, *dió*, etc.

Meço	<i>metior</i> (metio)
Pecço	<i>petio</i> (de <i>petire</i> por <i>petère</i>)
Ouçço	<i>audio.</i>

2.^a CLASSE.—VERBOS DE FLEXÕES MULTIPLAS

Existem verbos que possuem mais de um radical e são na lingua portugueza : SABER, SER, PODER e IR.

1. **SABER.**—O verbo *saber* deriva com todos os seus tempos de *sapĕre*. No presente do indicativo, porem, a primeira pessoa SEI é derivado de *scio*, do verbo SCIRE.

2. **SER.**—O verbo *ser* já no latim tem dous radicaes differentes, das duas raizes AS (*esse*) e *fu*. D'ahi as fórmas :

√AS	—	<i>sou</i>	—	<i>sum</i> , etc.
√fu	—	<i>fora</i>	—	<i>fuera</i> m.

No portuguez, a estas fórmas junctou-se um novo radical *sedēre* (estar sentado) que deu origem a varias flexões :

seja — *sedeam*.
ser-ei — *sedēre* — habeo.
 ser (seer) — *sedēre*.

São derivados de *sedēre* as fórmas antigas ou populares *sêdes* e *sodes* (*sedelis* por *estis*) *sente* (sedentem) *sela* (*sedebeam* por *eram*), etc.

3. PODER como sendo em latim um derivado de ESSE (*posse* = *potis esse*, ser poderoso), contém naturalmente as duas raizes AS e FU.

√AS — posso (*pos-sum*).
 √FU — pude (*pot-ui*).

4. IR.—O verbo *ir* em portuguez contém tres radicaes : O do verbo *ire*:

Ir — *ire*
Ia — *ibam*

O radical *fu*, que é o mesmo do verbo *ser* :

fui — *fui*
fôra — *fueraam*

O radical do verbo *vado* que apparece em varias fórmas :

Vou — *vado*
Va (vaia) — *vadam*

Cumpre notar que o subjunctivo latino *eam*, *eal* deixou vestigio na expressão interjectiva *eia*=*va*.

Tambem se tem usado no indicativo presente a forma *imos* por *vamos*.

3.^a CLASSE.—IRREGULARIDADES PHONETICAS

Os valores prosodicos, especialmente no que diz respeito á accentuação, soffreu diferentes modificações dignas de analyse.

I.—*Não ha flexão verbal proparoxytona (exdruxula) : prépáre, preparei ; magôa, maguas ; matricule, etc.*

Exceptua-se *resfolegar* que tem as fórmas *resfólego, resfólega*. As fórmas exdruxulas latinas ou desviaram o accento (*invóco* de *invoco*) ou soffreram transformações que encurtaram o vocabulo (*valho* de *váleo* ; *venho* de *venio* : e os arch. *considro* de *considero* ; *arço* de *árdeo*, (Gil Vicente).

« II. A vogal ou diphthongo da penultima syllaba do presente impessoal infinitivo dos verbos polysyllabos, quando recebe o accento tonico (a saber : nas tres pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e conjunctivo, e no singular do imperativo), está sujeita ás seguintes modificações :

« Na primeira conjugação :

1) *a* oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *a* aberto : *lavar, lavo*.

Quando é seguido daquellas consoantes, conserva-se : *chamar chamo, sanar são, apanhar apânho*.

2) *e* surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *e* aberto : *encetar encêlo, concertar concêto*.

Quando, porém, é seguido daquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *ejar* ou *echar* ou *elhar*, bem como no verbo *chegar* e seus compostos e no verbo *pesar* na accepção de : desprazer, passa para *e* fechado : *algemar algêmo, ordenar ordêno, empenhar empenho ; desejar desêjo, fechar fêcho, ajoelhar ajoelho ; chegar chêgo, conchegar conchêgo, pesar pêsame*. (Exceptua-se o verbo *invejar*, em que passa para *e* aberto : *invêjo*).

« Nos verbos terminados em *ear*, passa para *ei* ; *nomear nomeio*. Em *crear*, porém, passa para *i* : *crio* (mas nos compostos passa para *ei* : *procrear, procreio* ; exceptuando *recrear* na accepção de tornar a crear).

3) *o* surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *o* aberto : *tocar, tôco*.

Quando, porém, é seguido daquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *oar*, passa para *o* fechado : *assomar assômo, abonar abôno, sonhar sônho, perdoar perdôo*. Exceptuão-se os verbos *tomar* e *domar* e os seus compostos, nos quaes passa para *o* aberto : *tômo, dômo*.

4) *o* oral fechado passa para *o* aberto : *sóltar, sólto*.

5) *ai* com *a* fechado passa para *ai* com *a* aberto : *desmaiar, desmaio*.

6) Nos verbos em *iair* o *i* conserva-se tanto na pronuncia como na escripta : *copiar copio*.

Todavia em um pequeno numero de verbos é permittido passar o *i* para *ei*. Taes são os verbos *diligenciar*, *negociar*, *odiar*, *premiar*. (*) »

« II. Na segunda conjugação:

1) *a* oral fechado passa para *a* aberto: *abater*, *abato*.

2) *e* surdo passa para *e* fechado na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *gemer gemo gema gemas gemão*; e para *e* aberto na segunda pessoa e na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *gemes gеме gemem*.

3) *o* surdo passa para *o* fechado nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* fechado: *comer como coma comas comão*; e para *a* aberto nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* aberto: *comes come comem*.

4) *o* oral fechado passa para *o* aberto nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* aberto: *volver volve volve volve*.

« III. Na terceira conjugação:

1) *a* oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *a* aberto: *abrir abro*.

Quando, porém, é seguido daquellas consoantes, conserva-se fechado: *ganir gano*.

2) *e* surdo passa para *i* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *despir dispo dispa dispas dispam*; e para *e* aberto na segunda pessoa e na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *despes despe despem*.

Nos verbos *aggradir*, *donegrir*, *prevenir*, *progredir*, *remir*, *transgredir*, a vogal da penultima syllaba do presente do infinitivo impessoal passa para *i* todas as vezes que é accentuada; *aggrido aggrides aggride aggridem*.

3) *e* fechado (oral ou nasal) passa para *i* nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *i*: *sentir sinto sinto sintas sintão*. (Nas outras pessoas conserva-se: *sentes sente sentem*).

4) *o* surdo passa para *u* nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *i*: *dormir durmo durma durmas durmão*; e para *o* aberto nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* aberto: *dormes dorme dormem*.

(1) Em particular não se faz esta mudança em *adiar*, *afiar*, *alliar*, *allumiar*, *aviar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*, *fiar*, *miar*, *piar*, *sociar*, *tosquiar*, *variar*.

Nos verbos *sortir*, *ordir*, e *cortir*, o *o* passa para *u* em todas as pessoas em que é accentuado.

5) *u* oral passa para *o* aberto na segunda pessoa e na terceira do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e no singular do imperativo dos seguintes verbos : *acudir*, *bulir*, *consumir*, *cubrir*, (ou antes *cobrir*, e *descobrir*), *cuspir*, *destruir*, *engulir*, *fugir* (e *refugir*), *sacudir*, *subir*, *sumir*, *tossir*.

Em *construir* (e *reconstruir*) alguns fazem esta mudança e dizem *constroe constroes constroem* ; é melhor, porém, conservar o *u* e dizer *construes construe construem*.

6) Na terceira conjugação, a vogal da penultima syllaba do presente impessoal infinitivo, sendo *e* fechado, *e* ou *o* surdos, experimenta também na primeira pessoa e na segunda do plural do presente do conjunctivo a mesma modificação a que está sujeita nas tres pessoas do singular e na terceira do plural desse tempo : *ferir fira firas fira firamos firaes firam.*» (1)

4ª CLASSE—IRREGULARIDADES ORTHOGRAPHICAS

A necessidade de conservar a mesma prosodia nas varias flexões do verbo modifica a orthographia. Assim, os verbos que possuem os sons fortes *gar* e *car* da terminação, tomam a orthographia *que*, *gue*, quando é necessario : *pecar*, *pequei*, *peque* ; *ficar*, *fiquei*, *fique* ; *regar*, *reguei*, *regue*, etc.

Os verbos que têm a terminação branda em *ger*, *gir* e *cer* mudam nos casos necessarios o *g* em *j* e o *c* em *ç*.

fallecer — *falleça*.
reger — *rêja*.
dirigir — *dirija*.

(1) Taes observações extrahimol-as *ipsis verbis* da *Gramm.* de Epi-phanio Silva que por ser portugueza consigna a prosodia verdadeira da lingua. A prosodia brasileira só em parte obedece a essas regras.

LIÇÃO XXVIII

Etymologia das palavras invariaveis

A etymologia das palavras invariaveis é, em geral, latina. Muitas dellas são de formação romana, posterior do latim culto. Algumas derivam de elementos estranhos.

I. — ADVERBIOS

De lugar. — *Alhures* do lat. *aliorsum*; a fôrma *al-gures* soffreu a influencia de *algo* (*aliquis*),

A fôrma *hic* latina produziu *hi*, e com a junção de outras: *ahi* (*ad + hic*) *aqui* (fr. aut. *iqui*, *hic + hic*).

A fôrma *ahi* corresponde ao francez *y*; de *hic*, *hoc*, *hac* repetidos formaram *aqui*, *acó*, *acá*. A fôrma *aquó* archaisou-se, mas persiste em *acolá* e existiu em *acajuso* (abaixo) e *acasuso* (em cima). Da fôrma *acá* existe o segundo elemento *cá*.

Alli provém de *ad + illinc*:

Allá (archaico) de *ad + illac*. A fôrma *lá* ainda existe.

Arriba vem do latim *ad + ripam*, para a praia.

Foi formado como o francez *aval* (*ad + vallem*).

Além (no hespanhol *allende*) do latim *aliunde*.

Onde do lat. (*unde*). *Donde* do lat. *de + unde*. *Aonde* e *adonde* de *ad + unde*.

Adverbios de tempo. — Agora de *hac + hora*; hoje de *hodie* (*hoc die*); logo de *loco*; hontem de *ad + noctem* (no hespanhol *anoche*, no portuguez antigo *ooyte*); sempre de *semper*; nunca de *numquam*.

Muitas formas são de criação vernacula: *outrora* (outr' hora), *ante-hontem*; *d'hora em diante*; *depois de amanhã*; *ainda ha pouco*, etc.

Adverbios de modo. — Os adverbios em *mente* derivam de adjectivos femininos em concordancia com o substantivo *mente* e representam o ablativo latino: boamente de *bona+mente*, *obscuramente*, *precisamente*.

Assim de *ad+sic*; bem de *benè*; mal de *malè*.

Os adjectivos da forma neutra na latim e no grego podiam servir muitas vezes de adverbio. Dahi a tradição mantida na nossa lingua de adverbial adjectivos: falar *baixo*, *alto*, *serio*, comprar *caro*, etc.

Adverbios de quantidade. — Cerca do lat. *circa*; quasi do lat. *quasi*; assaz do lat. *ad+satis*. Pouco do lat. *pauco*. Muito do lat. *multo*.

O adverbio *nada* deriva do adjectivo feminino *nata*. *Res nata* coisa nascida, criação. O francez antigo possuia *rien née* e depois *rien* exclusivamente. O portuguez perdeu o elemento *ren* e conservou o adjectivo *nada* que, por contagio, ganhou a funcção do antigo elemento a que vinha junto.

Adverbios de affirmativa. — Sim do lat. *sic*; não do lat. *non*; talvez do portuguez *tal+vez* (*tal vice*) jámais do portuguez *já+mais* (*jam+magis*).

A forma *quiça* talvez provenha do italismo *chi sa*. A forma antiga era *quiçais*.

Entre os adversarios de tempo convém recordar, por interessantes, os archaismos: *hogano* (*hoc+anno*) *entano* (*anl'anno*).

O adverbio *de balde* é de origem arabe.

Os adverbios em *mente* formam-se do adjectivo no feminino: de *bello*, *bellamente*, etc. Acontece, porém, que muitas vezes se usa da forma feminina archaica. Assim não se diz de *mão*, mámente, porém *malmente*; o elemento *mal*, contracto de *malu*=*má*.

O adverbio affirmativo *Amen*, usado nas orações religiosas, deriva do hebraico *aman*, no passivo *amen*: ser verdadeiro ou constante.

II.—PREPOSIÇÕES

As etymologias das preposições ou são latinas ou formaram-se no dominio romano, depois da dissolução do latim.

Latinas : de=de, *de* Com de *cum*. Entre de *inter*. Em de *in*. Por de *per*. Sem de *sine*. Sobre de *super*. Sob de *sub*. Contra de *contra*. Antes de *ante*.

Romanas : ácerca de *ad+circa* ; após de *ad+post* ; depois de *de+post* ; adiante de *ad+de+ante* ; dêsde de *de+ex* ; desde de *de+ex+de* ; dentro de *de+intra* ; para de *por a, per+ad* (antigo port. *pera*).

Aquem foi por analogia formado á maneira de *além* (aliunde).

A preposição *até*, composta de *a* (ad)+*té* (tenus) no antigo portuguez *além* (Viterbo).

Atraz deriva *ad+trans*.

Ha preposições que se originam de adjectivos : *excepto, salvo*. Ha outras que se originam de verbos : *durante, não obstante, mediante, tocante*, etc.

No latim a fórma *secundum* deriva de *sequor*, e é preposição e nome de numero.

III.—CONJUNÇÕES

As conjunções foram originadas do latim :

E de *et* ; mas de *magis* ; nem de *nec* : ora do substantivo *hora* ; pois de *post* ; logo do substantivo *loco* ; já de *jam* ; porém de *per-inde* ou *pro+inde* (no antigo portuguez *por+ende*) ; quando de *quando* ; como de *quomodo* ; que de *qui* (em lugar de *quam*), etc.

Ha outras conjunções formadas por composição vernacula : logo que, supposto que, por que, afim de que, por consequencia, todavia (*tota vice*), pois que, etc.

O archaismo *car* (porque) deriva do latim *quare* (qua+re). A fórma *ende* (ainda, *inde*) permanece na lingua com a fórma *em* nas seguintes expressões :

em que pése a F.
=ende que pése a F.
=ainda que pése a F.

A antiga fôrma *a* de *et* apparece em *dezaseis*, *dezasete* (dez e seis, dez e sete) e tem exemplos na antiga lingua (V. Moraes Dicc. letra A).

IV.—INTERJEIÇÕES

Em rigor as interjeições deveriam escapar á analyse etymologica, pois que representam gritos espontaneos.

E isto é o que succede quando se procura a etymologia, de interjeições simples, communs a quasi todas as linguas : ah ! eh ! ui ! oh ! ih ! olá !

As interjeições improprias acham sua origem em varios vocabulos que se perderam ou se desviaram de sua categoria grammatical:

Verbos : Safa ! Viva ! salve ! basta !

Particulas : Avante ! acima ! fóra !

Nomes : adeus ! silencio ! coragem !

Entre as interjeições notemos *guai* ! que parece ser o celtico *guai* ! ou a transcripção gothica do *væ* ! latino. Os visigodos transformaram o *v* e *w* em *g* (guerra=*verra*, gastar *vastare*).

Em *ak-d'El-Rei* ! (e não *aqui-d'El-Rei*) a interjectiva é provavelmente a imprecativa celtica : *ak*.

A interjeição *oxalá* ! é arabe e deriva de *insh'allah* ! queira Deus ! (1)

(1) Diez e Littré notaram que as fôrmas do plural de alguns adjectivos (*nimiis*, *gratis*) crearam nas linguas romanas a tendencia de dar fôrma pluralisada aos adverbios. E' o que se nota no italiano *volentieri* ; no fancez *certes*, *lors*, *hors*, *jusques* ; no hespanhol *entonces*, etc.

A mesma tendencia encontra-se no portuguez da plebe ; *aindas*, *porens*, *agoras*, e até nos adverbios em *mente* : *seguramentes*, *cerçamentes*.

LIÇÃO XXIX

Da syntaxe em geral. Breves noções sobre a estrutura oracional do latim culto e do latim popular. Typos syntacticos equivalentes na lingua portugueza.

Syntaxe é a parte da grammatica que estuda os vocabulos e grupos de vocabulos considerados em conjuncto no discurso.

O fim da syntaxe é determinar a disposição a que devem obedecer os vocabulos para exprimir um juizo ou *proposição*; e ainda, determinar a disposição a que devem obedecer as proposições para formar um sentido completo ou o periodo.

Em verdade, muitos vocabulos juntos só têm syntaxe quando representam um juizo. Assim o grupo : *Feito é barro homem de*, não é syntactico, porém : *o homem é feito de barro* é um grupo syntactico, porque os vocabulos estão dispostos e ajustados de maneira a representar um juizo.

A syntaxe divide-se em duas partes :

Syntaxe das palavras—é a que expõe as regras para a expressão das relações entre as partes da proposição.

Syntaxe das proposições—é a que expõe as regras que determinam as relações entre as proposições.

Em qualquer dos casos, os dous factos capitaes da syntaxe são a *coordenação* dos elementos do discurso, e a *subordinação* (ou *dependencia*) que entre esses elementos existe.

I. — LATIM CULTO E LATIM BARBARO

A lingua portugueza deriva da latina. Esta soffreu transformações não só phoneticas e morphicas, mas principalmente modificações syntacticas.

Já desde a idade classica da lingua latina notava-se a existencia de uma lingua popular (*plebeius sermo*) differente da lingua culta e litteraria.

Com a quêda do imperio romano, com a decadencia da litteratura e com a invasão dos barbaros no occidente, o latim foi de tal modo adulterado e corrompido que se tornou uma lingua nova, conhecida hoje pelos nomes de *latim barbaro*, *latim medieval*, *baixo latim*, *latim ecclesiastico*.

Depois de Aulus Gellius, o latim perdeu a pureza classica. A linguagem rustica tornou-se predominante; perdeu-se a noção de quantidade em proveito da do accento, como se observa nos cantos populares do tempo, nos poemas de Ausonius e de Sedulius, no IV e V seculos.

O christianismo introduziu na lingua hebraismos e hellenismos. E os proprios padres confessam que se exprimiam na lingua rustica, como convinha a doutrinaes. Santo Agostinho diz: *Melius est reprehendant vos grammatici quam non intelligent populi*; e em outro lugar: *Sæpe enim et verba non latina dico, ut vos intelligatis*.

O latim barbaro differe consideravelmente do latim culto. Eis algumas divergencias notaveis:

1. *A ordem synthetica do latim culto tornou-se analytica* (directa). Esta modificação resultou das alterações phoneticas, que tinham destruido as terminações, os casos. Desde logo, tornou-se necessaria á clareza da phrase a ordem analytica.

No latim classico dizia-se:

Eo Romam.

No latim barbaro era preciso dizer:

Vado ad Romam.

2. *A ordem analytica e a perda dos casos multiplicaram o uso das preposições* e estas muitas vezes regiam casos improprios:

No latim classico :

Cum suis filiis venit.

No latim barbaro :

Venit cum suos filios.

O uso das preposições destruiu quasi toda a concisão do latim culto. Por isso encontram-se no latim barbaro construcções como estas :

Dare carnem ad manducare
(Dar carne para comer)
Não habet unde reddere
(Não tem de que viver)

3. As orações do infinito com o accusativo foram frequentemente substituídas pelas orações de *quod*, *quia*, *quoniam*, *qui*, de syntaxe irregular :

A phrase classica :

Dementem esse, aiunt

Seria composta do latim barbaro :

Dicunt qui stabat demente ou quod stabat...

4. Muitas formas verbæes compostas vieram substituir as formas simples latinas : *amare habeo* em vez de *amabo* (amarei).

Taes são as modificações syntacticas características do *latim barbaro* ou *medieval*. (1)

(1) No *latim barbaro* occorrem alterações phoneticas, derivações, alterações morphicas, das quaes não nos occuparemos por não ser materia exigida pelo *programma*.

II.—TYPUS SYNTACTICOS EQUIVALENTES

Chamam-se *typos syntacticos equivalentes* os modos diversos de collocar, reger ou fazer concordar entre si os elementos da phrase.

A denominação *typos syntacticos divergentes* não a adoptamos, julgamol-a pouco propria. Em morphologia, chamam-se *typos divergentes* os que decorrem de um ponto originario v. g. *segre* e *seculo* que derivam de *sæculum*. Ora, na syntaxe mui poucas vezes as phrases e locuções equivalentes derivam de um tronco commum. Assim não existem propriamente *typos syntacticos divergentes* e a expressão póde ser vantajosamente substituida por *equivalentes syntacticos* (1) porque estes representam em relação á phrase o mesmo que representa o *synonymo* em relação ao vocabulo. Apenas serão *typos divergentes* nos raros casos em que provierem de um unico typo latino.

1. Collocação ou ordem.— Em uma phrase, os vocabulos podem ser collocados de modos differentes :

Deus fez o mundo em seis dias
Fez Deus o mundo em seis dias
Em seis dias Deus fez o mundo
Deus fez em seis dias o mundo

Como se vê, são numerosissimos os *typos equivalentes* dessa especie. Convém, todavia, notar que a combinação não é arbitraria; a *collocação* póde variar comtanto que respeite a *subordinação*. Assim, o elemento *em* do exemplo citado deve estar aggregado ao complemento *seis dias*. São, por isso, *asyntacticas* ou erroneas, as combinações :

Deus em fez seis dias o mundo
Deus fez em o mundo seis dias, etc.

(1) Equivalentes *syntacticos* ou *semioticos* ou melhor *semanticos*.

2. Concordancia.— As diferentes especies de concordancia offerecem typos equivalentes :

- a) *Estamos convencido*
Estamos convencidos.
- b) *A maioria dos soldados quer...*
A maioria dos soldados querem...

3. Os diversos modos de exprimir a subordinação e regencia dos vocabulos cream typos syntacticos equivalentes:

- a) Boamente
Com boa mente
- b) Agora
Nesta hora
- c) me, te, lhe
a mim, a ti, a elle
- d) Começar de escrever
Começar a escrever
- e) Equação a duas incognitas
Equação de duas incognitas
- f) Mora a rua Larga
Mora na rua Larga
- g) Morrer de fome
Morrer a fome
- h) Mandou fazer
Mandou que fizessem.

Estes typos syntacticos são os mais importantes, por isso que denunciam a riqueza do idioma ou a influencia de qualquer lingua extranha.

Os tres primeiros exemplos representam vestigios de casos: *agora* do ablativo *hac-horâ*, *boa-mente* do ablativo *bona+mente*.

LIÇÃO XXX

Proposição em geral. Membros da proposição simples. Relações.
Classificação quanto ao sentido.

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juízo.

A proposição contém dous elementos capitaes e indispensaveis: *sujeito* e o *predicado*.

Sujeito é o ser de que se afirma alguma cousa.

Predicado é aquillo que se afirma do *sujeito*.
Exemplos:

<i>Sujeitos</i>	<i>Predicados</i>
Os passaros	<i>voam.</i>
A vida em Pariz	<i>é cara.</i>
O tempo	<i>consome as cousas.</i>

Tanto o sujeito como o predicado dizem-se *logicos* quando vêm acompanhado das palavras que o completam.

Sujeito logico : *A vida em Pariz.*

Suj. grammatical: *vida.*

Predicado logico : *consome as cousas.*

Pred. grammatical : *consome.*

RELAÇÕES

As relações notadas entre phrase e palavras são de tres classes :

1. Relação predicativa.

2. Relação attributiva.

3. Relação adverbial.

I. A relação predicativa é a que existe entre os dous elementos cardeaes de uma proposição—o **su-
jecto** e o **predicado**.

Exemplos :

<i>Sujeito</i>	<i>Predicado</i>
Deus	existe.
O homem	é mortal.
Pedro e João	amam o estudo.
A lingua dos brasileiros	é a portugueza.

II. Relação attributiva é a que modifica o substantivo e pôde ser representada por uma ou mais palavras.

Exemplos :

O homem.
Todas as plantas.
Agua de beber.
Este chapéu.
A phrase o amor tudo vence.
O homem *que é* justo.
O livro *que escreveste*.
Socrates, philosopho grego.

III. Relação adverbial é a que modifica, limita o verbo e o adjectivo por meio de uma ou mais palavras. Exemplos :

Jantou como um gastronomo.

Sahiu *ds pressas*.
Julia é *perfeitamente* educada.
Educado *com apuro*.
Voltarei *às dez horas*.

Ha um caso especial digno de nota, entre as relações adverbias. E' a **relação objectiva** que tambem modifica o verbo. Ex. :

Pedro ama a *virtude*.

O *objecto* é a palavra em que se emprega a acção do verbo e póde ser *directo* ou *indirecto*.

a) **Objecto directo** exprime a coisa *passiva* (que recebe a acção) :

Antonio matou *um faisão*.

E exprime tambem uma coisa *factitiva* (producto da acção) ;

Escreveu *uma carta*.

b) **O objecto indirecto** exprime a coisa em vista da qual a acção se realisa. Exemplos :

Deu um livro *a Pedro*.
Escreveu-*me*.

ADJUNCTOS

Os elementos secundarios que modificam os elementos principaes da phrase chamam-se adjunctos e são de varias especies.

1. **Os adjunctos attributivos** modificam o substantivo. Podem servir de attributo ao substantivo :

a) Um adjectivo. Ex. : um soldado *crivado de settas*. Livro *util*.

b) Uma palavra ou grupo de palavras em apposição. Ex. : A vida, *este sonho que precede a morte*. Garrett, o *dramaturgo*.

c) Um substantivo com preposição. Ex. : Um cento *de lapis*. O lago *de Constança*. O dia *de juizo*. A dedicação *pela patria*. Um chapéu *para baile*.

d) Uma proposição adjectiva : a infancia *que passou*.  homem *que vimos* (passada, visto).

2. ADJUNCTOS ADVERBIAES

Os adjunctos adverbiaes modificam o verbo e o adjectivo, e são os seguintes :

a) O advérbio. Ex. : Luctou *heroicamente*. Partirei *amanhan*. *Grandemente* sabio.

b) Uma locução ou proposição advérbial. Ex. : Partirei *no dia seguinte*. Partirei *quando chegares*. Não irei *se ficares*.

c) Um substantivo precedido de preposição clara ou subentendida. Ex. : Trabalha *para o progresso*. Caminhou *duas leguas*. Morreu *tres dias* depois. Escreve *toda a noite*. Estava *para morrer*.

d) O substantivo acompanhado de attributo e empregado no sentido absoluto. Ex. : *Feita a oração*, adormeceu. *Tendo-se occultado o sol*, acampamos.

SUJEITO

O *sujeito* póde ser *simples*, *composto* ou *complexo*.

Sujeito simples é representado por um substantivo pronome, infinitivo ou palavra substantivada.
Exemplos :

A vida é breve.

Viver é necessario.

Eu estudo.

Assaz é um adverbio.

2 **Sujeito composto** é o que consta de dous nomes ou palavras substantivas:

O nascimento e a morte são dous termos da vida.

Eu e tu estamos bons.

Ser e não ser são cousas oppostas.

3 **Sujeito complexo** é representado por uma proposição ou citação :

«Deus e o meu direito» é a sua divisa.

Que o trabalho dá saúde é cousa certa.

Viver sem peccado é a ambição do justo.

PREDICADO

0 **predicado** póde ser *simples* ou *complexo*.

1. **Predicado simples** é o que é expresso por um simples verbo finito:

O mineral *cresce*.

O homem *pensa*.

Eu *leio*.

2 **Predicado complexo** é o que se compõe de um verbo de predicação incompleta com o seu complementivo necessario.

Os verbos *ser*, *tornar-se*, *parecer*, *poder*, não exprimem predicado completo e por isso seriam obscuras as proposições: Pedro *tornou-se*. Elle *parece*. Nós *podíamos*. A clareza exige um completivo: Pedro *tornou-se rico*. Ella *ficou doente*. Elle *parece francez*. Nos *podíamos estudar*, etc. Taes verbos de predicação incompleta juntos com os completivos (*rico*, *doente*, *estudar*, etc.) constituem o PREDICADO COMPLEXO.

O *completivo* é *subjectivo* quando se refere ao sujeito, o que se dá nas orações passivas :

A Austria foi proclamada *nação livre*.

Quando o *completivo* refere-se ao objecto, chama-se *objectivo* :

Eu tornei o livro *mais volumoso*.

Muitos verbos accidentalmente se apresentam como de predicação incompleta, como *ficar*, *fazer-se*, *sentir*, *achar-se*, *suppôr*, *considerar*, *ter-se*, *estar*, etc.

OBJECTO (1)

O *objecto* póde ser *simples*, *composto* ou *complexo* e as distincções são as mesmas que já estabelecemos para o caso do SUJEITO.

Exemplos:

Objecto simples	{	Amo a <i>justiça</i> .
		Amo o <i>justo</i> .
		Desejo <i>viajar</i> .

(1) O *objecto*, como já vimos, é um caso de *relação adverbial*.

Objecto composto.	{	Amo a justiça e a clemencia. Amo os justos e os clementes. Quizera ler e escrever.
Objecto complexo.	{	Sei como estudas. Creio que estás zombando. Vi chover pedras.

CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SENTIDO

As proposições simples classificam-se quanto ao sentido, em :

Positivas—aquellas que affirmam a realidade de um facto: *Carlos morreu.*

Negativas—aquellas que affirmam não ser o facto real: *Carlos não morreu.*

O termo *positivo* é preferível a *affirmativo*, diz Roersch ; porque este ultimo convém á negação logica.

Dividem-se ainda as proposições simples, quanto ao sentido em :

Enunciativas—quando apenas indicam o facto: *Carlos morreu. Carlos não morrerá.*

Interrogativas—quando interrogam: *Morrerá Carlos?*

Optativas—quando exprimem desejo da realisação do facto: *Viva Carlos!*

Imperativas—quando exprimem uma ordem da pessoa que falla: *Idê; voltae o mais depressa possivel.*

Exclamativas—quando encerram uma exclamação, um sentimento de enthusiasmo de admiração ou respeito, *Sublime! Como é sublime!*

~~~~~  
José M. Silva

## LIÇÃO XXXI

Proposições simples, complexas e compostas. Subordinação.  
Coordenação. Classificação

*As proposições são de tres especies : simples, compostas e complexas.*

### 1. PROPOSIÇÃO SIMPLES

**Proposição simples** é a que se compõe unicamente de sujeito e do predicado. Exemplos :

Deus é onnipotente.

O poder de Deus é illimitado.

Alguns animaes vivem á custa de outros.

Os peixes respiram.

Julio Cesar venceu os barbaros.

### 2. PROPOSIÇÃO COMPLEXA

**Proposição complexa** é a que além de possuir sujeito e predicado, contém outras proposições que lhe são subordinadas.

A *proposição complexa* contém pois uma proposição principal e outras dependentes. Exemplos :

O homem de que falaste é um francez

Decompõe-se em duas proposições, a saber :

A principal—*O homem é um francez.*

A subordinada—*de que falaste.*

**As subordinadas** que também se denominam clausulas, dividem-se em tres classes : subordinadas *substantivas*, subordinadas *adjectivas*, subordinadas *adverbiaes*.

I. **Clausulas substantiva** é a que tem funcção equivalente á de um substantivo. Exemplos:

Notou *que estava pallido*  
(Notou a *sua pallidez*)  
Assegurou *que eu viria*  
(Assegurou a *minha vinda*)  
*Quando eu vá* é cousa incerta  
(O tempo da *minha ida* é cousa incerta).

II. **Clausula adjectiva** é a que tem a funcção de um adjectivo, isto é, modifica o substantivo.

Vi o livro *que tu escreveste*.  
(escripto por ti)

Os dedos *que são cinco* são os órgãos mais delicados do tacto.

Palavras *que elle pronuncia* são sempre agradáveis.

III. **Clausula adverbiaes** são as que representam uma relação equivalente á do adverbio. Exemplos:

Ficou *onde o deixaram*.  
Sahirei *quando todos sahirem*.

As *clausulas* podem exprimir circumstancias diversas, as mesmas que constituem as classes de adverbios.

a) de tempo      — Nunca mais recobrou a saúde  
                             *depois que teve a febre amarella.*  
                             — Chorei até *que se esgotaram as*  
                             *lagrimas.*

- b) de lugar — Seguil-o-hei *onde quer que vá*.  
— Conheci-o na *casa em que viveu*  
*nos ultimos tempos*.
- c) de gráo — E' mais instruido *do que parecia* (ser instruido).  
— A rosa e mais bella *do que a violeta* (é bella).  
— *Quanto mais leio* mais aprendo.
- d) de causa — Quero *porque posso*.  
— Adoro-o *porque é Deos*.
- e) fim — Trabalhou *tanto que enriqueceu*
- f) condição — *Se commetter o crime*, merece punição.
- g) modo — Praticou *conforme preceitúa a lei*.  
— Pensou *como devia*.
- 

### 3. PROPOSIÇÕES COMPOSTAS

◀ **Proposição composta** é a que se compõe de varias proposições que têm a mesma função na phrase.

As *proposições*, neste caso, chamam-se *coordenadas* e ligam-se entre si pela simples successão ou por conjuncções chamadas de *coordenação*.

As conjuncções ordinariamente usadas na *coordenação* são :

|                          |   |                                     |
|--------------------------|---|-------------------------------------|
| A copulativa <i>e</i>    | { | Deus creou o homem e creou o mundo. |
| A adversativa <i>mas</i> |   | Elle estuda, mas não aprende.       |
| A disjunctiva <i>ou</i>  |   | Venha ou mande.                     |
| A conclusiva <i>logo</i> |   | Penso, logo existo.                 |

As proposições coordenadas que não possuem termos de ligação chamam-se *collateraes* ou coordenadas por *juxta-posição*. Exemplo:

Chegou, viu, venceu.

Amo a virtude. Detesto o vicio.

Usa-se tambem a denominação de *asyndeticas* para as coordenadas juxtapostas e *syndeticas* para as coordenadas que possuem connectivos.

---

#### 4. PROPOSIÇÕES CONTRACTAS

Tanto as subordinadas como as coordenadas podem ter em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado ou sujeito, etc. São chamadas nesse caso *proposições contractas*. Exemplos :

*Os francezes e os russos são brancos.*

{ Os francezes são brancos.  
} Os russos são brancos.

*O livro que imaginaste e escreveste.*

{ O livro que imaginaste.  
} O livro que escreveste.

---

#### 5. PROPOSIÇÕES ELLIPTICAS

As proposições *ellipticas* são as que deixam subentender-se uma parte da phrase que não é identicamente a mesma já expressa.

*Elle é mais sabio que eu.*

{ *Elle é mais sabio.*  
} *Que eu sou sabio.*

Como se vê a parte *eu sou sabio* subentendida é differente da parte *é sabio* expressa.

---

## NOTA

Convém observar que não são *proposições contractas* as proposições irreductiveis á analyse. Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é contracta por isso que é indivisivel. Não se poderia decompol-a nas duas: *Pedro é irmão. Paulo é irmão*.

### SCHEMA GERAL DAS PROPOSIÇÕES

- |                       |   |                                                                                                                                                                                                         |
|-----------------------|---|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I. Proposição simples | { | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sujeito: PEDRO ama.</li> <li>2. Predicado: Pedro AMA.</li> <li>3. Objecto: Pedro ama o ESTUDO.</li> <li>4. Adjuncto: Pedro ama o estudo COM ARDOR.</li> </ol> |
|-----------------------|---|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**Nota.** O sujeito póde ser *simples*, *composto*, *complexo*. O predicado póde ser *simples* ou *complexo*. O objecto póde ser *simples*, *composto*, *complexo*. Os adjunctos podem ser *attributivos* ou *adverbias*.

- |                                            |   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|--------------------------------------------|---|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| II. Proposição complexa.<br>(subordinadas) | { | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Principal: O HOMEM que viste NOTOU que estavas tremulo quando escrevias.</li> <li>2. Subordinadas (cláusulas): <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Substantiva: <i>que estavas tremulo</i>.</li> <li>b) Adjectiva: <i>que viste</i>.</li> <li>c) Adverbial: <i>quando escrevias</i>:</li> </ol> </li> </ol> |
| III. Proposição composta<br>(coordenadas)  | { | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Syndetica: Chegou e falou.<br/>(conjugada)</li> <li>2. Asyndetica: Chegou, falou.<br/>(collateral ou juxtaposta).</li> </ol>                                                                                                                                                                                      |

**Nota final.** Na elaboração dos capitulos que se referem á analyse das proposições, servi-me da *English Gramm.* de Mason e do excellente trabalho do Prof. A. Alexander—*Analyse de relações*. Em alguns lugares, copiei-os textualmente.



## LIÇÃO XXXII

### Regras de syntaxe relativas a cada um dos termos da proposição

Os elementos essenciaes da proposição, como já vimos, são o sujeito e o predicado.

Os elementos accessorios são os complementos. As relações de concordancia dos termos capitaes da proposição são de duas especies : Relações do sujeito com o verbo. Relações do completivo ou attributo com o sujeito.

#### I.—RELAÇÕES DO SUJEITO COM O VERBO

Regra geral. O *verbo* concorda em *numero* e *pessoa* com o sujeito :

As casas *são* altas.

Os Espartanos *respeitavam* a velhice.

Eu *amo* a virtude.

Nota-se nestes exemplos que a *pessoa* e o *numero* do sujeito são exactamente a *pessoa* e o *numero* do verbo.

Esta regra é, todavia, susceptivel de algumas modificações.

**Sujeito colectivo.**—Quando o colectivo é seguido de um *determinativo do plural*, o verbo fica no singular se o colectivo é geral e póde ir para o plural se o colectivo é partitivo :

O ~~ex~~ército dos Persas invadiu a Grecia.

A maioria dos gregos pediam a paz.

A maior parte dos homens morrem antes dos vinte annos.

Ha casos especiaes em que esta regra soffre a violação do uso. Quando a acção do verbo só póde ser attribuida á collecção e não separadamente aos individuos, o verbo necessariamente concorda com o colectivo: Um trôço de soldados *enchia* o primeiro pavimento do edificio. E' claro que a acção de encher um pavimento não podia ser attribuida individualmente a cada soldado.

**Sujeitos unidos por e.** — Quando concorrem muitos sujeitos unidos pela conjuncção *e* ou *sem* conjuncção, o verbo vai para o plural:

« A lua e o sol *são* astros »

« Marte, Venus, a Terra *são* planetas »

Cumpre notar que, quando os sujeitos são de pessoas differentes, o verbo no plural concorda com a pessoa que tem prioridade. A segunda pessoa tem prioridade sobre a terceira ; e a primeira sobre todas as outras :

Eu e meu pai *estamos* doentes.

Tu e Tullia *estaes* bons.

Estas regras soffrem as seguintes modificações:

a) Quando os sujeitos representam a mesma cousa ou pessoa, o verbo fica no singular :

« A dôr, o pezar *envelheceu-o.* »

« Seu filho e successor *subiu* ao throno um anno depois. »

b) Quando os sujeitos representam gradações de uma idéa, o verbo fica no singular :

« Uma palavra, um olhar, um gesto *basta* para denuncial-o. »

c) Quando a enumeração fica resumida por outra palavra :

As flores, as arvores, os rios, *tudo se illuminou* com os raios do sol.

**3. Sujeitos unidos por nem.**—Quando o verbo só se refere a um com exclusão de outro, fica no singular :

Nem eu, nem elle será nomeado. »

Quando o verbo se refere á totalidade dos sujeitos, vai para o plural :

« Nem Achilles, nem Ulysses estiveram em Lisboa. »

« Nem elle nem eu temos esperança de nos vermos. »

**4. Sujeitos unidos por com.**—O verbo, em geral, concorda com o primeiro :

« Napoleão com os francezes venceu a Europa. »

« O pai com os filhos sahiu a passeio. »

Não obstante, quando os sujeitos cooperam todos no mesmo gráo para o fim da acção, o verbo póde ir para o plural :

« O velho com o moço iam de mãos dadas. »

« O tigre com o leão ganhavam dinheiro nas praças. »

## II.— RELAÇÕES DO SUJEITO COM O COMPLETIVO

**Attributo adjectivo.**—Quando o attributo é um adjectivo, varia em genero e numero para concordar com o sujeito :

*As rosas são bellas.*

*O cravo é branco.*

Quando existem muitos sujeitos de *diversos generos* o attributo toma o plural e o genero masculino :

As casas e os palacios são *luxuosos*.

Note-se, todavia, que muitas vezes se empregam os pronomes *vós* e *nós* para designar uma pessoa unica. Neste caso, o attributo fica no singular :

Estamos *convencido*.  
Sois *generoso e bom*.

A primeira fórmula : *Estamos convencido* é innegavelmente um gallicismo, mas não escasseiam exemplos em bons escriptores contemporaneos. Como a fórmula da 1ª pessoa do plural é usada pelas autoridades supremas, o gallicismo alludido não é de todo desprezível na applicação daquella fórmula.

**Attributo participio.**—O participio é variavel quando conjugado com o verbo *ser* :

As flôres são *orvalhadas* pelo relento.

E' invariavel quando conjugado com os verbos *ter* e *haver* :

Os classicos tinham *enriquecido* a lingua.

Esta divergencia explica-se ; porque o participio só é verdadeiro attributo quando vem com o verbo *ser* :

### III.— CÔMPLEMENTOS (1)

Os elementos secundarios são os complementos dos sujeitos ou dos verbos da proposição. São dispensaveis e nem sempre occorrem no periodo.

O sujeito-substantivo póde ter duas sortes de complementos :  
APPOSITIVO e o DETERMINATIVO.

---

(1) Segundo o methodo de Delbœuf. Os complementos correspondem aos *adjuncts* já expostos segundo o methodo de Mason.

**Complemento appositivo.** (1)—Ha quando o substantivo é especificado por outro. Dos dous substantivos um indica o *genero* e outro a especie:

O titulo *de barão*.  
O Imperio *do Brazil*.  
A cidade *do Rio*.  
O anno *de 1887*.  
O mez *de Setembro*.  
O nome *de amigo*.

Estes complementos são appositivos e podiam ter em vez de preposição a simples apposição dos nomes (2): o titulo-barão, a cidade-Rio, o nome amigo, etc.

Quando não existe a preposição, existe não já complemento mas simples apposição. *Montes Uraes, Cabo Nun, lago Lemán*.

Em João de Barros ha sempre a omissão da particula: Cidade Ormuz, cidade Goa, cidade Évora (II, II, 3; II, V, 1 III, I, 6).

**Complemento determinativo.**—E' o que exprime a determinação por outro nome designando objecto differente: *A casa do governador. A força do vento. A dedicação á patria. O recurso contra a calumnia. O gosto pelas letras*.

Estes complementos não exprimem limitação de *genero* a *especie*, como os appositivos. Aqui o complemento indica objectos de significação differente e que não se póde incluir na primeira. Por isso não se poderia dizer: *Dedicação-patria*, como se diz *Cabo-Trafalgar*.

Em João de Barros notam-se apposições syntacticas, como na expressão *a Deus misericórdia*: Partiram-se a Deus misericórdia sem piloto (*Dec. II, I, 7*). Havendo dous dias que andaram na lingua das ondas a Deus misericórdia, chegaram á terra (*III, IV, 5*).

---

Os verbos podem ter varios complementos: *directo, attributivo, indirecto, circumstantial*.

**Complemento directo** (3) é o nome do objecto indicado ou produzido pela acção do verbo:

---

(1) Adjuncto attributivo.

(2) A *apposição* é expressa sem preposição: *Socrates, mestre de Plão*.

(3) Objecto directo.

Escrevi *um livro*.  
Respeitemos *o uso*.

O complemento directo quando é um substantivo não vem regido de preposição ; excepto quanto aos nomes próprios :

Ama *a Deus*.  
Mandou *a Pedro*.

O complemento directo sendo infinitivo vem precedido de preposição com alguns verbos.

Com os verbos *começar*, *acabar*, *cessar*, o complemento directo tem a preposição *de* :

Começar *de* escrever.  
Acabar *de* escrever.  
Cessar *de* escrever.

Sendo infinitivo, o complemento directo traz a preposição *a* com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar*, etc.

Começou *a* dizer.  
Ensinou *a* falar.  
Principiou *a* lêr.

**Complemento attributivo.**— Ha alguns verbos que admittem além do complemento directo, outro complemento attributo desse ultimo :

Eu o nomeei *general*.  
*A Herodoto* chamam *o pai* da historia.  
*A França* declarou *a Alsacia* um *territorio neutro*.

**Complemento indirecto** (1).— Além do complemento directo ha o complemento indirecto, que indica a pessoa ou cousa em vista da qual a acção é feita.

Em geral, o complemento indirecto representa a amplificação exigida por um verbo de sentido incompleto :

Utilizou-se *do methodo*.  
Deu um livro *a João*.  
Accusou o réo *de roubo*.  
Admirou-se *do espectaculo*.  
Emprestei-lhe um livro.

---

(1) Objecto indirecto.

**Complemento circumstancial** (1) —E' o que indica  
uma circumstancia *de tempo, modo, lugar, etc.* (2)

|           |                                  |
|-----------|----------------------------------|
| Lugar     | — Passeou <i>pela Italia.</i>    |
| Tempo     | — Ha chuvas <i>no verão.</i>     |
| Companhia | — Sahiu <i>com outros.</i>       |
| Causa     | — Desmoronou <i>com a chuva.</i> |
|           | etc.                             |

---

(1) Adjunctos adverbiaes.

(2) Vide a *Syntaxe das palavras invariaveis.*

---

## LIÇÃO XXXIII

### Regras de syntaxe relativas ao substantivo e ao adjectivo

A **syntaxe** dos substantivos não offerece difficuldades de construcção nem de subordinação.

**Ordem.**—Os substantivos em geral precedem os adjectivos : *Homem trabalhador.*

Póde ser invertida a ordem : *real merito ; merito real.*

E' mister considerar que não existe arbitrariedade' nessas inversões, de um modo absoluto. O uso já consagrou a collocação de certos epithetos que, deslocados, perderiam o significado proprio. Exemplos :

|                       |                          |
|-----------------------|--------------------------|
| Santissimo Sacramento | — Sacramento Santissimo. |
| Altos céos            | — Céos altos.            |
| Santos padres         | — Padres santos.         |
| Amor proprio          | — Proprio amor.          |
| Bello homem           | — Homem bello.           |
| Todo o homem          | — Homem todo.            |
| Certa manhã           | — Manhã certa.           |
| Mão signal            | — Signal mão.            |
| Novos homens          | — Homens novos.          |
| Causa primeira        | — Primeira causa.        |
| Dias longos           | — Longos dias.           |

Além destes casos que são numerosissimos, ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo que é inadmissivel a inversão. Taes são v. gr. ; *Deus padre, estrella fixa, mão direita, deputado geral, codigo civil, illustrissimo senhor*, etc.



**Genero.** — A variação de generos dos substantivos produz frequentemente uma deslocação de sentido. O feminino ganha maior extensão na idéa :

|         |   |         |
|---------|---|---------|
| Madeiro | — | madeira |
| Fôlho   | — | folha.  |
| Fructo  | — | fructa. |
| Quadro  | — | quadra. |

Este facto explica-se naturalmente tomando a flexão *a* como um vestigio do plural, como já notamos em outro lugar.

Tambem é digno de nota que os generos no curso da lingua soffreram variações :

A palavra *mar* foi antigamente feminina e isto ainda se nota em *préia-mar* (*plena-mar*). Cf. o francez *la mer*.

O numero de variações historicas dos generos é bastante consideravel. *Theorema*, *planeta*, *problema*, etc. eram femininos. A palavra *linhagem* era masculina. Ainda hoje tem genero incerto: *scisma* *personagem*, *phenix*. Foram outr'ora masculinos: *linguagem*, *arvore*, *tribu*, *linhagem*. Foram femininos: *clima*, *mappa*, *diadema*, *fim*, *planeta* e muitos nomes gregos terminados em *a*. Sobre as variações do genero latino vide a Lição supplementar sobre flexão de genero, numero e caso.

**Numero.** — As variações de numero tambem denotam variação de sentido. Em regra, o plural ganha o valor da abstracção :

|       |   |         |
|-------|---|---------|
| Honra | — | honras. |
| Côrte | — | côrtes. |
| Pó    | — | pós.    |
| Parte | — | partes. |
| Letra | — | letras. |

**Concordancia do adjectivo.** — O adjectivo em geral concorda em genero e numero com o substantivo:

|               |                 |
|---------------|-----------------|
| <i>Homens</i> | <i>velhos.</i>  |
| <i>Mulher</i> | <i>sensata.</i> |

Esta regra soffre diversas modificações, das quaes as mais notaveis são as seguintes :

a) Quando concorrem substantivos, o adjectivo concorda com o ultimo ; *A prudencia, a moderação sincera. Desejos e virtudes puras.*

Com os numeraes é permittida a falta de concordancia, quando se enumera : *O terceiro e o quinto imperadores.*

Não se trata aqui do caso em que o adjectivo é attributo.

**Concordancia dos compostos.** — Os adjectivos compostos tomam o plural em ambos os elementos componentes quando estes representam a funcção de adjectivos :

*Surdos-mudos,  
Capitães-tenentes, etc*

Quando um dos elementos tem funcção adverbial ou está atrophiado, o plural só é indicado pelo ultimo :

*Sciencias physico-chimicas  
Linguas novo-latinas  
Crianças recém-nascidas  
Jornaes luso-brazileiros*

**Emprego dos numeraes.** — Os numeraes podem, como as outras palavras, ser empregados substantivamente : *O cinco de ouros.*

Os numeraes cardaes sempre precedem o nome : *vinete dias.* As excepções notam-se no estylo poetico e em alguns proverbios : em abril aguas *mil*.

**Os ordinaes** podem ser substituidos por *cardeaes* em varios casos e especialmente em numeros altos : *pagina vinte-cinco ; capitulo quatorze ; seculo dezenove.*

Nos seculos XV e XIV o uso dos cardaes era frequentissimo e antecedia o substantivo, como se vê em Azurara : « No *doze* capitulo de Tobias... »

Nesse tempo não existiam os ordinaes eruditos: *undecimo*, *duodecimo*, etc.

Os numeraes coordenam-se por meio da copulativa e : *cento e vinte ; trinta e cinco*.

O numero *cento* possui a forma contracta *cem*, que se emprega sómente quando vem só ou quando precede uma unidade superior : *mil*, *milhão*, etc., *cem mil*; *cem milhões*. Nos outros casos emprega-se *cento*; *cento e trinta*, etc.

Os numeraes de numero elevado soffrem varias vezes a translação do sentido e perdem a noção mathematica e pura que representam :

*Mil vezes obrigado.*

*Com mil e quatrocentas bombas !*

A expressão emphatica consagrada no latim do tempo de Plauto era *sexcenti*. Na idade média, nos romances occorre a fórmula *quingenti* (Diez.)

**Grãos.** — O portuguez admite a emphase de grão adaptando adverbios ás fórmulas do comparativo e do superlativo: *multo mais formoso*, *mui formosissimo*, *assaz formosissimo*, etc.

**O superlativo relativo** pede depois de si o emprego da preposição: *O mais valente de todos*.

Os comparativos de superioridade e inferioridade pedem o emprego das locuções : *de que*, *do que*, *que*. *Mais bella que a rosa ; menos bella que a violeta*.

Note-se que comquanto *maior*, *menor*, *peior*, etc., exijam a conjuncção *que* (*maior que a serra*), os comparativos *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, por esquecimento etymologico regeitam identica syntaxe : seria erro dizer: *superior que aquelle*, etc.

A boa syntaxe consiste em adoptar o caso sujeito depois do regimen : *mais rico que eu ; mais pobre do que tu*.

No emtanto é commum encontrar nos documentos antigos e algumas vezes (raras) nos livros classicos a syntaxe : *melhor que mim*, *mais rico que ti*. Este uso não deve ser imitado, ainda que seja analogo ao francez.

O comparativo de egualdade *tão* exige o emprego da subordinação pelo adverbio *como* ou *quanto*; *quam*: *Tão modesto, quam sincero. Tão rapido como o raio* (1)

Nos comparativos de superioridade e inferioridade, a syntaxe italiana exige o emprego de *de*: *più bella dei fiori*. O antigo portuguez tinha frequentes vezes syntaxe semelhante: *mais fremeosa de outras*. (2)

E ainda na lingua actual usamos, em expressões um pouco differentes, identica syntaxe: *mais de cincoenta leguas* (mais do que cincoenta leguas).

O uso de superlativo emphatico é classico e auctorisado. Barros diz: *muy antiquissimo*; os italianos dizem *più doctissimo*, e os latinos diziam *longé doctissimus*.

### I.—POSSESSIVOS

Os possessivos collocam-se ordinariamente antes do substantivo: *meu pai, vossa applicação*.

No antigo portuguez, seculos XII e XIII. existiam ás fórmãs *ma, ta, su* contractas de *mia, tua, seu, sua*. Estas só eram usadas depois; e as contractas, antes do substantivo:

*Ma senhor* (minha senhora).

*Senhor mia*, etc.

Os possessivos *meu* e *nosso* empregam-se em estylo comico, para designar a pessoa de que se trata: *vestiu-se o nosso deão, e rapido partiu* (Diniz).

No periodo contemporaneo da lingua já se começa a dizer sem o artigo: *meu chapéu, meu livro*. A syntaxe antiga parece que sempre punha o artigo em evidencia, o que se nota nas phrases consagradas pela religião e pelo estylo official: *venha a nós o teu reino; a tua vontade; a minha real camara* etc.

---

(1) Os superlativos syntheticos podem ser usados como relativos, por latinismo: *a formosissima das mulheres*, etc. Este uso é raro; sendo, todavia, mais frequente com os superlativos *ultimo, minimo, infimo; a ultima das glorias; o minimo dos seres*.

(2) Porque ei medo que alguém dirá...  
Que vos amei sempre mays d'outra ren.

## II.—DEMONSTRATIVOS (1)

A funcção de *demonstrativo* é algumas vezes expressa pelo artigo *o* : *Os de Hespanha* (em fr. *Ceux d'Espagne*). *Os que admittem*.

## III.—RELATIVOS

**Que** resolve-se em *o qual*, *os quaes*, etc. quando o antecedente fica distante, e ha necessidade de clareza

O livro *que* leste.

O livro da Bibliotheca, *o qual* leste.

A razão é que o relativo *qual* serve desde os mais antigos tempos da lingua como recurso para distincção de uma cousa entre muitas: *Qual o membrudo e barbaro gigante* (Camões).

Tambem serve de nexo da comparação : *bravo qual um tigre*.

**Quem** com a preposição *sem* por euphonia resolve-se em *o qual* : *sem o qual não debes partir*.

No seculo XVI ha exemplos da syntaxe, *sem quem*, e Camões disse : *Esposo sem quem não quiz amor* (Lus. IV, 91).

**Qual**, tambem se emprega com a funcção de distributivo : *qual sahio, qual ficou*.

**Cujo** representa o genitivo logico de *que* e *quem* : *o homem cuja casa viste* etc.

No antigo portuguez até os tempos de renovação erudita empregava-se *cujo* como interrogativo : *Cujo é este livro?* E' um latinismo que desapareceu da lingua.

No seculo XVI ainda *cujo* usava-se como relativo: El-Rei de Ormuz *cujo* este lugar era (Dec. II, III, 2).

---

(1) Na syntaxe agrupamos para commodidade as funcções dos adjectivos e pronomes em relação aos relativos, (possessivos, adjectivos pronominaes).

**Que ? Qual ?** *quantos*, são interrogativos : *Que homens ? Que cousa ? Qual delles ?*

A expressão *o que é a vida?* como a anteposição do pronome *o*, é provavelmente um brazileirismo. O uso classico não admitte anteposição do *o*. Os bons escriptores contemporaneos confirmam tal uso : Mulher, *que me pedes tú ?* (Al. Herculano, *Arrhas*, VII). A mesma syntaxe é observada nas linguas romanas. (1)

#### IV.—DISTRIBUTIVOS E INDEFINITIVOS

• Representam funcções de indefinitivos os dizeres *pessoa alguma*, *não sei o que*, etc.

Este uso provém da tradição historica. No latim era frequente. o uso da locução substantiva *nescio quis* ou *nescio quid*.

A palavra *homem* (*homo* lat.) algumas vezes representa o equivalente de indefinito: *Não sei de homem que soffra... De memoria de homem*, etc.

Este uso é analogo ao de *pessoa*: *Não vi pessoa alguma*. Sabe-se que o *on* francez deriva de *homo* ; a fórma vernacula é *um* confundida com o partitivo *um* (*unus*). Os exemplos dos seculos XIII-XVI são abundantes: *Não póde hum estar que não censure* etc.

Na antiga lingua existia o indefinido *ren*, hoje archaico: *Non digades ren* (*Rem* =cousa).

---

(1) O illustrado e correcto escriptor Dr. Carlos de Laet, que sustenta a boa doutrina contra a do Dr. Trasgo Lopes, renhiu um bom numero de exemplos que documentam a syntaxe do *que* interrogativo na lingua vernacula e em outras linguas romanas. V. *Microcosmo* de 26 de Março de 1888.

Entretanto, dá-se uso no gallego *o que* e *il che* no dialecto florentino, nas interrogações, segundo affirma D'Ovidio. (*Manual neo-lat*, II)

---

## LIÇÃO XXXIV

### Regras da syntaxe relativas ao pronome e ao artigo

**A syntaxe** do artigo e do pronome é talvez a parte mais importante da syntaxe vocabular ou lexica.

Da collocação do pronome pessoal obliquo trataremos na lição que será consagrada especialmente ao assumpto.

#### I.—PRONOMES

**Ordem.**—Quando concorrem dous pronomes antes do verbo, o pronome sujeito vae antes do outro : *Mandou que eu lhe entregasse o livro.*

Não era esta a syntaxe antiga. Nos seculos XIII e XIV, era uso da lingua collocar depois o pronome sujeito. Eis o que se lê na regra de S. Bento: *a qual cousa se a tu ouvires.* Hoje dir-se-hia *se tu a ouvires.*

Ainda esta syntaxe foi admittida pelos classicos, quando occorria o pronome *lhe* : « *Em vestir-se de lan que lhe elle desse.* » (F. Oriente—*Lus. transf.*)

**Duplicação.**—É um caso notavel de emphase a duplicação de idéas constituindo um *idiotismo* romanico : *Eu me parece que viverei pouco. Irmã, já não a tenho.*

Esta emphase explica-se pela intenção que tem a pessoa de accentuar a importancia de *Eu* e *irmã* nas phrases citadas. Estes factos tem sido considerados como *hebraismos* por alguns grammaticos.

—Outro emprego de duplicação se nota quando depois do possessivo *seu* occorre o complemento prono-

minal—*delles* : *Contemplavam os mares, as montanhas e notavam a sua formosura dellas.*

Esta syntaxe é classica e pura. Propriamente não ha pleonismo. E' um recurso com que a lingua portugueza supprime a falta do pronome romantico *loro*, no francez *leur* : *leurs enfans*. Os seus filhos *delles*. No castelhano antigo existiu a fórma *lures*.

**Casos obliquos**—Entre os pessoaes, os accusativos têm a funcção de dativo e accusativo :

*Dat.* — Elle me deu o livro.

*Acc.* — Elle me reprehendeu.

O mesmo se dá com os outros pronomes, excepto com o da terceira pessoa, e em que o dativo é expresso por *lhe* e o accusativo por *o* ou *a* :

Deu-*lhe* o livro.

Reprehendeu-*o*.

Ainda aqui convém notar que nos tempos preliminares do periodo classico, no *Palmeirim de Inglaterra*, encontra-se a syntaxe *lhe=o* : *reprehendeu-lhe*. No castelhano tambem *le* e *lo* são equivalentes em varios casos.

**Comparação**—Depois do termo de uma comparação usa-se do pronome nominativo: *Mais serio que eu ; mais vivo que tu.*

A syntaxe franceza adopta o obliquo *moi* em vez de *je*. *Plus agé que moi*. Entre os seiscentistas, como já notámos, não é raro ver identica syntaxe : *mais forte do que ti*. Nos proprios quinhentistas, em Sá de Miranda (ap. Moraes) encontra-se a syntaxe : *Tinha mais experiencia que ti*. (Seculo XVI.)

## II.—ARTIGO

O artigo exerce a funcção de determinativo: *O homem*.

Esta funcção é já um tropo ; a natureza essencial do artigo (*elle*) fal-o-ia empregar como pronome da terceira pessoa relativa. E' o que já se observa no latim barbaro : *vidit illum*. Data do baixo latim.



O artigo exerce a funcção de terceira pessoa pronominal objectiva : *Viu-o. Ama-o.*

Esta funcção representa a syntaxe genuina do latim *ille, a, ud.* Dada do latim culto.

O artigo exerce a funcção de demonstrativo : *Os de Lisboa* (em francez *ceux de Lisbonne*).

Esta funcção, que não existia no latim puro, tambem era exercida no antigo portuguez e nos tempos classicos : *Escolha qual melhor lhe parecer* (qual=o que). Nos proprios seiscentistas ainda se observa o uso de *o* como demonstrativo separado do seu complemento : *E como os reis são os a quem mais neste mundo se furta.* (Vieira. A. de furtar. 67) Data do portuguez antigo.



**Empregos mais notaveis.** — Usa-se antes dos nomes proprios para determinál-os: o *Lopo*, o *Antonio*, o *Camões*, o *Tasso*, etc. A França; o Tejo; etc.

O artigo teria mais adequado uso com os cognomes do que com os nomes; por isso diz-se *o Tasso* (e não *o Torquato*), o *Camões* etc. Da mesma fórma, os italianos dizem *il Tasso* e nunca *il Dante* (como por erro dizemos: o Dante). *Dante* sendo nome proprio não tolera entre elles o artigo; dizem simplesmente *Dante*, ou se proferem o cognome, *l'Alighieri*.

Esta syntaxe tambem é observada com certos limites no portuguez. Dizemos *Jesus* e não *o Jesus*; podemos todavia dizer *Christo*, ou *o Christo*, *do Christo*.

Com os nomes de paizes o artigo não era usado na syntaxe antiga. Dizia-se: *Terra de França*; *nasceu em Italia*, *em Portugal*, *em Castella*. Hoje, o uso do artigo é muito commum. Diz-se: *a França*, *a Allemânia*; comtudo não se diz *a Castella*, *o Portugal*. Os hespanhões dizem sem artigo *Republica de Chile*, *gobierno de Chile*, etc, sem artigo.

Os nomes de cidades, quando não são appellativos como *Porto*, *Bahia*, *Rio*, nunca levam o artigo: *Pariz*, *Berlím*, etc. Ha comtudo algumas cidades que são nomeadas com artigo: *O Cairo*, *a Méca*, *a Havanna*.

2. Usa-se do artigo antes dos nomes de titulos: *o padre Mathias*, *o Visconde de Porto Seguro*, *o Conselheiro Albuquerque*.

Esta regra soffre modificações determinadas pelo uso. As fórmulas contractas, *frei, dom* não admittem artigo: *Frei José, Dom Antonio*. O título *soror* é um puro latinismo e repelle o artigo: *Soror Violante*.

—Convém notar uma influencia da syntaxe franceza. E' um gallicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excellencia o deputado; Sua Alteza o Principe; Sua Santidade o Papa*. Estes gallicismos foram adoptados geralmente na lingua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a Excellencia do Sr. deputado; a alteza do Principe*; como manda dizer a vernaculidade. (A. Bello).

3. O artigo usa-se antes dos pronomes e adjectivos possessivos: *meu, teu, vosso, seu, etc.*: *O meu chapéo. O teu carro*.

No estylo familiar póde ser suppresso o artigo: *meu livro*.

Desde os documentos mais antigos nota-se o uso do artigo. Vê-se identica syntaxe nas orações da igreja, de linguagem naturalmente antiga e pura: *Venha a nós o teu reino; seja feita a tua vontade, etc.* Nos antigos papeis officiaes: *a minha real camara; os meus dominios, etc.*

A presença do artigo modifica o sentido. Um grammatico poderia dizer: *a syntaxe é meu dominio* (uma das cousas que estudo) e *a grammatica é o meu dominio* (isto é, tudo e sómente o que estudo).

Vê-se que a locução *o meu* abrange o todo, e *meu* apenas uma parte. D'ahi vem a suppressão do artigo nos dizeres, que exprimem unidade do objecto possuido: *meu estomago, minha cabeça, meu pae, minha mãe, etc.*

4. O artigo tem muitas vezes, com o valor pronominal, uma função obscura e latente, por effeito de ellipse: *Deu as de Villa Diogo*.

Este caso é commum ao das *particulas expletivas*, de que trataremos na occasião opportuna.

5. O artigo omitta-se na enumeração de synonymos e é indispensavel na enumeração de antonymos:

O sol, estrella fixa.  
A lua, planeta, astro secundario.  
A luz, as trevas, etc. O dia, a noite.

---

No antigo portuguez até o seculo XIV encontra-se a syntaxe o *um*, analago ao uso francez *l'un* :

E enlegerom dous, o *hum* foi Joseph e o outro Mathias.

Act. dos Apost. C. I, v. 23 *Apud*.—Ineditos de Alcobaga.

---

## LIÇÃO XXXV

Regras de syntaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos e tempos. Correlação dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.

Já vimos, em lição anterior, que são varios os complementos.

**Os verbos transitivos** podem ser empregados como intransitivos : *Estudo, quero e posso*.

**Os intransitivos** podem ser empregados, ainda que mais raramente, como transitivos :

*Dormiu um somno.*

Ha alguns casos em que a denegação do intransitivo é um gallicismo *chove improperios ; troveja applausos*. No francez esta syntaxe é admissivel e justificavel pela presença do sujeito apparente : *il*. Em vernaculo, deve-se dizer : *chovem improperios, trovejam applausos* ; os ultimos elementos destes dizeres são os sujeitos do verbo.

O character de intransitividade resulta frequentemente de um esquecimento etymologico.

*Passear* — frequentativo de *passar*, etymologicamente é transitivo. Deve-se e pôde-se dizer : *passear terras estranhas*, etc.

*Calar* — tambem era transitivo e ainda se usa como tal em certas expressões : *calar o motivo*.

**A voz passiva** tem um complemento adverbial, regido de *por* : *Foi amado pelos paes*.

A syntaxe latina dava a esse complemento a regencia por *per* ou *ab*. A regencia *per* predominou no portuguez ; porém a regencia *a* — tem alguns exemplos com participios : *morto a pedras, morto a fome*.

A regencia *de* torna-se necessaria com os participios usados como adjectivos : ornado *de* flores ; crivado *de* settas.

Esta regencia nota-se ainda com os verbos *acompanhar*, *seguir*, *preceder*, *cercar*, etc., cercado *de* soldados ; acompanhado *de* homens ; precedido *de* creanças.

O caracter de *passividade* é menos intenso nas fórmulas nominaes do verbo. Ha participios passivos, depoentes, que são usados como activos : homem *lido*, *viado*, *ousado*, *calado*, etc.

— Ha infinitos que accumulam a funcção das duas vozes ; Deixei *comer* o queijo pelo rato. (Julio Ribeiro.)

E é o que se observa nas expressões já notadas : é de *suppor* (*suppor-se*) é de *ver* (*ver-se*) é de *crer* (*crer-se*), etc.

## I.—MODOS E TEMPOS

**O presente** emprega-se, no indicativo, para exprimir a realidade da acção no momento : *chove* ; os homens são mortaes.

O *presente historico* é um recurso litterario proprio para dar realce e vivacidade ao estylo : « E Jesus *toma-o* pela mão e *leva-o* até á margem do lago. » E' apenas um effeito pitoresco da narrativa enunciar no presente o facto passado.

Póde-se tambem empregar o presente pelo futuro : *von* amanhã.

**Perfeito** indica a acção realisada : *Parti* ; *sahi do Havre em Junho*.

As fórmulas compostas : *tenho sahido*, etc., exprimem a repetição do acto.

O imperfeito indica a acção realisada anteriormente a um momento passado : *Dormia quando chegaste*.

**O mais que perfeito.**—O portuguez é a unica das linguas romanas em que o *mais que perfeito* simples conserva o sentido primitivo latino. *Amara* (*amaveram*) tinha amado.

Nas demais linguas em que existe o *mais que perfeito*, a sua funcção é simplesmente de condicional ; *amara*, *teria amado*. Esta funcção tambem cumulativamente com a outra, existe na lingua vernacula.

● **futuro** indica que a acção do verbo se realizará depois do momento em que se fala : Tu *adorarás* um só Deus.

O futuro indica a acção relativamente a qualquer tempo nas formas compostas : *Eu hei de fazer o que pedes* ou *pedires, pedias, pediste*.

Esta composição, pois, pelo verbo *haver* é a propria do futuro simples : *amar-hei* (amar-hei).

---

● **indicativo** exprime o facto real, e o subjunctivo o facto contingente.

O emprego do subjunctivo ver-se-ha melhor tratando da correlação dos tempos.

### III. — CORRESPONDENCIA (1)

O *indicativo* mostra que é real o enunciado do verbo : o subjunctivo apresenta esse enunciado como *hypothetico*.

Assim, o verbo da clausula subordinada põe-se no *indicativo* quando o verbo da principal exprime alguma coisa de positivo, de affirmativo ; e põe-se no *subjunctivo* quando o verbo da principal exprime alguma coisa de indeciso, de duvidoso.

Regras :

1. O verbo da subordinada põe-se no subjunctivo quando a principal exprime maneira de vêr, pensar, etc. : Creio que *serás* bom ; parece-me que elle *é* doutor.

2. O verbo da subordinada põe-se no *indicativo* quando a principal exprime surpresa, admiração, receio, duvida, ordem : mando que *vás* ; receio que *morras*.

---

(1) Em toda esta parte seguimos mais ou menos o texto da Grammatica de Julio Ribeiro, á pag. 264-270.

3. O verbo da subordinada fica no subjunctivo quando o verbo da principal é impessoal ou usado impessoalmente : *importa que fiques ; basta que chegue á hora.*

Esta regra tem excepções ; com os verbos *acontecer, resultar, seguir-se* e com as construcções *é certo que, é logico que, etc.* : Acontece que *tens* de vir. É certo que *esteve* doente.

4. Quando a clausula subordinada está ligada á principal por um pronome conjunctivo (*que, qual, cujo, etc.*) o verbo será do subjunctivo ou do indicativo, conforme o sentido fôr positivo ou incerto :

O caminho que eu *sei*.  
Um caminho que eu *saiba*.  
Quero o professor que *sabe*.  
Quero professor que *saiba*.

Note-se que a analyse da phrase póde indicar o modo da subordinação. Com os adjectivos determinativos numeraes *este, primeiro, segundo, aquelle*, o verbo será do indicativo : é o primeiro *dá* que passo ; é *este* que eu quero. Quando o antecedente do *que* vem determinado pelo artigo definido, em geral o verbo da subordinação fica no indicativo : a doutrina que *sigo*, a mais perfeita que *conheço*.

5. Depois da conjuncção *se*, a clausula subordinada tem o verbo no indicativo, quando exprime facto positivo : *se estudo* pouco, a culpa não é minha.

Quando a clausula subordinada exprime duvida ou condição fica no subjunctivo : *se eu fosse*, tu não irias.

6. As conjuncções *embora, quer*, exigem o verbo no subjunctivo : Farei a viagem, *quer elle venha*, quer não.

*Embora* fique doente, trabalha.

Tambem ficam incluídas nesta regra as conjuncções compostas de *que, comtanto que, posto que, ainda que, etc.*, que pedem, em geral, o subjunctivo.

Os demais tempos não offerecem difficuldades de correlação.

Covém notar que o *imperfecto* do indicativo é o tempo que no estylo litterario é empregado para o discurso indirecto (*oratio obliqua*) e para a descripção.

1. « Levantou-se ; disse que *estava* apprehensivo : *sabia* de muitas cousas que até então lhe *tinham* sido escondidas... etc.

2. « E viu e reparou que as flôres *tinham* um doce perfume ; o céu *era* azul, os rios *murmuravam* mansos... etc.

O *presente* também é empregado, por effeito pitoresco, no estylo historico e em logar do tempo passado:

« Jesus, ao vêr os cegos e paralyticos, *chega-se* para perto e lhes *fala*, etc. »

---



## LIÇÃO XXXVI

### Regras de syntaxe relativas ás fórmās nominaes do verbo

As fórmās *nominaes* do verbo são as que podem exercer a função de nomes, substantivos ou adjectivos.

E são o *infinitivo*, o *gerundio* e os *participios*.

#### I.—INFINITIVO

O infinito portuguez é dotado da flexão pessoal ; amar eu, amares tu, etc.

Esta particularidade tambem se observa no dialecto galleziano, e constitue um idiotismo da lingua. A flexão do infinitivo explica-se pela influencia analogica do futuro do subjunctivo, que tem a fórma identica nos verbos regulares : *quando eu amar, amar eu*, etc.

Emprega-se o infinito pessoal :

†1. Quando tem um sujeito differente do do outro verbo : Admiro-me de *gritares* com tão grande força.

2. Quando é sujeito da proposição : E' triste *definhares* com tão pequeno pezar.

3. Quando ha necessidade de clareza na phrase : Comprei estes livros, meu filho, para *estudares* (tu). Comprei estes livros para estudar (eu).

Ha muitos infinitivos que na lingua estão consagrados como substantivos e são susceptiveis do plural : os *viveres*, o *teres*, os *sêres*, os *haveres*, os *dizeres*, etc.

---

Por translação o *infinitivo* é usado como imperativo, e ás vezes reduplicado: *trabalhar ! trabalhar, meus filhos.*

Este uso tambem se encontra no castelhano (*Gr. da Acad. hesp.*).

## II.—O PARTICÍPIO PASSADO

O *participio passado* é um verdadeiro adjectivo: homem *respeitado*, etc.

1. O participio, como attributo, é variavel, pois concorda com o sujeito: Os verbos são *venerados*.

2. Com os verbos *haver*, *ter*, o participio é invariavel: tenho *recebido* cartas; havia *comprado* casas.

A syntaxe da lingua antiga e a do seculo XVI era fluctuante e indécisa. Alguns classicos diziam: As cartas que eu tinha *escriptas*, etc. Entre os classicos, semelhante concordancia póde ser explicada como sendo talvez um italianismo.

Nesse periodo Caminha que aliaz adoptava muitas fórmas archaicas, como *são* por *sou* e *non* por *não*, sempre tornava variavel o participio:

as náos tinha *dadas*.

---

Entre os participios da lingua portugueza notam-se os curiosos casos do sentido depoente, tão communs no latim. Em portuguez muitos participios de fórma passiva possuem o significado activo:

|            |               |
|------------|---------------|
| Homem lido | — que lêu.    |
| Corrido    | — que correu. |
| Viajado    | — que viajou. |
| Ousado     | — que ousa.   |
| Calado     | — que cala.   |

Entre o vulgo é commum dizer-se: estou *almoçado*; já veio *iantado*, etc. São os verdadeiros depoentes da lingua.

---

A terminação dos participios aoristos ou passados da segunda conjugação era em *ndo*.

|                     |                 |
|---------------------|-----------------|
| <i>Estabelecudo</i> | — estabelecido. |
| <i>Sabudo</i>       | — sabido.       |
| <i>Conhocudo</i>    | — conhecido.    |
| <i>Retendo</i>      | — retido.       |

Destas formas archaicas temos os vestígios já mencionados *teúdo*, *conteúdo* e *manteúdo*.

Formas contrahidas de flexão forte, eram abundantíssimas nos primeiros tempos e no século XVI :

|                   |                   |
|-------------------|-------------------|
| <i>Despezo</i>    | — despendido.     |
| <i>Defezo</i>     | — defendido.      |
| <i>Escolheito</i> | — escolhido.      |
| <i>Absolto</i>    | — absolvido, etc. |
| <i>Coito</i>      | — cosido.         |

Ha grande numero de formas semelhantes que ainda estão em uso : *convicto*, convencido ; *extenso*, extendido ; *perverso*, pervertido ; *extracto*, extrahido ; *frito*, frigido ; *possesso*, possuido ; *tinto*, tingido ; *surto*, surgido, etc.

---

O participio *escorreito* de *escorrer* só é usado na locução : *são e escorreito*.

---

Os nomes em *oso* antes da disciplina classica exerciam a função do participio do futuro em *ando*. Assim, encontram-se exemplos como o seguinte:

Amava muito a *venerosa* castidade.

E. DE AZURARA—144.

Onde *venerosa* devia ser substituido por *veneranda*.

O participio passado tambem se denomina participio *aoristo*.

### III.—PARTICIPIO PRESENTE

O participio presente tem o valor de adjectivo. E' variavel quanto ao numero.

Flôr *odorante*  
Flôres *odorantes*

---

Esta função já era propria do latim culto, e muito desenvolvida no latim barbaro.

---

A derivação verbal dos nomes em *ante*, *ente*, *inte*, muitas vezes transcorreu para a classe de substantivos. São substantivos os nomes *ente* (de *esse*) *tenente* (de *têr*) *sargento* (*servientem*) *lente* (de *lêr*) *doente* (de *doêr*) *acinte* (*scinte*, de *scire*, saber) *poente* (de *pôr*) *levante* (de *lever* fr.) *oriente* (*orior*, nascer) etc.

---

O participio presente tinha a função verbal com o complemento equivalente ao do gerundio:

*Estabelecente* esta regra....  
=Estabelecendo esta regra.  
*Dizente* estas cousas.  
=Dizendo estas cousas (1)

Este uso começou a desaparecer desde o seculo VX. Não obstante encontram-se ainda hoje alguns vestigios:

*Tirante* este defeito....  
*Durante* as férias....

---

(1) Exemplos que occorrem na R. de S. Bento: os quaes *temente* Nostro Senhor; e nostro senhor *complinte* todas estas cousas, etc.; *Apud*. Vieira, *Dicc.* (*Chrest.*)

Que equivalem á syntaxe hodierna :

Tirando este defeito.  
Durando as férias.

---

A's vezes a funcção do participio presente exige o complemento com preposição, como se vê em Fernão Lopes :

« Era muito amigo e *conhecente* d'aquelle Judêo Dom David Negro. »

Chr.—140

E, no mesmo Fernão Lopes, não é rara a confusão do emprego do participio presente com o participio passado.

« Ayres Gómeshavia formoso e bem *parecente* corpo. »

E nas fórmãs de datas:

*Dante* em Lisboa, março.  
=Dada em Lisboa...

---

#### IV.—GERUNDIO

Tem o valor de locução adverbial:

*Amanhecendo*, irei vel-o.  
=Quando amanhecer...

Exemplo que exprime o meio:

*Estudando*, é facil aprender.  
=Por meio do estudo.

---

O gerundivo é mais propriamente a fórma regida de preposição : *em amanhecendo*, *em ficando dia*, etc.

## V.— PARTICÍPIOS DO FUTURO

Os participios do futuro são hoje usados como simples adjectivos ou substantivos e são os das seguintes classes:

1. Os participios em *ouro*: *vindouro*, *immorredouro* b que ha de vir, o que ha de morrer,

Estes participios desappareceram no portuguez, deixando apenas os vestigios citados em *ouro*: *vindouro* e *immorredouro*, e mais alguns vestigios em *eiro*:

*Carta mandadeira* (que se ha de mandar).  
*Moça casadeira* (que se ha de casar).

Na lingua antiga, porém, esses participios existiam em abundancia:

*estabelecedouro*.  
*recebedouro*, etc.  
*juros mentideiras*. (*In. Alc. I*, 175).

Podem, ainda, ser considerados como participios de futuro os nomes que hoje, aliaz, têm a função de substantivos: *logradouro*, *matadouro*, *bebedouro*, *escoadouro*, *suadouro*, *futuro* (do verbo *esse*), etc.

2. Os participios em *undo*: *furibundo*, *iracundo*, etc.

Estes participios são, todos, neologismos importados do latim e do italiano pelos classicos e muito notavelmente por Camões. Citemos: *oriundo*, *sitibundo*, *pudibundo*, *tremebundo*, *iracundo*, etc.

3. Os participios em *ndo*: *reverendo*, *execrando*.

São participios da voz passiva latina; representam neologismos classicos. *Nefando*, *miserando*, *horrendo*, *estupendo*. Muitos delles foram introduzidos na lingua por Camões,

---

Convém notar que a translação do sentido desviou de categoria a muitos destes principios que passaram a ser substantivos: *prebenda*, *prenda*, *vivenda*, *fazenda*, *addenda*, etc.

---

## LIÇÃO XXXVII

### Regras de syntaxe relativas ás palavras invariaveis

As palavras invariaveis são os adverbios, as preposições, as conjuncções e as interjeições. (1)

#### I.—QUANTIDADE

A quantidade póde ser expressa pelo adverbio ; comeu *muito* ; *assaz* se divertiu.

Junto ao nome o adverbio de quantidade torna-se um simples adjectivo variavel :

Tem *poucas* cousas.  
Houve *muitas* delongas.

No seculo XVI, segundo affirma João de Barros na sua *Grammatica*, existia a construcção adverbial :

*Pouco de* proveito.  
*Assaz de* dinheiro.

E ainda hoje dizemos : *uma pouca de agua* ; *muito de tudo*. A syntaxe quinhentista está obliterada e diz-se vulgarmente ; *pouco proveito*, *bastante dinheiro*, etc.

Na lingua antiga usava-se o adjectivo *melhor* como simples

---

(1) Seria materia para um volume consignar individualmente os usos de todas as particulas. Notamos os casos mais importantes que offerecem margem á analyse historica da syntaxe vernacula.

adverbio de quantidade. Eis a syntaxe que occorre no Livro de Linh. do Coll. dos Nobres—Cap. *Batalha de Salado* :

«E d'hu elle era a tá hu era El-rei Aboacem ha *melhor* de quatrocentas leguas.» (1) E' do seculo XIV.

## II.—COMPARAÇÃO

O uso do comparativo exige os complementos *de, de que, que*: mais bello *do que* prudente; maior *de* todos, etc.

A comparação quando é feita pelo superlativo exige o artigo : o mais bello dos caracteres.

A syntaxe franceza tem sido imitada nos exemplos: o dia o mais claro; os livros os mais importantes. Este gallicismo é condemnavel, por não ser necessario. A vernaculidade consiste em se dizer : *os livros mais importantes; o dia mais claro.*

Em alguns casos raros no portuguez e no castelhano, é de notar-se o superlativo relativo de fôrma synthetica :

O prudentissimo dos homens.

E' um latinismo (*maximus oratorum*) que já se acha admittido em varias expressões : *a infima das classes; o minimo dos seres.*

— Exemplos de gráo emphatico encontram-se nos escriptores do sec. XV, nomeadamente em Fernão Lopes : Gente de pé *mui muita*.—Chron. 199.

Um facto importante da syntaxe historica era a construcção do comparativo de *tão* analogo ao processo usual do francez *si... que* :

« E era *assi* alcantilado o lugar do baluarte, *que* as náos tinham ali seu proiz (Barros, II, VII, 8). »

---

(1) E donde elle estava até o lugar onde estava El-Rei, havia *mais* de 400 leguas.



### 3.—FÓRMAS CONTRACTAS (1)

*Mui* exprime o gráo, e *muito* exprime o gráo, e também a quantidade: *muitas e mui distinctas pessoas*.

*Tam e quam* exprimem qualidade: *tam formoso. Quam* várias são as flôres !

*Tanto, quanto*, exprimem de ordinario quantidade: *tanto possue, quanto cubiça*.

As fórmas contractas sempre precedem adjectivos: as fórmas completas tornam-se adjectivos e precedem ou podem preceder os substantivos:

*Recentemente* contrae-se em *recém*.

### 4.—NEGAÇÃO

Em portuguez, ha duas maneiras de *negação*.

*Negação simples*.— Indica apenas o contrario da affirmacão: *não amo; não estudei a lição*.

*Negação reforçada*.— Indica a negação, com termos accessorios que a tornam emphatica:

*Não vi boia*

*Não vi nada.*

*Nem cousa nenhuma.*

*Não quero, não.*

---

O francez possui os accessorios *pas e point, rien*, etc.

Em portuguez, o accessorio mais curioso da negativa é o adjectivo *nada* do latim *natus* (nascido).

---

(1) *Apenas* (fr. *apeine*) representa talvez fórmas ellipticas. O castelhano possui: *a malas penas, a duras penas*, sempre usados por Cervantes.

Usava-se primitivamente a forma *rem nada* (*rem natam* = coisa nascida).

Esta periphrase era usada de varias formas : *cousa nada*, *ren nada* e *homem nado*.

*Homem nado* não viu isto  
= Nenhum homem...

No antigo portuguez, observa-se isoladamente o termo *ren* :

Não digas *ren*.  
= Não digas coisa. (1)

No francez antigo, notam-se os dous termos:

*Il n'avait vu rien née*  
(*rem natam*)

O notavel destino desta periphrase fixou a ultimo parte *nada* no portuguez, e a primeira *rien* no francez.

Tambem se exprime a negação por *sem* como infinito :  
Foi *sem* se despedir.

Este uso é actualmente puro e vernaculo. Nos seculos XIV e XV a syntaxe era de todo syncretica. A preposição *sem* podia servir de negativa ao gerundio.

Este facto importante é exemplificado largamente na *Chronica* de Fernão Lopes :

« De guisa que fugiram todos, *sem* curando de levar coisa alguma »—290.

« Responderam todos los que presentes eram, dizendo que de todo o que dissera lhes aprazia muito e que assi o entendiam de fazer *sem* lhe declarando porém o Conde, que terra haviam de levar. » (II. p. 15.)

## 5.—MODO

Os adverbios em *mente* quando occorrem juntos, perdem, excepto o ultimo, aquella terminação. Ex. : Discorreu larga e *profundamente*.

---

(1) Eis um exemplo do seculo XIV, do Livro de linhagens do Coll dos Nobres, na descripção da Batalha de Salado ; Mays todo esto non lhís valia *ren*.

E' esse uso classico. No emtanto, hoje em dia, vae-se generalisando, talvez por influencia franceza, o uso de conservar as terminações : Discorreu *sabiamente, largamente, profundamente*.

## 6.—PREPOSIÇÕES

As preposições muitas vezes derivam de participios que se tornam invariaveis : *salvo, excepto, etc, durante, etc.*

Alguns permanecem variaveis por não estarem consagrados pelo uso. Por exemplo, *visto, posto, supposto, etc.*

*Vistos* os autos,  
*Postas* as razões, etc.

Seria gallicismo a adopção da syntaxe franceza: *visto* a razão ; *posto* as razões.

---

Dos participios em *ante* que se tornaram preposições, notemos que eram muito frequentes na lingua antiga e classica :

O rei *embargante*, etc.  
Isto *não obstante*.

Vinha, nestes casos, posposto. O castelhano diz : *Deus mediante*, por meio de Deus, com a ajuda de Deus.

Cumpra notar que as preposições compostas de *de* em geral, pedem depois de si nova preposição, ao contrario do que succede com as preposições simples:

Ante Deus.  
Deante *de* Deus.  
Após a chuva.  
Depois *da* chuva.  
Traz o bando.  
Detraz *do* bando.

A disciplina desse uso tornou-se indispensavel nos escriptos classicos de maior pureza. Mas no periodo antigo da lingua ha exemplos viciosos :

Aquelle que empuxou diante a presença de seu coração o diabo malicioso.

R. de S. Bento—Ap. Vieira.

E' do seculo XIII.

No livro de *Linhagens* do Coll. dos Nobres (*Port. Mon. Hist.*) é frequente o uso de *depois* sem a preposição *de* :

Os Reys que depois *el* veeram.

E no mesmo documento (Vieira—*Dicc.*).

Maria foy virgem *ante* parto e *depos* parto.

A preposição vem sempre seguida do complemento :  
de *casa* ; para *casa*.

No seculo XIX, em portuguez, como já se notou tambem no castelhano, alguns escriptores têm procurado introduzir o anglicismo, de emprego da preposição sem complemento immediato: Viver *para e pela* patria ; vindo *da*, e mandado *pela* França.

Esta syntaxe não se conforma com a indole da lingua.

## 7.—USOS ESPECIAES

**Des** (*de-ex*) como composta de *de*, deve ter o complemento : *Dés de Roma até Pariz*.

Apezar disto, usa-se a fôrma contracta frequentemente sem a preposição, quando se segue *que* : *Des que o vi ou desde que o vi*.

**De**.—Exprime frequentes vezes relação de modo e de maneira : *de* manhoso, *de* geitoso, *de* preguiçoso ; *de* pé, *de* joelhos, *de* cocoras.

Antigamente dizia-se : *em joelhos* (Barros, I, IV, 4) *em cocaras* (II, V, 2) *em calças* (II, I, 6) *em gibão* (id.). Ainda hoje dizemos : *em* camisa, *em* ceroulas, *em* pé.

**Por.**—Origina-se der *per* e de *pro* simultaneamente dahi as differenças capitaes do uso :

Veio *por* campos (*per*).  
Veio *por* intendente (*pro*).

**A.**—Indica relações de toda a especie : ir *a* Roma ; morrer *a* fome.

A preposição *a* do seculo XVI em muitos empregos foi substituida por *para com*. Eis a regencia de alguns adjectivos, como se vê da *Grammatica* de João de Barros:

Manso aos humildes.  
Cruel aos fortes.  
Irascivel aos timidos,

Hoje se diz: *manso para com os humildes*, etc.\* Ainda alguns adjectivos verbaes conservam a regencia antiga: *inutil* ao homem, etc.

**Contra**, no sentido originario de *defronte*, *em frente*, é muito usual na lingua. Eis a syntaxe do seculo XIV:

— E tornou o rosto contra hu vinham os christãos (1).

— El-Rei Almotadem, disse muyta alta voz, os olhos *contra* o céu. (2)

**Sómente**, no seculo XVI, era preposição e equivalia a *excepto*, como se vê constantemente em Barros : Salvaram-se todos os malabares, *sómente* tres ou quatro (III, 1, 4). Vendo que nenhuma cousa havia para a cal, *sómente* a ostra... (III, II, 2).

**Senão** tinha a equivalencia de *excepto*: Sossobrou o esquife e todos se salvarão, *senão* elles (II, VIII, 6).

---

(1-2) Os dous excerptos se acham na *descripção* da batalha de Salado —apud. *L. de linh. do Coll. dos Nobres*.

---

## DIFFICULDADES DE CONCORDANCIA

As grandes difficuldades que realmente existem na syntaxe de concordancia resultam de que nem sempre os factos observados se acham de acôrdo com os principios geraes da logica commun.

Os principios logicos que se referem á concordancia do verbo com o sujeito, e do adjectivo com o substantivo, são os tres seguintes:

1.º *Dous ou mais sujeitos equivalem a um sujeito do plural.*  
Pedro e Antonio estão doentes.

2.º *Dous ou mais substantivos de differentes generos equivalem a um substantivo masculino do plural.* A gloria e o saber são cogitados.

3.º *Em concurrencia de varias pessoas, a segunda é preferida á terceira e a primeira a todas as outras.* Tu e Pedro não dormistes. Pedro e eu dormimos.

### EXCEPÇÕES

**A.** Quando duas idéas formam collectivamente uma noção unica, os nomes que as exprimem equivalem a um substantivo singular. Ex.: O movimento social consiste nesse *fluxo e refluxo* sem o qual seria impossivel o progresso.

**B.** Quando se usam etymologicamente fórmulas neutras como sujeitos, é admissivel a concordancia no singular: *Isto* e *o que* veio depois, *trouxe* a esperanza aos naufragos.

**C.** Os infinitivos, substantivadamente como sujeitos, representam fórmulas neutras e por isso seguem a regra antecedente. Ex.: *Comer, andar, e dormir*, é proveitoso á saude.

Usando do artigo, é preferivel a concordancia logica: *o comer, o andar e o dormir* são proveitosos á saude.

**D.** Qualquer numero de proposições subordinadas pelo annunziativo *que*, concordam em singular: Não é admissivel *que* o crime seja commettido e *que* o criminoso viva impune.—Que Socrates nada escrevesse, e *que* Platão expoz as doutrinas de Socrates, é sabido.

**E.** As excepções ou regras B, C, D, são violadas quando o attributo da proposição exprime reciprocidade: *Isto* e *o que* Victor escreveu, não estão de acôrdo. *Dormir* e *aprender* são cousas incompativeis. *Que* o homem seja livre e *que* seja igualmente escravo, *repugnam*.

**F.** O verbo quando precede a varios sujeitos do singular, pôde pôr-se no singular : *Veio a chuva, o trovão e a tempestade.*

Excepto, quando os sujeitos são pessoas : *Vieram Julio e Antonio e não : veio Julio e Antonio.*

Póde-se usar, todavia, a concordancia do singular intercalando algumas palavras que designam qualquer circumstancia : *Veio Julio e logo depois Antonio.*

**G.** Quando o verbo está collocado entre varios sujeitos, o que é raro, a concordancia se faz com o sujeito com o qual se expressa o verbo. Ex. : *A causa da religião nos leva, e a do nosso rei, a conquistar regiões desconhecidas.*

**H.** O adjectivo que especifica a varios substantivos singulares precedentes, todos do mesmo genero, deve ir para o plural : *Ambição e ousadia imperdoáveis.* Quando os substantivos são de generos differentes ha concordancia logica ou concorda com o ultimo.

talento e habilidade raros  
talento e habilidade rara.

A concordancia logica é preferivel collocando proxima ao adjectivo a palavra masculina :

habilidade e talento raros.

Se, porém, os substantivos são do plural, o adjectivo sempre concorda com o ultimo substantivo :

talentos e habilidades raras  
e não : raros.

**I.** Quando os nomes de titulos são femininos, é de rigor a concordancia por syllepse. Ex. : *V. Excellencia está enganado.* *S. Magestade estava enfermo.*

Exceptua-se o caso em que o adjectivo faça parte do titulo : *S. Magestade Catholica ou Fidelíssima.*

**J.** Quando occorre um colectivo do singular modificado por um complemento regido de *de*, o verbo vae para o plural : *nasceram-lhe pelo corpo uma especie de ulceras. Parte dos prisioneiros foram massacrados. Um numero consideravel de indios pereceram.*

**K.** Ha um caso notavel de syllepse em que se reproduz no plural nma idéa que foi exposta no singular. Ex : *Luiz escreveu uma ode admiravel como sabia escrevel-as. Antonio sahio e com-*

prou um pão aonde os vendiam. Não compres *livro* sómente pelo titulo, ainda que *pareçam bons*, são muitas vezes *pessimos*, etc.

**L.** O verbo *ser* só constitue predicado quando vem com o attributo : *é bom, é príncipe*, etc. Por isso, muitas vezes o verbo concorda com o predicado : tudo *eram flores*. O *que* elle tinha *eram febres*.

Alguns grammaticos sophismam o facto da attracção do predicado sobre o verbo *ser* dizendo que na proposição o *dinheiro é um bem fugitivo*—o sujeito é o *dinheiro*; e logo depois na proposição—o *dinheiro são bens fugitivos*—o sujeito é *bens*. A verdade, porém, é outra, e resulta de que a predicação nos verbos completos *amar, receber*, é constituído por esses proprios verbos: *Pedro ama*. Com o verbo *ser*, a predicação só existe quando occorre um attributo : *Pedro—é amante*. O attributo é por assim dizer uma immanencia do verbo substantivo e, em geral, lhe é subordinado. (1)

**M.** Ha certos casos em que uma phrase póde ter dous sujeitos de diversos numeros, e então a concordancia é arbitraria. Ex: *Deve-se promulgar as leis* ou *devem-se promulgar as leis*.—No primeiro caso, o sujeito é *promulgar*, no segundo, *as leis*.

Quando porém o sentido determinar exetamente o sujeito verdadeiro, a concordancia não póde ser arbitraria. Ex: *Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o unico sujeito possível é *inverter*.

Da mesma fôrma deve se dizer: *intenta-se demolir aquelles morros*, e não *intentam-se*.

**N.** Os nomes geographicos do plural, quando significam uma unidade, rio, cabo, monte ou povoação, figuram como do singular : *Campos* é proximo do Rio. *Buenos-Aires está* na embocadura do Prata. O fertil *Amazonas*..

Ha excepção quando os nomes exprimem collectividade de montanhas. *paizes* etc. Os *Estados-Unidos* de novo *fizeram* a paz. Os *Andes* de sul a norte *marginam* o littoral do Oceano Pacifico. Os *Alpes* nevam. (2)

---

(1) Por isso são correctas as phrases: Quem bate? *Sou eu*. São 18 do mez. São *ônze* horas da noite, etc.

(2) Andres Bello — *Gram. cast.*—donde extrahimos varios casos.



## LIÇÃO XXXVIII

### Syntaxe do verbo «haver» e do pronome «se»

A syntaxe do verbo *haver* constitue o que se poderia chamar *idiotismo* da lingua, como já tem sido denominado. Mas a syntaxe daquelle verbo por mais anomala que pareça acha-se sufficientemente explicada.

Nas phrases:

*Ha homens.*

*Houve occasiões.*

*Haverd votos?*

Para os que sustentam a opinião de que o verbo *haver* significa *existir*, aquellas sentenças interpretam-se do seguinte modo:

*Existem* homens.

*Existiram* occasiões.

*Existirão* votos.

Neste caso é forçoso admittir que *homens*, *ocasiões*, *votos*, são verdadeiros sujeitos, que escapam á concordancia grammatical, constituindo desta arte um *idiotismo* syntactico.

---

A etymologia do verbo *haver*, porém, indica que a forma primitiva no latim era *habere* e significa *ter*.

*Cópias habet.*

*(Tem exercitos).*

A comparação demonstra que o equivalente de *haver* no francez é *avoir* :

*Il y a des hommes*  
Ha homens.

Ora, o verbo *avoir* é derivado de *habere*, como *devoir*, de *debere*. (1)

D'ahi se conclue que se deve interpretar o verbo *haver* com a significação de *ter* e *ou fornecer*

*Ha* homens=*tem* homens.  
*Houve* dias=*teve* dias.  
*Haverá* votos=*terá* votos.

Assim interpretada desaparece a discordancia e os termos *homens*, *dias*, *votos* serão considerados complementos directos do verbo *haver*=*ter*, cujo sujeito é elliptico :

*O mundo* tem homens.  
*O tempo* teve dias.  
*A sociedade* haverá votos.

Semelhante interpretação não é recurso sophistico, é a deducção de factos observados na lingua em diversos periodos, em que *haver* conserva o valor etymologico da significação :

E elle *havia* nome Antão.

C. Mon., 702 v.

O facto do sujeito occulto é analogo ao do sujeito *apparente* que se nota no francez : *il pleut, ce semble, il y a*, etc. O certo e innegavel é que actualmente, fóra da litteratura, o verbo *haver* significa *existir* e não *ter*.

---

(1) O mesmo succede ás outras linguas romanas.

Essa translação de sentido é real e acha justificação no próprio verbo *ter* que, entre o povo, já significa também haver : *tem* dias que...=*há* dias que, etc. Em outras linguas, como no francez, o verbo *être* tem o valor de *ser* e *estar* cumulativamente.

Ha phrases na lingua usual que conservam nitidamente o significado etymologico de haver. Ex.:

*Bem haja o pobre (Deus tenha...)*

A expressão *haver filhos*, é consagrada; o substantivo *haveres* (teres, posses) indicam claramente a etymologia.

Os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar*, frequentemente usados e de sentido quasi vago quando auxiliam verbos principaes, naturalmente soffreram entre si a influencia que poderiam exercer uns sobre os outros.

## II.—PRONOME — SE

A lingua portugueza construe uma voz média passiva com o reflexivo *se* :

*Fizeram-se casas.*

*Preparou-se a terra.*

*Escreviam-se cartas.*

Esse systema representa uma voz passiva, que seguiu a tradição do processo latino : *amor*=*amo-se*.

Ainda na lingua antiga nota-se a syntaxe pura da passiva com o *se* e o complemento causal :

*As cartas escreveram-se por elle.*

(Foram escriptas por elle.)

Em Barros, *Decada III*, encontra-se o exemplo seguinte :

*...Se nota pelos mareantes os perigos do mar.*

Houve, sem duvida, erro de concordancia e o escriptor deveria dizer : *se notam* (*notam-se*). Mas o que é claro é

o uso de voz passiva com o complemento *pelos mareantes* :

*São notados pelos mareantes os perigos.*

Esta syntaxe não é rara no seculo XVI, na época dos mais abalisados classicos.

---

Por influencia da lingua franceza, pela analogia ideologica que existe entre *on dit* e *diz-se*, a syntaxe franceza introduziu-se na lingua e houve escriptores que empregaram a syntaxe :

*Diz-se cousas*  
(Dizem-se cousas).

Os defensores desse gallicismo syntactico procuram explicar a difficuldade considerando como sujeito o pronome *se*.

Esta explicação violenta cantraria a historia da lingua em todos os seus periodos e até ao latim onde o *se*, caso obliquo, não poderia ser sujeito do verbo finito.

No francez: *on dit*, o vocabulo *on* (*homo*) é um nominativo e póde ser, como é effectivamente, o sujeito. Semelhante doutrina, porém, não póde ser applicada á lingua portugueza.

---

## LIÇÃO XXXIX

Da construcção : da ordem das palavras na proposição simples e das proposições simples no periodo composto

O discurso coordena-se ou construe-se de duas maneiras : pela *ordem directa* e pela *ordem inversa*.

**A ordem directa**, tambem denominada *analytica*, consiste na collocação dos termos da proposição de modo que venha em primeiro lugar o sujeito, depois o verbo, e afinal o attributo.

Exemplos :

—*Deus é omnipotente.*

—*A luz que se nota no brilho dos planetas provém do sol, centro do systema planetario.*

**A ordem inversa**, tambem denominada *ordem synthetica*, consiste em uma disposição differente da que se nota na *ordem directa*.

Exemplos :

—*Omnipotente é Deus.*

—**Provém** do sol, centro do systema planetario, a LUZ que se nota no brilho dos planetas.

Como se vê do exemplo, o sujeito LUZ vem depois do verbo.

Ambas as construcções são peculiares ao portuguez, convindo notar que o respectivo uso não é de todo arbitrario, quer quanto á distribuição dos vocabulos, quer quanto á distribuição das clausulas no periodo.

A *ordem directa* representa a analyse, serve para a linguagem intellectual, philosophica e scientifica. Tem mais clareza e fala mais á razão do que aos sentidos.

A *ordem inversa* representa a synthese, serve para a linguagem da emoção, do sentimento, da arte e da poesia e finalmente da paixão ; é a linguagem dos poetas, oradores e historiadores.

A *ordem directa* é propria do estylo scientifico. Na historia da lingua veremos que a *ordem inversa* predominou no periodo dos seus grandes poetas e litteratos no seculo XVI. Nos seculos seguintes a *ordem directa* vae predominando gradualmente por effeito da decadencia artistica, do progresso da cultura scientifica e notavelmente por causa da influencia franceza.

---

Nas linguas primitivas a ordem é sempre *inversa*, por isso que o periodo inicial é caracterisado pela intensidade da emoção, da vida affectiva.

A *ordem inversa* é portanto mais antiga e a mais natural, salvo em seus excessos licenciosos e arbitrarios que são intencionalmente produzidos pelos escriptores. Todas as phrases que encerram alguma sentimentalidade são dictadas na *ordem inversa* ; taes como as phrases optativas, exclamativas, imperativas, etc

#### I.—DA ORDEM DAS PALAVRAS NA ORAÇÃO SIMPLES.

Os termos da proposição, essenciaes, são o sujeito, o verbo e o attributo.

Os termos secundarios são os complementos.

Não é de todo arbitraria a collocação desses termos.

Ha algumas regras ; das quaes as mais notaveis são as seguintes nas proposições simples :

O sujeito colloca-se depois do verbo nas phrases interrogativas, exclamativas, optativas e imperativas :

- Queres *tu* almoçar ? .
- Queira *Deus* protegel-o !
- Possam *elles* viver !
- Dize *tu* ; dizei *vós*.

Exceptnam-se alguns casos em que é costume dizer : *Deus o abençõe ! um raio te parta !* etc.

2. Quando ha citação de um trecho ou quando um interlocutor toma a palavra, os sujeitos dos verbos que occorrem como *dizer, replicar, responder, interromper, etc.*, vêm sempre depois:

- Creio, dizia *elle*, que...
- Creio, replicou *Antonio*, que...
- Creio, respondemos *nós*, que... etc.
- A vida, dizia *Socrates*...

3. As proposições que começam por adverbios de ordinario são construidas na ordem inversa :

Aqui esteve *elle* dous annos.  
Em vão procurou *Cesar* convencel-o.  
Apenas levantaram *elles* a cortina...  
Então levantou-se *o rei* e disse.  
Hontem desmoronou *uma casa*, etc.

4. Qualquer que seja a ordem de uma proposição, os complementos são inseparaveis das partes que os regem ou exigem :

Ardeu a casa *de Pedro*.  
Ponha agua *com sal*.  
*O homem que é justo* é feliz.

A palavra *Pedro* sempre ficará junta á preposição *de*, qualquer que seja a inversão que se opere no primeiro exemplo ; e o mesmo se póde affirmar dos outros casos. Quando, porém, o complemento é uma proposição, como succede no ultimo exemplo, a ordem póde ser invertida, por licença, na poesia.

*O homem, é feliz, que é justo.*

Disse elegantemente o nosso poeta Varella :

Ah! nenhum mago da Chaldeia sábia  
A *dôr* abrandará *que me devora* !

5. Ha palavras que têm posição definida no discurso.

O artigo, os demonstrativos, os possessivos, os indefinitos, os determinativos vão sempre antes dos substantivos :

O homem.  
As mulheres.  
Este livro.  
Meu livro.  
Alguns homens.  
Qualquer homem.  
Todo homem.

Do artigo nunca se faz inversão ; nunca se diz em prosa nem em verso : *homem o*. Das outras palavras são permittidas as inversões na poesia e na propria prosa em orações emocionaes : que homem *este* !

Às vezes a inversão pôde dar-se, mas neste caso tambem se opéra a differenciação de sentidos. Por exemplo :

Um *simples* creado.  
Um creado *simples*.  
Homem *qualquer*.  
*Qualquer* homem.  
O homem *todo*.  
*Todo* o homem.

Com os relativos e conjunctivos *que*, *qual*, *cujo* é inadmissivel a inversão:

As *quaes* cousas.  
*Que* cousa.  
*Cuja* regra.

E' completamente impossivel, nestes exemplos, inverter a ordem, dizendo *regra cuja*, *as cousas quaes*, etc.

Na lingua antiga era admissivel a syntaxe de collocação que separou o adjectivo *cujo* de seu referente: —aquelle homem *cujá* era a mulher.—

—

O adjectivo *meio* antepõe-se : *meia arroba*, *meio litro*. Depois da expressão de unidades, pospõe-se : *duas arrobas e meia*, *litro e meio*.



No entanto, o symbolo correspondente a *meio* vae sempre reunido aos das unidades :  $2\frac{1}{2}$  arrobas,  $1\frac{1}{2}$  litro.

---

O adjectivo *méro* sempre se antepõe: *méro* soldado.

6. As palavras em juxta-posição separada, os compostos e as locuções têm uma ordem de construcção já consagrada pelo uso e que não póde ser invertida :

*Ajudante General.*

*Por onde.*

*Pouco mais ou menos.*

*A fim de que.*

*Desde logo.*

*Mdo grado.*

*Onde quer que.*

Note-se, porém, que a locução *de vez em quando* tem sido invertida em *de quando em vez*.

## II.—ORDEM DAS PROPOSIÇÕES SIMPLES NO PERIODO

1. As proposições subordinadas de qualquer especie collocam-se conforme a dependencia em que estão da principal.

A *subordinada substantiva* quando serve de *sujeito*, de ordinario vai depois do verbo :

Era justo que *se retirasse*.

E' lamentavel que *assim procedas*.

A *subordinada substantiva* que serve de *complemento* ordinariamente vai depois do verbo :

Quero que *estudes*.

Receio que *venham*.

Vi que *se divertiam*.

A *subordinada adjectiva* que se aggrega ao sujeito ou ao complemento vai sempre junto do sujeito no primeiro caso e do predicado no segundo.

O livro *que li* é bom.  
Recebi o livro *que escreveste*.

A *subordinada adverbial* não tem collocação definida :

Elle morrerá, *se persistir*.  
*Se persistir*, morrerá.  
*Logo que sahi*, choveu.  
Choveu, *logo que sahi*.  
*Antes de partir*, chorou.  
Chorou, *antes de partir*.

2. A proposição absoluta fica intercalada quando marca uma citação ou fala de qualquer interlocutor :

A riqueza, *disse Socrates*, é ephemera.  
Quero, *exclamou elle*, quero viver.

3. As orações coordenadas são dispostas conforme o sentido e a successão veridica dos factos :

a) *Deus fez a luz ; depois creou a natureza e finalmente formou o homem*.

b) Entrou em combate, luctou heroicamente e morreu.

A idéa obriga a collocação em circumstancias como essas, de sorte que seria impossível dizer : *morreu, entrou em combate e luctou heroicamente*. Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo dizendo : *Deus finalmente formou o homem, depois creou a natureza*, etc. Assim todas as vezes que os factos têm ordem historica, a sua narração deve também seguir em lugares successivos os momentos successivos do tempo.

---

A conclusão de uma premissa deve ir também em ultimo lugar. *Penso, logo existo* é uma phrase que não se póde inverter.

A inversão tem todavia lugar, quando sem offensa da ordem veridica e historica dos factos, a coordenação é feita por conjunção dijunctivas:

*Quer elle venha, quer não venha.*

Neste caso existe exclusão de um dos dous factos e a ordem historica não soffre injuria alguma.

---

## LIÇÃO XL

### Da collocação dos pronomes

Os pronomes obliquos *me, te, se, lhe, nos, vos*, chamam-se *enclíticos* quando são collocados depois do verbo.

Diga-*lhe*.  
Arrependi-*me*.

Chamam-se *proclíticos* quando vêm antes do verbo.

Para que *lhe* diga.  
Disse que *me* arrependera.

Ao phenomeno de anteposição dá-se o nome de *proclise*; ao phenomeno de posposição o de *enclise*.

Existe um caso em que os pronomes ficam intercalados no vocabulo. E' o que se dá no futuro:

Dir-*te*-ei.  
Far-*vos*-ei.

Ao phenomeno de intercalação da fôrma obliqua denominam *synclise*. De todos os casos, quer de anteposição, quer de intercalação, quer de posposição, o termo geral que designa as diversas posições dos pronomes é *clises* ou *clise*. (1)

### REGRAS DE COLLOCAÇÃO

1. « Sempre que a oração seja negativa ou subordinada, as enclíticas pronominaes passam para antes do verbo:

---

(1) Estas denominações são gregas, porém mal formadas, excepto as fôrmas adjectivas: *enclítico, proclítico*, etc.

Não *se lhes* diz. Para que *nos* digam. Se *lh' o* dissessem. Nunca *vol-o* diria.

« (Neste caso póde metter-se uma palavra ou mais entre a particula e o verbo : Se *lh'o* eu dissesse. Se *lh'o* elles dissessem). Se o verbo fôr do infinito e ligado estreitamente ao outro de quem depende, podem as encliticas estar antes ou depois: Mandou matá-*os* ; mandou-*os* matar ; desejo vel-*a* ; desejo-*a* vêr ; sem querer offendel-*a* ; sem querel-*a* offender, ou sem *a* querer offender.

2. Nunca se dá a posposição depois do participio preterito. Ex.: *tenho-me aperfeiçoado*, e não *tenho aperfeiçoado-me*.

3. Nunca se dá a posposição nos futuros simples : *direi-lhe*, *amarei-o*. Nesses casos ha tinese ou intercalação: *dir-lhe-ei*, *umal-o-ei*.

4. Quando a subordinação de uma oração fica expressa pela oração principal, dá-se a anteposição das particulas. Notem-se:

Faça-*me* o favor.

Espero que *me* faça o favor.

5. Nas phrases do gerundivo ha anteposição : nas de fórma imperfeita, posposição:

Em *se* levantado...

Levantando-*se*.

6. Com alguns adverbios, como *já*, *antes*, *có*, *lá*, *sempre*, *assim*, *nunca*, *não*, *bem*, *mais*, *muito*, etc. ha anteposição quando os adverbios ficam antepostos :

*Já* se disse.

*Ainda* vos quero.

*Tanto* se chega.

*Bem* te avisei.

7. Na expressão considerada como um idiotismo da lingua :

Eu *me parece*.

8. Em algumas orações optativas, muito vulgares, quando o sujeito antecede o verbo :

Deus *me* livre.  
O diabo *te* leve.  
Mal'raio *te* parta.  
Bons ventos *o* levem.

Em resumo, ha uma certa attracção do sujeito ou do adverbio de negação, quantidade e tempo, para com o pronome obliquo. A anteposição dos primeiros obriga a anteposição dos ultimos. Provam os exemplos : « Deus me livre, livre-me Deus ; muito se discutiu, discutiu-se muito, etc. » (1)

9. Com os adjectivos *todo, nada, ninguém, nenhum, cada, quaesquer*, e com os quantitativos *tanto, quanto, muito, pouco*, etc. que precedem o verbo, tambem precederão ao verbo os pronomes :

Ninguém *lhe* falou.  
Todos *lhe* falaram.  
Poucos *se* abstiveram.

10. Em toda a proposição que começa pelo vocabulo *que* (conjunção ou pronome) e pelas variantes *qual, quem, cujo*, etc., ha *proclise*, isto é, anteposição do pronome :

Quem *o* chamou.  
Lei, cujo texto *se* comprehende.

11. Com os complementos de *lugar onde, donde*, o pronome póde antepôr-se :

Em Roma *se* vê o Papa.  
Onde *se* bebe?

---

(1) João Ribeiro—*These de concurso* — 1886.

Esta regra tem exemplos em contrario. E pôde-se affirmar que a questão de collocação dos pronomes ainda não ficou resolvida ou porque o phenomeno não fosse observado perfeitamente ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

---

## COMBINAÇÕES

I. As encliticas *me, te, nos, vos, o*, sendo complemento objectivo, não toleram outra enclítica:

*Recommendou-me a vos e não recommendou-me-vos.*

II. As encliticas *me, te, nos, vos, lhe, lhes*, sendo objecto indirecto, pospõem-se a *se* e antepõem-se a *o*:

Fez-se-me.  
Deram-se-lhes.  
Contei-lh'o.  
Disse-m'o.

As combinações *vol-o, nol-o* são mais usadas antes dos verbos: *quem vol-o disse?*

III. Quando a combinação é anteposta ao verbo, uma das proclíticas pôde ser *se* ou *o*. A *se* antepõe-se a outra; o *o* pospõe-se:

Que m'o censure...  
Para que lh'o diria?  
O que *se* vos fez.

IV. Alguns escriptores usam a combinação ternaria ou de tres encliticas: *Dê-se-lh'a, a esmola.*

---

## LIÇÃO XLI

### Das notações syntacticas. Pontuação. Emprego das letras maiúsculas

**Notações syntacticas** são os signaes ou symbolos que auxiliam a comprehensão do discurso escripto. (1)

Estas notações são determinadas pelo sentido e pela necessidade de respirar, como diz Roersch. Por isto, estão quasi entregues ao arbitrio do escriptor.

Entre as notações syntacticas convém distinguir tres classes: uma constituida pelos signaes proprios da pontuação, e que determinam as divisões da parte do discurso, a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto final* e a *alinea*.

A segunda classe abrange os signaes que exprimem uma emoção ou um movimento psychico, e são os *pontos de reticencia*, o *ponto interrogativo*, e o *exclamativo*.

A terceira classe é constituida por signaes destinados á clareza dos manuscriptos, taes são o *hyphen*, as *aspas*, o *parenthese*, etc.

#### I.—PRIMEIRA CLASSE

A *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto final* e a *alinea* são signaes da mesma familia e correspondem na leitura a repousos progressivamente mais longos.

---

(1) As *notações lexicas* ou *prosodicas* referentes ao vocabulo acham-se descriptas na *Lição I. in fine*.

Esta lição foi escripta, exceptuando o commentario historico, segundo a *Gramm.*, de Delbœuf e Roersch (141=148.)



**Virgula.**—Serve para separar os termos de uma serie, quando não são ligados por conjuncção :

*Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

— Serve para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso :

*O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta. Por motivo identico podem ser separados os complementos não essenciaes :

*O notavel tragico nasceu em Roma, em 20 de Agosto de 1850, em uma terça-feira.*

— Emprega-se a virgula nas inversões :

*Das ruinas de Herculanium, a mais notavel é o templo de Jupiter.*

— Emprega-se a virgula, quando a proposição é elliptica.

*A verdade é clara. A mentira, escura.*

— Collocam-se entre duas virgulas a apostrophe, a invocação e as incidentes absolutas :

*Tú, ó Catilina, conjuraste...  
Vinde, Senhor, soccorrer aos pobres,  
A vida, disse Bias, é um fardo*

— As proposições incidentes ou intercaladas ficam entre virgulas quando são *explicativas* ; mas levam apenas uma virgula no fim, quando são *restrictivas*.

*Napoleão, o primeiro, venceu toda a Europa.  
O sol, que tudo allumia, tambem allumia as choupanas.*

Exemplos do segundo caso :

*O maior segredo que me disseres será fielmente guardado.*

*O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

A *virgula* corresponde á denominação *comma*, que se encontra nos velhos grammaticos portuguezes, Nunes de Lião e outros. O termo *comma* denota a fracção de tom vocal, cujo symbolo material é a *virgula*; o vocabulo ainda subsiste na arte musical, em relação ás variações intertonicas da voz humana ou dos instrumentos de corda. A *virgula*, desconhecida dos gregos e dos romanos, generalisou-se do seculo VI em diante e, na escripturação, affectava fórmãs e posições diversas. No Virgilio de Medicis (manuscripto do seculo V) encontra-se a virgula esporadicamente com a funcção do ponto final.

**Ponto e virgula.**—O ponto e virgula, como a virgula, serve para marcar series de series :

*Amor, indifferença, odio ; respeito, veneração e culto ; sobriedade, abstineneia e moderação.*

*A riqueza que se herda, dura pouco ; a riqueza que se adquire é mais estavel.*

— Serve o ponto e virgula para separar as proposições coordenadas extensas :

*O jornal é um producto da civilisação moderna ; dá as noticias de todos os pontos do globo ; guia e fortalece a opinião publica.*

**Dous pontos.**—Emprega-se antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento.

*As virtudes theologaes são tres : Fé, Esperança e Caridade.*

*Cicero dizia : A historia é a mestra da vida.*

**Ponto final ou ponto.**—Emprega se no fim do periodo para indicar o sentido concluido.

*Arrependi-me ; e de tal modo que achei melhor a vida, aquella vida que tão prodigamente eu gastava.*

O ponto era o elemento exclusivo da pontuação grega. Na declamação, os gregos distinguiam a pequena (*comma*) e a pausa longa (*colon*). O ponto indicava essas pausas, collocado em baixo (*comma*) ou a meia altura dos caracteres (*colon*). O ponto no alto da linha denotava interrupção ou sentido completo, tendo a funcção do nosso *ponto final*. Até o seculo XVII sempre se usou do ponto depois dos numeraes e assim se escrevia : « A semana tem VII. dias ; o mez tem 30. dias. » Note-se que este uso só era permittido quando os numeraes eram expressos por symbolos, arabicos e romanos, e não por palavras.

**Alinea.**—Emprega-se para distinguir os diversos grupos de idéa de um assumpto. Consiste em mudar a escriptura para linhas novas quando os factos são distinctos.

« Trataremos de tres estudos :

1. Da psychologia.
2. Da logica.
3. Da moral. »

A palavra *alinea* deriva-se do latim *a+línea*, isto é, *passa a outra linha*. Impropriamente tem sido varias vezes denominada *paragrapho*, cujo symbolo é §.

O *paragrapho* muito commum nos manuscriptos e impressos antigos hoje apenas se usa na redacção de leis ou é notificado por algarismo no texto dos impressos.

## II.—SEGUNDA E TERCEIRA CLASSES

A' *segunda classe* pertencem os signaes que exprimem um movimento psychico.

**Reticencias.**—Empregam-se quando o pensamento é interrompido em meio da phrase.

**Ponto interrogativo.**—Colloca-se no fim de uma interrogação :

*Queres ir ?*

**Ponto admirativo.**—Colloca-se no fim de uma exclamação :

*Quam diverso estás !*

Ambos os pontos de interrogação e exclamação costumavam vir invertidos no começo da phrase, nos livros classicos :

*¿ Que cousa é a gloria ?*

Este uso ainda persiste no castelhano e serve para dar o tom da declamação em uma phrase.

**Hyphen.**—E' um traço horisontal, empregado para separar syllabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos de palavras :

*A-mi-sa-de  
Contra-mestre*

*A velhice—periodo de desenganos—tem a sabedoria da experiencia.*

Serve com maiores dimensões para indicar a phrase de um interlocutor :

*— Vamos, disse Antonio. Tenho pressa de chegar.*

**Parenthesis.**—Tem por fim separar uma proposição intercalada que não mantém relações syntacticas com a phrase :

*Os inglezes (e o mesmo se pôde dizer dos francezes) não gostam de emigrar da patria.*

**Aspas.**—Servem para indicar um trecho citado, quando é textual :

*Os Lusíadas começam por este versos :*

« *As armas e os barões assignalados.* »

**Historia.** — A pontuação dos documentos da antiguidade é deficiente e obscura, pelo pouco que se póde concluir das inscripções mais completas. Sabe-se que o ponto (*colon*) era indicado em baixo ou em cima e ainda no meio da linha graphica para indicar repousos diversos. O mesmo succedia com a *comma* (virgula); depois vieram as combinações destes signaes, *dous pontos*, *ponto e virgula*. Nos modernos textos gregos o *ponto e virgula* substitue o ponto interrogativo. A combinação *duas virgulas* desapareceu.

Entre os gregos, o *hyphen* consistia em uma figura semelhante a um pequeno arco de circulo, posto acima e no fim da palavra para indicar estreita ligação ao vocabulo seguinte.

Na divisão das palavras um grammatico do seculo XVI (Nunes de Lião) ordena que as *consoantes compatíveis de se ajuntarem* devem ser postas na syllaba seguinte: *ho-spede, ca-sto*, etc.

A divisão nas palavras torna-se um estudo complicado e sério quando se attende nas fórmulas de origem extranha para a divisão das quaes melhor fôra não cogitar da *etymologia* e sim da pronuncia. Má effeito produzem as divisões aliaz correctas: *hyp-hen, ap-helio*, (grego). Damos, todavia, aqui, uma pequena lista de divisões de palavras estrangeiras, que não são para ser seguidas mas têm não obstante a vantagem de recordar a *etymologia* dos vocabulos :

Elemento grego:

|                |                |
|----------------|----------------|
| Phil-adelpho.  | Cir-urgia.     |
| Phil-adelphia. | Dramat-urgo.   |
| Met-eoro.      | Phil-armonica. |
| Arch-anjo.     | Ap-helio.      |
| Ev-angelhos.   | Par-helio.     |
| Syn-agoga.     | Ep-hemero.     |
| Dem-agogo.     | Ep-hemerides   |
| Ped-agogo.     | Ec-lipse.      |
| Nevr-algia.    | Palin-odia.    |
| Mis-anthropo.  | Raps-odia.     |
| Log-arithmo.   | An-onymo.      |
| My-ope.        | Syn-onymos.    |
| Aut-opsia.     | Patr-onymico.  |
| Cycl-ope.      | Aero-stata.    |
| Syn-optico.    | Apo-stata.     |
| Tele-scopio.   | Sy-stema.      |

Elemento germanico inglez:

|             |                |
|-------------|----------------|
| Land-grave. | Cant-erbury.   |
| Lans-quet.  | Esping-arda.   |
| Patr-ulha.  | Thal-weg.      |
| All-odial.  | Guind-aste.    |
| Skat-ing.   | Tram-way, etc. |

Elemento americano (tupi):

|              |               |
|--------------|---------------|
| Aba-eté.     | Ming-au, etc. |
| Man-iba.     |               |
| Bara-una.    |               |
| Parahyb-una. |               |

Como se vê, ha algumas divisões aceitaveis e realmente empregadas; mas o systema é excessivamente rigoroso e seria anarchico no dominio das etymologias ainda não verificadas.

---

Nos outros tempos a pontuação era imperfeitissima e quasi só consistia em um unico elemento o *ponto*. A escripturação nos manuscriptos e a gravura das taboas e inscripções não deixavam em geral intervallos entre as palavras. Entretanto já os gregos usavam a separação das phrases, escrevendo-as uma em cada linha, á maneira de versiculos (*stichos*).

Este systema foi adoptado por S. Jeronymo na traducção grega da biblia, que ainda hoje conserva os antigos versiculos. Os etruscos separavam as palavras por um ponto; os romanos por dous, e frequentemente por tres, segundo o methodo dos gregos. Mas o uso de separar as palavras, como se faz actualmente, por intervallos em branco, sómente se verifica nos manuscriptos posteriores ao seculo VII. (1)

A pontuação definiu-se e tornou-se positiva com a invenção da imprensa e com os progressos da arte de imprimir. Foi um impressor (*Guillemín*) que inventou os symbolos conhecidos pelo nome de *aspas* (*Guillemets*, fr.). Outros impressores crearam o *grypho* e a diversidade de caracteres que auxiliam a clareza do discurso.

---

Toda a pontuação da lingua vernacula, segundo o testemunho de Barros, no seculo XVI consistia no uso de denominações erroneas, *coma* (dous pontos) *colo* (ponto) *vergas* e *virgulas*.

---

(1) Natalis—*Palaeogr.*

O uso do *apostropho* que D. Nunes de Lião só justificava pela *synalepha*, nem sempre foi observado. Os quinhentistas escreviam *Pedrafonso*, *Daguiar* em vez de *Pedro Affonso*, *d'Aguiar*.

---

### III.—DO MAIUSCULO

**O maiusculo** emprega-se no começo de um periodo e no começo da phrase que se segue a um ponto :

*A luz vem do sol. O sol é uma estrella fixa.*

O maiusculo emprega-se com os nomes proprios, nomes de titulos nobiliarchicos, de obras litterarias, de mezes, de cousas personificadas, de adjectivos consagrados aos Deuses e aos reis:

*Manoel*  
*O Conde de Porto Alegre*  
*os Luziadas*  
*em Agosto*  
*a Inveja ; a Arte*  
*Rainha Fidelissima.*

As composições artisticas de qualquer especie levam o maiusculo :

*Leia a Formiga e a Cigarra.*  
*Já viu a Primeira Missa no Brazil ?*

Quando os nomes proprios são compostos de um nome commum e de adjectivo, é o adjectivo que toma o maiusculo :

*a rua Larga*  
*o mar Vermelho*  
*o lago Asphaltite*  
*o monte Branco.*

A's vezes o nome commum tem o valor de proprio e neste caso tem sempre o maiusculo inicial :

*o Mar Austral*  
*o Reino-Unido*  
*os Estados-Unidos*

Emprega-se a inicial maiuscula no começo dos versos

*As armas e os barões assignalados*  
*Que da occidental praia luzitana, etc.*

Os hespanhoes não seguem esta regra, e entre os portuguezes Castilho e outros adoptaram o systema castelhano.

---

Os antigos não conheciam os caracteres *minusculos*; e nos manuscritos de maior antiguidade até os seculos V e VI só occorrem as letras maiusculas. O habito crescente e cada vez mais disseminado de manuscreever foi que originou o *minusculo*. As pennas dos amanuenses difficilmente sujeitavam-se aos contornos angulares do *maiusculo* e insensivelmente foram substituindo-os pelos contornos curvilineos que caracterisavam o *minusculo*.

Os caracteres gothicos (ulphilianos) perduraram na Hespanha até o Concilio de Leão, no qual o cardeal Raynel propôz a adopção dos caracteres italianos, já vulgarisados em França. D'ahi láta a decadencia e a consequente desaparição da escriptura gothica em toda a peninsula iberica.

---

— No antigo portuguez e na mesma época classica, os collectivos em geral começavam por letras maiusculas : o *Reyno*, o *Tribunal*, etc.

— Nos impressos do seculo XVI frequentes vezes os cognomes ; appellidos figuram com caracteres minusculos : *Pedro alvares*; *Mem de sá*; etc.



—A regra que estatue o uso do maiusculo inicial dos nomes proprios deixa de ser observada, quando esses nomes tornam-se appellativos. Exemplo : um gole de *cognac*; um copo de *champagne* etc.

Nas linguas romanas o uso das letras maiusculas é uniforme. No inglez, o pronome *I* (eu), e no allemão todos os substantivos, escrevem-se com a inicial maiuscula.

No latim barbaro usava-se o *I* maiusculo para evitar o *ii* dobrado : *frumentari* ⇒ *I* = *frumentarii*.

---

## LIÇÃO XLII

### Figuras de syntaxe. Particulas de realce

**Figuras de syntaxe** são as modificações de qualquer ordem das quaes é susceptivel a phrase.

As figuras de *syntaxe* são numerosissimas, se levarmos a analyse até ao estylo, ao rythmo da linguagem. Semelhante analyse é em nosso parecer, mais do dominio da rethorica do que da grammatica.

Damos aqui, em resumo, o estudo das principaes figuras.

**Ellipse** é a que indica a suppressão de um ou mais vocabulos na phrase :

*Silencio !* (fazei silencio)  
*Quem quer ?*

**Zengma** é um caso particular da ellipse. Indica a suppressão do sujeito :

*Vou* (eu vou)  
*Luiz foi e voltou* (elle voltou)

**Asyndeton** é outro caso particular da ellipse. Indica a suppressão de particulas :

*sobre o mar e a terra*  
(sobre o mar e sobre a terra)  
*As plantas, os animaes vivem*  
(As plantas, e os animaes...)

Estas tres figuras indicam perda ou suppressão voluntaria de vocabulos. Explicam-se pela lei de *economia mental*. E' a applicação da *lei do menor esforço* no dominio da semantica.

Os casos mais notaveis da ellipse são aquelles em que de dous vocabulos que primitivamente andaram junctos, um desapparece e o outro que resta ganha a funcção dupla de ambos. Foi o que succedeu a alguns adjectivos que hoje têm o valor de substantivos *meia* (calça meia) *sereno* (tempus seranum) *figado* (*jecur ficatum* lat.) *javali* (porco *javali*—montez) e em geral todos os adjectivos usados como substantivos: o *rapto*, o *direito*, o *pobre*, o *rico*, a *prêsa*, etc.

**Syllepse** é a figura pela qual a concordancia se faz, não com o termo grammatical, mas como a idéa que se tinha em mente.

*Syllepse de numero*: A multidão enchia a praça: *gritavam e faziam* um alarido ensurdescedor.

Os verbos *gritavam*, *faziam*, no exemplo citado não concordam com o termo *multidão* claro mas com o termo occulto *peçoas* que o escriptor tinha em mente.

*Syllepse de pessoa*: Tu e Tullia *estaeis* bons.

Neste exemplo o verbo *estaeis* concorda com o termo mental occulto: *vós*.

*Syllepse de genero*:

Meu claro sol, meu lyrio immaculado,  
Quanto és *formosa*!

O adjectivo *formosa* concorda mentalmente com o substantivo *mulher*.

— No celebre exemplo de Camões:

Mas já a planeta que no céu primeiro  
Habita cinco vezes *apressada*...

O adjectivo *apressada* concorda com *planeta* que era nos seculos XV e XVI do genero feminino. Não houve, pois, syllepse neste caso.

**Hyperbaton** — indica a transposição de uma sentença.

Na lingua portugueza e nas linguas analyticas denomina-se *hyperbaton*, a ordem inversa :

Das flores todas a rainha, a rosa  
Perfume exhala tepido odorifera

**Anastrophe** — é um caso especial do *hyperbaton*. Indica a transposição de um simples vocabulo :

Da estrella o *brilho* e o *brilho* de teus olhos.

**Pleonasmo** — é a repetição de palavras ou idéas para tornar clara ou emphatica uma affirmação : *vi com estes olhos, ouvi com estes ouvidos*, etc.

**Polysyndeton** — é a que repete por emphase as particulas :

*Em Pariz, em Roma, em Berlim*  
*Vae e segue e corre e vòa.*

Cumpre notar que existe um grande numero de figuras que dizem mais especialmente respeito á composição litteraria, poetica ou oratoria, como são : *clima*, *anadiplosis*, *epanalepsis*, *periphrase*.

## II.— EXPLETIVAS

**Expletivas**—são quaesquer partes do discurso usadas como simples effeitos decorativos da phrase.

**Pronomes** — alguns pronomes pessoaes são usados apenas com a funcção de *emphase*, em lugares onde seriam dispensaveis :

Lembra-me' á mim  
Deu-me a mim  
Veio-lhe, *nelle*, uma inchação.

**Sim**—o adverbio *sim* emprega-se muitas vezes como effeito de realce :

E' morta Roma, *sim*, morta de todo.

Garrett — *Catão*.

**De** — a particula *de* é algumas vezes simples elemento de realce :

E' muito *do* meu.

**A** — a preposição *a* notada excepcionalmente nas relações de objecto directo com os nomes proprios :

Pedro matou *a* Julio.

**As** — o artigo *as* é muitas vezes complemento directo em concordancia com um nome occulto e nesse caso subsistiu com o exemplo :

Deu *as* de Villa-Diogo  
Sabe fazel-*as*  
Disse-*as* bem boas.

Em geral podem ser consideradas como particulas expletivas as interjeições *ah*, *oh*, *ui*, quando não exercem a funcção propria de exclamação, invocação ou dôr.

São ainda elementos decorativos da phrase—as expressões de negação emphatica : não vê *pataca*, não viu *boia* ; não viu *nada* e o *que* tantas vezes repetido em Camões.

---

No dominio da orthographia, são puros effeitos decorativos a distincção inutil dos maiusculos e o uso de signaes redundantes, sem valor etymologico, como o *h* de *posthumo* por *postumo* ; *Thereza* por *Tereza* ; *nenhum* por *nem um*.

---

O verdadeiro genese destas palavras decorativas consiste no habito de expressões que se foram deteriorando com o uso e costume do vulgo dizer por exemplo:

Coma-*lhe*, beba-*lhe*, e terá saude.

(Eça de Queiroz).

A phrase primitiva seria talvez:

Coma *sua* carne, beba *seu* vinho...

Syntaxe que variou com o uso do pronome; e dest'arte produziu fórmulas apparentemente impenetraveis á analyse (1).

---

(1) Supponho ser *expletivas*, as particulas que o programma nomina de REALCE.

---

## LIÇÃO XLIII

### Dos vícios de linguagem

Chamam-se *vícios de linguagem* as irregularidades da lingua, produzidas pela ignorancia do vulgo ou dos escriptores pouco escrupulosos.

Os principaes *vícios* commettidos na linguagem fallada e escripta são : o *solecismo*, o *barbarismo* e a *cacophonia*.

#### I. — SOLECISMO

● **solecismo** é um vício syntactico commettido quando se não observa a concordancia ou a collocação grammatical dos vocabulos :

*Nós vae.*

*Falarei-te.*

*Dous dia*, etc.

Ha solecismos historicos, que estejam approvados pelo uso?

Querem muitos que na expressão *ha homens*, exista um puro solecismo consagrado pelo uso e apoiam-se no facto incontestavel de que, em taes casos, o verbo *haver* adquiriu o sentido anti-etymologico de *existir*.

Alguns *solecismos* existem. mas são apparentes ; no caso da syllepse : *Vossa Magestade é justiceiro. Sua Senhoria estava cansado. Vossa Excellencia é injusto*, etc.

#### II. — BARBARISMOS

Chamam-se *barbarismos* as expressões tiradas de outras linguas e constituem vicio quando os vocabulos estranhos são necessarios.

Os principoes são os *latinismos* e os *gallicismos*.

**Os latinismos** podem ser de vocabulos, como:

LUDOS por — divertimentos publicos  
(*ludum*). Empregado por O. Mendes.

CESPEDE por—torrão, terra. Empre-  
gado por Diniz : *O patrio cespede* (*ces-  
pes, lat.*)

Os *latinismos* tambem podem ser de syntaxe. É o que se nota em certas inversões ousadas, pouco proprias da indole da lingua.

Eis um exemplo :

*Entre todos com o dedo eras notado.*  
*Lindos moços de Arzilla em galhardia.*

(Quevedo Mousinho.)

Em vez de : *em galhardia eras notado entre todos os lindos moços, etc.*

No seculo XVI na época em que a lingua soffreu a mais intensa approximação do latim, por influencia do renascimento classico, usou-se um pouco descomedidamente a ordem inversa. João de Barros condemna a seguinte construcção, como exaggerada, e da autoria de um letrado :

*Dá-nos, Senhor, aquella a qual o mundo não póde dar, paz.*

E' o vicio que Barros denomina, conforme a rhetorica, *cacotheton*.

**Gallicismos** são as expressões e modos de dizer da lingua franceza introduzidos no idioma.

**Os gallicismos** são puramente *lexicos* quando constam de vocabulos ; *syntacticos*, quando, embora tenham fórmulas vernaculas, adoptam a construcção franceza.



*Gallicismos lexicos.* — São numerosissimos. Citemos alguns exemplos:

|                       |                                                                                             |
|-----------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Banal</i>          | — em lugar de <i>trivial</i> , <i>vulgar</i> , etc.                                         |
| <i>Audacioso</i>      | — por <i>ousado</i> .                                                                       |
| <i>Bem-estar</i>      | — por <i>prosperidade</i> .                                                                 |
| <i>Bom tom</i>        | — por <i>a moda</i> , <i>o uso das pessoas educadas</i> .                                   |
| <i>Bonhomia</i>       | — por <i>bondade</i> , <i>tolerancia</i> .                                                  |
| <i>Chicana</i>        | — por <i>trapaça</i> , etc.                                                                 |
| <i>Comprometter</i>   | — é gallicismo no sentido de <i>arriscar</i> , <i>deixar a qualquer em má posição</i> .     |
| <i>Esquecer</i>       | — é gallicismo, (?) usado como verbo transitivo : <i>Esquecer o chapeo</i> .                |
| <i>Fazer</i>          | — por <i>consistir</i> . Isto <i>faz</i> a sua alegria e <i>fard</i> o assumpto do romance. |
| <i>Voluptuosidade</i> | — é gallicismo. Bluteau propôz a palavra de certo mais bella: <i>voluptade</i> .            |
| <i>Brusco</i>         | — gallicismo, quando empregado com o sentido de <i>rapido</i> , <i>ligeiro</i> .            |
| <i>Debutar</i>        | — por <i>estrear</i> .                                                                      |
| <i>Confecccionar</i>  | — quando empregado no sentido de <i>elaborar</i> um trabalho artistico ou litterario.       |
| <i>Trem</i>           | — gallicismo. no sentido de <i>maneira</i> , <i>viver</i> , <i>conducta</i> .               |
| <i>Comportamento</i>  | — no sentido de <i>procedimento</i> ,                                                       |
| <i>Bouquet</i>        | — em vez de <i>ramilhete</i> .                                                              |
| <i>Coalição</i>       | — em vez de <i>colligação</i> , <i>liga</i> .                                               |
| <i>Deboche</i>        | — por <i>devassidão</i> , <i>corrupção</i> .                                                |
| <i>Picar</i>          | — em vez de <i>presumir-se</i> .                                                            |
| <i>Pretencioso</i>    | — por <i>presumpçoso</i> .                                                                  |
| <i>Galimatias</i>     | — por <i>palanfrorio</i> , <i>confussão de palavras</i> .                                   |
| <i>Susceptivel</i>    | — por <i>irritadiço</i> , etc.                                                              |
| <i>Felicitação</i>    | — em vez de <i>parabens congratulações</i> .                                                |

Note-se que muitos gallicismos estão adoptados pelo uso geral : *felicitação, banal, proposital, fatigante, complacente, installar, comportamento, ponto de vista, bandido, descoberta, genio, inabalavel, garantia, audacioso.*

Muitos dos gallicismos só têm tido uso em Portugal : *pressante, travezes, portamantó, entestar, etc.* No castelhano notam-se gallicismos, como *remarcable, acaparar, rango.* (Gr da Acad. 1883.)

Os gallicismos de construcção mais notaveis são os seguintes :

1. O uso da preposição *por*, com os verbos *tremar, receiar*. Receio *por* elle : temo *por* elle. Felizmente *por* elle, em vez de : por felicidade *sua*, etc.

2. O uso da preposição *a* por *de* nas expressões : caminho *a* bitóla estreita (*de* bitóla estreita). Equação *a* duas incognitas (por *de* duas incognitas).

3. O uso de *de* :

Principiar *de* lêr ; (principiar *a* lêr) ; ordenar *de* partirem (ordenar que partissem).

Aconselhou *de* ficar (aconselhou que ficasse).

4. O uso de repetir o *que* das proposições subordinadas: Disse que sahia, *que* tinha muito que fazer, *que* voltaria á noite.

5. O uso da preposição *a* pelo *que* : tenho *a* dizer, em vez de, tenho *que* dizer ; tenho *a* relatar, em vez de, tenho *que* relatar.

6. O uso das construcções seguintes :

*Sem vós, morreria.*

*Sem ti, chegaria mais cedo.*

Em vernaculo, deve-se dizer :

*Se vós não fosseis, morreria.*

*Se tu não fosses, etc.*

ou tambem

*Sem a vossa ajuda, etc.*  
*Sem o vosso auxilio...*

7. O habito de empregar *sempre* claros os pronomes sujeitos é um gallicismo vicioso :

*Eu parti ; tu não devias extranhar que elles ficassem.*

Seria mais elegante dizer-se :

*Parti ; não devias extranhar que ficassem.*

8. O uso da preposição *sobre* depois do verbo *descer* é um gallicismo :

Jesus desceu *sobre* a terra.

E o uso de *sobre* em lugar de *conforme*, *segundo* ; *sobre* o modelo—conforme o modelo.

O uso da preposição *sobre* é ainda gallicismo nas seguintes expressões :

Ganhou terreno *sobre* o inimigo.

= ao inimigo.

Inscripto *sobre* marmore.

= em marmore.

9. O uso da preposição *em*, em circumstancias de modo :

Redactor *em* chefe.

Em Portugal tem sido commettidos os gallicismos :  
*falar em philosopho* = *falar como philosopho*.

Outros gallicismos : o *facto em discussão* em vez de o *facto que se discute* ; *estrada em construcção* por : *estrada que se está construindo*.

Estes ultimos gallicismos estão admittidos no uso vulgar.

10. São gallicismos as contruccões : *Estar ao facto*, *estar ao corrente*. Em vernaculo diz-se : *estar em dia*, *sciente*.

11. E' gallicismo a expressão : *Conto contigo* ; *conto com elle*.

12. O uso indevido de proposições affirmativas, como : *estou muito cansado para andar*. Deve dizer-se : *estou tão cansado que não posso andar*.

13. Certas inversões são gallicismos contrarios ao bom uso classico : *foi assim que viveu* ; *foi com esta idéa que partiu*. Deve dizer-se : *Assim foi que viveu* ; *com esta idéa foi que partiu*.

14. A falta de simultaneidade de tempos nas proposições : *E' isto que me incomodou* (*Foi isto...*) *E' Jesus quem dizia* (*Era Jesus...*) etc.

Existem alguns gallicismos curiosos disseminados pelos livros francezes. A orthographia *Montes Óuraes* deve ser substituida por *M. Uraes* ; os nomes latinos *Bruto*, *Junio*, só por gallicismo têm apparecido na lingua com as transcripções *Brutus*, *Junius*, etc.

Muitas das fórmulas de nomes proprios são usadas hoje em dia com a transcripção franceza ou ingleza : *Mayença* por *Moguncia* ; *Canterbury* por *Cantuaria* ; *Bordeaux* por *Bordéas* ; *Anvers* por *Antuerpia* ; *Bale* por *Basilea*.

São transcripções francezas *Mahomet*, *pacha*, *kandjar*, por *Mafoma*, *bachá*, *alfange*.

Os erros dessa ordem abundam maiormente nos termos geographicos : *Timboctou* por *Timboctú* ; *Esquimaux* por *Esquimó*, etc.

Forcoso é confessar que, apesar da velha reacção philologica, os gallicismos vão sendo adoptados na lingua escripta e em grande numero já subsistem na lingua vulgar.

O gallicismo é, além disto, um facto justificavel. A renovação litteraria do seculo XV teve por base a imitação da *arte classica* antiga : os latinismos foram as mais notaveis consequencias dessa phase e escola litteraria. Os nossos classicos latinisaram a lingua de tal fórma que um seculo foi apenas o sufficiente para que o portuguez se differenciasse da lingua antiga e se tornasse uma lingua inteiramente nova.

A renovação litteraria e scientifica do seculo XIX deveria igualmente produzir analogos resultados. No seculo actual, o movimento *romantico*, opposto ao classico, veio da França, ao menos para as populações do sul da Europa.

E' a França a mãe dos modelos em letras e em sciencias para os paizes secundarios que não têm movimento litterario original.

E' faci vêr pois que o *gallicismo* é no seculo XIX o resultado da educação do povo pelo espirito francez : do mesmo modo que o *latinismo* foi a educação dos espiritos no seculo XV e XVI, pela litteratura latina.

Não é aceitavel a razão de que a lingua se acha constituida ; o character mesmo de todas as linguas é ser um superorganismo em progresso ou em decadencia, e sempre em movimento.

Outra razão que alguns philologos oppõem contra o gallicismo é que muitos delles são escusados e inúteis.

Que utilidade houve, no seculo XV, para substituir o vernaculo *segre* pelo latinismo *seculo* ? o vernaculo *cheio* por *pleno* ?

---

**Cacophenia** é um vicio resultante do encontro de vocabulos que no conjuncto se prestam á formação de um termo inconveniente :

*Alma minha.*  
Tu as não viste.

---

Todo o som desagradavel é *cacophonico*.

● **echo** resulta da repetição das mesmas syllabas :

*Estado supportado com cuidado*, etc.

**A collisão** resulta da repetição das letras surdas *rr* e *ss* :

*O rato roeu a roupa.*

*Cita-se o seu signal.*

**O hiato** resulta da successão de vogaes que formam syllabas distinctas :

*Foi o aio d' aula...*

---

## LIÇÃO XLIV

Das anomalias grammaticaes ; idiotismos ; dialectos ; provincialismos ; brazileirismos

**Anomalias** são os factos que se não subordinam ás regras e leis da grammatica.

**Idiotismos** são os factos peculiares a um unico idioma.

As *anomalias* são communs a varias linguas : o *idiotismo*, porém, representa uma particularidade original e unica.

### I. — ANOMALIAS

Muitas vezes um vocabulo, por interferencia de outro, perde a fôrma primitiva e toma fôrma igual ao do seu interferente. A palavra *valverde* que parece composta dos elementos *val* e *verde*, não é mais do que a fôrma italiana *belvedere* (bella-vista) corrompida pela analogia formal ou morphica, que existe entre *bel* (bello) e o portuguez *val* ; e entre *vedere* (vêr) e o adjectivo *verde*. A fórmula *valverde* é, pois, uma anomalia. (1)

O vocabulo tupy *tatapôra* (fogagem) foi assimilado a *catapôra*, pela analogia dos nomes de molestia gregos, que principiam por *cata* : *catalepsia*, *caturrho*, etc. (2)

---

(1) O illustrado Sr. Dr. Macedo Soares opina differentemente ; a sua opinião é assáz razoavel. Consigno-a aqui mesmo « *Valverde* vem do inglez *walwort*, herva de parede. *Valverde* é a parietaria que os inglezes chamam mesmo *walwort* ; o adjectivo *verde* é um caso de inter-currencia popular »

Ainda assim, com esta etymologia, o exemplo serve para o caso.

(2) Communicado pelo Dr. Macedo Soares.

Os vocabulos *Stabat mater* são traduzidos pelo vulgo pelo nome *Estevão de Matos* ; também *libera me* por *libra e meia*, etc.

As anomalias phonicas explicam-se pela influencia das linguas extranhas.

Assim o grupo *pl* sempre apparece no portuguez com as fórmãs *pr* ou *ch*: cumprir (*cumplere*) encher (*implere*),

No emtanto existe a permuta de *pl* em *lh*: *lhano* (*de planus*); esta anomalia foi produzida por intrusão deste vocabulo que é castelhano e não vernaculo. O mesmo grupo deu a permuta de *pl=pi*, como se vê em *piano* (*de planus*) ; esta anomalia deriva de que o termo *piano* não é vernaculo, veio do italiano,

Outra especie de *anomalia phonica* consiste na permuta de letras heterorganicas : por exemplo, a lingual *l* pela dental *d*: *leixar* (*laxare*) que se transformou em *deixar*.

Nota-se a *anomalia syntactica* na construcção do verbo *haver*, a qual de ordinario se faz com um sujeito elliptico: *ha* homens ; *houve* discursos. E é que se vae dando entre o povo, com o verbo *ter*.

E' um phenomeno analogo ao das linguas que só têm uma expressão para os verbos *ser* e *estar*. Para o povo o verbo *haver* significa existir ; mas ainda assim fica de pé a syntaxe etymologica: *houve* homens e não *houveram* homens.

---

A anomalia póde ser apenas do dominio da semantica. A palavra *brusco* (escuro) vae em portuguez adquirindo o sentido de *violento*, *rapido*, por influencia do francez *brusque*. Outras muitas resentem-se de influencia identica.

## II. — IDIOTISMOS

**Idiotismos** são os factos grammaticaes que se observam exclusivamente em uma lingua.



**Phonetica.**—Na phonologia vernacula observamos a existencia de um som que não existe nas linguas romanas e é de exclusiva posse do portuguez : é o diphthongo *ão* com as fórmas similares *ães*, *ões*, *ãos*. Estes phonemas são de prosodia difficilima para os estrangeiros.

**Morphologia.**—O infinito pessoal é um idiotismo do portuguez : nenhuma lingua romana o possui.

*Amar eu.*

*Amares tu, etc.*

A lingua gallega tambem possui a flexão do infinito ; mas o gallego não é uma lingua independente, é um dialecto do portuguez.

Outra flexão que póde ser considerada como idiotismo é a que pretendi denominar *flexão hominal*. E' a flexão *em* que apparece nos vocabulos : *ninguem, alguem, quem*. Existe, em menor gráo, no castelhano : por isso, a denominação de idiotismo é contestavel.

**Syntaxe.**—Um idiotismo caracteristico é o uso do artigo definito antes do possessivo (adjectivo) :

*O meu chapéo.*

*Os nossos dias.*

No castelhano antigo e no de Cervantes encontra-se este uso, que ainda hoje é esporadico, e está quasi totalmente obliterado. Tambem se nota no italiano.

Em sentido mais lato são considerados *idiotismos* os modos de expressão peculiares á lingua e pouco resoluveis pela analyse : *de vez em quando*; *Com que então dormiu bem ? Quem lhe dóe o dente vai á casa do barbeiro. Deu ás de Villa Diogo, etc.*

---

Pódem ser obviamente classificados como *idiotismos lexicos* todos os vocabulos originarios formados na lingua : *vinte-quatria, Lusíadas*, etc.

### III.—DIALECTOS

**Dialectos** do portuguez são os modos de falar ou escrever a lingua portugueza nas diversas regiões onde foi ella implantada.

*Lingua portugueza*, no sentido restricto da expressão, é a lingua falada e escripta na região européa conhecida sob o nome de Portugal.

Os dialectos mais notaveis do portuguez são os seguintes :

1. **o gallego**.—Representa actualmente uma evolução lenta do portuguez antigo. Este, no seculo XII confundia-se com o gallego. Pela conquista do sul da península, e pela independencia politica do povo, o portuguez foi cada vez mais se differenciando do gallego, ao ponto de tornar-se uma lingua culta e altamente litteraria.

2. **o indo-portuguez**.—Começou pelos fins do seculo XV, com a colonia dos portuguezes na India. E' falado hoje em Ceylão e nas costas occidentaes da India. Está misturado de termos indigenas (linguas indicas e *concani*) e de grande numero de termos flamengos, introduzidos pelos conquistadores hollandezes. Actualmente, está em decadencia e será, em breve, suplantado pelo inglez.

Ha ainda pelo littoral da Asia varios dialectos do portuguez.

3. **o africo**.—Compõe-se de muitas variedades dialectaes, produzidas pelas linguas dos ilhéos e dos continentaes africanos.

4. **o dialecto brasileiro**.—O impropriamente chamado dialecto é constituído pela linguagem portugueza falada no Brazil. Distingue-se por differenças notaveis de prosodia e de syntaxe, por um vocabulario novo de termos tupis-guaranis e africanos. A reacção litteraria de dous seculos nunca pôde obstar nem diminuir a dialectação do portuguez no Brazil.

#### IV.—PROVINCIALISMOS

**Os provincialismos** constituem modos de falar ou corruptelas peculiares a uma zona limitada e secundaria de uma nação.

Em Portugal, notam-se os *provincialismos* da Beira ; o tratamento por *vós* ; a pronuncia etymologica do *x* — *ch* = *tx* em *txapéu* (chapéu) *txave* (chave).

Em muitos lugares, nota-se o recurso de intercalação phonica para evitar o hiato: *a-i-agua* ; *a-i-alma* = *a* agua ; *a* alma.

Notam-se especialmente no norte as permutas *b* = *v* ; *v* = *b* : *voi* = *boi*, *binho* = *vinho* ; *berde* = *verde*.

Nota-se ainda o provincialismo de Lisboa e Extremadura, indicado pela metathese do *r* : *fromoso* = *formoso* : *prefeição* = *perfeição*, etc.

---

No Brazil, existem os provincialismos do sul, caracterizados por muitos termos hespanhóes da fronteira : *de uma bolada* (de uma vez) ; *manotaço* (couce da mão do quadrupede).

Existem os provincialismos do Rio, S. Paulo, Minas : para *mim* vêr, etc. São características a prosodia de S. Paulo pela acuidade das vogaes (*dé tarde*, *dépréssa*) e a do Pará, pela gravidade de tons (*cuco* = *côco* ; *môda mudo* = *modo*).

#### V.—BRAZILEIRISMOS

Os *brazileirismos* são *lexicos* ou *syntacticos*. Os *brazileirismos lexicos* abrangem os vocabulos de origem tupi e africana, empregados pelo povo brasileiro.

Exemplos de vocabulos *tupis* :

|                   |                       |
|-------------------|-----------------------|
| <i>Tapéra</i>     | — aldeia em ruina.    |
| <i>Itan</i>       | — concha.             |
| <i>Capoeira</i>   | — matto novo.         |
| <i>Quéra</i>      | — valente.            |
| <i>Canhembora</i> | — fujão. (M. Soares). |
| <i>Caipora</i>    | — ser phantastico.    |
| <i>Pucuman</i>    | — fuligem.            |

Exemplos de vocabulos africanos :

|                   |                              |
|-------------------|------------------------------|
| <i>Malungo</i>    | — companheiro.               |
| <i>Catunga</i>    | — rato pequeno.              |
| <i>Candongas</i>  | — mentira.                   |
| <i>Mataco</i>     | — nadegas.                   |
| <i>Vatapá</i>     | — eguaria.                   |
| <i>Quibebe</i>    | — idem.                      |
| <i>Quilombola</i> | — negro fugido. (M. Soares). |

Os *brazileirismos lexicos* também podem ser constituídos pela prosodia especial do Brazil : *assembléa* por *assembléa* ; *idéa* por *idéa* ; *homem* por *hó-mem* ; *góstar* por *gustar* ; *jórnalismo* por *jurnalismo* ; *tem* por *tain*.

São ainda *brazileirismos* as palavras portuguezas que são usadas apenas no Brazil e as formações *mestiças*, derivadas do portuguez :

|                    |                   |
|--------------------|-------------------|
| <i>Teméro</i>      | — temerario.      |
| <i>Portúga</i>     | — portuguez.      |
| <i>Disgra</i>      | — desgraça.       |
| <i>Dispamparar</i> | — disparar.       |
| <i>Fama</i> (adj.) | — famoso.         |
| <i>Famanaz</i>     | — mui famoso.     |
| <i>Azular</i>      | — fugir correndo. |

Os *brazileirismos syntacticos* consistem em construcções divergentes do cunho vernaculo.

Taes são :

1. O emprego do pronome *lhe*, como objectivo :

Amo-*lhe* (Norte)  
= Amo-o.

2. O emprego do pronome *elle*, como objectivo :

Vi *elle*.  
= Vi-o.

4. A anteposição indebita dos pronomes-complementos :

*Me* disse (disse-me).  
*Te* chamou (chamou-te).

5. A regencia *para mim*, *para ti*, antes do infinito :

Para *mim* vêr (Sul).  
= Para eu vêr.

6. A preferencia das construcções :

*Estou com* fome.  
*Estou com* sede.  
*Estou com* febre.

Em vez de outras, de melhor uso vernaculo :

*Tenho* fome.  
*Tenho* sede.  
*Tenho* febre.

7. O emprego da preposição *em* por *a* :

Chegou *na* janella  
= Chegou *á* janella.  
Vá *na* loja.  
= Vá *á* loja.

Existem outras muitas divergencias syntacticas, em grande parte locaes, como o tratamento por *vós* em diversos lugares do sul, o uso de diminutivos verbaes *estousinho* de *estou*, muito communs em provincias do Norte.

A dialectação que soffreu a lingua portugueza no Brazil foi devida a um grande numero de factores elementares. As novas necessidades da vida colonial, as condições climatericas e topographicas, as relações constantes com os povos originarios indios e com os africanos, que desde cedo foram introduzidos no paiz, deram em resultado uma alteração muito notavel na lingua. A estes factores juntem-se outros elementos esporadicos, como o povoamento das fronteiras por povos castelhanos, a disseminação dos ciganos expulsos de Portugal, e ter-se-ha o esboço bem claro de todas as influencias que poderia soffrer qualquer lingua.

O *elemento tupi* dominou nos appellidos locaes, nos nomes de seres da natureza americana e de factos desconhecidos dos europeus.

O *elemento africano* forneceu o vocabulario da vida domestica, das cosinhas e dos trabalhos agricolas.

« Tambem se encontra em denominações geographicas : *Cubango, Quitunde, Calembé, Quissaman.* » (M. Soares)

Todos os factores citados crearam na lingua portugueza aptidões novas para derivar termos, e construir sentenças, modificaram a prosodia e deste modo constituem um dialecto *mestiço*, resultante de origens tão complexas. Vide no *Diccionario grammatical* do auctor os artigos *brazileirismo, negro* (elemento) *tupiguarani* etc.

---

Das causas que favorecem a dialectação do portuguez na America, duas tendem a aniquilar-se, e são o elemento tupi e o africano, que vão desapparecendo pela extinctão da immigração negra e pelo caldeamento das raças. A estas tendencias de dissolução se deve juntar a reacção culta e litteraria que procura approximar a linguagem das fontes vernaculas e classicas.

Em compensação, a immigração de outros povos estrangeiros torna-se cada vez mais intensa sobretudo nas provincias do sul, onde já são familiares muitos vocabulos do italiano e do allemão. A mais facil previsão autorisa crêr, que dentro de um seculo, o sul do Brazil destruirá a unidade ethnica da patria brasileira, se outras circumstancias não se oppozerem á evolução que já se vai notando desde agora.

---

## LIÇÃO XLV

### Alterações lexicas e syntacticas. Archaismos e neologismos

E' uma verdade inconcussa que a lingua se transforma no correr dos tempos e as alterações de que ella é susceptivel, ora referem-se ao vocabulo (alterações *lexicas*), ora referem-se á phrase (alterações *syntacticas*.)

Alterações *lexicas* ou do vocabulo notam-se de duas especies :

1. **Alterações phonicas.**—São as que modificam os sons do vocabulo. Taes são as fórmas dialectaes e os plebeismos : *coresma* por *quaresma* ; *anteado* por *enteado* ; *bespi* por *vespa*, etc.

Estes plebeismos e estas fórmas dialecticas representam frequentemente o typo etymologico, como *anteado* (*ante-natus*), etc.

2. **Alterações morphicas.**—Estas alterações são produzidas por diversas causas.

Pela derivação : *pequeno* de *péco*. Por analogia verdadeira ou falsa : *jazi* em vez de *jouve* ; *impeço* em vez de *impido*

Nesta classe ficam incluídas as fórmas anômalas produzidas pela influencia de um radical extemporaneo : *hospital*, transformado em *espiritual* por influencia do vocabulo *espirito*.

**As alterações syntacticas** referem-se especialmente á phrase.

Basta comparar diversos trechos e diversos periodos da lingua para se concluir quam diversas são as construcções, a syntaxe de differentes épocas.

Notamos alterações de ordem :

Se lhe elle desse (l. antiga)  
Se elle lhe desse (l. moderna)

Notamos alterações de regencia :

Começou dizer (l. antiga)  
Começou de dizer } (l. moderna)  
Começou a dizer }

---

Muito principalmente, porém, notamos na evolução da lingua duas forças oppostas que mantêm o equilibrio da vida que lhe é propria : a tendencia do *archaismo* e a do *neologismo*.

**Archaismo** é todo o vocabulo que existiu e desapareceu da lingua.

**Neologismo** é o vocabulo creado ou importado de linguas extranhas na lingua já constituida.

## I.—ARCHAISMOS

Os *archaismos* em uma lingua são tanto mais numerosos, quanto esta tem tido maior tempo de vida e soffrido maiores vicissitudes.

Os *archaismos* são nomes de cousas que já não existem ou que foram substituidas por outras ; representam as necessidades de civilisações que já dominaram (*arabe*, *gothica*, no portuguez) e que desapareceram.



Exemplos de archaismos :

**Substantivos e adjectivos.** — *Hostes*, inimigos; *heréo*, herdeiro; *incréo*, incredulo; *communhal*, comum; *lidimo*, legitimo; *ucha*, arca; *infançon*, moço fidalgo; *avença*, concordia; *fuzenda*, negocio ou sentimento; *manceba*, mulher joven; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primento*, primeiramente; *visinidade*, visinhança; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, seculo; *malo*, mau.

Entre esses archaismos convém notar os participios em *udo*; *recebudo*, *estabelecudo* da 2ª conjugação. Destes participios ha dous vestigios ainda usados: *teudo* e *manteudo* e *conteudo* (tido, mantido, contido.)

Notem-se os archaismos resultantes da incerteza de suffixos na derivação: *soffrença* e *soffrimento*; *livridõe* e *liberdade*. Ainda possuímos *nascença* e *nascimento* que não se archaisaram.

O archaismo *avença* (concordia) deixou um vestigio em *desavença*. O archaismo *heréo* occorre na expressão: *terra d'heréo*. *Ucha* sobrevive em *ucharía*, etc. *Malo* sobrevive na expressão: *Pedro das Malas-artes*.

**Verbos.** — *Geitar*, lançar; *britar*, quebrar; *endurentar*, endurecer, soffrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *comprir*, encher; *chantar*, plantar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar, etc.

Entre estes archaismos, notemos algumas fórmulas verbaes, como: *andades*, *recebedes* por *andais*, *recebeis* e do que temos vestigios nos verbos *lêdes*, *tendes*, *vindes*, etc. As fórmulas do subjunctivo *mettir*, por *meller*; nota-se a igual flexão no futuro *vir de ver*.

Notemos que alguns verbos deixaram vestigios. *Jeitar* (fr. *jeter*) nota-se nos compostos *rejeitar*, *deitar* *sujeitar*. — *Catar*, observa-se em *cata-cêgo*, *cata-vento*. — *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*, etc.

**Particulas.** — *Adur*, apenas; *assuso*, acima; *ajuso*, abaixo; *acasuso* e *acajuso*; *hogano*, este anno; *enxano*, (ex-anno) cada anno; *ooyte*, hontem; *acarom*, na frente; *trementes*, (dum interim) emquanto; *entonces*, então; *de vegada*, de uma só vez; *aramá*, em má hora; *por*

*ende*, porém ; *ende*, ainda ; *sammicas*, por ventura ; *car*, porque ; *macar*, mau grado, *toste*, cedo.

Todas as particulas são curiosas, sob o aspecto da etymologia: *aramá* (hora mala) opposto a *embora* (boa hora). *Hogano*, *hoc+anno*. *Car* de *quare*, latino, etc.

A particula *ende* deixou um vestigio em *porém*, de *por ende* ; e mais a fôrma *em* nas locuções:

*Em* que pése á...  
(*Ende* que pése á)

---

Em summa, deve-se tambem considerar que o archaismo não só affecta o vocabulo material, mas tambem o sentido.

Ha, portanto, *archaismos de idéa* nos vocabulos e dizeres : uma *peça* de tempo e outros semelhantes, como : *Tanger* (referir-se) : *torto* no sentido de injustiça ou damno : *guardar* no sentido de considerar ; *conversação* no sentido de conversão ; *demanda*, no sentido de *pergunta* ; *botica*, no sentido de loja ou venda qualquer.

Ha *archaismos de orthographia* quando se escrevem palavras ao modo dos antigos : *hê*, *hum*, *ho*, *rey*, *ley*, *hír*, *athé*, etc. São archaismos graphicos.

## II.—NEOLOGISMOS

**Neologismos** são as palavras novas creadas pelos letrados ou importadas das linguas extranhas.

Ha diversas especies de *neologismos* :

**Neologismos litterarios**—representam as fôrmas litterarias do seculo XVI e seguintes : *seculo* (por *segre*) *macula* (por *mancha*) (1)

**Neologismos scientificos**—são os vocabulos formados pelos sabios e em geral compostos com radicaes gregos : *telegrapho*, *barometro*. (2)

---

(1) Deste assumpto tratamos especialmente na lição das *Fôrmas divergentes*.

(2) Já nos occupamos destas fôrmas na lição dos *Compostos*.

Os neologismos representam os vocabulos indicativos de idéas e cousas que não possuímos e que nos trouxe a civilisação moderna.

**Neologismos inglezes.**—*Whist, tramway, rosbife, (roast beef) redingote, club, etc.*

**Francezes.**—*Bouquet, soirée, matinée, étagère*

**Allemaes.**—*Walsa, lansquenet, kirsch, etc.*

**Italianos.**—*Quartteto, allegro, piano, terra-cotta, etc.*

**Hespanhoes.**—*Bolero, seguidilha, guerrilha, etc.*

**Americanos.**—*Chocolate, yankee, lapéra, jaguar, etc.*

**Gregos.**—Tirados directamente : *oligarchia, etymologia, democracia, etc.* Formados nos tempos modernos : *barometro, dynamometro, geologia, etc.*

**Latinos.**—*Pulcherrimo, ocular, objectivo, lunar, solar, etc. (1)*

Em materia de orthographia, a innovação toma o nome de *neographia*. Os neographos adoptam modos novos de graphar os termos, já seguindo a prosodia (*eizato, filosofia*) já seguindo a etymologia com exagero : *poncto, setembro, pincto, chirurgia*.

A lingua vernacula, em relação ao latim, possui sons novos ou *neo-phonemas*; taes são o *lh* tambem existente no francez; o *x* em de *dx* ou *tx* e o *j* em vez de *tj* ou *dj*, e finalmente o som ão que é um idiotismo phonetico do portuguez; desconhecido, portanto, das linguas congeneres.

---

(1) Vide as Lições XXII, XXIII e XVIII e para maiores desenvolvimentos o *Dicc. Grammatical* do auctor.

---

## LIÇÃO XLVI

### Syntaxe e estylo

A **syntaxe** estuda as leis de coordenação e de disposição que têm as palavras e phrases.

A *syntaxe* estuda principios geraes, inconscientemente respeitadas, no caso commum, pela totalidade dos individuos que falam a lingua.

O **estylo** estuda os modos de divergencia que se notam entre os individuos na coordenação e disposição das palavras e phrases.

O *estylo* é peculiar ao individuo, ou a um grupo restricto de individuos.

Todo o homem tem um estylo, isto é, tem um modo que lhe é proprio de coordenar e dispôr a sua elocução. Não obstante, o estylo caracteristico e digno de analyse é o dos individuos mais notaveis na arte de escrever e pensar, poetas, oradores, etc., ou estylo de uma *escola* (grupo de individuos) que tem normas mais ou menos apreciaveis observadas na composição litteraria.

A possibilidade do estylo ou das divergencias no modo de falar e escrever resulta de dous factos principaes :

I. Da possibilidade innegavel de representar uma idéa ou conceito por palavras diversas. Todo autor tem um *vocabulario* ou *dicção* propria ; usa de termos a que mais se affeioou. O mesmo succede com as escolas litterarias cujo estylo se caracteriza por um vocabulario especial.

II. Da possibilidade innegavel de se construir de modos diversos uma phrase, dando-lhe ordem directa ou inversa, for-

mando proposições curtas e periodicas ou coordenando-as por meio de particulas, usando de circumloquios e de phrases equivalentes. Deste modo o *estyllo* caracteriza-se pelas inversões, pela antithese, pela concisão ou diffusão, etc.

Assim, pois, em regra geral, as divergencias de *estyllo* originam-se da variedade de vocabularios e da variedade de construcções syntacticas.

O *estyllo*, segundo a emoção que pôde produzir, classifica-se em tres ordens :

**Estyllo simples.**—E' o *estyllo* caracterizado pelo emprego de vocabulos na accepção propria, e intelligivel para todos. E' o *estyllo* proprio das narrativas vulgares, dos livros de instrucção. E' preferido para a expressão do raciocinio ou do sentimento muito brando.

**Estyllo temperado.**—E' um *estyllo* médio, caracterizado pelo emprego moderado de imagens ou de figuras de rhetorica. E' o *estyllo* proprio do sentimento e da poesia.

**Estyllo sublime.**—E' o gráo mais elevado do *estyllo*. E' proprio das paixões violentas, do heroismo, dos assumptos épicos.

O *sublime* é um sentimento difficil de ser definido. Tanto pôde ser produzido pela riqueza e valor da elocução, como ainda pela propria simplicidade della.

O *sublime* é mais dependente da idéa do que da fórma. Por isso não ha verdadeiramente *estyllo sublime* ; a denominação pôde ser com vantagem substituida pela de *estyllo grandioso*.

Os *estyllos* litterarios são multiplos ; na litteratura portugueza pôdem-se observar nitidamente algumas fórmãs da *estylistica*.

**Estyllo classico.**—E' o *estyllo* dos nossos melhores escriptores. Creado no seculo XVI pelos quinhentistas. Caracterisa-se pelo *latinismo* do vocabulario e da syntaxe ; os termos tirados do latim nesta época são nu-

merosissimos ; e as inversões e peculiaridades da grammatica latina foram transplantadas para o portuguez. (1)

**Estylo gongorico.**—Conhecido sob o nome *gongorismo* (de Gongora) *marinismo* (de Marini) *cultismo* e *culteranismo* etc. Estylo da decadencia litteraria, de muito máo gosto, caracterisado por hyperboles e antitheses insensatas, repetições de palavras e circumloquios absurdos. Esteve em voga nos seculos XVII e XVIII em quasi toda a Europa.

Esse estylo é caracterisado por um abuso excessivo da fórma, e das figuras de rhetorica, muito especialmente da periphrase.

A *phoenix renascida* em Portugal representa a phase mais intensa e desordenada do gongorismo.

Não é extranho a esse estylo o de V. Hugo, no presente seculo.

**Estylo contemporaneo.**—Em a lingua portugueza, a litteratura do seculo XIX resente-se principalmente da influencia da ESCOLA ROMANTICA. O romantismo por intermedio de Chateaubriand, Lamartine, Hugo, imprimiu na arte da lingua um caracter novo determinado pela riqueza excessiva de imaginação e pela condemnação absoluta da immobildade classica, dos excessivos latinismos e dos termos mythologicos. O estylo romantico é puramente christão na arte ; proscreeu a poesia dos mythos latinos e hellenicos, e procura imitar as fórmas populares e medievaes, que se notam nas composições dos *trovadores* do seculo XIII e nos romances de cavallaria.

O *estylo romantico* revolucionou completamente a arte, quebrando os moldes classicos que só admittiam como fontes artisticas as origens latinas e gregas. Por isso, o romantismo supprimiu a lei de *unidade* do drama grego, supprimiu o *Olympo e os seus deuses*, proclamou a arte *christian* e popular.

---

(1) Foram adoptados muitos vocabulos (Vide *Neolog.*, e *F. divergents*) os superlativos syntheticos, as inversões, etc.

Na França, alguns poetas, os *parnasianos* tentam reviver o classicismo.

A escola nova *naturalista* aceita a reforma operada pelo romantismo, porém dá mais valor á observação dos factos do que á imaginação. A imaginação é para elles um defeito, um elemento perturbador, mas como é insupprimivel procuram attenuar-a os naturalistas tornando-se *impessoaes* e, ás vezes, excedem-se dando lugar mais conspicuo ás influencias da natureza objectiva do que ás do espirito humano.

O *estilo naturalista* em nossa lingua é uma imitação, frequentemente servil, dos naturalistas francezes : Balzac, Flaubert e, por excellencia, E. Zola. O estilo é caracterisado pela maneira descriptiva, pela abundancia de adjectivação, pela repetição de adverbios com o intuito de dar uma idéa de todas as minudencias, attributos e circumstancias de um facto ou de um ser.

Tambem se classificam os estylos, segundo o genero litterario em que são usados.

Taes são : os estylos *epistolar*, o *dramatico*, o *didascalico*, o *elegiaco*, etc.

— Classificam-se os *estylos* pelo modo de formar os periodos :

*Estylo conciso, vivo*, é o que se compõe de periodos curtos e incisivos.

*Estylo diffuso*, é o que é caracterisado por periodos longos ou pouco significativos.

---

Do que fica mencionado se póde concluir que a *syntaxe* é um processo geral e o *estilo* um processo individual.

O *estilo* está para a *syntaxe*, como a *prosodia* de um individuo está para a *prosodia normal* de uma lingua.

A *syntaxe* representa a fusão methodica dos estylos de todos os individuos que falam a lingua, da mesma sorte que a *prosodia normal* é a resultante de todas as *prosodias individuaes*.

## THEORIA

O ESTYLO SEGUNDO SPENCER E H. TAINÉ

As idéas de Spencer sobre o *estyllo* são exaradas em um dos seus mais notaveis escriptos. (1)

A linguagem de um homem ou de um povo é uma combinação de signaes. E' uma machina transmissora de idéas. Dahi se segue que o effeito desta machina fica sempre diminuido se ella fôr imperfeita e toda a perfeição e efficacia do apparelho consiste em absorver o minimo de força e produzir o maior resultado possivel para o auditor, a que se destina.

O leitor ou ouvinte gasta certa somma de energia mental para comprehender : esta somma será maior se se trata de uma machina transmissora imperfeita, dado o caso de um receptor normal (isto é, o vulgar dos leitores e auditores). De sorte que a perfeição do *estyllo* consiste em augmentar o effeito util e em diminuir tambem a inercia que toda machina consome quando funciona.

Estes resultados podem ser conseguidos de varios modos:

1. O emprego de termos vulgares e communs—poupa a energia do ouvinte.

2. O emprego de poucas palavras e de pequena extensão—poupa a fadiga mental.

Por ahi se vê que o uso de termos archaicos ou obscuros e de neologismos vicia o *estyllo*, tornando-se *campanudo*, *palavroso* e *impopular*.

O mesmo acontece com o *estyllo* guindado de vocabulos de grande extensão, salvo quando a necessidade aconselha tal uso.

O bom *estyllo* deve sempre aproveitar a energia psychica do leitor e nunca distrahir-a. De modo que os *echos*, as *rimas*, as *collições* de letras desencaminham a attenção dos que leem ou ouvem.

---

(1)—*Ensaio polit. e moraes*, II.



3. O emprego de figuras, de comparações, de onomatopéas—facilita a interpretação, materialisa as cousas abstractas; de sorte que commedidamente os tropos se não dão das cousas a precisão verdadeira fornecem todavia comprehensão immediata.

Fica desde já entendido que no estylo scientifico, havendo maior preocupação pela *precisão* dos factos—os tropos são inadmissiveis, e contrarios ao effeito desejado.

Não obstante, no estylo seientifico, recorre-se á analogia e á comparação como meios do esclarecimentos que formam a evidencia.

4. A ordem nas palavras poupa ou accresce o esforço mental dos que as ouvem. Deve-se, pois, adoptar a ordem que estiver mais de acôrdo com o trabalho cerebral, isto é, a ordem mais accommodavel ao curso das idéas.

Spencer explica o seu pensamento por um exemplo. E' de melhor estylo dizer o *justo* (o *justo homem*) do que o *homem justo*. Principiando-se pela palavra *homem* o auditor imagina logo uma serie de attributos que caracterisam o ser *homem* e esta energia de imaginação fica inutilisada, logo que apparece o attributo *justo*, o unico que se quer exprimir. Quando se principia pela palavra *justo*, a idéa principal é immediatamente provocada no espirito do leitor ou auditor.

---

Não só se deve poupar o esforço colectivo, mas tambem se deve poupar a emoção, a sensibilidade do leitor. A faculdade sensível não póde ser exercida durante muito tempo. Por isso deve-se aconselhar a variedade de emoções, a gradação e algumas vezes o salto violento, a antithese.

E' preciso notar que todas as emoções são *contagiosas*, isto é, diffundem-se e para todos os lados. Uma pessoa que come um pouco de assucar acha o resto das comidas acidas; da mesma fórma, a emoção de um trecho depende da do seu *antecedente* e o escriptor deve aproveitar essa lei psychologica como uma fonte de effeitos brilhantes e imprevistos.

O perfeito estylo é, pois, o que exigindo pequeno esforço mental e sensível, produz o maximo effeito de comprehensão e de emoção.

O escriptor perfeito é o que é capaz de todos os *estyllos*, é o que pôde dominar o *apparelho* transmissor de modo a adaptal-o a todos os effeitos e a todas as energias imaginaveis.

---

### IDÉAS DE TAINÉ

H. Tainé apreciou os *estyllos*, não como philosopho, mas como critico. O que significa o *estyllo* de um escriptor para a critica ?

—Tudo—respondeu H. Tainé.

« E' pelo *estyllo*, diz elle, que se julga um autor: o *estyllo* representa o que no homem ha de verdadeiro e predominante. »

Ha pensamentos que se encobrem, idéas que se não pensam, emoções que se não sentem e que todavia se escrevem. Mas o *estyllo* tudo revela: não ha *estyllo* hypocrita.

Pelo *estyllo* estuda-se a alma, a psychologia do homem ; pelo vocabulario e pela dicção de um autor pode-se notar estatisticamente quaes são as cousas que mais lhe agradam ou mais o aborrecem, suas sensações predominantes, suas virtudes e seus peccados. Póde-se inferir que porções de natureza material ou moral o impressionam com maior frequencia e maior emoção.

A mais sensata classificação dos *estyllos*, se fosse hoje em dia possível, seria puramente phrenologica ; deveria consignar o ponto culminante do character ou da paixão individual do escriptor.

---

# APPENDICE

---

## PROLOGO DA 2ª EDIÇÃO

---

Na primeira edição, em advertencia preliminar escrevi as seguintes palavras :

« Este livro, pela qualidade do assumpto, póde ser dividido em duas partes. A primeira é uma synopse reduzida das grammaticas vulgares, trata perfunctoria ou detidamente das materias conforme se julgou necessario e exige por parte dos leitores o conhecimento prévio da grammatica elementar descriptiva.

---

« A segunda parte, porém, ás mais vezes escripta em caracteres de corpo menor, encerra o texto critico, declarações e desenvolvimentos de maior difficuldade de interpretação. Puz todo o cuidado em que fossem as partes ambas expurgadas de conjecturas, de doutrina controvertida ou ainda de algumas verdades averiguadas que exigem notavel esforço de comprehensão.

---

« Logo de começo me lembrou dar mais avultado incremento á parte historica ; mas a poucos passos que dei reconheci que era de melhor parecer voltar ao intento primitivo, mas moderado e mas modesto.

---

« A minha intenção foi a de escrever um livrinho util e claro que desaffrontasse a glottologia elementar do imminente des-

credito que, a olhos profanos, parece entre nós ameaçar-a. O criterio *historico*, por já não ser novidade, não necessita dos calamitosos excessos de alguns dos seus propugnadores. Tudo o que ha, houve, e vem de longe; é tempo de olharmos para atraz, de desabusarmos-nos dos nossos defeitos de revolucionarios. Hoje, com alegria o digo, é já impossivel desterrar o criterio philologico do estudo das linguas, realisado o triumpho, convém que uma temperada sensatez o consolide tanto quanto podem desacreditar-o os desconcertos de varios devotos errados. »

---

A primeira edição de mais de dous mil exemplares esgotou-se em quatro mezes e poucos dias.

O bom exito do livro resultou de causas varias, entre as quaes se deve ter em conta a exaggerada benevolencia dos nossos mais abalisados criticos.

O Dr. Carlos de Laet, illustradissimo presidente do Instituto Philologico e o mais correcto dos nossos escriptores, augurava para o meu livro a popularidade que obteve, entre os francezes, o do eminente romanista Brachet. (1)

Outro critico de grande e incontestada competencia (2) affirmava não ter a minha grammatica rival no seu genero, na lingua portugueza.

---

(1) « Ou muito me engano, ou o livro do Sr. João Ribeiro está destinado á popularidade e ás successivas edições que coroaram a identica tentativa de Brachet. » Do *Microcosmo* de 25 de setembro de 1887.

(2) Capistrano de Abreu, pela *Gazeta de Noticias*: « O substancial é que temos um livro bem pensado, bem escripto, contendo novidades, e que em poucas edições fará honra á glottologia indigena. Sobre o assumpto nas proporções em que o autor teve de limitar-se, não ha igual em Portugal, onde aliaz, sendo mais facil o estudo da sciencia, já deveria ter sido feito. »

Esta opinião é a mesma do nosso illustrado critico, o Dr. Sylvio Romero.

Outros ainda nas principaes provincias do imperio (3) enco-  
miaram de tal sorte a minha producção, que não me causou  
extranheza a rapida sahida dos exemplares da primeira es-  
tampa.

---

Tão excellentes testemunhos do favor publico obrigaram-me a  
cuidar sériamente de melhorar o meu trabalho quanto estivesse  
nas minhas forças.

Nessa ardua tarefa fui singularmente ajudado por dous amigos  
que me forneceram notas e corrigendas que aceitei com verda-  
deiro jubilo. O illustradissimo Sr. Aureliano Pimentel, honra  
do professorado do Collegio de D. Pedro II, propoz-me algumas  
observações que, por muito conformes á razão, aceitei sem escru-  
pulos; as notas versavam sobre a etymologia de *cigarra*, sobre os  
prefixos *de*, *dis*, *des*, *in* e os suffixos *izar*, *ela*, accrescimo de  
exemplos de futuros que se differencaram das fórmas infinitivas  
e sobre a correcção do genero latino de *fons*, *manus*, etc.

O nosso americanista e esclarecido philologo, o Dr. Macedo  
Soares, notou alguns erros — concernentes ás linguas tupi e  
africana, que me apressei em corrigir com o reconhecimento que  
devo ao mais habilitado dos que, entre nós, estudam o dialecto  
brasileiro.

Por mim mesmo reparei e emendei tudo o que me pareceu er-  
roneo ou mal feito e com o intuito de tornar o meu trabalho  
mais digno da aceitação publica, fiz accrescismos notaveis e dei  
capitulos novos de materias essenciaes á disciplina grammatical.  
Entre os capitulos novos chamarei a attenção dos competentes  
para os que se intitulam: — *Analyse das proposições* — baseado  
nos trabalhos de Latham e Mason; — *Concordancia* — com-  
plexo de regras extrahidas integralmente, com alguns retoques,  
do vigoroso compendio castelhano de Andres Bello; — *Verbos*

---

(3) Nomeadamente no Pará, em S. Paulo, no Ceará, em Pernambuco.  
Especializo a opinião do erudito Dr. Felisbello Freire.

*irregulares*, capitulo necessario á etymologia dos verbos :—  
*Theoria da phonetica*, estudo doutrinario cuja cópia de exemplos foi toda bebida nos trabalhos de A. Coelho e Karl von Reinhard Stœttner.

---

A lingua portugueza nos ultimos quinze annos tem tido estudiosos de merito e no estrangeiro basta lembrar os nomes de Reinhadstœttner (*Gramm. der portugiesischen Sprache*) Carolina Michaelis (*Studien*, edições philologicas e artigos no *Zeitschrift für rom. Phil.*) Cornu (artigos na *Romania*, *Muséon*, etc.) D'Ovidio e Monaci (edição do *Canc.*, e *Manualetti neo-lat.—Portoghese*) Hugo Schuchardt (varios estudos de dialectologia) e outros mais.

No Brazil existe, uma pleiade notabilissima de philologos, cuja manifestação collectiva mais importante é o *Instituto Philologico*.

Em Portugal basta o nome unico de Adolpho Coelho.

---

Possa este livro encontrar o apoio que merecem os esforços do mais humilde discipulo da nova escola.

---

# INDICE

---

## PONTOS DE PORTUGUEZ

PAGS.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1.—Observações geraes sobre o que se entende por grammatica geral, por grammatica historica ou comparativa e por grammatica descriptiva ou expositiva. Objecto da grammatica portugueza e divisão do seu estudo. Phonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogaes: grupos vocalicos: consoantes, grupos consonantes; syllabas; grupos syllabicos; vocabulo; notações lexicaes.. | 1   |
| 2.—De accentuação e da quantidade.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | 15  |
| 3.—Origem das letras portuguezas; leis que presidem á permuta das letras; importancia destas transformações phonicas no processo de derivação das palavras.....                                                                                                                                                                                                                                             | 27  |
| 4.—Das metaplasmas.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 52  |
| 5.—Dos systemas de orthographia e das causas de sua irregularidade.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 57  |
| 6.—Morphologia: estrutura da palavra: raiz; thema; terminação; affixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos que as constituem, desenvolvimento de sentidos novos nas palavras.....                                                                                                                                                                                                     | 69  |
| 7.—Da classificação das palavras. Do substantivo e suas especies.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | 76  |
| 8.—Da classificação das palavras. Do adjectivo e suas especies.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | 84  |
| 9.—Classificação das palavras. Do pronome e suas especies.....                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 91  |
| 10.—Classificação das palavras. Do verbo e suas especies.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 95  |
| 11.—Classificação das palavras. Das palavras invariaveis.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 100 |
| 12.—Agrupamento de palavras por familia e por associação de idéas. Dos synonymos, homonymos e paronymos...                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | 105 |

|                                                                                                                                                                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 13.—Flexão dos nomes: genero; numero; caso. Noções de declinação latina. Do apparecimento do neutro latino em portuguez; vestigios do neutro em portuguez; vestigios da declinação em portuguez: Origem do <i>s</i> do plural... | 112 |
| 14.—Flexão dos nomes: gráo do substantivo e do adjectivo; comparativos e superlativos syntheticos; comparativos e superlativos analyticos.....                                                                                   | 121 |
| 15.—Flexão dos nomes: flexão do pronomes; declinação dos pronomes pessoases.....                                                                                                                                                 | 127 |
| 16.—Flexão do verbo: conjugação; fórmās de conjugação.                                                                                                                                                                           | 132 |
| 17.—Formação das palavras em geral: composição por prefixos e por justaposição. Estudo dos prefixos.....                                                                                                                         | 136 |
| 18.—Formação das palavras em geral: derivação propria (por suffixos); derivação impropria (sem suffixos). Estudo dos suffixos.....                                                                                               | 147 |
| 19.—Das palavras variaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.....                                                                                                                                                    | 155 |
| 20.—Das palavras invariaveis formadas no proprio seio da lingua portugueza.....                                                                                                                                                  | 158 |
| 21.—Etymologia portugueza; principios em que se basêa a etymologia. Leis que presidiram á formação do lexico portuguez.....                                                                                                      | 161 |
| 22.—Da constituição do lexico portuguez. Linguas que maior contingente forneceram ao vocabulario portuguez..                                                                                                                     | 167 |
| 23.—Character differençaal entre os vocabulos de origem popular e os de formação erudita; duplas ou fórmās divergentes.....                                                                                                      | 173 |
| 24.—Da creação de palavras novas. Hybridismos.....                                                                                                                                                                               | 177 |
| 25.—Etymologia do substantivo e do adjectivo. Influencia dos casos na etymologia dos nomes.....                                                                                                                                  | 182 |
| 26.—Etymologia do artigo e do pronome.....                                                                                                                                                                                       | 186 |
| 27.—Etymologia das fórmās verbaes; comparação da conjugação latina com a portugueza.....                                                                                                                                         | 192 |
| 28.—Etymologia das palavras invariaveis.....                                                                                                                                                                                     | 204 |
| 29.—Da syntaxe em geral. Breves noções sobre a es-                                                                                                                                                                               |     |



|                                                                                                                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| tractura oracional do latim popular e do latim culto.                                                                                                                            |     |
| Typos syntaxicos divergentes da lingua portugueza.....                                                                                                                           | 208 |
| 30.—Syntaxe da proposição simples. Especie de proposição simples quanto á fórma e á significação. Dos membros da proposição simples.....                                         | 213 |
| 31.—Syntaxe da proposição composta ou do periodo composto. Coordenação. Subordinação. Classificação das proposições.....                                                         | 220 |
| 32.—Regras de syntaxe relativas a cada um dos termos ou membros da proposição.....                                                                                               | 225 |
| 33.—Regras de syntaxe relativas ao substantivo e ao adjectivo.....                                                                                                               | 233 |
| 34.—Regras de syntaxe relativas ao pronome.....                                                                                                                                  | 240 |
| 35.—Regras de syntaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos dos tempos. Correspondencia dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas..... | 244 |
| 36.—Regras de syntaxe relativas ás formas nominaes do verbo.....                                                                                                                 | 247 |
| 37.—Regras da syntaxe relativas ás palavras invariaveis.                                                                                                                         | 255 |
| 38.—Syntaxe do verbo <i>haver</i> e do pronome <i>se</i> .....                                                                                                                   | 265 |
| 39.—Da construcção: ordem das palavras na proposição simples e das proposições simples no periodo composto..                                                                     | 269 |
| 40.—Da collocação dos pronomes pessoases.....                                                                                                                                    | 276 |
| 41.—Das notações syntaxicas; pontuação; emprego de letras maiusculas.....                                                                                                        | 280 |
| 42.—Figuras de syntaxe. Particulas de realce.....                                                                                                                                | 290 |
| 43.—Dos vicios de linguagem.....                                                                                                                                                 | 295 |
| 44.—Das anomalias grammaticaes; idiotismos; provincialismo; brazileirismo; dialecto.....                                                                                         | 303 |
| 45.—Das alterações lexicas e syntaticas; archaismo e neologismo.....                                                                                                             | 311 |
| 46.—A syntaxe e o estylo.....                                                                                                                                                    | 316 |